

**Termalismo - As lógicas do consumo na entropia da ordem cultural, o  
exemplo das Caldas da Rainha**

**Ana Cristina de Mendonça e Costa Pereira Neto**

**Tese de Doutoramento em Estudos Portugueses – Especialização em  
Estudos de Cultura**

**Novembro de 2014**

Tese apresentada para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Doutor  
em Estudos Portugueses – especialização em Estudos de Cultura realizada sob a orientação  
científica da Professora Doutora Maria do Rosário Laureano Santos

## Agradecimentos

À Professora Doutora Maria do Rosário Laureano Santos, agradeço o empenho dedicado na orientação e revisão deste trabalho.

Agradeço a todos os Informantes que contribuíram com o seu testemunho, que surge de forma anónima neste trabalho, mas que na sua globalidade o tornaram possível; destaco em particular:

O Senhor Presidente do Município de Caldas da Rainha, o Dr. Fernando Tinta Ferreira, o Eng.º João Caldeira Cabral, o Doutor Jorge Mangorrinha, o Dr. Jorge Varanda e o Dr. Vasco Trancoso.

Deixo o meu profundo reconhecimento a todos os Amigos e Colegas, Investigadores, que, no contexto nacional e fora deste, cada um à sua maneira, numa forma despretensiosa e altruísta, me incentivaram, sugeriram e apontaram caminhos que, em muitos casos, se revelaram valiosos para que este trabalho chegasse a bom termo.

Aos Amigos Graça, José e Luis O'Neill Teixeira e a Fernando Figueiredo, agradeço o inestimável empenho informativo para a pesquisa. A cedência de documentos feita por estes, desde o primeiro momento da investigação, foi decisiva para a prossecução trabalho.

Pelo apoio na estruturação das tabelas e dos gráficos dos Apêndices agradeço ao Amigo Pedro Rebelo, bem aos colegas do ISEC Pedro Caldeira e Miguel Abrantes.

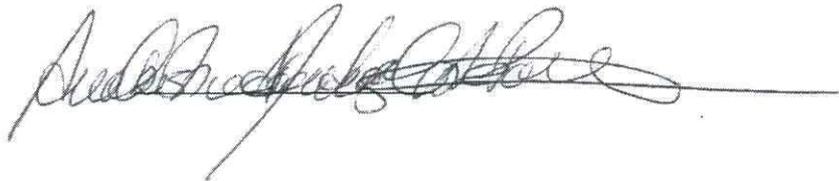
Para o meu marido, Eduardo M. Raposo, deixo patente o agradecimento pela providência de ambiente de calma, necessário para todo este processo, e à minha filha, Ana Marta, a lembrança da perseverança.

Agradeço a Maria Teresa, minha mãe, por toda a incondicionalidade do seu apoio sem o qual não teria sido possível realizar este trabalho.

## DECLARAÇÕES

Declaro que esta tese é o resultado da minha investigação pessoal e independente. O seu conteúdo é original e todas as fontes consultadas estão devidamente mencionadas no texto, nas notas e na bibliografia.

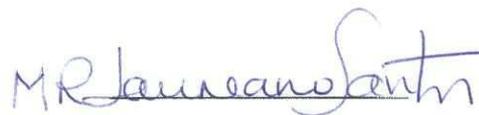
A candidata,

A handwritten signature in blue ink, appearing to be 'Ana Beatriz...', written over a horizontal line.

Lisboa, 4 de novembro de 2014

Declaro que esta tese se encontra em condições de ser apreciada pelo júri a designar.

A orientadora,

A handwritten signature in blue ink, appearing to be 'M. R. Laureano Santos', written over a horizontal line.

Lisboa, 4 de novembro de 2014.

# **TERMALISMO – AS LÓGICAS DO CONSUMO NA ENTROPIA DA ORDEM CULTURAL, O EXEMPLO DAS CALDAS DA RAINHA**

**ANA CRISTINA DE MENDONÇA E COSTA PEREIRA NETO**

## **RESUMO**

Tendo o termalismo como pano de fundo, analisou-se o contexto da cidade de Caldas da Rainha, visando entender a viabilidade do património termal centenário, enquanto atrativo turístico num futuro próximo. Focou-se a atenção na lógica das mudanças culturais, motivadas por paradigmas associados ao consumo do espaço, fazendo análise de conteúdo de imagens e palavras utilizadas na sua referência, tanto institucional quanto individualmente. Apesar de o tratamento com águas termais, na cidade de Caldas da Rainha, ter entrado em situação de marasmo, verificou-se que o património termal e toda a imagética a ele associada ainda se constitui como referência de identidade, devendo ser salvaguardado a sua integridade e genuinidade para benefício das futuras gerações de utilizadores. A ordem da degradação do património termal de Caldas da Rainha pode ser revertida, utilizando sinergia de cientistas, entidades públicas e privadas e ser uma mais-valia, não somente para o município e a população local, mas também para toda a região do oeste e para o país.

**PALAVRAS-CHAVE:** Termalismo, Cultura/Património, Turismo.

## **ABSTRACT**

Having thermalism as main field of our research, we analyzed the context of Caldas da Rainha city, having as goal the comprehension, towards a nearby future, of the centenary thermal heritage's touristic viability. We focused our attention in the cultural changing logics, motivated by paradigms associated with spatial consumption, analyzing its images and speech content, used in its institutional and individual references. In spite of the marasmus that stroked the health treatment with thermal water in Caldas da Rainha, we verified that the thermal heritage and all its associated imagerics is still an identity reference that should be kept in its integrity and genuinely for future generations of consumers. The degradation of the thermal heritage of Caldas da Rainha can be reversed with the synergy of scientists, private and public entrepreneurs and benefit not only the municipality and locals, but all the West region of the country as well.

**KEYWORDS:** Thermalism, Cultural heritage, Tourism.

## Índice

	Página
Introdução .....	1
Capítulo I- O termalismo no contexto das Caldas da Rainha-	
Considerações sobre o tema .....	7
I.1. Formulação do Problema.....	8
I.2. Objetivos .....	12
I.3. Definição de conceitos .....	12
Capítulo II- Metodologia .....	18
II. 1. Recolha documental escrita .....	20
II. 2. Documentos gráficos.....	24
II.3. Fontes empíricas .....	25
Capítulo III- A autenticidade ou a busca pela essência quase perdida .....	29
III.1. A dialética da autenticidade .....	30
III.2. A água – hedonismo, arte e simbolismo para compreensão da cultura termal .....	39
III.3. Caldas da Rainha como atração .....	59
III.4 Especificidades do sistema funcional no espaço da cidade .....	74
III.4.1. A gastronomia na criação da imagem do espaço .....	84
III.4. 2. Ervas, frutos e licores como especificidades .....	88
III.4.3.O natural e o tradicional como marcadores de autenticidade .....	89
III.4. 4. A tradição e a natureza eternizada - lembranças da cidade .....	94
III.4. 4. 1. A cerâmica .....	94
III.4. 4. 2. Os bordados .....	98
III. 5. A atualidade da imagem institucional das Caldas da Rainha .....	101

	Página
III. 5.1. O portal da <i>internet</i> autárquico .....	101
III. 5.2. A cidade no portal <i>Gocaldas.com - Guia das Caldas da Rainha</i> .....	106
III. 5. 3. As Caldas da Rainha no portal das Termas de Portugal e no portal do Centro Hospitalar do Oeste Norte.....	111
III. 5. 4. As Caldas da Rainha no portal <i>Visit Portugal - Europe's West Coast</i> .....	121
III.6. Imagens da cidade nos postais ilustrados do século XX .....	126
III.7. A perspetiva individual sobre as imagens das Caldas da Rainha. ....	138
III. 7. 1. A captação de imagens na forma de postal ilustrado.....	138
III. 7. 2. O olhar de um estrangeiro residente em Portugal.....	152
III 7. 3. A opinião de cem inquiridos sobre Caldas da Rainha - verbalização transcrita das imagens da cidade.....	155
III.8. As vivências da cidade na memória dos nossos informantes .....	162
III.8.1. Sugestões de itinerários para conhecer a cidade .....	170
Capítulo IV- Reflexões sobre o futuro do termalismo nas Caldas da Rainha .....	173
Conclusão .....	198
I Bibliografia .....	210
II <i>Webgrafia</i> .....	242
Apêndice A- Questionário e quadros com tratamento quantitativo das respostas .....	i
Apêndice B- Tabelas com respostas .....	xxiv

# **Introdução**

É nosso objeto de estudo o espaço da sede de Concelho das Caldas da Rainha no momento presente, abrangendo a pesquisa o período compreendido entre 2009 e princípio de 2014 fazendo o seu enquadramento mais lato na História e na Cultura, tendo como epicentro o termalismo, pretendemos saber se este ainda constitui motivo de atração turística e, por conseguinte, ainda é impulsionador de dinâmica cultural.

Durante o percurso da pesquisa, o hospital termal foi encerrado para tratamentos, o que veio a inviabilizar a recolha de informação vinda do utente dos serviços. Assim, procurámos entender as vivências no conjunto do patrimonial termal, onde se inclui todo o espaço envolvente do hospital.

No título do nosso trabalho surge um conceito da termodinâmica - a entropia - que foi transposto para as ciências humanas por Leslie White, assumindo este na designação etnológica que analisa a cultura, a compreensão da sua dinâmica numa expressão evolutiva<sup>1</sup>. Assim, pretendemos compreender como se processam os estilos de vida numa cidade cujo espaço foi historicamente referenciado como tendo nas águas termais a sua origem e conseqüentemente um mote para todo um conjunto cénico de vivências sociais. É na leitura dos testemunhos destas vivências, através da análise bibliográfica, de *blogs* e do contributo dos nossos informantes, que pretendemos conseguir um fio orientador para entender a lógica das dinâmicas subjacentes a todo esse processo.

Ao longo da pesquisa verificámos que, no domínio da Cultura, os estudos sobre termalismo estão mais focalizados nas áreas de urbanismo e práticas associadas ao lazer e ao bem-estar, onde surge, por vezes, o desporto. O turismo surge, também, como motivador de organização científica em alguns estudos. Nestes, verifica-se um discurso organizado essencialmente na lógica economicista ou empresarial que o nosso estudo não abrange. Queremos demarcar o nosso trabalho deste tipo de orientação.

Assim, orientámos a abordagem deste tema numa perspetiva metodológica apoiada na metodologia da Etnografia e da Etnologia, utilizando sempre a História como suporte, tendo sempre em conta os usos e costumes.

---

<sup>1</sup> No sentido da desordem impulsionadora da ordem. Um ciclo de vivência, quando termina, faz passar um testemunho à geração seguinte. Assim, nada termina. Há uma renovação sempre fundamentada no ciclo anterior. Deste modo, se entende a lógica da cultura: esta é supra-individual e supra-orgânica. Antes de White, Claude Shannon (1948) aplicou o conceito de entropia na teoria da informação.

Considerando a perspetivação multidisciplinar fundamental para qualquer pesquisa, não nos podemos isolar por completo nas áreas metodológicas referidas, pano de fundo teórico do nosso trabalho. Desta forma procedeu-se à busca do fio condutor que fizesse ligação entre os momentos mais próximos dos primórdios e a contemporaneidade, contextualizada na cidade das Caldas da Rainha. Esta orientação foi-nos inculcada por alguns Mestres, os quais nos informaram através do seu legado ao longo dos anos. Destes distinguimos, entre muitos, os estrangeiros que marcaram as ciências sociais e humanas desde o princípio do século XX até ao terceiro quartel: tais como Titiev, Boas, Malinowski, Kluckhohn e Sorokin, na área da Cultura, nomeadamente no que refere aos seus universais.

Em Norbert Elias, encontramos a inspiração da ligação pioneira entre a metodologia da História e as ciências sociais, com particular destaque para a Sociologia que, embora não seja utilizada neste trabalho a sua metodologia, acaba sempre por estar presente em alguma produção científica que nos foi servindo de referência ao longo da nossa formação. Os autores supra citados são exemplo do que referimos.

Não poderia, também, deixar de mencionar Jorge Dias<sup>2</sup> e António José Saraiva que tanto nos informaram sobre as dinâmicas da cultura portuguesa.

Com esta formatação, não podemos dissociar da pesquisa a perspetiva bio-sociocultural presente nos investigadores que se têm destacado na abordagem ecológica da cultura, onde se inserem as temáticas do fenómeno turístico, tais como os membros da Academia Internacional de Cultura Portuguesa Almerindo Lessa e João Pereira Neto, como também António Vermelho do Corral, Ester Pereira, Gilberto Freyre, João Caldeira Cabral e Manuel Viegas Guerreiro. Neste âmbito, focámos a nossa atenção nas motivações e escolhas dos indivíduos, enquanto seres biológico/culturais capazes de deixar marcas identificadoras de espaços, tentando encontrar soluções para revitalizar dinâmicas perdidas, pelo afastamento cultural de consumo.

De Bourdieu e Featherstone, entre outros, recolhemos a essência para a abordagem da História da Cultura, nomeadamente à utilização dos espaços e aos estilos de vida.

---

<sup>2</sup> Um dos pioneiros europeus na abordagem científica da cultura e fundador da Academia Internacional de Cultura Portuguesa.

A cultura, o tempo, o lazer e a economia constituíram-se como as variáveis da pesquisa, no que respeita à abordagem do termalismo feita numa perspetiva da História da Cultura, na qual existem momentos demarcados para a focalização do nosso olhar e que se tornam fundamentais para se perceber a mudança, melhor se compreender o presente e poder, de alguma forma, perspetivar melhorias futuras baseadas na sustentabilidade.

Para que possamos entender melhor a especificidade do nosso objeto de estudo, nomeadamente no sucesso relativo à motivação da procura, orientámos a pesquisa para o contexto do espaço europeu, pois é neste em que Portugal se insere em termos civilizacionais.

Apesar de nos contextualizarmos nesta cidade, a nossa abordagem no terreno (à qual está associada a designação científica de perspectiva *emic*, que refere a informação que é transmitida pelas pessoas consultadas pelo investigador no local) não estaria completa se não se abordasse o conjunto de conhecimento obtido fora do universo de estudo através da perspetiva *etic*. Desta análise de conjunto, visamos ter uma aproximação holística do fenómeno - permitindo-nos esta obter uma imagem mais semelhante à realidade. Esta orientação foi-nos extremamente útil para entender não só a história do lugar das termas na cidade das Caldas da Rainha, mas também para compreender as lógicas culturais subjacentes às utilizações/consumo de outros espaços termais onde se incluem as Caldas de Monchique que nos serviram de elemento de comparação, ainda que breve.

O domínio do conhecimento científico das águas, com características termais e a apropriação popular do seu uso simbólico e económico, tem vindo a orientar alguns investigadores consultados, com particular menção de Carminda Cavaco. Cedo verificámos que a medicação termal terá sido assim iniciada pela definição da natureza das águas, métodos terapêuticos, modalidades práticas do banho, dietas recomendadas e hábitos ou regras de utilização, horários e até normas referentes à utilização das mesmas. A divulgação dos locais termais surge eminentemente relacionada com estudos de cariz médico, promovidos pelos diversos tipos de poder instituído. Daqui derivou o nosso interesse por também analisar as questões relacionadas com alguns binómios, tais como público/privado, oferta gratuita/paga bem como a evolução económica do espaço cultural.

Verificando o estado de arte, seguindo a linha de orientação de pesquisa para melhor entendermos a produção de imagem de Caldas da Rainha enquanto destino ou atração turística, detivemo-nos na teoria cultural de MacCannell, produzida no terceiro quartel do século XX, sobre semiótica, ou ciência dos símbolos, aplicada nesta área, tendo em conta a simbologia associada ao termalismo. Assim, tentámos ir um pouco para além das hipóteses de Strauss e Chomsky, no que respeita ao relacionamento entre mente e sociedade. O percurso feito neste enquadramento, embora ligeiro, permite-nos abordar a questão das escolhas dos itinerários urbanos e as questões de identidade de uma forma mais original, relativamente ao que tem sido já publicado.

Sendo a semiótica uma ciência dos signos, a sua característica teórica mais relevante é a negação da divisão do sujeito e do objeto, no qual se constitui um dos pilares tradicionais da ciência ocidental, em ramos de aplicação onde não é contemplado o turismo. A abordagem de MacCannell pareceu-nos desde logo muito interessante pelo estabelecimento de uma estética da simetria entre a teoria e a sua aplicação ao turismo uma vez que há uma utilização do signo, através da semiótica, aplicando-o numa unificação do sujeito (o turista) ao objeto de turismo, em vez da separação feita entre estes pela investigação científica, na abordagem do turismo, do passado.

Tradicionalmente, o significado convencional de marcador <sup>3</sup> no contexto turístico tende a ser restrito à informação que lhe é adjacente. No entanto, do ponto de vista da escolha individual característica do pós-modernismo, a informação tem sempre uma extensão própria e individualizada, no que respeita à utilização, pelo consumidor-turista. Cada um pode preparar a viagem levando as brochuras que pretende, fazer as consultas que lhe aprouver, inclusive escolher os guias que quiser. Os meios proporcionados pela comunicação e identificação são um garante à segurança e estabilidade na escolha de circuitos, assim como na sua utilização. A aplicação desta teoria na análise das Caldas da Rainha justifica-se pela sua originalidade científica.

Na primeira parte do nosso trabalho, apresentamos as linhas orientadoras da análise do nosso caso de estudo, formulando o problema, explicitando os nossos objetivos e fazendo uma breve definição de conceitos mais utilizados.

De seguida, na segunda parte, fazemos a apresentação da metodologia escolhida para a nosso trabalho.

---

<sup>3</sup> Um conceito desenvolvido na página 34.

A terceira parte, a mais vasta, começa na abordagem teórica da autenticidade, no que refere à sua aplicação geral ao universo de análise conceitual do fenómeno turístico e vai fazendo percurso informativo sobre as particularidades do sistema cultural do termalismo das Caldas da Rainha. Partimos, assim, da recolha e análise de dados dos temas a partir do geral, objetivando a análise essencialmente num contexto cultural mais vasto com base na pesquisa de universais de cultura, para o particular do contexto português das Caldas da Rainha. Destes assuntos, referimos a temática generalista da água e dos banhos nas suas diversas componentes, destacando as práticas hedonísticas bem como os aspetos simbólicos e artísticos; a temática das especificidades do sistema funcional do espaço da cidade, com particular enfoque nos aspetos tradicionais, destacando a gastronomia e as particularidades da produção artística, com expressão em objetos; analisa-se a imagem da cidade, seguindo a lógica do geral para o particular, começando por verificar a sua veiculação através dos portais eletrónicos institucionais e terminando em *blogs* produzidos pela sociedade civil, onde se incluem imagens gráficas e textuais cujo conteúdo é analisado; também se apresenta a análise dos resultados da recolha informativa, mediante questionários colocados *on-line*; apresenta-se, também, a análise das memórias das vivências no espaço de Caldas da Rainha, em discurso direto, pelos protagonistas e referem-se sugestões de itinerários para experienciar a cidade.

Os resultados e a sua discussão são apresentados na quarta parte do nosso trabalho, bem como as reflexões sobre o possível futuro do termalismo enquanto parte integrante da cidade como atração. Nesta última parte do nosso trabalho, referimos uma sumária impressão, sobre outro lugar de termas, as Caldas de Monchique, para que se possam referir, a título comparativo com as Caldas da Rainha, mudanças no modelo de cultura termal que nesta última possam vir a ser aplicadas. Esta breve referência às Caldas de Monchique não tem senão o propósito de alertar para aspetos menos positivos verificados na sua recuperação para que, no futuro, não venham a repetir-se nas Caldas da Rainha. São somente referências, pois o nosso objeto de estudo centra-se na cidade das Caldas da Rainha e não na comparação deste centro termal com o de Monchique; daí não se analisar os índices de qualidade nas diversas funções operadas em cada um dos sistemas<sup>4</sup>, isso seria outro trabalho que não este que nos propomos realizar.

---

<sup>4</sup> Metodologia característica de *benchmarking*, termo inglês que caracteriza os marcadores para análise comparativa de desempenho visando a aplicação dos conceitos operativos da gestão integrada da qualidade, em contexto empresarial.

## **Capítulo I**

### **O termalismo no contexto das Caldas da Rainha**

#### **Considerações sobre o tema**

## I.1. Formulação do Problema

Tendo presente o conceito de cultura do Professor Jorge Dias que define esta como sendo:

“ Uma herança social, transmitida de geração em geração, mediante mecanismos de socialização e enculturação dos indivíduos que fazem parte dos grupos sociais, completamente alheios a qualquer transmissão genética.”<sup>5</sup>

A utilização/ consumo do espaço, que pode ser entendido como produto cultural, permite-nos identificar a importância fundamental do percurso geracional, das suas raízes à contínua transformação, operada pelos agentes sociais que vão deixando marcas físicas, passíveis de serem lidas segundo diversas lógicas<sup>6</sup>. Desta forma, será possível traçar itinerários urbanos suficientemente atrativos, para captar a atenção de possíveis novos visitantes, com base nas propostas apresentadas pelos utilizadores habituais?<sup>7</sup>

A pesquisa sincrónica que desenvolvemos na cidade das Caldas da Rainha, no período compreendido entre 2009 e 2014, encontra nas suas ruas e bairros formas diferenciadas de escolhas relacionadas com a utilização dos circuitos, visando o lazer. Queremos aproveitar a opinião dos que realmente conhecem as Caldas da Rainha para sustentar sugestões que possam ser apresentadas no trabalho, visando a promoção futura da cidade. Entendemos assim que é através da utilização do espaço, enquanto circuito lúdico, que se procede à criação de informação de identidade nos meios socioculturais.

O nosso interesse na observação deste tipo de fenómenos surgiu, fundamentalmente, por termos notado algum desinteresse da nova geração no que se refere à utilização atual, de alguns espaços historicamente mais conhecidos nas Caldas da Rainha, nomeadamente no que respeita aqueles que foram, num passado não tão

---

<sup>5</sup> Jorge Dias, *Prefácio à Ed. Portuguesa de Misha Titiev, Introdução à Antropologia Cultural*, Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1966.

<sup>6</sup> Como, por exemplo, as diferenças na utilização do espaço urbano segundo homens e mulheres ou entre a população mais jovem e a mais idosa.

<sup>7</sup> Cf. Inquéritos realizados, apresentados no Apêndice A.

distante, autênticos marcos culturais, património perfeitamente identificado<sup>8</sup>. Como poderemos reabilitar estes espaços urbanos, aproveitando a cultura local? Quais as particularidades que dela devemos destacar? Como entendem os locais a sua cultura? Como entendem os habitantes de Caldas da Rainha a sua identidade? Quando surge então a distinção entre as práticas de curista e turista? Estarão elas intimamente associadas ou andarão de costas voltadas? Estará, também, a medicina na origem da formatação das mentalidades no que respeita aos conceitos de bem-estar e, por conseguinte, das identidades sociais, nomeadamente à fixação do lazer burguês? O declínio atual da qualidade das águas termais poderá também conduzir ao declínio da estância? Será possível fazer um relançamento das Caldas da Rainha enquanto destino turístico, para além da sua anterior vocação termal? Estas são algumas das questões que iremos tentar responder ao longo do trabalho.

Embora tenha sido nossa preocupação focalizar a análise no período referido, não deixámos de lado a análise cronológica, vendo no passado alguns elementos que pudessem servir para melhor integridade do espaço das Caldas da Rainha.

Por termos tido experiência de tratamento termal durante alguns anos nas termas de Monchique, cedo entendemos a importância da vivência social das termas na formatação do ideal de férias ou de vilegiatura. Verificámos que as termas não eram meramente um campo onde se beneficia medicina. O lazer era facto essencial de promoção e de manutenção desses locais, embora de forma comedida, segundo os padrões culturalmente aceitáveis. As vivências que tivemos nas termas tornaram-se assim um livro aberto sobre etiqueta. O fator educativo tinha, nos seus espaços, um papel fundamental.

Foi com base nestes pressupostos que foi sendo alimentado o nosso interesse para a abordagem do tema na cidade das Caldas da Rainha, tentando verificar quais os marcos culturais que melhor a definem como atração expressa em imagens, postais ou folhetos de turismo; vendo na iconografia, autênticas marcas de identidade que podem dar-nos a entender a eventual existência de uma lógica nas escolhas que possa ser utilizada no turismo, utilizando para esse efeito os meios de divulgação ou promoção de eventos, de cariz lúdico, de forma mais racional e correta do ponto de vista funcional.

---

<sup>8</sup> Confirmando-se com as respostas ao inquérito que se elaborou.

Seguindo este princípio orientador, devemos ter sempre em conta a análise do contexto real. O utilizador da cidade das Caldas da Rainha – o verdadeiro herdeiro da matriz criadora – não pode ficar «de fora» do sistema de investigação, ele é o dinamizador, por excelência, dos espaços. É nesta dialética da utilização dos espaços que reside a verdadeira oferta patrimonial que dá ” origem a narrativas que ligam lugares (por exemplo nos percursos temáticos) que lhes conferem significado<sup>9</sup>.”

Este utilizador é, na sua essência, tanto hóspede como hospedeiro<sup>10</sup>, visitante ou visitado, no sentido cultural que entendemos a abordagem do fenómeno turístico, onde se enquadra o termalismo. O turismo não existe sem a componente humana; esta é o nosso principal orientador de pesquisa. Contudo, não temos esquecida a recolha de informação sobre outro tipo de dados culturais relativos a consumo não específico do espaço, mas com ele relacionado, tanto do ponto de vista explícito como tácito; entendendo por cultura explícita aquela de que se sabe explicar o seu fundamento, e por tácita, os fundamentos simbólicos ou universais, passíveis de serem decodificados pelo investigador – tal como se verifica com a gastronomia ritual de cariz tradicional na qual os alimentos são confeccionados e consumidos em momentos específicos de uma forma simbólica, assumindo, assim características culturais muito próprias na sociedade que as reproduz - verdadeiro património do *folklore*<sup>11</sup>. A informação já recolhida neste sentido permitiu-nos avançar com linhas orientadoras para um possível modelo – de cariz andragógico<sup>12</sup>- que pode ser aplicado no sistema real de orientação promocional, bem como na ação de envolvimento da população visitante.

O legado da Rainha Dona Leonor que envolve o património termal, onde se incluem o Parque Dom Carlos I, os pavilhões deste e a Mata Rainha Dona Leonor,

---

<sup>9</sup> Cit. Alain Bourdin Turismo patrimonial, cidade e civilização dos indivíduos, in pág. 15, *Fórum Sociológico*, nº 13/14, IIª Série, IEDS/UNL, 13-27, Lisboa: 2005.

<sup>10</sup> Em referência à primeira obra mundial cientificamente estruturada na multidisciplinaridade sobre a temática turismo, Valene Smith, *Hosts and Guests*

<sup>11</sup> Da língua inglesa, *folk* corresponde a povo na língua portuguesa, e *lore* corresponde a voz. Assim temos a voz do povo que nos é preciosa para a nossa abordagem da cultura tradicional, apreendendo melhor a sua dinâmica, cruzando informação com as fontes documentais escritas.

<sup>12</sup> Poderia utilizar o termo pedagógico. Contudo, este é ilustrativo de uma maior abrangência, pois é referente aos adultos.

tornou-se um exemplo do esforço na reabilitação de imagem das Caldas, operado desde o século XIX. Terá sido este em vão?

Os espaços não devem ser só entendidos como património físico, compreendidos na sua lógica de formação histórica, económica, arquitetónica, artística, mas fundamentalmente como cenário de vivência cultural. Neste sentido orientámos grande parte da nossa recolha de informação.

O consumo que referimos no nosso trabalho está essencialmente ligado à ao conceito de fruição do espaço enquanto local atrativo para quem o visita ou frequenta; não focámos a nossa atenção nos circuitos de consumo comerciais, embora saibamos que alguns destes, nomeadamente os grandes centros comerciais sejam considerados como agentes orientadores de identidade<sup>13</sup>, podendo assim ser referenciados.

Vemos na cidade de Caldas da Rainha, desde a sua fundação no começo do segundo quartel do século XX - mais concretamente a partir de 1927 - não somente uma sede concelhia, mas também um destino para quem procurava saúde, através do tratamento com as águas termais, e descobre o prazer proporcionado pelo espaço público, utilizando-o como palco destinado a atividades de lazer. Entendemos como lazer todas as práticas que quebram as rotinas e que proporcionam prazer. É de uma forma sucinta o que captámos em Norbert Elias e de Eric Dunning<sup>14</sup>. Todas estas atividades estão intimamente ligadas ao crescimento urbano e ao seu desenvolvimento.

O crescente aumento de pessoas que frequentava o conjunto termal e que utilizava o espaço urbano, impulsionava<sup>15</sup> o seu desenvolvimento através da criação de novos bens e serviços. Do mero local onde se fornecia acolhimento hospitaleiro, cedo se chegou ao local turístico<sup>16</sup> e à necessidade de alojamento hoteleiro. A procura de bens essenciais, tais como os relacionados com a alimentação, por exemplo, e a procura de bens supérfluos, como as de recordações de viagem ou as distrações, criaram modas de consumo, tanto para a população residente nas Caldas como para os visitantes. Ao deixarmos referências a modas, não podemos esquecer as que estão associadas à

---

<sup>13</sup> É nestes espaços onde as pessoas observam, na sua maioria, as novas tendência da moda consumista.

<sup>14</sup> Em *A busca da excitação*, Lisboa: Difel, 1985.

<sup>15</sup> Neste impulso, vemos a entropia associada ao turismo enquanto acelerador de mudança.

<sup>16</sup> Embora se falasse já em turismo e turista no século XVIII, estes não tinham a dimensão universal que adquiriram desde a segunda metade do século passado.

utilização das águas marítimas, visto que estas estão próximas da cidade e são apelativas para o visitante também pela beleza do seu enquadramento paisagístico.

## **I.2. Objetivos**

Temos, essencialmente, dois objetivos que se identificam com as perguntas de investigação:

1. Verificar se o termalismo ainda se constitui como atração da cidade.
2. Entender se é possível reabilitar a qualidade da imagem de Caldas da Rainha enquanto destino de lazer e de saúde, de uma forma equilibrada, respeitando a cultura tradicional do local, segundo as orientações da Comunidade Europeia sobre gestão integrada que tem subjacente a filosofia de sustentabilidade, estando esta assente no equilíbrio dos sistemas económico, social e cultural, dos destinos turísticos, tão falado nos dias de hoje.

## **I.3. Definição de conceitos**

Reportamos o nosso discurso sobre cultura para a concetualização dos seus universais, entendendo por estes a semelhança de inteligibilidade simbólica que os povos lhes atribuem. Podemos referir como exemplo as formas de utilização da água, mediante sistemas correlacionados com a religião, com a produção alimentar e o lazer, e ver nestes as respostas culturais às necessidades básicas de sobrevivência, identificando o nosso raciocínio com linha teórica de Clyde Kluckhohn e de Malinowski. É através destas respostas pelos utilizadores dos recursos naturais, em comunidades específicas -

como é o caso das Caldas da Rainha - que se delineiam os seus contornos identitários, facto que justifica a utilização deste tipo de orientação. As características da cultura como entidade supra-orgânica e supra-individual, identificadas pelos autores citados mas também por Zigmunt Bauman,<sup>17</sup> apoiam-nos na compreensão da dinâmica dos espaços palco das vivências dos habitantes e dos visitantes da cidade Caldas da Rainha.

Consideramos ainda de interesse a abordagem de Adorno sobre a cultura, nomeadamente no que respeita à sua divinização, neste caso sugerida pela particular forma que, tanto o etnógrafo, como o turista, se sentem atraídos, através da substância do extraordinário ou do diferente. Podemos referir assim a forma particular de ver, no real, um extraordinário com simbolismo ou com valor artístico, passível de ser referencial de identidade; sendo cultura tudo o que o ser humano acrescenta à natureza através da descoberta e da invenção, é na compreensão das especificidades desta, bem como na forma como as comunidades nela se espelham e se organizam, que melhor a podemos entender.

A temática do turismo, que nos interessa desde há muito, envolve deslocações e estadas, nomeadamente em locais com vocação termal e verifica-se que nestes os lugares de convivência no espaço social já não estão somente relacionados com a procura da cura. Desta forma focalizámos, a nossa atenção na utilização do espaço da cidade de Caldas da Rainha, por quem a esta vai de visita ou nela reside.

O termo turismo, por nós utilizado, é o de cariz geral, ao que corresponde o sistema económico, social e cultural, envolvendo um conjunto de atividades desenvolvidas num local, designado por espaço de acolhimento ou destino, com focalização funcional na captação de visitantes. Sendo o turismo um fenómeno humano, e, por conseguinte, universal, é uma atividade exercida pelo consumidor/turista, que engloba as organizações, as empresas da indústria e do turismo e hotelaria, relaciona-se íntima e necessariamente com outros sistemas envolventes, nomeadamente o económico, sociocultural, político, tecnológico, demográfico, ecológico, científico e educacional. O turismo é fundamentalmente composto pelo sujeito turístico - o turista - e pelo objeto turístico isto é local ou locais a visitar.

O turista, ou sujeito do turismo, é aquele que pode permanecer num ou vários locais distintos do seu de origem, durante um período com duração até um ano, não

---

<sup>17</sup>Cf. *Culture in a Liquid Modern World*. Polity Press, 2011.

exercendo neles uma atividade remunerada. Este vai ao encontro dos locais e utiliza todos os seus componentes, tanto naturais como materiais e humanos.

Ao termo bem-estar, muito utilizado neste trabalho, associam-se os conceitos de equilíbrio onde o físico e o psíquico se encontram em correlação. Nesta designação, associam-se as práticas que podem, ou não, estar associadas à aplicação de tratamento com águas termais. Podemos referir que este termo, também divulgado em língua inglesa como *wellness* que define o estado de se estar livre de doença física, psíquica, bem como de qualquer outro desequilíbrio ou mau funcionamento do sistema dos indivíduos, sugere um vasto leque de práticas associadas à saúde, onde se incluem, entre outros, o desporto e tratamentos de estética.

Na compreensão do bem-estar, não podemos deixar de referir a menção ao conceito de numinoso, com origem na palavra *numen* que significa divindade. Este é utilizado pelos especialistas em estudos comparados de religião, reportando-se à elevação do espírito humano e à atitude de submissão deste perante o divino, cuja impressão sensorial é denotada pela dimensão do espaço de culto. Esta impressão sensorial é designada por sensação de numinoso. Rudolph Otto é considerado o criador desta palavra para referir a presença do sagrado em todo mundo natural e mundano.

O conceito de saúde também surge no nosso trabalho associado ao turismo, sendo que para além da ideia de bem-estar estão associados a este conceito a motivação e a experiência que visam não somente a cura, mas a manutenção do equilíbrio mental e físico, na qual se associa a qualidade de vida, tanto para a população visitante como para a que é visitada<sup>18</sup>. Por turismo de saúde, entende-se o conjunto de recursos naturais e materiais, associados à aplicação de práticas curativas e preventivas da doença; quem procura estes serviços, ou bens, em locais específicos que garantem para além de alojamento, o apoio médico certificado. A exclusividade do meio natural não está associada a este termo.

Quanto ao termo hedonismo, está associado todo o ideal de felicidade e de prazer fundamentado no equilíbrio que o ser humano almeja através das experiências. É um sentimento que não é perene; fundamentamos este conceito na teoria da

---

<sup>18</sup> Cf. Robyn Bushell, *Encyclopedia of Tourism*. Jafari, Jafar (ed.) Routledge, 2000, pp 272-274.

modernidade líquida da cultura, de Zigmunt Bauman, segundo a qual nada dura, tudo se transforma e interliga tal como o líquido<sup>19</sup>.

Distinguímos o termo turista de visitante, pela formalidade de pernoita no local de acolhimento pelo primeiro.

No que respeita à palavra consumo, esta surge neste trabalho associada ao uso do espaço e às especificidades de lazer que este oferece à utilização de quem por ele é atraído, pelo utilizador ou consumidor.

O conceito de atração turística é, também, um dos fios orientadores da pesquisa e refere tudo o que possa ser entendido como referencial original dos locais visitados. É precisamente esta associação aos locais que fornecem a experiência a quem os visita que caracteriza a atração, criando-se assim *a possibilidade de novas inventariações de possibilidades turísticas ou novas atrações*.<sup>20</sup>

“ Assim, o sistema que cria e suporta uma atração deve ter três principais componentes: um objecto ou evento localizado num local, um turista ou consumidor, e um marcador, uma imagem que diz ao turista o porquê do interesse desse objecto ou evento.<sup>21</sup>(...) É com base nestes três elementos que se constrói toda a indústria do turismo (...)”<sup>22</sup>.

Apesar de uma estância ser um espaço aberto ao visitante, é também um espaço com população permanente que vai desenvolvendo atividades e funções, não necessariamente associadas ao turismo.

Com o encerramento do hospital termal durante o período de tempo em que decorria a nossa pesquisa, reorientámos o trabalho para as restantes imagens associadas à cidade das Caldas da Rainha, associando sempre o conceito cultural de vivência termal que foi o ponto de partida da nossa pesquisa para este trabalho.

---

<sup>19</sup> Cf. Zigmunt Bauman, *Culture in a Liquid Modern World*. Polity Press, 2011.

<sup>20</sup> Cit. Luís V. Baptista, Territórios lúdicos ( e o que torna lúdico um território): ensaiando um ponto de partida, in *Fórum Sociológico*, nº 13/14, IIª Série, IEDS/UNL, pág. 53, Lisboa: 2005.

<sup>21</sup> Cit. Alan A. Lew (tradução livre da língua inglesa) de Jafar Jafari (Ed) *Encyclopedia of Tourism*. Routledge, 2000, pág. 36.

<sup>22</sup> *Idem, Ibidem*.

As mudanças ocorridas com o decorrer da história nos espaços da cidade suscitaram-nos desde logo o interesse em conhecer a forma como era experienciado pelos indivíduos que os frequentaram e pelos que ainda fazem uso dele. Estas vivências de espaço surgem neste trabalho com a orientação teórica de Michael Featherstone relativa aos estilos de vida e à sua interligação com o fenómeno consumo.<sup>23</sup>

Na abordagem cultural do espaço, interessou-nos os estudos de proxémia, fazendo referência a um conceito que norteia a obra de Edward T. Hall<sup>24</sup>, na qual se aborda todo o conjunto de questões de relacionamento entre os indivíduos no espaço, focalizando-se nas esferas do público, pessoal e íntimo. A perspetivação científica da cultura feita através da análise simbólica tem nesta obra um papel fundamental para compreender as especificidades culturais. O autor patenteia a forma como os europeus se distinguem da cultura da qual ele é portador - a norte-americana - pelas especificidades de inter-relacionamento entre si e o espaço envolvente. A análise foi feita num período em que a mundialização cultural ainda não era tão nítida em alguns espaços, nomeadamente nos de consumo (a obra surgiu nos anos 60 do século XX) e, talvez por isso, seja ilustradora da importância que as relações de proximidade e distância entre os seres humanos, e entre estes e os objetos, têm para a formatação dos espaços, enquanto ambientes culturais. A lógica de orientação simbólica nesta temática, segundo este autor, no contexto asiático, afigurava-se-lhe ainda mais complexa. Assim, Edward T. Hall entende ser na compreensão da raiz tradicional das civilizações, com base na história e na compreensão dos ecossistemas que formatam o ser bio/socio/cultural, que se pode encontrar a verdadeira inteligibilidade dos sistemas culturais. Identificamos a nossa pesquisa com esta linha de pensamento, uma vez que as especificidades do espaço natural, onde se inclui o património termal de Caldas da Rainha, e as vivências que nele ocorreram, serviram de configuradores da realidade atual.

Interessa-nos desde há muito o conceito de entropia, desenvolvido por Leslie White nas ciências sociais, referindo que:

---

<sup>23</sup> Michael Featherstone, *Consumer Culture and postmodernism*. London and N. York: Sage, 1991.

<sup>24</sup> Edward T. Hall, *The hidden dimension*. New York: Anchor Books, 1990.

“A manutenção da vida é um contínuo balançar entre a entropia positiva e a entropia negativa. A evolução da vida é o crescendo da entropia negativa. Morrer é perder a batalha para conseguir a entropia positiva. A morte é o estado de máxima entropia do equilíbrio termodinâmico. As formas de vida material, como as inanimadas, tendem a preservar os seus movimentos indefinidamente (...) <sup>25</sup> e uma cultura ou um sistema sociocultural é um sistema material e, por consequência, um sistema termodinâmico. “ Cultura “ não é mais do que o nome da forma em que a força vital do homem, enquanto ser humano, ganha expressão.” É uma organização de transformações de energia que está dependente da simbolização (...) <sup>26</sup> Os princípios e as leis da termodinâmica são aplicados aos sistemas culturais assim como aos outros sistemas materiais (...) <sup>27</sup>.

Para Alain Bourdin o conceito surge ligado ao de desordem: (...) *o recurso à memória e à organização do mundo que a pode acompanhar não poderiam substituir a indispensável desordem da criatividade e dos seus portadores, que sustenta a inovação que faz a dinâmica das cidades*<sup>28</sup>. É com esta linha de raciocínio com que nos identificamos e fazemos a sua aplicação no discurso deste trabalho, conscientes de que não trazemos pioneirismo na área do turismo, uma vez que este conceito já terá sido utilizado por Neil Leiper<sup>29</sup>, mas uma vez que a sua perspetiva é focalizada numa ótica empresarial, julgamos que o contributo principal do nosso trabalho reside na abordagem cultural do termalismo na cidade que deve a essência do seu património à Rainha Dona Leonor, tão importante na componente turística da região do oeste português.

As águas termais das Caldas da Rainha constituem um veículo, não somente simbólico, mas também promotor de multiplicidade de imagem, suscitada pelo seu uso ao longo da História. O hospital termal poderá ser um elemento marcador de identidade pela constante referência à sua localização; esta noção de marcador irá ser utilizada na análise de promotores de imagem turística da cidade. Deste modo, iremos introduzir na

---

<sup>25</sup> Em *The Evolution of Culture: The development of Civilization to the Fall of Rome*. New York: Mac Graw Hill, 1959, página 35. Tradução livre.

<sup>26</sup> *Idem*, pág. 38.

<sup>27</sup> *Idem*, pág. 40.

<sup>28</sup> Cit. Alain Bourdin Turismo patrimonial, cidade e civilização dos indivíduos, in pág. 17, *Fórum Sociológico*, nº 13/14, IIª Série, IEDS/UNL, 13-27, Lisboa: 2005.

<sup>29</sup> Neil Leiper, a) Industrial entropy in tourism systems, in *Annals of Tourism Research*. Volume 20, Issue 1, 1993, pp. 221 – 226.

nossa pesquisa alguns fundamentos característicos da semiótica, aplicados na iconografia de divulgação termal.

## **Capítulo II**

### **Metodología**

## II.1. Recolha documental escrita

Seguindo uma perspetiva holística<sup>30</sup>, utilizámos pesquisa de fontes documentais escritas e iconográficas bem como documentação indireta. Como se pode verificar nos títulos apresentados na bibliografia, muitos destes são de língua inglesa. Estes autores têm sido autênticos orientadores pragmáticos na nossa vida, desde há duas décadas para cá, e nestes se baseia o pendor seletivo da nossa escolha que é marcada pela nossa formação em Antropologia Cultural, com aplicação formal no ensino politécnico, o que nos permitiu desenvolver trabalho sempre orientado no âmbito da cultura portuguesa e da cultura europeia.

Debruçámo-nos nas fontes mais recentes para melhor entender a pertinência da mudança dos conceitos associados à utilização dos espaços termais, vendo nas práticas universais alguns exemplos para comparação com as Caldas da Rainha, focalizando a atenção no lazer, na saúde e no bem-estar. Apesar deste pendor teórico, tendo em conta o tema escolhido, não poderíamos deixar de fazer uma imersão por outro tipo de leitura, nomeadamente por alguns registos de viagem.

Na recolha de informação escrita local, para além dos periódicos, pesquisámos os trabalhos publicados por autores nacionais e locais, que se revelaram de particular importância para melhor compreensão e elaboração do trabalho realizado, este processo desenvolveu-se em diversos locais dos quais deixamos referência aos centros de documentação frequentados para títulos em português, sendo eles essencialmente a Biblioteca Nacional de Portugal, a Biblioteca Municipal das Caldas da Rainha, a Biblioteca da Sociedade de Geografia de Lisboa, a Biblioteca da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, a Biblioteca do Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas da Universidade Técnica de Lisboa, o centro de Documentação da Direção Geral do Ordenamento do Território e do Urbanismo, o Arquivo da Gazeta das Caldas e do Jornal das Caldas e a Hemeroteca da Biblioteca Nacional de Portugal. Para além destes, fomos honrados com o livre acesso às bibliotecas particulares de alguns dos nossos informadores.

---

<sup>30</sup>Este conceito foi já referido na página 4.

Embora a pesquisa tenha sido orientada para a análise sincrónica no período compreendido entre 2009 e 2014, não pudemos deixar de fazer uma imersão pelo passado, vendo na História da Cultura e dos Costumes uma boa forma para melhor compreender o presente. Os relatos de alguns registos de viagem foram ser extremamente úteis para entendermos alguns processos de mudança ou de constância em relação à imagem que é veiculada como destino. Referências às características do povo autóctone e aos seus particularismos, como também a circuitos culturais ou simplesmente de cariz hedonístico, são uma constante, tal como é a inclusão da natureza e das práticas a ela associadas. Estas podem ser tanto de cariz popular, de onde se destaca a pitoresca vivências das feiras, proporcionando o encontro entre população rural e marítima, como de elite, associado a roteiros temáticos onde se incluíam visitas a monumentos históricos nos concelhos vizinhos, como por exemplo o mosteiro de Alcobaça.

Percorremos, também, algumas páginas sobre religião, sobre práticas terapêuticas e revisitámos as artes – nomeadamente registos fotográficos e pintura, reforçando-se assim esta imagem de diversidade higiénica e hedonística.

Por nos parecer de interesse identificar particularidades ocidentais de integração de elementos de origem oriental, utilizámos na nossa pesquisa algumas publicações especializadas em aspetos formais relacionados com água e saúde. Mais adiante no nosso trabalho, destacaremos a particularidade das Caldas da Rainha.

A nossa consulta sobre o tema banhos em Portugal, com especificidade nas Caldas da Rainha, focalizou-se essencialmente na documentação literária de cariz de divulgação, tendo conseguido isolar características únicas no que respeita à organização dos banhos no espaço termal nas Caldas da Rainha. Apercebemo-nos que estas particularidades são referidas pelos nacionais e estrangeiros que visitavam este lugar, destas destacamos a gratuidade das instalações hospitalares no local termal das Caldas da Rainha.

Foram consultadas também monografias sobre locais termais, nacionais e europeus, referindo os exemplos da Curia e Turnbridge Wells,<sup>31</sup> nas quais denotámos semelhanças e diferenças com o que nos propomos analisar. Interessou-nos bastante a

---

<sup>31</sup> Apoiando-nos nos trabalhos de José da Cunha Barros e Alan Savidge.

incurção por estas obras para entendermos melhor o percurso evolutivo das Caldas da Rainha e destacarmos as suas especificidades. A nossa atenção foi focalizada, desde logo, pelo registo dos lazeres associados às práticas de saúde interligadas, ou não, à utilização das águas termais.

Para este destaque, na realidade das Caldas da Rainha, contamos com informação recolhida sobre a aplicação de modelos de cultura tradicional, propostos para o contexto nacional, nomeadamente nas zonas altas e húmidas.<sup>32</sup>

A consulta de periódicos locais permitiu-nos, essencialmente, entender um pouco melhor a outra face da realidade do espaço e do seu habitante, associada àquela que é mostrada por académicos ou especialistas em outro tipo de documentação. Ficámos com uma melhor perceção dos temas quotidianos, relacionados com a oferta cultural de índole diversa, ligada à temática da hospitalidade e acolhimento, de onde podemos identificar a restauração<sup>33</sup>.

A nossa pesquisa documental abrangeu também trabalhos académicos com pendor na História da Cultura Portuguesa e Europeia. Nestes, destacamos a nossa orientação pela temática da qualidade e dos estilos de vida. Dos mais recentes estudos feitos nesta linha, por autores portugueses que se têm dedicado a escrever sobre as Caldas da Rainha, destacamos Jorge Mangorrinha<sup>34</sup> que se tem debruçado na temática da reabilitação urbana da cidade termal. Trata-se de um investigador consciente de que a mudança deve ser operada na manutenção da identidade cultural que está ligada ao património termal. As dinâmicas inovadoras podem surgir não pondo em risco o legado da Rainha Dona Leonor.

Não tendo procurado definir o perfil identitário da cidade, foi nossa preocupação sentir as vivências associadas ao espaço e perceber como foram surgindo e desaparecendo modas relacionadas com o seu uso para compreender a sua perspetivação

---

<sup>32</sup> Nomeadamente o modelo proposto por João Baptista Neto em “ Campo, cidade, mar e serra-categorias culturais e ambiente num concelho do barlavento algarvio”, in *O Ambiente na Península Ibérica. perspectivas a montante*. Lisboa: Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro e Universidade Internacional (editores), 1991.

<sup>33</sup> Que era considerada como praticamente inexistente no século XVIII, segundo relatos de visitantes estrangeiros a Caldas da Rainha.

<sup>34</sup> Jorge Mangorrinha, *O lugar das termas*. Lisboa: Livros Horizonte, 2000.

futura. Autores como Carlos Costa e José Sancho Silva<sup>35</sup> referem que, para a verdadeira reabilitação da imagem da cidade, se deve proceder à urgente substituição do binómio doença/solidão pelo binómio saúde/prazer, de forma a cativar clientelas mais jovens e consumistas. Referem também a necessidade das termas se modernizarem de acordo com as novas tendências da procura, permitindo assim a prática de atividades de turismo de qualidade, fomentando o surgimento de equipamentos de animação turística. Ainda, segundo estes autores, deve diversificar-se a utilização de equipamento hoteleiro para práticas diversas, de forma a fomentar a desconcentração de atividades de época alta. A fomentação do ordenamento do espaço é referida como importante. Contudo, falam somente nos parques e espaços verdes. Mencionam ainda a necessidade de um planeamento rigoroso, ao qual deve ser aplicada uma política de divulgação, ou melhor dizendo, de *Marketing* adequada. A necessidade de maior atenção ao mercado turístico e acompanhamento das tendências é vista como fundamental. O investimento na divulgação e na implementação da oferta cultural é para Carlos Costa e José Sancho Silva quase imperioso. Contudo, fazem apenas menção àquilo que entendemos ser a noção comum da cultura, nomeadamente às atividades relacionadas com espetáculos e exposições, para além de ser denotada a importância dos museus da cidade e de toda a sua dinâmica para a divulgação desta.

No que respeita à divulgação da cidade das Caldas da Rainha, denota-se uma certa unanimidade de opinião relativamente à necessidade de utilização da imagem termal como pedra angular, apoiada nos concelhos adjacentes e, no próprio concelho, utilizando outro tipo de recursos e de produtos que não estejam associados somente à água termal. O mar pode ser utilizado como imagem captadora de interesse lúdico.

Refira-se que, na linguagem do turismo, se entende como recurso a matéria-prima. Esta deixa de ser natural com a ação de transformação para rentabilização no sistema turístico, tornando-se assim num produto económico, passível de ser rentabilizado, originador de receita e de despesa. Nesta ordem de ideias, sugere-se, por exemplo, divulgar a sede de Concelho das Caldas da Rainha como destino privilegiado para a realização de congressos.

---

<sup>35</sup> Carlos Costa e José Sancho Silva, O património das águas e a vertente turística, in *Caldas da Rainha, património das águas*. Lisboa: Assírio e Alvim, 2005, pp.307-313.

É precisamente na compreensão da cidade enquanto atração que julgamos intervir através deste trabalho, envolvendo o testemunho de quem está imerso no tecido social. Convém referir que esta pesquisa, realizada através deambulações pela escrita e pela oralidade dos outros, nos foi muito útil, tendo sido possível reunir um conjunto razoável de documentação com registo de opinião fundamentada. Foi possível assim estruturar o nosso trabalho, utilizando a metodologia da ciência antropológica, englobando o registo etnográfico e a reflexão etnológica, referida já na página inicial, que sempre nos serviu de matriz, visando sempre uma análise mais ampla baseada na História da Cultura.

## **II. 2. Documentos gráficos**

A *internet* é uma importante fonte de dados e, por este facto, fomos, desde o início da pesquisa, sensíveis à disponibilização de fotos e postais, cuja análise de conteúdo tinha todo o interesse, permitindo-nos uma leitura do pendor seletivo de quem via nas Caldas da Rainha motivo de atração, através da sua diversidade qualitativa e numérica, obter uma informação mais vasta e mais rica <sup>36</sup>, desta forma conseguimos ter acesso permanente a imagens incluídas em coleções disponíveis em alguns dos centros de documentação, aos quais nos dirigimos durante a investigação. Foram elaboradas tabelas onde se agruparam rubricas temáticas das muitas centenas de imagens visualizadas através do meio referido. Por cada rubrica temática, foi feita ponderação percentual relativa ao total de fotos visualizadas. A base desta análise, característica da semiologia, foi essencialmente teórica, não sendo o nosso objetivo analisar quantitativamente, nem utilizar escalas de diferenciais semântico nem de Likert.

Consideramos ser digna de nota a importância da pesquisa individual de quem, a propósito de querer visitar, ou tomar conhecimento de algumas características das termas

---

<sup>36</sup> Esta informação foi colocada em gráficos simples, com representação de percentagens de rubricas de elementos representados.

nas Caldas da Rainha, utiliza a *internet* para recolher informação motivadora (ou até dissuasora) para uma deslocação a esta cidade. Por este motivo, relevámos as imagens e frases, incluídas em sítios da *internet*, as quais designámos por institucionais e as restantes, colocadas em *blogs*<sup>37</sup>, designámos por individuais. Nos primeiros a nossa observação incidiu nos sítios da Câmara Municipal, nas Termas de Portugal, no Turismo de Portugal e nos sítios do Centro Hospitalar das Caldas da Rainha e Centro Hospital Oeste Norte. Nos segundos, para além das imagens captadas individualmente por quem considerou de interesse publicar sobre as Caldas da Rainha, grande parte delas divulgadas através do *Flickr* e do *PBase*<sup>38</sup>, procurámos também recolher informação sobre as ideias das pessoas que tinham, ou não, visitado à cidade.

### **II. 3. Fontes empíricas**

No nosso trabalho reunimos, também, informação de habitantes locais bem como de visitantes oriundos de Lisboa, utilizando para o efeito a técnica de entrevista aberta, não estruturada, durante o período de observação direta intensiva, feita na cidade de Caldas da Rainha, como também nas Caldas de Monchique, que nos serviu como modelo de comparação, ainda que de forma meramente ilustrativa.

Também procedemos à observação direta extensiva para chegarmos a um universo informativo mais vasto, tendo realizado cem inquéritos a informantes adultos utilizadores das redes sociais, não obliterando entrevistas com figuras diretamente relacionadas com a cidade no que se refere ao processo do complexo termal, no passado recente e/ou no presente/futuro. A intencionalidade da amostra não foi a representatividade específica de um conjunto sociocultural.

---

<sup>37</sup> *Log* tem tradução para português: diário; podendo *blog* ter a nossa tradução livre de: diário *on-line*.

<sup>38</sup> Aplicações disponibilizadas na *internet* para armazenagem de fotos.

A conceptualização da cidade termal foi captada através das respostas, fornecidas pelas cem pessoas referidas, a um inquérito colocado *on-line*, através do *Google Docs*. Com este inquérito, apenas nos interessou obter informação de indivíduos com idade igual ou superior a dezoito anos, sobre o conhecimento que estes tinham da cidade das Caldas da Rainha, quer já a tivessem visitado ou não; quisemos saber, através das suas palavras, a forma como a definem mediante as vivências nela tidas, ou por dela terem somente conhecimento. Pretendemos, através das questões colocadas<sup>39</sup>, conhecer a imagética associada à cidade termal, tentando verificar se o termalismo ainda se constitui como motivo de atração.

Somente foram colocadas questões relativas à identificação de quem as respondia, como de informação, excluindo-se questões de controlo. No que respeita à construção das perguntas, estas foram essencialmente fechadas e mutuamente exclusivas, embora algumas fossem colocadas de forma aberta, o que originou a necessidade de categorizar as respostas por rubricas.

Foi, também, nossa intenção conhecer, através das palavras dos nossos inquiridos, quais são os elementos que se constituem como atrativo na cidade das Caldas da Rainha. Utilizámos a abordagem da Semiologia nos dados recolhidos e tentámos verificar se há uma identificação explícita ou tácita com os elementos culturais associados ao termalismo.

A análise das respostas foi feita com base na comparação das frequências, tendo como propósito a análise de conteúdo, e não foi nossa intenção fazer o cruzamento de variáveis. Temos plena consciência de que os resultados não incluem representatividade de amostra de um universo previamente escolhido, mas, apesar disso, consideramos a utilidade do meio utilizado para chegar à obtenção de informação das pessoas que pertencem a uma multiplicidade de locais, aos quais não poderíamos chegar sem ser por esta via. Embora o sistema informático utilizado na recolha de dados não tenha as características dos demais sistemas utilizados para o seu tratamento estatístico para as ciências sociais<sup>40</sup>, considerámos interessante esta forma de obtenção de informação, pois a aleatoriedade na sua obtenção estava presente, assim como o âmbito territorial

---

<sup>39</sup> Que se podem consultar no Apêndice A.

<sup>40</sup> Veja-se como exemplo o *SPSS- Statistical Package for the Social Sciences*.

alargado da cobertura da pesquisa. O nosso objetivo não era fazer uma análise de cariz sociológico, com forte pendor na análise quantitativa e com representatividade de um universo específico; aliás, foi restrita aos utilizadores da *internet*, nomeadamente dos circuitos de redes sociais, de onde se destacam o *Facebook* e o *Google*. Foram, assim, excluídos os não utilizadores destas redes bem como todos aqueles que não utilizam a *internet* como forma de comunicação, onde se inclui a leitura de correio eletrónico.

Na nossa pesquisa, tivemos preocupação em recolher informação vinda de quem vive e sente a cidade, como também de quem a conhece, embora nela não viva. Para além das conversas, na forma de entrevista aberta com registo em diários de campo, que tivemos com pessoas que encontrávamos aleatoriamente, nos espaços públicos das Caldas da Rainha <sup>41</sup>, reunimos também informação de pessoas na cidade de Lisboa, através de conversas informais sobre o tema, nomeadamente na fase exploratória ou de pré teste dos nossos inquéritos.

Os critérios da escolha dos nossos informadores qualificados foram essencialmente determinados pelo conhecimento que estes tinham da cidade, através das vivências prolongadas e/ou da intervenção feita por estes, com base na pesquisa científica ou conhecimento técnico, sobre a génese do seu património. A nossa escolha foi determinada pelo fator de idade mais avançada, por haver nestes maior possibilidade de memória abrangente de vivências num passado mais recuado no tempo, não tendo relevância a variável referente ao género.

Os contatos foram feitos ao longo da fase de levantamento de dados, utilizando a metodologia etnográfica, fundamentada no trabalho de campo. À medida que avançávamos na recolha de dados, iam-nos sendo fornecidas informações que nos serviram para orientar o rumo do nosso trabalho. Foram-nos sendo indicados alguns informadores, que por sua vez nos indicavam outros. Obteve-se informação num conjunto de cento e noventa informantes<sup>42</sup>. O registo dos seus contributos está patente no texto deste trabalho. Contudo, foi dado destaque a quem se disponibilizou a pronunciar sobre a sua visão do futuro da cidade enquanto estância termal. Escolhemos para entrevista livre em profundidade, uma das técnicas utilizadas em trabalho de

---

<sup>41</sup>Falámos com estes informantes no Mercado, lojas, ruas e jardim.

<sup>42</sup> Este número engloba os cem informantes referentes aos inquéritos bem como os noventa que forneceram informação desde o início da pesquisa; neste último número também se incluem os qualificados.

campo de cariz antropológico – na qual o entrevistado fala livremente - quem, a nosso ver, conhece a componente patrimonial termal da cidade. Alguns destes informantes debruçaram-se sobre o tema, produzindo obra de cariz científico ou de divulgação; referimo-nos sobretudo a dois antigos diretores hospitalares, a um consultor técnico especializado em espaços verdes, a um membro da «Comissão de Utentes Juntos pelo Nosso Hospital» e a um arquiteto, antigo vereador da Câmara das Caldas da Rainha, perito em cidades termais. Na nossa escolha, também incluímos o Presidente do Município, eleito no ano de 2013.

Mais uma vez referimos a utilidade da *internet*, nomeadamente por nos ter permitido o acesso ao discurso de vivências, histórias de vida, diários de quotidiano e de viagem através de *blogs*, que consideramos equivalerem a todo um conjunto de escrita e de iconografia, cuja importância deve ser tida em conta nos dias de hoje.

## **Capítulo III**

### **A autenticidade ou a busca pela essência quase perdida**

### III.1. A dialética da autenticidade

No mundo pós-moderno em que a réplica é apanágio de imortalidade - uma vez que é através desta que se pode prolongar a durabilidade do original, mesmo que a cópia não lhe seja fiel em termos de proporção valorizamos o prolongamento da sua lembrança. A importância do prolongamento da sua lembrança. Neste caso, falamos um pouco da celebração da distância entre as lembranças e a vivência real dos espaços onde se podem experienciar vivências, em que a diferença pode ser considerada fator de procura por quem quer guardar emoções dos espaços visitados. Contudo esta utopia – fantasia da diferença é o que o próprio nome indica, uma utopia. MacCannell é um autor que acredita na liberdade de escolha do consumidor dos espaços/turista. Este último, segundo ele, está sempre envolvido na produção de cultura, uma vez que recria os espaços visitados com a leitura simbólica que destes faz. Esta recriação é processada através do movimento que o consumidor desenvolve nos percursos utilizados, com marcas deixadas no espaço visitado, por exemplo a tipificação dos gostos de consumo e também e com a escolha de *souvenirs*. De certa forma, este processo é semelhante ao que Erving Goffmann<sup>43</sup> encontrou na interação direta, em cenários socialmente construídos, entre os indivíduos “como um natural esforço coletivo para compreender, ou ao menos aguentar a vida diária”<sup>44</sup>. A igualdade de planos entre os visitantes e os visitados, cada vez mais evidente por questões relacionadas com os fenómenos da mundialização da cultura, é somente marcada pela diferenciação dos sistemas culturais em relação à origem e ao destino. É nesta diferenciação que se gera a multiplicidade simbólica tão característica dos tempos atuais os quais a definem. A diferenciação constitui, em si, um dos elementos marcantes da procura de recreação e de cultura por quem visita e permanece nos locais.

MacCannell vê na diferenciação algo que não é oriundo de uma realidade social específica, mas sim algo que opera em toda a sociedade humana de forma independente.

---

<sup>43</sup> Erving Goffmann, *Relations in Public: micro studies of the public order*. Brunswick: N. Jersey: Transaction Publishers, 2010.

<sup>44</sup> Tradução livre de MacCannell (1999), pág. 4.

Nela encontra a essência da pluralidade das alternativas, tão importante nas escolhas que os indivíduos podem fazer. Reside, assim, na diferenciação o sentimento de liberdade, mas também a violência e alienação. As atrações dos destinos turísticos enquanto signos servem de mediadores entre a consciência do turista/visitante e os outros que nesses espaços vivem; estas são em si as diferenciações que, no plano do turismo, MacCannell refere. O turista é assim um agente unificador de diferenças (através da leitura das descontinuidades e das descodificações dos signos dos locais visitados) e, também, um promotor de novas codificações. Quem vem visitar os locais vê nas atrações uma imagem que não corresponde na totalidade à realidade. Procura-se nelas a autenticidade da cultura visitada. Contudo, esta tem um conjunto informativo esvaziado de conteúdo real, muitas vezes incompleto pela informação que dela se veicula, nomeadamente pelos guias turísticos e pelos roteiros. A autenticidade nunca é assim experienciada diretamente e, embora a experiência exista, já não se pode dizer o mesmo da sua verdadeira compreensão. As atrações que são criadas por pequenos grupos sociais ou grupos económicos, embora sendo genuínas, têm pouco valor do ponto de vista de autenticidade cultural; é o caso dos parques temáticos que transmitem um conteúdo espetável para quem os visita, independentemente do local onde estejam inseridos. Assim, o valor da qualidade da atração, para o autor cuja teoria analisamos, reside no esvaziamento do primado económico que é utilizado por quem o explora. O capital cultural, tão privilegiado por Bourdieu<sup>45</sup> é, também, para MacCannell conferidor de qualidade. Esta é uma posição claramente marxista, pois verifica-se uma certa referência ao indivíduo/consumidor como um ser, de certo modo, alienado de grande parte dos valores culturais. A sua liberdade de ação estaria assim condicionada pelo sistema do capital económico. Desta forma, este indivíduo não seria suficientemente consciente das suas necessidades e desejos, sendo facilmente sujeito a manipulações feitas pelos detentores de capital, produtores de imagens cativadoras à compra de bens e serviços. Assim, o indivíduo surge como algo construído para satisfazer necessidades de produção.

Para MacCannell, será mesmo na mente do turista, que é o indivíduo comum e que terá em princípio a liberdade de escolha de locais para visitar e usufruir, que emerge a verdadeira apreensão da civilização moderna, frisando nesta o excesso do primado

---

<sup>45</sup> Pierre Bourdieu, *Distinction, a social critique of the judgment of taste*. London: York: Routledge, 2010.

economicista. Assim, quem visita os locais e neles obtém a sua própria leitura, fundamentada em informação apreendida previamente sobre o local, em experiência emocional e sensorial no momento real da visita, como nas lembranças ou *souvenirs* escolhidos, é um agente fixador de consciência da importância da atração turística na sociedade. Ilustramos este raciocínio com o seguinte excerto:

“Enquanto a atração é o mais autêntico, as memórias e outras lembranças são mais importantes no estabelecimento da consciência da sociedade. A sociedade sobrepõe-se ao indivíduo desde que a atração permaneça superior à lembrança. Mas a lembrança, porque é mais imediata e íntima, constantemente ameaça a ascendência da atração.”<sup>46</sup>

Contudo os *souvenirs* estão esvaziados da tal autenticidade, pois estão esvaziados de conteúdo natural e histórico. Este verdadeiro sentido só é passível de ser vivido nos locais visitados e é este que configura verdadeiramente o perfil prestigiante de quem faz um investimento em si, quebrando a rotina do dia-a-dia, para sentir experiências autênticas fora do seu local habitual de residência. Assim, quem viaja obtém valor acrescentado no que se refere ao prestígio social, relativamente a quem não se ausenta do seu espaço habitual. Este autor recusa utilizar o termo pós-modernidade; em vez deste utiliza o de modernidade, caracterizando os estados-nação, por sua vez caracterizados como tendo contornos totalitários, no que respeita à urbanização, à generalização dos sistemas de saúde e ao estado providência. Nesta ordem de ideias, subjaz toda a noção de mundialização de padrões culturais universalistas, tal como a enorme diferenciação entre o universo das sociedades modernistas e aquelas que ainda não integraram esses valores. São estas as das áreas menos desenvolvidas, em termos tecnológicos, do mundo que, segundo ele, caracteriza a procura do turista. Nós não concordamos com esta opinião, pois entendemos que é o mundo pós-moderno o gerador deste fenómeno universal - que é o turismo - e por consequência lógica, do turista/consumidor que, embora tenha uma consciência muito individualista no que se refere às escolhas, dificilmente as consegue dissociar da matriz universal da cultura mundializada, onde o primado economicista é, de facto, castrador das autenticidades culturais, mas não o esvazia de conteúdo.

MacCannell vê no turista alguém que tem um papel de certo modo semelhante ao do cientista social, pelo interesse que este tem pelas pessoas e pelo meio, e alguém

---

<sup>46</sup> Tradução livre de MacCannell a), pág. 158.

que, tal como o vulgar cidadão, tem na dialética da autenticidade o garante da sua alienação no mundo da modernidade ou, como também a refere, da pós-industrialização. Esta questão da modernidade entendida por este autor, ou pós-modernidade como a entendemos, é em si apenas um pormenor de nomeação.

Como funciona então esta dialética? Quais serão os contornos da metodologia da semiótica da atração?

No mundo do turismo, em que o proveito económico da atração é sobrelevado, tornou-se habitual a sua veiculação pública de imagens, tanto em filmes como em folhetos e outras publicações, as que lhe conferem um cariz de *estrela*<sup>47</sup>. É, nesta importância de atribuição de valor e de significado, que nos interessou contextualizar esta temática nas Caldas da Rainha. A importância das modas de utilização de espaços públicos ou locais será configurada por chamarizes iconográficos, ou por outros de outra ordem? Como nascem novas *estrelas* após as anteriores se tornarem em *buracos negros*? Há, também, uma certa certeza na esperança de se conseguir novos arranjos, ou melhor, soluções de revitalização das atrações moribundas, o que pode surgir como algo útil e que está mesmo ali, disponível e pleno de significado.<sup>48</sup>

A Semiótica, como ciência dos signos, procura assim entender os significados das coisas para quem destas dispõe, podendo focar-se no âmbito literário, espacial, musical, ou de qualquer outra área cultural. A atitude de pesquisa fundamental deste método consiste na abstração e descodificação de imagens, textos, sons, e de tudo o que possa ser passível de ter significado. Contudo, nesta questão de significados, há que ter plena consciência da importância do cariz universal e do cariz individual, tão peculiar na pós-modernidade como a entendemos, ou da modernidade, segundo MacCannell a entende. No fundo, trata-se de compreender aquilo que de mais elementar há neste tipo de análise<sup>49</sup>: o famoso princípio da arbitrariedade dos signos, ou melhor, da relação entre o significante e o significado e da sua relação com a identificação linguística. O significante será, assim, sempre uma representação mental do significado, sendo este

---

<sup>47</sup> A palavra estrela coloca-se em itálico para referir o âmbito técnico da linguagem da Astronomia, a qual tem analogia com a linguagem cinematográfica. No turismo, mais propriamente em hotelaria,- em engenharia de menus - para referenciar produto com elevada popularidade e alta rentabilidade de proveito económico, também se utiliza a palavra estrela.

<sup>48</sup> Podemos encontrar referência a esta esperança em MacCannell a) pág. 117.

<sup>49</sup> Já proposto por Ferdinand de Saussure em *Curso de Linguística Geral*, Dom Quixote, Lisboa: 1971.

geralmente algo material. Todavia, para além da arbitrariedade, MacCannell refere o princípio da intermutabilidade como “ sendo o corolário do princípio da arbitrariedade” e (...) ” Os homens têm ideias sobre as coisas e estas ideias são logo transformadas em objetos de estudo crítico<sup>50</sup>”. Há casos em que é o esforço coletivo, substituindo-se ao papel das autarquias, que confere a um objeto o estatuto de interesse turístico. Assim, os marcadores ou *souvenirs* podem ser miniaturas que replicam parte do conjunto visitado - ou uma parte deste em registo fotográfico ou de outro tipo - numa apropriação individual plena de significado. É nesta apropriação individual que pode ser acrescido ou desvirtualizado o significado, apesar de toda a diferença “entre significante e significado como sendo o resultado da sobreposição de um sistema de valores<sup>51</sup> “(...) “Damos-lhes valor utilitário e estético segundo a nossa estrutura e organização social.”<sup>52</sup>

É do nosso interesse perceber qual ou quais serão as atrações estrelas nas Caldas da Rainha, bem como será feita a apropriação individual; que devemos compreender na sua dinâmica de contato, reconhecimento e divulgação através das imagens ou palavras que lhe servem de marcador, ou seja, de identificador do objeto de reconhecimento; a importância das escolhas individuais dos locais ou objetos a visitar é um marcador, ou fixador de conteúdo. O nome de alguém conhecido como a Rainha D. Leonor pode ser entendido, para alguns, como um marcador da atração desta cidade, cuja designação está a ela associada.

A ideia que se tem de um local que se quer visitar, independentemente da motivação, corresponde a uma imagem mental. É algo que, de certo modo, pode fornecer um certo reconhecimento do local. É um marcador, na teoria de MacCannell. Durante a visita a esse local, obtém-se uma imagem física que poderá ser um outro marcador. É nesta experiência física que podemos, também, incluir um outro tipo de marcador sensorial, gerador de mais imagens e palavras: todos os aspetos relacionados com a gastronomia e enologia. É esta a dinâmica que consideramos interessante para compreender a forma como se pode operar a continuidade da atração. Como vê e sente a

---

<sup>50</sup> MacCannell, *Idem*, pág.118 (tradução livre do original em inglês).

<sup>51</sup> Um dos princípios das teorias estruturalistas de Lévy Strauss, que tanto influencia o pensamento de MacCannell.

<sup>52</sup> *Idem*, pág.119 (tradução livre do original em inglês).

cidade quem a ela recorre por diversas razões? Como a utiliza e reconhece e como a divulga? Tudo isto tendo em conta que a dimensão do indivíduo deve ser entendida essencialmente através do seu posicionamento sociocultural, historicamente definido e projetável no futuro, através de leituras possíveis das inter-relações dos diversos grupos configuracionistas, nos quais ele se move e interatua; cada uma das quais marcada por formas características de utilização de bens passíveis de criar laços sociais e distinguir categorias ou configurações sociais.

Há toda uma importância na aceitação das imagens que divulgam os locais a visitar. Estas formatam, assim, o sonho ou o desejo de realização da viagem em si (por curta que ela seja). A que corresponderá a imagem futura da cidade das Caldas da Rainha se, eventualmente, não for possível a quem a visita, ou a quem nela habita, reconhecer a imagem idealizada?

No momento atual em que vivemos, há sempre um investimento de capital quando se materializa uma deslocação fora do local de residência habitual para se conhecer um outro local; valerá assim o esforço para se visitar um só sítio, ou será este esforço válido pelo conjunto do território que está na sua proximidade? Partindo da observação de MacCannell, que refere que mais importante que a informação científica que se possa ter de um espaço, que é sempre algo representativo do coletivo ou do social, é aquela que se pode obter das representações coletivas<sup>53</sup> dos que nele estão envolvidos, ou dos que nele participam; do mesmo modo consideramos importante a sensibilidade do utilizador. Esta é uma posição assumida na lógica de que o significado, quando analisado *per se*, é completamente diferente quando analisado num conjunto. É esta linha de pensamento que, mais adiante, se fará aplicação na análise das Caldas da Rainha.

Podemos entender que, no momento da escolha da deslocação a um destino, para efeitos de lazer, acaba sempre por imperar a sedução construída em imagens e textos estimulantes expostos em arranjos diversos, que podem ser considerados como discursos plenos de virtuosismo passíveis de diversas interpretações. Qual será, assim, o

---

<sup>53</sup> Como o autor refere” (...) Nenhuma experiência turística envolve meramente a ligação entre um marcador e um local turístico, mas uma participação num ritual coletivo, ligando-se marcadores individuais a locais já marcados por outros. “(MacCannell) p.137. Torna-se claro pelos exemplos já referidos que um marcador verdadeiro não necessita de ter marcado a sua verdade pelo seu valor científico ou pela perspectiva histórica. “A verdade emerge de um sistema de oposições binárias da informação que é designada por não verdadeira”. *Idem*, p.139 (tradução livre do original em inglês).

real e o acessório nesta pluralidade de signos? Quem tem a responsabilidade de criar imagens de divulgação informativa sobre um local, deve ter uma preocupação de que ela não seja criadora de uma estrutura imagética demasiadamente artificial. Deve assim existir uma representação da consciência coletiva. Há, também, por vezes, algumas limitações à liberdade criadora de imagens de divulgação, muito características da sociedade pós-moderna. Numa pluralidade de informação, disponível tende-se a utilizar-se aquela que já era conhecida e usada para o mesmo efeito. Há um certo laxismo face à representação genuína da realidade, característico deste período, que MacCannell designa modernista, como já foi referido anteriormente. As experiências reais nos locais visitados são, quando autênticas, segundo vários autores que abordam a temática do turismo, o efeito multiplicador para que estes sejam revisitados como também visitados por outros pela primeira vez. Mais do que a imagem real, é a experiência que configura a verdadeira informação. Daí a importância da consciência ética da autenticidade de quem está envolvido no conjunto da oferta de serviços.

O processo de construção simbólica é algo constante. A utilização do espaço pelo utilizador e a consequente fruição dos bens que este inclui criam em si as imagens do estilo de quem as usufrui; os significados simbólicos são gerados no próprio sistema significativo, não sendo assim pré-existentes ao indivíduo ou ao grupo. Há todo um sistema dialético, dinâmico, em que a recriação imagética se constrói no real. A cultura surge, nesta lógica de raciocínio, como algo que tem a sua constituição em construções quase artísticas - ou criações - colocadas num plano transreal. A sociedade atual é portadora de uma perda do senso da realidade. A nostalgia das sensações verdadeiras é algo que está bem presente no turista, ou no usufruidor do espaço quotidiano. Esta busca pelas emoções é transposta para o mundo real muitas vezes pela utilização das realidades virtuais, operando esta procura na esfera do privado ou individual. É neste processo que se constrói a simbólica individual, permitindo esta aos seres humanos da época atual a libertação dos condicionalismos característicos da conjuntura económica. Embora se viva no primado economicista, não entendemos que se verifique atualmente um desligamento entre o conceito de produção e o de troca cultural, tão característico das teorias marxistas, e esta ligação de conceitos verifica-se no contexto das Caldas da Rainha.

O consumismo atual, pela sua dimensão, faz aumentar aceleradamente o mundo dos desejos, diversificando os atributos dos bens colocados à disposição do consumidor. Este tem, também, um perfil cada vez mais diversificado através dos estilos de vida, ou seja, das escolhas feitas através de um alargado leque de ofertas de situações e soluções disponíveis na sociedade para fixar a realização do sonho ou a materialização dos desejos.<sup>54</sup> Assim, a tónica na abordagem destes fenómenos deve centrar-se nas escolhas e no uso. O prazer imediato na utilização dos bens e a quantidade destes é sublimado em detrimento do conceito de durabilidade e qualidade. Desta forma, a posse e o uso gratificam o utilizador, permitindo-lhe a criação do seu estilo de vida original.

É esta linha de pensamento que norteia Michael Featherstone; segundo este autor, vive-se num período histórico, claramente marcado no espaço por áreas de *gentrificação*<sup>55</sup> tipificadas pela cultura de consumo, de molde a que a nova pequena burguesia ou a nova classe média desenvolva raízes, crescendo de uma forma endémica. No espaço, desenvolve-se assim a lógica de entendimento dos fenómenos relacionados com o consumo, centrada no indivíduo e não apoiada na caracterização dos contextos intelectuais produtores de teses manipuladoras, quaisquer que sejam os postulados ideológicos que se reclamem.

De facto, é neste viver com os cinco sentidos despertos que o homem pós-moderno se reencontra com a sua natureza perdida. E é nesta busca pelo autêntico das emoções e das sensações que recria o mundo onde vive. A natureza perdida é, para o pós-modernismo, algo identificado com o sagrado, pois como não é reconhecida na vida quotidiana/profana, só poderá, eventualmente, ser experienciada quando se sai do espaço físico onde esta se desenrola. É nesta lógica que podemos também incluir o princípio da semanticidade, referido por Durand<sup>56</sup>. Esta opera, essencialmente, numa

---

<sup>54</sup> Nesta linha de pensamento, encontramos a teoria de classificação das classes de consumo propostas por M. Douglas and Isherwood (1980).

<sup>55</sup> Palavra traduzida literalmente do inglês *gentrification*, que se refere à identificação do processo de restauração, através da ocupação do espaço urbano e desenvolvimento das relações sociais nele ocorrentes. É comum associar-se a este termo a palavra enobecedor ou enobrecimento. Contudo, por opção, decidimos não desvirtuar o sentido da palavra inglesa, que muito bem ilustra o processo de reconstrução simbólica de locais pela nova classe emergente, oriunda do deslocamento de pessoas com origem na posse de baixo capital económico e que pouco valorizavam o capital cultural. Esta nova geração de consumidores formatou assim os locais através do esplendor de espaços, estetizados na lógica da atração ao consumo.

<sup>56</sup> Gilbert Durand, *Les structures anthropologiques de l'imaginaire : Introduction à l'archétypologie générale*. Paris: Dunod, 1993.

lógica entrópica semelhante à da organização da Natureza, ou seja, caoticamente ordenada, fixada na Cultura através de ritualizações, que embora aparentemente desordenadas, criam as novas ordens emergentes dos caos pluri-operantes na sociedade. Nestas novas ordens, impera também o fator tempo. Nos dias de hoje, em que se vive de uma forma extremamente acelerada, o tempo comporta ritmos diferentes em cada papel assumido pelo consumidor atual na sociedade.

O tempo medeia as ações do desejo e a realização do mesmo. É na impossibilidade da sua realização que se encontra o sonho de cada um. Os *media*, ao promoverem os locais de destino para o consumidor/turista, utilizam, de certa maneira, todo um conjunto de imagens associadas às emoções e objetos praticamente interditos no dia-a-dia. Desta forma, atualizam-se em contexto diário, através de ritos de consumo, os mitos iniciais que ocorreram numa natureza quase paradisíaca, momentos antes da fixação da cultura no espaço profano/terrestre<sup>57</sup>. Entendemos o tempo social, tal como o tempo da Física, como um parâmetro do espaço. O tempo dedicado ao consumo ou recreação encontra-se, na sua essência, inscrito no corpo do indivíduo através de toda uma ambiguidade imediatista, fornecida pela plurifuncionalidade das ofertas e pela consequente pluralidade das escolhas possíveis. É na leitura dos signos, inscritos nos corpos dos outros, que cada um pode fazer as suas escolhas de relacionamentos e de hábitos ou de estilos de vida. É precisamente nestas escolhas e neste seguir de tendências que se fundamentam as frequências modais, e se criam as modas de se frequentarem determinados espaços ou de se utilizarem determinados bens, onde se incluem a água termal e os espaços lúdicos a ela associados.

Se o fenómeno turístico pode ser entendido, como já se referiu, como algo diluidor da cultura tradicional, no que se refere às populações hospedeiras ou agentes responsáveis pelo acolhimento de quem vem de fora, este fenómeno desvaloriza a crença real de participante/executor do ritual. O fenómeno consumista fixará, em nosso entender parte destas crenças, através do desafio da busca de satisfação individual e distinção na massa humana, tão caracteristicamente plural e por vezes indistinta.

É neste desafio da busca da satisfação, que transcende as simples atividades funcionais, que o indivíduo se encanta pelo simbolismo social; por este ser tão

---

<sup>57</sup> Baseamos este raciocínio na teoria de Arnold Van Gennep que norteia a obra, *Os Ritos de Passagem*. Petrópolis: Editora Vozes, Coleção Antropologia, 1978.

excessivo, fornece um grau de liberdade a quem possa escolher as conjugações de signos que mais lhe agradem. É neste processo que se inclui a reinvenção dos lugares, como refere Luís Vicente Baptista:

“ Os lugares da cidade e os lugares do campo são revistos pelos decisores locais, pelos investidores (com ou sem localização precisa) pelos próprios habitantes consumidores do território no pressuposto da competitividade entre os lugares autênticos. A fascinação que todos parecem nutrir pelas atrações locais - paisagísticas, gastronómicas, edificacionais - reinventam os lugares vistos sob o ponto de vista lúdico”<sup>58</sup>

Estas escolhas operam, em nosso entender, fundamentalmente nos circuitos ou itinerários percorridos nos espaços dedicado ao lazer, e é na leitura das suas dinâmicas, no decorrer do tempo, que poderemos compreender melhor a reapropriação de significado e funções verificadas nas Caldas da Rainha na atualidade procurando dar resposta às questões levantadas neste capítulo.

### **III. 2. A água - hedonismo, arte e simbolismo, para compreensão da cultura termal**

Na análise da vivência dos espaços onde o termalismo é ponto de referência, não podemos deixar de fazer menção sobre a temática da relação entre o uso da água e o hedonismo e a criação artística em alguns modelos de espaços, fora do contexto das Caldas da Rainha para que melhor possamos compreender as suas especificidades.

Não se pretende apenas fazer uma leitura com base cronológica, nem tampouco com um alinhamento de fio condutor orientado por ordem geográfica, mas sim um repensar a água enquanto um universal de cultura no que se refere à sua integração simbólica no quotidiano, focalizando-nos em particular no século XVIII, período tão

---

<sup>58</sup> In Luís V. Baptista Territórios lúdicos (e o que torna lúdico um território): ensaiando um ponto de partida, in *Fórum Sociológico*, pág. 55 nº 13/14, IIª Série, IEDS/UNL, pp.47-58, Lisboa: 2005.

fascinante em que o numinoso era criado de tão diversas formas. Entendemos este século como um importante ponto de viragem na perceção e uso das águas, tanto no que se refere aos aspetos lúdicos como medicinais. A expressão artística despoletou-nos o interesse pela sua função social de importância fulcral no que respeita à divulgação de hábitos e costumes, para além de, através dela, podermos perceber alguma leitura simbólica, não tão visível noutra tipo de documentação. Assim atentamos com mais acuidade às questões relacionadas com a saúde, lazer e estéticas que se constituem como elementos de atração em espaços como o da cidade das Caldas da Rainha.

Embora se focalize a nossa atenção nos hábitos a partir do século XVIII, não podemos deixar de fazer menção às práticas documentadas sobre os hábitos relacionados com a prática do banho, com especial menção na matriz civilizacional indo-europeia, associada a mentalidades que tinham conceitos imanes de higiene. As primeiras referências a banhos públicos associados a práticas termais vêm do século II, em Roma<sup>59</sup>. Em relação às práticas associadas nesta cidade ao banho, houve inicialmente um cariz de utilização pública, sendo o privado acrescentado pela influência oriental trazida pelos gregos e difundida por estes no Egito.

Ao verificarmos esta referência aos banhos egípcios, procedemos à sua análise, com algumas referências à cidade do Cairo onde surgem desde o século III, com a posterior influência muçulmana no que refere à prática pública do banho em espaços designados de *hammams* onde a arquitetura é muito semelhante à das mesquitas. As *hammams* localizam-se nas imediações destes templos<sup>60</sup>. Os egípcios ainda têm vocábulos que distinguem os banhos feitos em água aquecida de forma natural e artificialmente.<sup>61</sup> Os aspetos formais do banho egípcio, de cariz muçulmano, nada têm de semelhante com as práticas em Portugal. Para além do banho propriamente dito é valorizada a sudação e a massagem específica dos ligamentos corporais<sup>62</sup>.

Em Roma, era hábito a prática de exercício antes da entrada para a estufa de ar quente, onde se suava, e de seguida se seguia para a piscina de água quente e, por

---

<sup>59</sup> Contudo, no Egito, a prática privada do banho já remontava a, pelo menos, 1400 anos antes da era cristã.

<sup>60</sup> Conforme pudemos verificar numa visita à cidade do Cairo em 2010.

<sup>61</sup> *Hamma* e *Hammam*, respetivamente.

<sup>62</sup> *Taktaka h-* que significa, literalmente, estalar sendo aplicada pelo *Mukeyyisate* ou massajador.

último, se passava para a água fria. Embora a civilização romana não tenha sido original no que respeita a estes hábitos, terá tido indubitavelmente um papel relevante no que se refere à divulgação destes. Após o desaparecimento do império romano, praticamente desaparecem as preocupações com a higiene pública. Terá sido somente com o código de saúde de Salerno que, cerca de mil anos mais tarde, se condensam ditos populares sobre higiene. Há que referir, contudo, que estes foram importantes difusores de práticas associadas em geral a culturas orientais. As práticas públicas estavam associadas à convivialidade e à sociabilidade, consideradas de importância para o equilíbrio do cidadão.

John Feeney e Marilyn Nicoud referem o mérito dos romanos na divulgação do hábito do banho, embora reconheçam que após o fim do Império quase que não se encontram fontes que refiram preocupações com a higiene pública. Os latinos, ao contrário dos árabes, não se preocupavam em distinguir a água aquecida de forma natural ou artificial, referiam indistintamente o local onde se encontravam estas águas por *balneum* - banho<sup>63</sup>. O vocábulo *thermae* terá surgido na literatura apenas na primeira metade do século XIV, não aplicado para designar águas minerais, mas antes como sinónimo de estufa ou sudário - *staphae*. Distinguiu-se o banho húmido do seco. Este último era considerado doméstico e artificial, o húmido era considerado natural e mineral, uma vez que as águas em geral tinham a sua origem em minas.

O banho no período romano difunde-se com características públicas no que refere à sua prática, associado à utilização de águas quentes, estendendo-se em larga escala em toda a Europa mediterrânea até ao fim da Idade Média. É deste período, em que se difundiu o hábito de recomendar o banho, tanto privado como público, e que se vulgarizou o hábito de utilização do termo dito pelo poeta latino Juvenal: *mente sã em corpo sã*. Neste período terá havido todo um conjunto produtivo de literatura com características médicas, nomeadamente em Itália, feita por curistas interessados nas propriedades e efeitos das águas. Esta mentalidade durou, praticamente, até ao final século XIV, período de ocorrência da primeira grande peste a partir de 1348. A partir daqui o corpo é visto como um veículo de entrada do mal (doença) e de saída do que possa ser bom (saúde). Assim, a sudação deixa de ser bem vista.

---

<sup>63</sup> Para melhor informação consulte-se os trabalhos de John Feeney e Marilyn Nicoud, referenciados na Bibliografia.

A prática do banho sempre terá sido associada ao prazer e há até quem se questione, nomeadamente John Feeney<sup>64</sup> sobre o que leva os seres, onde se inclui o homem, a ter atitudes hedonísticas face à água.

No período que corresponde ao século XV, segundo Marilyn Nicoud<sup>65</sup> a literatura sobre o termalismo antigo distinguia a vertente recreativa da vertente curativa, bem como a particularidade do vocábulo *banho* relacionado como o local natural onde se podia submergir para aproveitar as propriedades das águas quentes. É nesta altura em que começa a haver referências sobre os banhos das Caldas da Rainha, que surgem com o epíteto de santas. O vocábulo *balneum* terá surgido muito antes do *thermae*. Este estaria já associado a um conjunto cultural de ideias associadas e derivadas do primeiro. Contudo as práticas associadas a este termo, utilizado pelos povos latinos, estavam associadas não ao banho propriamente dito, mas sim ao sudário. Foi muito interessante verificar uma diferença operativa demonstrada na aplicação dos vocábulos *balneum*, *thermae e stuphae*. A utilização destes ao longo da História não tem seguido um percurso muito regular, o que nos tem causado algumas dificuldades na pesquisa. Tem sido muito interessante, também verificar a evolução dos vocábulos pelas diferentes classes sociais; do domínio da medicina para o domínio popular e da beleza e bem – estar para as classes mais favorecidas.

Nas fontes documentais consultadas, de uma forma ou de outra, é feita referência à frequência dos lugares, com características termais, pelo povo. Contudo, é referido pela maioria que este não utilizava as águas de forma correta, pois eram em geral usadas para atividades relacionadas com o prazer, associadas muitas vezes ao hábito de comer.

A atitude perante a cura oscilou, historicamente, entre a dor e o prazer. Os primeiros relatos de curas eram associados à própria natureza. Esta oscilação verifica-se também pela inclusão ou exclusão das práticas de ar livre, verificando-se estas no contexto português numa forma peculiar, comparativamente a outros contextos culturais europeus.

---

<sup>64</sup> The Joys of Bath *Saudi Aramco World*, March/April, Texas: 2004.

<sup>65</sup> Para melhor informação veja-se : Les Médecins italiens et le bain thermal à la fin du Moyen Âge, *Medievales*. 2002, vol. 21, nº 43, pp.13-40.

No que respeita à atribuição do carácter sagrado ao potencial benéfico das águas, esta começa a estar presente no contexto europeu cristão a partir do século XV. Este facto pode ser explicado pela falta de conhecimento técnico sobre as características químicas da água.

A experimentação era requerida para melhor compreensão das suas propriedades e relação entre causa e efeito no que respeita a tratamento e recomendações. O reconhecimento das águas medicinais é, sem dúvida alguma, valorizado pela atenção médica dedicada a cada uma delas. O nome do médico a quem se deve um estudo sobre as particularidades de uma água é importante para a fixação dessa importância na mente do consumidor.

Relativamente à prática da limpeza com água, esta torna-se um hábito vulgarmente associado ao prazer em povos que estejam próximos de cursos de água doce e, não é de estranhar que a identificação destes ribeiros ou rios estejam associados a práticas religiosas. Podemos referir os exemplos dos conhecidos Ganges e o Nilo. Em Portugal há também práticas curativas de carácter sagrado associadas a aspersão ou imersão em águas de ribeiros ou rios.<sup>66</sup>

A palavra termas e os locais onde estas surgem são espaços onde ocorre algo mais que a prática do banho em si, mesmo se este último é feito publicamente. O espaço termal é toda uma pluralidade simbólica, cuja leitura se pode fazer no espaço envolvente aos edifícios em si e o seu interior. A vivência dos espaços onde as termas se encontram localizadas gera dinâmicas de desenvolvimento, associados ao urbanismo.

Nos países marcados pela cultura islâmica, de onde se destacam o Egito e a Turquia, por estarem mais próximos do contexto europeu, sempre houve uma aceitação das práticas dos banhos públicos. No Cairo, ainda existem *hammans*<sup>67</sup>, embora em número muito reduzido quando comparado às centenas das existentes no período mameluco - entre 1250 e 1517 da era cristã - com características formais semelhantes a templos e nestes, tal como nas termas romanas, o utilizador tem de cumprir um conjunto

---

<sup>66</sup> Temos como exemplo as práticas com água na noite de S. João. Baseamos esta afirmação nos trabalhos de António Vermelho do Corral, Moisés Espírito Santo e Teófilo Braga.

<sup>67</sup> O termo identifica espaço público dedicado a práticas associadas ao banho, nomeadamente as que se referem ao relaxamento e a massagem. Trata-se de um conceito diferente daquele que está associado ao *hamma-s* que se associa ao banho em fontes de água termal.

de procedimentos quase rituais até que, por último, chegasse ao banho final em água quente, designado de *Maghtas* e que é feito em piscina. O percurso iniciado na *Meslakh*, ou sala de entrada com fontanários de água fria, segue para um interior cada vez mais marcado pela presença do calor originado pelas águas quentes saídas da *faskeeya*, uma fonte por onde jorra água muito quente e que provoca profunda sudação. É curioso verificar-se que, nas termas romanas, o percurso terminava no *frigidarium*. Até chegar ao este local, o percurso iniciava-se no *tepidarium* (recinto com piscina de água tépida), seguia para o *caldarium* ou seja, era um percurso feito ao contrário daquele que foi descrito anteriormente. Nestes locais, era habitual comer e beber; o ambiente seria de descontração muito associado aos aspetos prazenteiros do lazer.

É interessante verificar que, nestas duas tipologias culturais relacionadas com a prática de banhos, é a diferença que marca a identidade, fazendo nítida marcação com a utilização do espaço. Nas Caldas da Rainha o local de saída da água termal, naturalmente aquecida, está associado a um ritual de sacralidade contido num espaço aberto a todas as categorias sociais. O que o distingue dos espaços atrás mencionados é a sua inclusão no tratamento médico especializado em contexto hospitalar com quase ausência do ambiente prazenteiro.

O lazer, associado à prática do banho, não era considerado um privilégio, mas sim uma extensão da vida diária. Os conceitos de permissão ou proibição das práticas de lazer associadas ao banho público irão variar seguindo as correntes das dinâmicas das culturas que os produzem. A prática dos banhos, apesar de estar relacionada essencialmente com o aproveitamento natural da proximidade do elemento água, não tem necessariamente associada a ideia de higiene física ou espiritual. As abluções são em algumas culturas realizadas sem água, utilizando-se para o efeito terra, areia ou fumo.

Na memória revisitada podemos começar pelo olhar científico sobre a água, que em particular no século XVIII, teve um período bastante profícuo no que se refere às pesquisas que lhe foram dedicadas. Com o espírito transdisciplinar que caracterizava as mentes da época, destacamos Anders Celcius, Alexander von Humboldt e William Withering.

Terá sido na especialização química que Withering se destacou, nomeadamente na análise das águas termais europeias, de onde relevamos as das Caldas da Rainha. Foi

este seu apurado trabalho que lhe granjeou ser membro da Real Academia das Ciências de Portugal. Refira-se a importância da presença de William Withering nas Caldas da Rainha no século XVIII, como confirmador da importância das qualidades das suas águas termais. Este reconhecido médico inglês, ainda hoje reconhecido pelo seu trabalho pioneiro na aplicação da planta dedaleira nas terapias de foro cardiológico, terá vindo a Portugal para se curar de uma tuberculose, da qual viria a falecer. Na sua primeira estada nas Caldas da Rainha terá procedido à análise química das águas, tendo publicado os respetivos resultados. Contudo, não terão sido estes os primeiros dados a serem objecto de publicação; podemos referir os exemplos de Jacob de Castro Sarmiento, em Londres e Nunes Gago, que o teriam feito ainda no século XVIII.

A foto que a seguir se apresenta patenteia a importância da vinda do médico inglês às Caldas da Rainha. A atenção dada ao pormenor é interessante. Para além da flora houve a preocupação de fazer registo da presença de pessoas em atitude lúdica, aparentemente dançando.



Foto nº 1

**William Withering analisando as águas de Caldas da Rainha, onde se lê *Dr Withering analyzing the Queen's Bath at the request of the Court of Portugal***<sup>68</sup>

<sup>68</sup> Traduzindo para português: *O Dr. Whitering analisando os banhos da rainha, a pedido da corte de Portugal*. Extraído de:

Este interesse científico da época pela natureza fixa, de facto, alguma atenção por tudo o que nela possa ser útil em termos tecnológicos. Num período em que é comum a contemplação bucólica e romântica, não deixa de ser interessante o fervilhar de interesse empírico sobre o elemento água um pouco por toda a Europa, que teve um efeito quase multiplicador sobre o surgimento de um vasto número de seguidores da crenoterapia, à qual está associada a ideia de cura através do uso externo e interno de águas termais junto à sua localização natural. Este interesse durou desde finais do século XVIII e prolongou-se por todo o século XIX.

A água sempre foi plena de significado, enquanto elemento natural e universal de cultura. Ela é o que de mais simbolicamente representa a pureza, vida, sagrado. Está sempre associada ao dilúvio mítico - dos quais deixamos exemplo das epopeias de Gilgamesh e de Noé - sendo também principal fonte civilizacional e de riqueza. É associada a um vasto leque de dualidades simbólicas do qual referimos vida/morte, separação/agregação, feminino/masculino. Tem propriedades fixadoras e potenciadoras de elementos de espécies botânicas, para além de ser a ligação essencial entre os frutos de Ceres e os seres humanos que assim criam um dos elementos mais importantes da cultura universal: o pão. É veículo de passagem entre os dois polos do eixo da verticalidade do sagrado<sup>69</sup>. Se é associada ao mistério da cura e libertação pela ablução, também o é relativamente ao da perdição pela ideia de submersão. Sendo um dos universais de cultura associado aos mistérios do feminino, com o crescente número de olhares atentos dos cientistas de oitocentos, surge desvelada e, de certo modo, mais masculinizada pela atitude assertiva de quem a revela. A aplicação desta revelação na cura, através de tratamentos médicos de onde se destacam os de aplicação termal, é ela mesma plena de simbologia masculina.

A imagem do bem-estar nos espaços termais era deslocada para o exterior dos mesmos - tal como nas Caldas da Rainha - onde a natureza sugeria percursos em que se encontravam as pessoas que se consideravam iguais tanto em termos culturais e classe

---

[http://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/1/19/W\\_Withering\\_at\\_Caldas\\_da\\_Rainha.jpg](http://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/1/19/W_Withering_at_Caldas_da_Rainha.jpg) , em 8 de setembro de 2013.

<sup>69</sup> Neste eixo, inclui-se no ponto superior o Sagrado, propriamente dito, e no ponto inferior, o Profano. Segundo as teorias antropológicas, de onde destacamos António Vermelho do Corral, Bronislav Malinowski, Mircea Eliade e Van Gennep, é neste último ponto onde o Homem destaca a sua vivência e projeta todo o seu quotidiano.

social, dando azo a convívios e a amizades que se cimentavam em alianças familiares e de outras índoles, podendo referir nestas últimas as alianças de negócio.

É interessante verificar que durante parte deste século, as influências do neoclassicismo na representação plástica da água associam-na à imagem do desejo na nudez feminina em atitude de não inclusão no elemento, mas fora deste, sendo o tema de Diana e de Susana saindo do banho dois exemplos. Para além da tela de François Boucher, que se apresenta a seguir, destacam-se as de J. Batiste Santerre (1704), Antoine Watteau ( 1715) e J. François de Troy (1727).

Contudo, esta temática já era considerada clássica na pintura europeia, desde o século XV. Denota-se um realce à figura individual de Diana ou de Susana, e a uma atitude mais hedonista destas face à natureza envolvente. A água surge como um elemento pleno de erotismo *voyeurista*.



Foto nº 2:

**Banho de Diana, de François Boucher<sup>70</sup>**

---

<sup>70</sup>Extraído de:

[http://www.windows2universe.org/mythology/WINDOWS\\_MAIN\\_FILE/Boucher\\_Diana\\_Bath1.gif](http://www.windows2universe.org/mythology/WINDOWS_MAIN_FILE/Boucher_Diana_Bath1.gif), a 12 de julho de 2012.

Talvez isto se deva à longa duração da atitude das *religiões estatais*, entendendo por esta designação aquelas que têm o fundamento regulador da ordem social expresso em texto escrito - dando como exemplos a Bíblia, o Corão e a Torah - de onde se destacam as cristãs em relação à exposição dos corpos dos indivíduos e à ideia pecaminosa do hedonismo, com uma aura pejorativa no século XVIII. A prática do banho, durante séculos era vista como algo conducente ao prazer, devendo ser regulada a sua frequência<sup>71</sup>.

Os conceitos de higiene na primeira metade oitocentista consideravam que a limpeza, com base na utilização de água, poderia ser prejudicial à saúde. O princípio da conservação estava ligado à economia de energia que pudesse ser, também, despendida na obtenção da água e na sua armazenagem. Até ao uso generalizado da obtenção privada de água canalizada, através de canalização domiciliada, a água era considerada (mais do que hoje) um recurso escasso e precioso, pela dificuldade na sua obtenção. No meio rural de Portugal, em pleno século XXI, o acesso à água é, muitas vezes, difícil e, quando não devidamente autorizado, gerador de conflitos que pontualmente são terminados com um assassinato<sup>72</sup>. Aliás, estes conceitos podem também ser considerados um universal de cultura – até ao desenvolvimento do conhecimento científico. Uma vez que até mesmo os rituais ancestrais, em quase todos os grupos culturais do mundo, em que se utiliza a água pouco ou nada têm a ver com a ideia atual de limpeza ou higiene que fundamentam as práticas atuais<sup>73</sup>. Excetuava-se destas considerações a limpeza das partes visíveis dos corpos. A crenoterapia e o uso medicinal da água em balneoterapia - sempre associada a dois conceitos básicos de utilização, um relacionado com o acompanhamento médico e o outro associado à não utilização deste tipo de acompanhamento - aceitos nos conceitos remotos de saúde, muito ligados à simbólica da sacração da natureza, eram exceções em momentos pontuais.

---

<sup>71</sup> A Ordem Beneditina considerava-a como uma prática suscetível de ações pecaminosas e a Ordem de Cluni permitia somente a prática do banho na Páscoa e no Natal.

<sup>72</sup> Na nossa vivência no Algarve em contexto rural estas situações ocorriam com alguma frequência.

<sup>73</sup> “As nossas práticas fundamentam-se na higiene, as deles são simbólicas: nós matamos os germes, eles salvaguardam os espíritos”. Tradução livre de Mary Douglas, *Purity and Danger, an analysis of concept of pollution and taboo* N.Y.: Routledge, 2010, p.40.

Na expressão da arte pictórica que se patenteia aos nossos olhos, durante quase todo o período em análise, o século XVIII, verifica-se uma ausência da representação de classes sociais baixas em atitudes de higiene. Embora se possa dizer que não poderá ser possível identificar a classe social pela observação da nudez, o facto é que esta associada à imagem da água, do prazer e da estética das vivências públicas está muito ligada aos espaços simbólicos das classes mais favorecidas.

Fragonard é, talvez, o exemplo do artista que melhor patenteou a imagem descomprometida do hedonismo ligado à natureza e, dentro desta, ao elemento água. Contudo, a água era como que secundária na representação pictórica do erotismo centrado no corpo das mulheres, como se pode ver na seguinte imagem da sua tela “As Banhistas”.



**Foto nº 3:**

**“As Banhistas”, de Jean Honoré Fragonard<sup>74</sup>**

---

<sup>74</sup> Extraída de [http://pt.wahooart.com/Art.nsf/O/7YMHAJ/\\$File/Jean-Honore-Fragonard-The-Bathers.JPG](http://pt.wahooart.com/Art.nsf/O/7YMHAJ/$File/Jean-Honore-Fragonard-The-Bathers.JPG), a 20 de novembro de 2012.

A higiene íntima surge, também, associada à imagem dos espaços de quem tinha meios para ter equipamento moderno, como o *bidet* destinado a esse fim, conforme se ilustra de seguida



Foto nº 4: “Toilette intime” de Leopold Boilly <sup>75</sup> Foto nº5 Mesmo tema segundo Jean François Gameray <sup>76</sup>

Passava já meados do século XX, em Portugal e em grande parte da Europa, e o banho diário ainda não era prática generalizada. A casa de banho privada é algo muito recente, se pensarmos que nos anos 80 do século XX em Portugal, grande parte das habitações do designado centro histórico de Lisboa, não tinham casa de banho com banheira, dispondo somente da pia dos despejos (conhecida como *tijela da casa*) localizada na cozinha. A higiene era feita de modo parcial e o banho acontecia uma vez por semana, numa tina ou alguidar, aproveitando-se a água para toda a família.

Nas zonas rurais e semi rurais, as primeiras casas de banho foram sendo acrescentadas ao espaço habitacional, mediante construção de pequenos anexos. Na Europa setentrional era vulgar o uso de um pano molhado, em forma de luva, para a higienização corporal; neste caso o uso da energia dispendida para aquecimento era motivo de racionalização. “ Em finais dos anos 50 do século XX, em Paris chamavam

---

<sup>75</sup> Extraído de <http://md.artmeteo.ru/img/exhibits/ff/4c/ff4ca575dc60fd47fa0df84f8efec208.jpg>, a 20 de novembro de 2012.

<sup>76</sup> Extraído de <http://www.portalsaofrancisco.com.br/alfa/banheiro/banheiros-5.php> a 20 de novembro de 2012.

de malucos aos portugueses que se queixavam de não poder tomar banho sempre que quisessem, em unidades hoteleiras que dispunham de uma única casa de banho completa num edifício de 5 pisos. <sup>77</sup>”

A influência de uma outra atitude relacionada com o corpo e deste com os espaços, influenciada pelo contacto com outra cultura, marcada por uma outra religião (nomeadamente a muçulmana) é transposta para as telas de Jean-Étienne Liotard. Nestas telas denota-se o interesse em registar, de forma real, a utilização e atitude tida nos espaços, tanto privados como públicos. Terá sido nas obras deste artista em que a utilização das águas termais começa a ser retratada de uma forma mais realista, em termos de utilização quotidiana. Contudo, é ainda a imagem feminina que surge em destaque, valorizando-se nitidamente o primado da estética em que o exotismo cultural é destacado, ou seja o que é considerado diferente da cultura europeia, neste caso elementos estéticos com cariz asiático.



**Foto nº6:**

**“Senhora e criada no Hammam” de J. Étienne Liotard <sup>78</sup>**

---

<sup>77</sup> Frase referida por um informador, em entrevista a 16 de agosto de 2012.

Ao referirmos os espaços públicos não poderemos deixar de referir os jardins, matas, lugares onde se fruía a natureza, onde a água surgia controlada sob a forma de repuxos e lagos, ainda apanágio do deleite das categorias sociais mais abastadas. Os espaços verdes têm uma importante função de utilização contemplativa e lúdica, ganhando a partir do século XVIII mais expressão urbanística, havendo um crescendo de preocupação didática, por parte dos arquitetos responsáveis, para que o utilizador desse espaço conseguisse ter uma perceção integrada, relacionando-o com os espaços envolventes. Ou seja, a questão da manutenção da identidade espacial, equacionada com o passado histórico, foi sempre, e ainda é, uma preocupação dos responsáveis por planeamento urbanístico. Os locais públicos verdejantes, arrançados em formato de jardim com livre acesso, permitiam a fruição e o convívio social, tão ao gosto de quem procurava as termas. Estes espaços tornaram-se apanágio de todas as cidades termais, fazendo assim parte da oferta do espaço lúdico. As Caldas da Rainha integram este modelo de espaço.

A vilegiatura em cidades termais, a propósito (ou não) de se ir tomar as águas, vai cada vez mais conferir a estes espaços públicos o cunho de consumismo moderno associado ao hedonismo burguês, com uma tónica acentuada em tudo o que respeita à visibilidade social, ou seja, ao ver e ser-se visto.

Os tratamentos praticados nas termas em meados do século XVIII, em toda a Europa cristã, não eram associados à ideia atual de suavidade e de calma. A higiene e a saúde estavam, de certo modo, ligados à estética da austeridade, ou seja a ambientes esvaziados de conforto. A eficácia estava associada à ideia de austeridade na aplicação dos tratamentos. Apesar disto, os passeios na natureza verdejante e a utilização dos lagos para passeios de barco começam a ser comuns, no que respeita ao divertimento público e privado. A utilização da água, associada ao desporto e a atitude de vida também associada a este, terá começado neste século; lembramos o facto de a vela, enquanto desporto, ter sido instituída precisamente no século XVIII<sup>79</sup>.

---

<sup>78</sup> Extraído de [http://iamachild.files.wordpress.com/2010/09/small\\_a-lady-in-turkish-costume-with-her-servant-at-the-hammam.jpg?w=500](http://iamachild.files.wordpress.com/2010/09/small_a-lady-in-turkish-costume-with-her-servant-at-the-hammam.jpg?w=500), a20 de novembro de 2012.

<sup>79</sup> Cf. M. Facos, "A sound Mind in a Sound Body: Bathing in Sweden", in Anderson, S.C and Tabb, B. *Water, Leisure & Culture, European Historic Perspectives*. Routledge, Oxford: N. York: 2002, pág. 105/117.

Por nos termos referido aos desportos aquáticos, fazemos particular menção aos que têm utilização direta do corpo, já praticados desde o século XVII por povos nórdicos, nomeadamente os suecos, que já praticavam o salto artístico e o mergulho. Estes tiveram sempre uma atitude muito diferente da dos povos do sul da Europa, em relação ao corpo, à água e à sua utilização. A exposição do corpo e a utilização da água para práticas lúdicas foi sempre mais comum para estes do que para os povos meridionais, marcados pela atitude católica castradora da exposição corporal, vulgarmente associada à licenciosidade. Esta atitude tão diferenciada dos povos escandinavos em relação à restante Europa, tem uma forte relação com a quase ausência do sistema feudal nesses territórios, excetuando-se o sul da Suécia e Dinamarca. A natureza era assim de livre utilização para todos e estes devê-la-iam respeitar para que esta pudesse sempre providenciar às futuras gerações. Este é ainda um princípio básico do Direito de Livre Acesso à Natureza que ainda vigora na Suécia<sup>80</sup>.

A noção da eficácia dos tratamentos está, neste período, pouco associada à imagem delicada da poética da natureza. Isto é, a atitude medicinal face à água esvazia-a da noção e imagem do prazer, tanto para quem aplica o tratamento como para quem o recebe.

A água termal, se comparada com a água marinha, neste período, apesar de tudo o que se referiu anteriormente, tinha algo que estava associado, de certa forma, ao conforto - o calor e a inclusão deste num espaço fechado, como se verifica no Hospital termal das Caldas da Rainha. O facto do desfrute deste bem poder ser feito de uma forma individualizada e ministrado de uma forma controlada, foi manifestamente uma das causas do seu sucesso. A ideia de uso coletivo - nomeadamente de piscinas - embora este existisse em termas ocidentais e meridionais, como as das Caldas da Rainha, era nestes casos bastante moderada se compararmos com os países orientais, de onde destacamos a Turquia. Em países com tradição islâmica o estado de pureza está, também associado ao exterior do corpo. As abluções através do uso de água são prática corrente e a igualdade do crente é manifesta pela indumentária do utilizador, simples e uniformizada. A noção de vergonha associada ao corpo entre iguais do mesmo sexo não era tónica assente; em atitude religiosa todos são iguais.

---

<sup>80</sup> *Idem.*

O ideal bucólico da natureza de começa a ser denotado na pintura inglesa de uma forma mais peculiar no século XVIII. A água surge, em finais deste século, numa paisagem ainda natural onde a presença do homem se apresenta retratada em atitude de fruição comedidamente hedonista. O mar é cada vez mais representado. Deste, a sua representação é feita na sua forma mais livre e selvagem. A natureza grandiosa surge como que um desejo de conforto para o homem da urbe, quase sugerindo o ideal de liberdade. As alegorias de início de século associadas à água vão-se desvanecendo, deixando as personificações e passando a ser mais realistas, de onde se destacam os temas apresentados por Paul Sandby, que de seguida se ilustra com um exemplo:



Fotos n°s 7<sup>81</sup> e 8,<sup>82</sup>

telas de Paul Sandby

A água marinha começa a ser vista como benéfica para várias maleitas, a orla costeira já com algum encanto para o sentido visual de quem a ela recorria para espairer. O banho marítimo começa a ser recomendado como prática saudável. Contudo, a ideia do banho associado ao hedonismo estava muito aquém do que a entendemos hoje. Tal como nas termas, a eficácia do tratamento estava, de certo modo, associada à rudeza, ao *spray* das ondas revoltas. A imersão que começa a estar em voga

---

<sup>81</sup> Extraída de: <http://austenonly.files.wordpress.com/2010/01/sandby-6659-correction-correction.jpg>

<sup>82</sup> Extraída de: [http://p2.la-img.com/361/18982/6421919\\_1\\_1.jpg](http://p2.la-img.com/361/18982/6421919_1_1.jpg) a20 de novembro de 2012

deveria ser feita com recato, havendo separação do espaço dedicado aos homens e às mulheres. As máquinas de banho, carroças onde se mudava a roupa e se podia entrar no mar sem praticamente se ser visto por quem estava em terra, começam a ser utilizadas no século em questão, continuando o seu uso por grande parte do século XIX.



Foto nº 9:

Máquina de banho numa ilustração de Setterington<sup>83</sup>

Estas máquinas deixaram de ser utilizadas talvez pela vulgarização do banho de mar em si e, também, pela utilização do fato de banho tipificado, comercializado já no século XIX<sup>84</sup>. O prazer associado às práticas do banho está, assim, associado à ideia de libertação do corpo e ao crescente número de praticantes que o legitimam, havendo cada vez menor censura a este hábito. Nas Caldas da Rainha no começo do século XX, já havia quem utilizasse a zona costeira para fins lúdicos.

Contudo, refira-se que ainda estas práticas são apanágio de categorias sociais abastadas, caracterizadas pelo modo de vida urbano. Grande parte da população europeia,

---

<sup>83</sup> Na arte inglesa, destacamos imagens pioneiras de Blackpool, Brighton, Margate e Scarborough, onde se salientam as primeiras imagens das máquinas de tomar banho de Beale, captadas nas gravuras de John Setterington, extraídas de:

<http://img.photobucket.com/albums/v223/Liz-ONBC/Alice%20in%20Wonderland/Bathing%20Machines/bathingSetterington.jpg>, a 20 de novembro de 2012.

<sup>84</sup> Sobre esta peça de vestuário deixamos referência à obra de Christine Smith *The swimsuit – Fashion from poolside to catwalk*. London: New York: Berg, 2012.

onde nos incluimos, que vivia ainda no primado da economia de subsistência, fortemente marcada pelo ritmo de trabalho de sol a sol, não tinha nem tempo nem possibilidade de abandonar o espaço de vivência profano para se deleitar com este tipo de práticas hedonísticas ligadas ao regime diurno<sup>85</sup>. Neste registo, não podemos deixar de referir a obra encomendada a Georg Friedrich Haendel, por Georges I, *Water Music* estreada em 1717, visando a sua apresentação em barcas no rio Tamisa. A água e o que esta transmite aos sentidos são assim, utilizados como tema proposto para uma criação de um cenário específico onde a atitude do espetador/ouvinte é plena de hedonismo. Os instrumentos de sopro de metal transmitem a alegoria de grandiosidade das águas vivas e livres, tão bem representadas pelos artistas plásticos ingleses.

O espetáculo ou os pequenos *happenings*<sup>86</sup>, do quotidiano das elites que frequentavam os espaços públicos adjacentes ao hospital termal, nomeadamente no que respeita ao uso do lago, era motivo de registo criador, tanto ao nível da literatura como da pintura. E a observância destes registos era por si geradora de mais procura, dinamizadora de desenvolvimento desses espaços.

E as práticas das classes mais desfavorecidas, em relação à água? No que respeita à sua utilização no registo noturno, temos tudo o que está associado, ainda hoje nas sociedades tradicionais europeias, à divinação e à fitologia, a atos expiatórios e purificadores, sempre com uma base fortemente arreigada à prevenção e cura. Estas práticas eram do conhecimento de todos como sendo realizadas por autênticos especialistas, detentores do saber que servia a saúde da comunidade. No século XVIII, estas sociedades tradicionais ainda não estavam libertas da Inquisição, contudo associavam-se estas práticas a jogos públicos, em épocas do ano nas quais já havia uma tradição da utilização lúdica da água. O exemplo mais conhecido deste tipo de ação a que podemos referir como festa será o da noite de S. João, que legitima o solstício. Estas práticas ocorrem com particularismos regionais a partir do mês de junho e durante parte do verão. A lógica simbólica é muito semelhante em todas elas. Há uma certa tolerância por parte da igreja, que legitima com festejos diurnos a festa que pode

---

<sup>85</sup> Referimo-nos aos regimes diurnos e noturnos das teorias da festa, com referência ao trabalho de Arnold Van Gennep *Os Ritos de Passagem*. Petrópolis: Editora Vozes, Coleção Antropologia, 1978.

<sup>86</sup> Palavra inglesa que identifica acontecimentos, muito usado na gíria de eventos artísticos, com uso generalizado a partir dos anos 50 com o movimento *Beatnik*.

perdurar pela noite. O Santo António é uma legitimação de práticas ancestrais ligadas à natureza, e à água. De certo modo ele é igual a S. João, como se pode verificar na iconografia que os representam com o *Menino* ao colo, uma cristalização de práticas culturais mais remotas às figuras femininas da natureza, na figura do tio materno <sup>87</sup>guardião da linhagem que sustenta e apoia em seus braços, com fácil reconhecimento e aceitabilidade em povos com tradição matrilinear. Refira-se que em África o Santo António foi um dos santos com mais facilidade de aceitação, no que respeita à aculturação, precisamente por esta questão de coincidência com a organização de poder legitimado pelo parentesco.

Os banhos noturnos de verão, nomeadamente os da segunda metade do mês de agosto, legitimados pela tradição cristã com o mártir S. Bartolomeu, estão também inseridos nesta lógica.

A ligação ao elemento água e ao culto mariano surge muitas vezes associada às termas e à cura. Na cidade de Caldas da Rainha, a figura da Nossa Senhora do Pópulo sugere uma ligação à tradição operacional deste tipo de culto. A própria figura da Rainha Dona Leonor está associada ao conceito de misericórdia, quase que de forma divina, à cura, por esta ter sido a responsável pela construção do hospital. O facto de antes da construção deste ter sido iniciada já haver o hábito de utilização das águas termais, por todas as categorias sociais, permitiu que Caldas da Rainha tivesse desde logo associada à imagem de espaço sociológico aberto. Refira-se, também a importância do culto mariano em toda a região do oeste nacional, destacando-se a ligação deste às águas marítimas na Nazaré.

O fortalecimento dos laços sociais, sempre ponto assente nestes festejos, era legitimado pela igreja que os controlava de certa maneira à distância. Contudo, neste tipo de eventos de regime noturno, a água tem características masculinas bem diferentes daquelas observadas em finais de abril, princípios de maio, no contexto *walpurgiano*<sup>88</sup>, neologismo que refere o contexto simbólico das calendas romanas do Maio, em que a

---

<sup>87</sup> Esta análise é feita com base na investigação empírica feita por nós a algumas peças de estatuária africana do Museu da Sociedade de Geografia de Lisboa, durante a década de 80, no âmbito de investigação sobre cultura ritual portuguesa e africana, que nos serviu para finalidade de exposição letiva. Apoiamo-nos em autores como António Vermelho do Corral, Mircea Eliade, Moisés Espírito Santo e Van Gennep.

<sup>88</sup> Sobre os festivais romanos e as suas origens nas tradições pagãs, deixamos referência à obra de William Warde Fowler, *The Roman Festivals of the Period of the Republic*. Hayne Press, 2010.

terra surge no esplendor da floração, nos países mais meridionais, saindo da morte aparente do inverno nos países setentrionais, do contexto europeu em análise. Esta água afirma a sua masculinidade pelo cheiro forte das plantas que com ela vêm potenciadas as suas propriedades – todas com nomes masculinos.<sup>89</sup>

Que seria disto tudo que estamos a referir se não tivesse sido abolido na moda o uso do espartilho na França da Revolução? A igualdade da humanidade e a liberdade do gesto são fundamentais para a vulgarização de grande parte das práticas relacionadas com a água, onde o corpo é o veículo difusor de continuidade e de transformação: das práticas coletivas da imersão, com propósitos diversos, à individualização das mesmas e destas a novas formas de fruição coletiva. Será sempre nesta reinvenção modal que iremos redescobrimo associações de elementos, refletindo sobre os seus princípios organizativos.

O século XVIII terá sido charneira para inúmeros aspetos que reconhecemos através de práticas quotidianas, nomeadamente daquelas que estão associadas à água. Neste século, destacamos os ideais do Iluminismo que concernem à higiene e aos benefícios psicológicos do aproveitamento da Natureza; destacamos o papel das ideias expressas por Rousseau que terá sido fundamental para esta nova forma de ver o mundo. Contudo, é a passagem do tempo e das criações libertadoras que os indivíduos possibilitam, através do seu génio, o verdadeiro motor inventivo que nada fará recuar. Assim, o aspeto residual do hedonismo associado à natureza e a toda a simbólica desta - de onde se destaca a água - será sempre uma constante no imaginário humano.

Será somente no século seguinte, com a afirmação dos estados-nação, que a importância da promoção das culturas tradicionais, bem como dos recursos regionais, começa a ser fundamental para a caracterização identitária dos locais ou regiões. As especificidades dos tratamentos, associados a águas termais, ganham foros de relevo. Aliás, neste século seriam dos poucos produtos consolidados na oferta de destinos com procura assegurada por quem praticava vilegiatura.

Caldas da Rainha, que analisaremos no ponto seguinte, não terá ficado omissa desta tendência e personifica alguns destes ideais hedonísticos caracterizadores da cultura termal que temos vindo a referir.

---

<sup>89</sup> Trevo, alho-porro, rosmaninho, tomilho, manjerico, manjerição, entre tantos outros.

### III.3. Caldas da Rainha como atração

Na abordagem cultural dos espaços não podíamos deixar de referir a questão da formatação institucional da sua imagem, bem como da leitura que desta faz quem procura o lazer nesses espaços.

Segundo João Serra<sup>90</sup>, as notícias sobre a prática pública dos banhos no local das Caldas da Rainha terão surgido antes mesmo da Rainha Dona Leonor ter mandado edificar o hospital em 1485, destacando-se as qualidades das águas na cura de diversas maleitas. O povo frequentaria os espaços onde corriam águas termais usando-as, de certo modo, com um certo ludismo. O prestígio de alguns médicos, acompanhantes de membros das elites padecendo de enfermidades a esses locais, terá sido elemento fixador de atração. Contudo, só a partir do século XVIII, pelas razões já anteriormente apresentadas, relacionadas com o espírito científico da época, é que os locais termais começaram a ser divulgados através dos estudos de médicos sobre as propriedades das águas termais. Em geral, era o poder instituído que financiava esses estudos que, muito logicamente serviam para atrair consumidores desse bem precioso, assim como todo o tratamento a ele associado. A partir daqui, já se poderia investir na formatação dos espaços, pensando no acolhimento de quem neles se poderia fixar.

William Withering, cientista que esteve duas vezes nas Caldas da Rainha, transmitiu uma imagem bastante agradável, comparativamente com as de outros locais, nomeadamente em Inglaterra, com características similares às das Caldas da Rainha. Talvez isso se tenha devido ao facto de este médico ter podido observar um hospital recentemente remodelado, após um incêndio que o devastou no século XVII. Em finais do século XVIII, já se denotava um certo hábito de vilegiatura, para S. Pedro de Moel, praticada por uma classe abastada de Lisboa<sup>91</sup>. Contudo, só com o desenvolvimento

---

<sup>90</sup> *Introdução à História das Caldas da Rainha*. Caldas da Rainha: Património Histórico, Grupo de Estudos, Coleção Cadernos de História Local, 1995.

<sup>91</sup> Cf. Nicolau José Martins de Bettencourt, William Withering e as Caldas da Rainha, a propósito de uma interessante gravura, Separata dos números 108/109 da *Revista Municipal*. Lisboa: 1961.

urbano, proporcionado pelo caminho-de-ferro durante o século XIX, é que podemos referir o crescente do interesse por estes locais, com particular menção ao nosso país.

Durante o século XIX, vão proliferando, por toda a Europa, testemunhos de abastados viajantes, onde se incluem ilustres representantes da velha e nova nobreza, burgueses e artistas de nomeado reconhecimento internacional, que iam fazendo registo das suas viagens. No que respeita à menção de Caldas da Rainha, referimos o testemunho do Marquês de Fronteira e Alorna<sup>92</sup> e da artista Maria Ratazzi<sup>93</sup>, dos quais iremos referir algumas particularidades mais adiante. Denotamos algumas semelhanças entre espaços termais europeus que são administrados pelo estado. A imagem veiculada destes, tal como acontece nas Caldas da Rainha, é ainda a de locais destinados a tratamento médico.

Apesar disto, durante todo o século XIX, a linguagem utilizada na promoção destes locais era uma mistura entre a científica e a poética. Nesta última vertente, as imagens da natureza envolvente ao espaço eram frequentemente utilizadas como reflexo de paz e de intimidade. As obras de autores que experienciaram vivências neste século, dando como exemplo o português Ramalho Ortigão<sup>94</sup>, são verdadeiras promoções de imagem, não somente das termas em si, mas também da envolvência, no que respeita às características históricas e naturais, criando nelas uma certa mística sagrada. Há, assim, todo um floreado romântico baseado em aspetos lendários, fundamentados, ou não, sobre alguns detalhes da própria natureza ou sobre algum aspeto relacionado com a História propriamente dita.

A imagem dos banhos públicos das Caldas da Rainha era desconsiderada nos testemunhos de nobres portugueses, ou de estrangeiros bastante viajados. Estes transmitiam assim uma imagem de um lugar quase votado ao abandono por falta de gente. Os hábitos dos habitantes, no que se refere à utilização do espaço público, começaram tardiamente, ao contrário do que tinha sido observado noutros locais da Europa. Para além dos banhos, não havia menção a oferta de distrações. As condições

---

<sup>92</sup>Ernesto Campos de Andrada, *Memórias do Marquês de Fronteira e D'Alorna D. José Trazimundo Mascarenhas Barreto, ditadas por ele próprio em 1861 Parte Primeira e Segunda (1802 a 1824)*, 429-435; Coimbra: Imprensa da Universidade, 1861.

<sup>93</sup>Maria Ratazzi, *Portugal de Relance*, Lisboa: Edições Antígona, 1997.

<sup>94</sup> Ramalho Ortigão a) *As praias de Portugal*, Lisboa: Clássica editora, 1966 e b) *Banhos de Caldas e Águas Minerais*. Sintra: Colares 2000.

em que se encontravam os banhos eram consideradas por alguns deploráveis, devido à exiguidade do espaço e à sua lotação para cada um dos sexos, mas bastante aceitáveis para outros, embora fosse reconhecida a excelente qualidade na administração da unidade hospitalar. A menção à falta de hábitos de higiene de alguns banhistas, que frequentavam os banhos, não era favorável à divulgação destes.

As distrações possíveis eram criadas pelos visitantes, que conviviam no mesmo meio social. Em pleno século XIX, o registo de presença, nas Caldas da Rainha, de figuras de relevo social, nacional e internacional, era bem demonstrado, ficando bem ilustrada a sua forma de recreação. Quebrava-se a monotonia com jantares animados que se prolongavam em serões, onde se procedia a jogos de charada e de prendas, para além de danças. Começava a surgir menção recorrente ao clube, localizado perto dos banhos, também referenciado como casino e, já no século XX, após o 25 de abril de 1974, por casa da cultura. Neste espaço frequentado pela elite lisboeta, os estrangeiros referem toda uma modernidade no que respeita à animação, não havendo registo que fique além daquela que era comum nas estâncias termais europeias da época. Nas referências a outro tipo de animação, menciona-se a quase total ausência de espetáculos cénicos, nomeadamente o teatro. Havia alguma encenação; é, em geral referida a falta de qualidade do espetáculo, tanto ao nível do desempenho do ator, como da encenação. A falta de qualidade do público também é referida.

Neste período, surge uma ou outra referência a figuras locais consideradas de relativa importância, tal como o prior ou a família do capitão-mor de Alfeizerão, que residia permanentemente nas Caldas da Rainha e que tinha fama de receber bem. É no século XIX que começa a surgir menção à oferta pública gastronómica, mantendo a nota da sua desvalorização. Surge um ou outro elogio aos doces e à qualidade da fruta. Todavia, no que se refere à oferta de refeições no alojamento com serviço pago, esta oferta não incluía mais do que ovos e chá.

Quem frequentava habitualmente a estância tinha de alugar casa à temporada, segundo nos foi referenciado por alguns informantes, levando consigo empregados e grande parte de todo o equipamento proporcionador de conforto numa casa.

A paisagem natural, tanto da cidade como dos seus arredores, que proporcionava excursões ou passeios e toda a animação social, promovida pelos ilustres membros da sociedade que vinha de fora das Caldas da Rainha, nomeadamente da sociedade

lisboeta, era mencionada como atração de interesse. Como referências de lazer extra, os caldenses recomendavam visitas a Alcobaça, onde os túmulos de Pedro e Inês eram considerados principal atração de "uma multidão de curiosos ou de peregrinos"<sup>95</sup>. Quanto às instalações dos banhos termais públicos, o Marquês D'Alorna refere-os como pequenos e deploráveis, relativamente a outros que ele teria conhecido pela Europa.

Curiosamente, Ratazzi, que tanto denegrira a sociedade portuguesa da época, e que tão criticada foi por Camilo Castelo Branco <sup>96</sup>, elogiava a animação proporcionada no Clube "defronte dos banhos"<sup>97</sup>, referindo que não ficaria atrás das congéneres europeias da época. Esta senhora destacava o teor das conversas e danças de salão, considerando bastante moderno tudo o que se podia ver e experienciar nestes espaços. Contudo, no que respeita à oferta de espetáculos cénicos, nomeadamente de teatro, referia que havia falta de qualidade, tanto no público como no desempenho dos atores e no espetáculo em si. No que respeita aos banhos, Ratazzi elogiava a sua administração e a utilização gratuita pelas classes sociais mais desfavorecidas. Quanto ao acolhimento, na sociedade caldense, ela denotava e criticava a inexistência dos serviços de restauração pública e, no que respeita ao alojamento, considerava-o caro relativamente à qualidade oferecida.

Tanto o marquês D'Alorna como Ratazzi referiam o seu agrado pela proximidade das Caldas da Rainha do meio rural. Refira-se que durante todo o século XIX, os valores românticos, tão em voga, da busca da introspeção e eterna sensualidade na natureza, contribuíram certamente para a mudança de interesses da elite dos *touristes*<sup>98</sup>, que escolhiam os locais das águas para tratamento ou lazer, orientados pelos seus primados filosóficos e estéticos. Ao fazermos referência a estes primados, deixamos patente o esforço que foi feito em toda a Europa e, como não poderia deixar de ser, nas Caldas da Rainha, na remodelação dos espaços termais e das suas envolvências urbanas, incluindo nestas a criação de clubes de recreio e atividades relacionadas com o desporto. Tudo isto porque, neste período, o ócio começava a ser

---

<sup>95</sup> Cit. Ratazzi, pág. 442.

<sup>96</sup> Em todo o texto de *A Senhora Ratazzi*, Porto: Braga: Livraria Internacional de Ernesto Chardon (Editor),s.d.

<sup>97</sup> Cit Ratazzi, pág.140.

<sup>98</sup> Como Ratazzi se intitulava já.

visto como o princípio de muitos males. Os clubes e os casinos, pelo seu cariz fechado à maioria dos cidadãos, foram um dos corolários de divulgação dos espaços termais por toda a Europa. Esta situação altera-se com a democratização dos espaços a partir da década de 60 do século XX. Entendemos por democratização dos espaços a abertura à sua fruição por todo um conjunto populacional que, até ter acesso ao transporte, a férias pagas e ao crédito, não os frequentava.

Nesta época, a burguesia endinheirada, que já tinha alguns períodos de descanso, uma prática já existente para esta classe social em toda a Europa e em Portugal, era de certo modo motivada pelas práticas sociais e medicinais, nos locais com vocação termal. A ida às termas, embora estivesse associada a recomendações médicas, sendo para o efeito marcada por rotinas diárias que se caracterizavam pelos tratamentos na parte da manhã, período no qual a socialização era praticamente nula, era importante também pelos períodos da tarde e da noite. Nestes, a socialização era marcada pelos encontros, nos quais a apresentação formal era feita de cuidadas *toilettes*. Para alguns autores, dos quais destacamos Mackaman,<sup>99</sup> as termas terão sido o palco da criação da identidade social burguesa em França. O caso de Caldas da Rainha não ficará de fora desta observação. Este autor distingue os termos turista e curista pela questão das práticas de vilegiatura associadas ao lazer, no primeiro caso, ou à ausência destas no segundo; nesta última hipótese, a ida às termas seria motivada meramente para beneficiar das águas termais a partir de prescrições médicas, que indicavam geralmente as práticas exercício saudável e de descanso. Nas Caldas da Rainha coexistiam estas duas realidades, os curistas e os turistas.

A paisagem surge nestas descrições como tendo importância na caracterização do lugar das Caldas da Rainha, como atração a experienciar. Nos exemplos recolhidos durante a pesquisa, as referências de quem descrevia os espaços termais, denotavam uma maior focalização na apazibilidade dos locais e na categorização destes, em função dos divertimentos disponíveis e referências aos seus frequentadores. Verifica-se uma majoração de valor atribuído aos frequentadores desses espaços, notando-se o acréscimo de importância que estes têm quanto menor for o grau de anonimato garantido aos utilizadores; apesar deste, as práticas de lazer eram comedidas, pois quem visava ascensão social de certa maneira temia a reprovação e era atento a questões de

---

<sup>99</sup> Douglas P. Mackaman, *Leisure settings, Bourgeois Culture, Medicine and the Spa in Modern France*, Chicago: London: Chicago Press, 1998.

índole moral, tentando sempre agir segundo os padrões e a etiqueta. Estas práticas associadas ao lazer permitido, nos locais termais, seriam andragógicas e eram fundamentais para a promoção e manutenção desses locais.

Incluídos nos atrativos, estavam os nomes dos clientes dos hotéis. O livro de registos era consultado, muitas vezes aquando do *check in*<sup>100</sup> do hóspede, de forma a saber com quem ele se poderia encontrar durante a estada. A imprensa regional e a nacional, nomeadamente a *Gazeta das Caldas* e o *Diário de Notícias*, tinham uma importância pontual na divulgação dos frequentadores ilustres, sendo por isso considerados elementos de relevo na promoção dos espaços e, por conseguinte, na criação da imagem atrativa desses mesmos lugares. Este tipo de promoção era importante para alimentar o desejo de ir às Caldas da Rainha, uma vez que, na ausência de unidades hoteleiras de qualidade, onde os livros de registos podiam ser consultados pelos hóspedes no momento da chegada, era esta uma das formas de se ter informação antecipada; uma outra seria a divulgada através de contatos pessoais nas Caldas da Rainha, quer por correio quer por transmissão verbal. Os jornais locais tinham um papel importante na divulgação deste tipo de informação. Verificamos toda uma categorização dos locais públicos, no que se refere às suas características de apazibilidade, em função dos divertimentos disponíveis e referências a frequentadores. A frequência dos espaços edificadas destinados ao lazer, tais como o casino ou clube, era condicionada; estes espaços eram fechados à maioria da população e terá sido este fator um dos principais corolários de divulgação das termas. Assim, manteve-se uma certa aura chique sobre o uso dos locais, através do primado de qualidade associado ao carácter privado dos espaços de convívio. Esta aura terá perdido o seu resplendor pelo cariz público da democratização do uso do espaço e também pela modernização do mesmo. Terá sido desta forma que se montou o palco, ou melhor, o cenário, para os modelos de fruição do espaço de consumo pós-moderno, ou seja, da vivência tradicional em espaços sociais perfeitamente integrados na natureza. Destes espaços onde era possível falar das relações sociais de proximidade, cedo se passou para o crescimento urbano múltiplo em diversidade, cada vez mais afastado da natureza e das raízes culturais. Este conjunto de perdas e ganhos verificou-se provavelmente com maior acuidade na oferta gastronómica

---

<sup>100</sup> Segundo informação recolhida em entrevista com informante a 12 de fevereiro de 2011. Entenda-se aqui o registo de chegada de um hóspede a uma unidade com características hoteleiras. Aplicamos termo da língua inglesa, pois é nela que se fundamenta parte da linguagem universal da hotelaria, no que respeita ao alojamento.

tradicional. Relembremos o facto de o património vitivinícola da região onde se inserem as Caldas da Rainha, ser vulgarmente associado na promoção do Turismo Centro de Portugal.

Frisamos, como característica elitista das Caldas da Rainha o alojamento ser feito por aluguer durante todo o ano, prática que se prolongou até ao segundo quartel do século XX. As famílias vinham para a sua segunda residência com o seu pessoal de auxílio doméstico. As casas estavam, assim, sempre disponíveis para serem alugadas aos visitantes. Estes ocupavam-nas, por completo, tanto no que se refere às pessoas como aos hábitos de vivência quotidiana, sendo feito essencialmente o acolhimento a famílias que vinham passar uma temporada, em geral, a mesma todos os anos. Estas habitações ficavam relativamente próximas do referido casino, ponto de encontro essencial para a elite de todas as idades. Acreditamos que esta nova população terá sido, de certo modo, um acelerador de formatação da cultura autóctone que, de certa maneira, se terá especializado na criação de oferta de serviços que, por sua vez, terá sido um catalisador de dinamismo económico e social.

A linguagem utilizada para promoção das termas e de todo o espaço natural envolvente, durante o século XIX, sugere-nos paz e intimidade. Um pouco por toda a Europa apresentam-se lendas associadas aos espaços; estas histórias eram fundamentais na criação de mitos associados aos locais e, por conseguinte, na fixação dos interesses, enquanto atrações. Em Portugal, durante todo o século XIX, também houve uma preocupação estatal, e de alguns intelectuais, na divulgação do património natural e cultural; destacamos todo o trabalho de investigadores como Teófilo Braga<sup>101</sup>, Consiglieri Pedroso<sup>102</sup> e Leite de Vasconcelos<sup>103</sup>. Contudo, não encontramos referências deste tipo em relação ao espaço das Caldas da Rainha.

O registo escrito de viagens reais e de algumas imaginárias tornou-se comum durante todo esse período. Quem lia estes livros sonhava visitar todos os espaços descritos, onde o exotismo e a beleza, tanto da natureza como das pessoas, eram motivos de aventura e emoção. Estes livros tinham a designação de *livros azuis* por

---

<sup>101</sup> *O povo português nas suas crenças costumes e tradições*. Lisboa: Dom Quixote, 1994.

<sup>102</sup> *Contos Populares Portugueses*. Lisboa: Vega, 2007.

<sup>103</sup> *Etnografia Portuguesa*. 10 vol. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 1994-2007.

serem escritos e lidos por indivíduos do sexo masculino, podendo referir, a título de exemplo, autores como Salgari, Defoe e Verne<sup>104</sup>. Estes livros proporcionavam a quem os lia um imaginário que criava situações de procura da utopia do exótico em locais a descobrir. Os espaços verdejantes das Caldas da Rainha e os passeios realizados nas suas imediações proporcionavam situações de descoberta de exotismo natural, uma quase aventura para quem vinha de um contexto urbano, embora em circunstâncias muito diferentes daquelas que os livros descreviam, mas suscetíveis de despertar desejo e motivação ao visitante.

A eficácia dos tratamentos nos espaços termais sempre esteve associada à noção de equilíbrio saudável, sendo as práticas de lazer na natureza consideradas como um elemento fixador dessa mesma eficácia. A prescrição dos tratamentos incluía caminhadas, para além dos momentos de repouso. A dieta estava, também, sempre associada à ideia de saúde e essencialmente quando esta se pretendia manter ou atingir através da prescrição de tratamentos com água mineral. Os produtos reimosos seriam de evitar; estes são, em geral, produtos considerados pouco saudáveis porque, sendo demasiado fortes, podem provocar desequilíbrios no organismo e poderão dar azo a fortes reações alérgicas. Nos dias de hoje, as ervanárias ainda colocam a informação de que se deve evitar alimentos reimosos, quando se está em tratamento com infusões. Associamos esta analogia ao tratamento da crenoterapia, ligado aos locais onde se praticava o termalismo.

As refeições fartas, com o colorido natural dos produtos com um aspeto sempre fresco serviam decerto para garantir a saciedade, tão importante para o almejado equilíbrio salutar. O mercado e a praça, numa cidade relativamente pequena, eram o ponto de encontro com o campo e com toda a sua pureza. Durante todo o século XIX, as Caldas da Rainha faziam parte do conjunto, que ainda hoje conhecemos, englobando a região de Alcobaça, produtora de fruta considerada, tal como hoje, de elevada qualidade. Era esta ideia de pureza, passível de ser experienciada que, na cidade em análise, constituía verdadeira atração como ainda acontece nos nossos dias.

---

<sup>104</sup> Dando exemplos por ordem dos autores indicados: *The Tigers of Mompracem*, *Robison Crusoe*, e *A volta ao Mundo em Oitenta Dias*.

A descrição do bucolismo quase primitivo das vivências sociais possíveis, devido à relativa proximidade do meio rural e do mar<sup>105</sup>, contrastava com a referência às comodidades mundanas. Este tipo de discurso segue para o século XX. Nesta indicação de referencial, não podemos deixar de referir a denotação do gosto pelo Sul de alguns visitantes vindos do Norte da Europa<sup>106</sup>, pela luminosidade suave da paisagem húmida, tão característica de locais com proximidade de água na sua plenitude natural, tanto na sua componente formal termal, como marítima ou fluvial. Esta atitude face à natureza caracteriza o discurso da pré-modernidade, peculiarmente distinto do da modernidade, já associado ao turismo e ao dealbar da massificação caracterizado pela vanglorização do sol. É nesta atitude que encontramos o verdadeiro significado da identidade das experiências lúdicas, para quem, muito excentricamente, se tentava demarcar do gosto da massa emergente, que procurava já alguns benefícios do sol. A prática hedonística de contemplação pura surge um pouco por todo o lado na Europa e também nas Caldas da Rainha, associada à retemperação dos males relacionados com as vivências urbanas.

No que se refere às particularidades químicas das águas termais, que começaram a ser divulgadas em Portugal pela “Sociedade de Propaganda de Portugal” e pela *Revista dos Caminhos-de-Ferro*, fazendo menção à sua aplicação para doenças específicas, as particularidades químicas constituem-se como motivo de atração para uma massa que se podia deslocar através do comboio. Em relação às Caldas da Rainha, há particular menção à peculiaridade do mar, cuja brisa chegava à cidade amenizada pelos pinhais, e também a existência de festividades de cariz cíclico que, pela sua particularidade, também constituíam atrativos para os visitantes. Deste tipo de festejos, destacam-se o Carnaval e os Santos Populares,” festas e bailes com duas orquestras e variedades no Casino (...) quer animadas como a típica Feira Popular”.<sup>107</sup>

---

<sup>105</sup> Cf. Maria Rattazzi, *Portugal de Relance*, Lisboa: Edições Antígona, 1997.

<sup>106</sup> Praticamente até meados do século XIX. Este tema, com particular menção à temática da produção de arte plástica, foi apresentado por Nina Lübbren, North to South: Paradigm Shifts in European Art and Tourism, 1880- 1920 in *Visual Culture and Tourism*. D. Crouch, and Nina Lübbren Edit, Oxford: N. York: Berg Publishers, 2003, pp 125-147. Nas Caldas da Rainha temos apenas notícias de um ou outro ilustre de origem inglesa, tal como Withering, referido anteriormente.

<sup>107</sup> Citamos Calheiros Viegas em Caldas da Rainha, Rainha das Caldas in *Portugal d'Aquém e d'Além Mar: Revista Ilustrada*, Lisboa: ano XI, VIª Série, nº 44, junho, 1948, pág. 15.

A inclusão de recintos incluídos em meio natural, tal como o dos piqueniques e o hípico, onde é possível praticar toda uma pluralidade de atividades lúdicas, é ressaltado por Calheiros Viegas, que destaca o parque e o casino:

(...) ” pois além de funcionar todo o Verão o Casino do Parque com magníficas orquestras e variedades, também tem belas salas de jogos de cartas, mah-jong, bilhares, pingue-pongue, etc., passando-se belas tardes na sua esplanada ou pelos bancos do Parque, autêntico paraíso das crianças. (...) Também não é inferior o encanto da Mata, com o seu denso arvoredo nuns pontos, os seus ajardinados noutros, a belíssima álea dos Plátanos, o seu campo de futebol, o recinto do concurso hípico (...) as mesas e os bancos de pedra para as merendas e leitura, os sítios dos jogos populares (laranjinha, chinquillo, etc.) ”<sup>108</sup>.

As referências aos circuitos de compra são algo vulgar em todas as referências que fomos encontrando sobre os locais termais, que se iam transformando em locais de verdadeiro acolhimento turístico, à medida que se avança no tempo. Em relação às Caldas da Rainha, a menção a pequenas galerias, no percurso que leva as pessoas à sala central do hospital termal - designada por sala da copa, onde se encontrava uma *buvette* que tinha como fim servir água termal para ingestão - era vista como uma ocasião muito agradável para se fazerem algumas compras. Este circuito era considerado com bastante agrado, podendo os homens “lavar as vistas com mulheres bonitas”; sem dúvida que a atração sexual e étnica foi, desde sempre, considerada pelas populações de hóspedes e hospedeiros, nos locais de acolhimento. “ Forma-se um círculo bastante animado e interessante. Aí encontrei muitas mulheres bonitas (...) ”<sup>109</sup>. O passeio era complementar aos tratamentos e era assim constituído como hábito, servindo de nomeador de percursos<sup>110</sup>.

O termo *ir às águas* passou a ser identificado com a vilegiatura associada a todas as práticas hedonísticas e ao exercício de atividade física. O espaço das termas dentro do conceito *vila das águas*<sup>111</sup>, nas Caldas da Rainha, à semelhança de toda a Europa,

---

<sup>108</sup> *Idem, Ibidem.*

<sup>109</sup>Vd. L. François de Tollenare, *Notes Dominicales prises pendant un voyage en Portugal et au Brésil e 1816, 1817 et 1818*; Bourdon Léon (Ed.), Fondation Calouste Gulbenkian, Publication du Centre Culturele Portugais, Paris: P.U.F, 1971, pág. 63.

<sup>110</sup> Destes percursos lembramos o do passeio da copa.

<sup>111</sup> Em itálico, por ser um termo técnico que nos remete para a designação francesa *villes d'eaux*, posta em voga em meados de oitocentos.

passa a ser menor em relação ao conseqüente crescimento provocado pelo desenvolvimento urbano. A gestão do tempo, peça importante na cultura termal, nomeadamente nos períodos do dia dedicados a determinadas práticas, como o tomar as águas pela manhã vai, por consequência, abarcando outras soluções de hedonismo salutar. A esta ideia de liberdade associada às práticas hedonísticas, proporcionadas por uma utilização do tempo mais pautada pela calma, ligam-se as práticas de autênticos mercados de casamento. As vilas e as cidades termais, de onde se destacam as Caldas da Rainha, eram cenários onde se poderiam reinventar vivências e biografias pessoais, ao assumirem-se os papéis de galanteio. A fixação temporária de solteiros, tanto homens como mulheres, nestes espaços era perfeita para histórias românticas, dando azo a discursos onde as interrogações deveriam ser frequentes, nomeadamente: de onde será? Onde terá estudado? Quem será a família?

A proximidade do campo e o esplendor da natureza, tão característica de locais termais, sempre foi motivo de atração nas Caldas da Rainha, denotando-se nos discursos de todos os que referenciaram esta cidade. Da sua paisagem destacam a Mata Real e o Parque Dom Carlos I; o mercado de rua é, também, uma referência plena de pitoresco. Em todas as cidades e vilas termais da Europa, o parque era essencial na definição urbana. Este seria essencial para toda a aura romântica, que constituía por si motivo de atração. O espaço dos parques era muito provavelmente aquele que se destacava para os encontros mais criativos e, no qual, se poderia atuar na maior pluralidade de papéis. Eram assim os cenários principais para atuações de possível sucesso, desde que se utilizassem as roupas e os discursos adequados e se desenrolasse o desempenho social com perfeição. O parque, embora sendo um espaço aberto, permitia todo o recato ideal para casais apaixonados, com alguns espaços relativamente fechados aos olhares de outrem através da vegetação.

Os parques e jardins são detentores de um primado estético que desde sempre os associou à presença das águas, sendo muito logicamente considerados peça fundamental nos planos urbanísticos de cidades e vilas termais e são, por consequência, considerados como uma das suas atrações fundamentais. A sua localização, na convergência da polaridade dos locais termais, onde se praticavam os tratamentos, valorizava toda a vocação do conjunto para o ideal salutar.

Apesar da valorização do património associado às águas, o valor patrimonial dos edifícios que representam marca identitária de períodos históricos constitui também motivo de atração. Nas Caldas da Rainha, os edifícios desenhados por Berquó, no Parque Dom Carlos, constituem-se como componente do conjunto atrativo que inclui um núcleo museológico vocacionado para as artes. Berquó, o arquiteto responsável pelo desenho destes edifícios emblemáticos da cidade, que tinham como finalidade albergar termalistas hospitalares – visando a constituição do Hospital Dom Carlos I -. Desta forma os doentes termalistas separavam-se dos restantes, passando os pacientes gerais para o Hospital de Santo Isidoro, muitos deles com problemas infetocontagiosos. Contudo, o arquiteto nunca viu cumprido o seu propósito, em virtude de ter falecido. Estes edifícios ainda se encontram hoje inacabados. Berquó foi, para além de presidente da Câmara entre 1890 e 1891, Administrador do hospital termal, tendo mantido essas funções, de 1888 até à data da sua morte, em 1896. Este arquiteto foi o principal responsável pela criação do parque, incluindo neste um lago e diversas áreas para atividades desportivas, que foi remodelado por Francisco Caldeira Cabral, em 1948. Foi também por iniciativa de Berquó que foi remodelado o casino, abrindo nele um salão de baile e um salão de festas, para além da inclusão do *céu de vidro*, adiante mencionado. Aliás, o próprio parque tem todo um cunho artístico e didático, bem à semelhança do conjunto dos parques das cidades e vilas termais da Europa.

A taxonomia visual foi uma constante em todo este período, surgindo em quase toda a produção artística um pouco por toda a Europa. A informação visual produzida por grande parte dos artistas plásticos era plena de um outro tipo de informação sensorial, nomeadamente de cheiro e sabor. A esta arte não estaria alheio o interesse estatal, que a aproveitou para fins promocionais. Embora a cidade das Caldas da Rainha não surja muito referenciada na literatura consultada, a importância da produção da Fábrica de Loiça das Caldas da Rainha, sob direção artística de Rafael Bordalo Pinheiro, bem como a riqueza natural de toda a produção hortofrutícola, de onde se destaca a qualidade da fruta dos arredores<sup>112</sup>, podem ser consideradas como elementos valorizadores de promoção.

---

<sup>112</sup> Cf. Calheiros Viegas em Caldas da Rainha, Rainha das Caldas in Portugal d'Aquém e d'Além Mar: Revista Ilustrada, Lisboa: ano XI, VIª Série, nº 44, junho, 1948.

A vocação artística das Caldas da Rainha, que só recebeu o estatuto de cidade em 1927, começou a ser implementada a partir da segunda década do século XX, com uma atitude organizativa por parte de uma “elite regionalista”<sup>113</sup>, que quis fazer da escultura e pintura formas de:

“promoção das termas e assinalar em espaços públicos as figuras e os momentos fundadores do centro urbano, enquanto o urbanismo era convocado para a extensão, regularização e embelezamento da cidade.”<sup>114</sup>

Terá sido neste período que começou o grande trabalho de embelezamento da cidade, e do seu enriquecimento, através da produção artística. A criação de um Museu de Arte, na década de 30, suscitou um conjunto de exposições organizado com cariz regular que terá trazido à cidade bastantes artistas nacionais e estrangeiros. Foi também na década de 20 do século XX, que terá sido criada nas Caldas da Rainha uma Comissão Promotora do Turismo.

Desde o século XIX que se editava jornais de arquitetura, onde a problemática da arte era incluída na abordagem criativa de jardins<sup>115</sup>. A inclusão de água, grande parte das vezes com fauna e flora inclusa, nomeadamente através da utilização de lagos e/ ou piscinas nos parques das cidades e vilas termais, fixou os ideais de utilização livre do espaço público. Foi neste período que se vulgarizou o uso de trajes de inspiração no fardamento náutico, nomeadamente para vestir as crianças nos dias de domingo. Desta forma, estavam criados espaços seminaturais atrativos para um conjunto de atividades de lazer ativo em segurança.

Foi esta lógica de estética que originou o já referido céu de vidro, nas Caldas da Rainha - cobertura de vidro no Parque Dom Carlos I inaugurado em 1837, que fazia a ligação do Largo da Copa para o parque e abrigava o clube de recreio. O recinto, delimitado por esta cobertura, foi reaberto ao fim de 20 anos de encerramento, após obras de beneficiação, no dia 25 de abril de 2009, pelo Centro Hospitalar Oeste Norte,

---

<sup>113</sup> Vd. João Serra a), pág. 54.

<sup>114</sup> *Idem, ibidem.*

<sup>115</sup> Uma das publicações mais famosas da época no que respeita a este assunto era *Die Gartenkunst*.

estando prevista, na altura, a construção de um *spa* e de um clube de recreio.<sup>116</sup> Este recinto, permitindo um convívio seguro vigiado, como convinha para muitas situações no parque, era sinal de vivência despreocupada, ou *blasé*, apanágio da classe ociosa segundo a teoria de Veblen.<sup>117</sup> O espaço que era coberto por ele, ficou conhecido popularmente como a *aldeia dos macacos*, pois todos os que estavam de fora podiam livremente assistir ao que do lado de dentro se passava. Um autêntico cenário protegido por ténue barreira que um dia alguém se lembrou de tapar com persiana, que logo o povo arrancou<sup>118</sup>, sem que houvesse quaisquer represálias por parte das autoridades. De facto, as autoridades entenderam que, de certo modo, era um direito que assistia ao povo das Caldas da Rainha para que pudesse, ao menos, recrear-se pela mera observação do *outro* grupo com características sociológicas diferentes daquelas que caracterizavam a maior parte do grupo antropológico e sociológico endógeno das Caldas da Rainha, no seu cenário de representação.



**Foto n° 10:**

**Céu de vidro em princípios do século XX<sup>119</sup>**

---

<sup>116</sup>Para melhor informação, veja-se:

<http://www.jornaldascaldas.com/JournalNews/Journalnewsdetail.aspx?news=3081e9e7-67a3-4afd-b0df-8eb9d6952351&q=bolacha>, consultado a 15 de julho de 2012.

<sup>117</sup>Thorstein Veblen *A Teoria da Classe Ociosa*. S. Paulo: Abril Cultural,1983.

<sup>118</sup> Segundo informante, em entrevista no dia 13 de janeiro de 2014.

<sup>119</sup> Extraído de [http://3.bp.blogspot.com/\\_p2wLkgPBuMg/TBY\\_VUZ9KFI/AAAAAAAAAB0Y/BXyXB-EJ8Jo/s400/C%C3%A9u+de+Vidro.jpg](http://3.bp.blogspot.com/_p2wLkgPBuMg/TBY_VUZ9KFI/AAAAAAAAAB0Y/BXyXB-EJ8Jo/s400/C%C3%A9u+de+Vidro.jpg), em 10 de agosto de 2013.



Foto nº 11:

**Céu de vidro na atualidade<sup>120</sup>**

Importa aqui frisar a importância da segurança em todos os locais de acolhimento turístico. Esta é uma das garantias universais de fixação do ser humano aos locais onde se dedicará a experiências vivenciais. O sucesso de uma estância é, sem dúvida, assegurado se o espaço for detentor de elementos visíveis de segurança. Associamos esta segurança da vivência protegida das crianças e adolescentes no parque, à que era proporcionada nos antigos bairros das cidades portuguesas, onde as ruas e os pátios eram autênticas criadeiras, por onde a comunidade fazia a sua vigilância ou controlo, tão à maneira da *Gemeinschaft*<sup>121</sup> de Tönnies que nos informa que o controlo social é maior em comunidades mais pequenas. Para além da administração médica das águas através de práticas controladas, essa proteção é patente no espaço público, onde se notam as influências das correntes estéticas e ideológicas do poder político vigente, aquando da criação do referido espaço.

---

<sup>120</sup> Fotografia cedida por Eduardo M. Raposo, captada a 1 de setembro de 2013.

<sup>121</sup> Comunidade, traduzido do alemão, e que caracteriza os laços sociais desta, por oposição à *Gesellschaft* que identifica a sociedade. Este conceito é tratado em Ferdinand Tönnies (ed. Jose Harris), *Community and Civil Society*. Cambridge University Press, 2001.

### III. 4. Especificidades do sistema funcional no espaço da cidade

Embora tenha sido vulgar, em toda a Europa do século XIX, o surgimento de todo um esforço estatal na adequação à vocação pública de espaços, que surgiram sob o modelo formatado pela nobreza - que estaria já em decadência - e onde teria de vingar o princípio de utilização não elitista, nas Caldas da Rainha, a remodelação do espaço público teria já ocorrido neste período embora com uma outra vocação. A fundação da cidade era remota, contando desde esse período com o primado de utilização pública das águas para todas as categorias sociais, desde a nobreza recente à burguesia endinheirada até às classes mais desfavorecidas em termos económicos, de uma forma universal e gratuita. Esta vocação foi, sem dúvida, fator decisivo na divulgação da cidade.

A presença do Regimento de Infantaria 5, em inícios do século XX<sup>122</sup>, que ocupava os três edifícios, projetados pelo arquiteto Berquó no parque Dom Carlos I, foi um importante elemento dinamizador do espaço urbano, não somente por toda a dinâmica originada (de onde se destaca toda a atividade ligada à manutenção de equipamento e consumo), mas também pela possibilidade de alargamento de convivência com categorias sociais identificadas, com estabilidade económica e elevado estatuto social. As elevadas patentes de certo modo supriam, em termos de prestígio, o vazio criado pela ausência da nobreza, bem como das classes mais abastadas; tudo isto em virtude da vulgarização de algumas comodidades, tais como o comboio e, mais tardiamente, o automóvel, que começaram por afastar para outros destinos locais aqueles que durante décadas viam neste local o espaço perfeito para convívio, reconhecimento e ascensão social; por exemplo Pedras Salgadas, no tempo da

---

<sup>122</sup> Mais concretamente em 1918, com fixação definitiva em 1927 data em que a vila de Caldas da Rainha foi elevada a cidade. Este aquartelamento terá somente saído das instalações do Parque em 1953. Nesta data, passou para novas instalações, na periferia da cidade. Este aquartelamento é, desde 1981, a Escola de Sargentos do Exército. O, edifício albergou, após o 25 de abril de 1974, o Liceu das Caldas da Rainha, tendo também albergado o Caldas Sport Club (que existe desde 1916) e uma biblioteca, para além da Liga dos Combatentes que ainda nele se encontra.

monarquia, e Gerês, durante os anos 30 do século XX, eram os locais mais prestigiados<sup>123</sup>.

O efeito dinamizador de mudança e de desenvolvimento suscitado pela linha de caminho-de-ferro, foi sentido durante várias décadas com particular realce para a pluralidade de comércio instalado em todo um conjunto urbanista crescente, que colocava os circuitos de novos serviços e práticas de consumo em artérias mais retilíneas que desembocavam em novas praças centralizantes. O caminho-de-ferro foi, sem dúvida, um dos fatores acelerantes da dinâmica económica da cidade, ligando-a a todo um conjunto regional e dando-lhe assim maior enquadramento em termos de projeção para o exterior. Os produtos da região, já conhecidos, começaram a ter maior divulgação. Em pleno século XX,

“ no movimento de mercadorias, Caldas da Rainha detinha, em 1958 a maior quantidade de remessas na região, nos regimes de Grande e Pequena Velocidades; as exportações em regime de Pequena Velocidade eram trigo, vinho de pasto, madeiras de eucalipto ou de pinho em bruto, milho, farinha de trigo, batata, gado diverso, madeira de eucalipto ou de pinho aplainada ou serrada, fios e tecidos, louças e vidros, feijão e grão-de-bico, gado bovino, madeira em obra, excepto mobiliário, e vasilhames de madeira.”<sup>124</sup>.

Esta referência e as que ficavam patentes em muitos testemunhos que fomos recolhendo ao longo da pesquisa dão-nos conta da oferta do sistema ecológico onde se insere as Caldas da Rainha. A comercialização dos produtos da terra, dos quais não podemos omitir a produção de artigos de cerâmica, com secular tradição no local devido à qualidade da matéria-prima disponível, teve um papel fundamental na criação de uma nova dinâmica nas Caldas da Rainha. Assim foi introduzido um cunho artístico mais universalista, com o génio de Rafael Bordalo Pinheiro como diretor artístico da Fábrica de Faianças das Caldas da Rainha. A vocação artística seria somente um dos setores de produção que incluía os de materiais de construção<sup>125</sup> e a loiça comum. Contudo, por vicissitudes de questões relacionadas com a gestão da fábrica, o sucesso económico não

---

<sup>123</sup> Segundo entrevista a informante, no dia 15 de agosto de 2012.

<sup>124</sup> Carlos Silva, Alberto Alarcão e António Cardoso, *A Região a Oeste da Serra dos Candeeiros: Estudo económico-agrícola dos concelhos de Alcobaça, Nazaré, Caldas da Rainha, Óbidos e Peniche*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1961, pp 205-206.

<sup>125</sup> De onde se destacavam o azulejo, telha e tijolo.

foi o esperado. A vocação artística das Caldas da Rainha obteve um reforço através da implementação da escola industrial, em finais do século XIX. O papel dos professores estrangeiros residentes, de nacionalidade suíça, alemã e austríaca, com especializações científicas várias constituiu parte essencial na construção da imagem de qualidade transmitida para fora do espaço caldense. Destas especialidades, enumeramos a química e o desenho, aos quais se associava o génio de Rafael Bordalo Pinheiro.

A criação do Museu José Malhoa instalado no Parque Dom Carlos I foi um grande impulso para a divulgação da arte contemporânea na cidade. O nome deste museu foi atribuído pela sociedade civil, visando homenagear o pintor nascido nas Caldas da Rainha, nomeadamente através da Liga dos Amigos do Museu que, desde a década de 20 do século XX se empenhou na sua criação. Este edifício que está instalado no parque acima referido foi relevante para a divulgação da arte contemporânea na cidade. Este foi o primeiro do país a ser construído para o propósito único de ser um espaço museológico e constituir-se como o primeiro museu provincial do país. A partir da sua inauguração, sentiu-se na cidade todo um impulso dinamizador em prol da divulgação artística que, como vimos, já se tinha vindo a sentir desde a década de 20 do século XX. A vocação do Parque Dom Carlos I para eventos de cariz cultural, com particular destaque para as artes plásticas, começa a ser sentida, de uma forma planeada, em finais do século acima referido. No ano da elevação das Caldas da Rainha a cidade, aquando da V Exposição Agrícola – Pecuária e Tecnológica, foi reunido na casa dos barcos (situada no pavilhão Rainha D. Leonor, no parque) um conjunto de obras de artistas para exposição e concurso<sup>126</sup>. Em 1940, data em que se comemoravam os centenários de 1140 e de 1640, na Exposição da Estremadura que ocupou uma diversidade de pavilhões do parque, ficou ainda mais consolidada a imagem da cidade como promotora de eventos, que lhe configura autêntica dinâmica de verdadeiro pólo regional, com a envolvência de todo o conjunto de ações sustentadas pela vontade política de desenvolvimento urbano.

Com a criação, em 1990, da Escola Superior de Artes e Design, instituição de ensino politécnico integrada no Instituto Politécnico de Leiria, reforçou-se ainda mais a imagem da importância das artes que incluem na dinamização local, para além das artes

---

<sup>126</sup> Neste concurso José Malhoa tinha o papel de Presidente de Honra do Júri de Classificações.

plásticas, as performativas, as gráficas e de multimédia e *design*, entre outras áreas afins, tal como a gestão cultural.

A inauguração, em 2008, do Centro Cultural e Congressos das Caldas da Rainha na cidade, veio fixar hábitos de frequência de eventos, bem como de todo o tipo de espetáculos de cariz cultural na população local e em todo o público exterior às Caldas da Rainha. A partir da sua inauguração, surge uma outra dinâmica de atração para a cidade, cujo desenvolvimento se vai polarizando para outras localizações no seu espaço. Foi a pluralidade funcional dos espaços construídos sobre o primado do betão que veio possibilitar todo um conjunto de eventos, que caracterizam a sociedade atual. Para garantir a eficácia destes eventos, não somente na cidade mas em toda a região oeste, foi criado e melhorado todo um suporte de acolhimento hoteleiro que permite, tanto no centro urbano como fora deste, bem como nos concelhos vizinhos, alargar a experiência de qualidade a todos aqueles que visitam as Caldas da Rainha, motivados pelos eventos que aí ocorrem.

Ao longo da pesquisa muitos informantes, entre os cinquenta e setenta anos, referiram nas conversas que fomos tendo, as memórias de liberdade experienciadas no mundo *fantástico* e de *aventura* que o espaço aberto do parque e da mata proporcionavam, com particular destaque nos meses de Verão, nos quais após a ida à praia, nas camionetas Capristanos, e após o almoço se brincava ao *mata, verdade e consequência*. Este último jogo era muito popular para os rapazes, pois permitia que se conseguisse um pretexto para dar uns beijinhos às meninas, que eram sempre muito vigiadas pelos familiares. Para estes informantes, a Casa da Cultura, essencialmente nos anos setenta do século XX, embora não tivesse o esplendor do antigo casino, era ainda uma referência de convívio, de aprendizagem em diversos tipos de artes cénicas de onde se destacava o *ballet*. Todavia, os nossos informantes mais idosos - nomeadamente na faixa etária dos oitenta a noventa anos, que começaram a trabalhar por vezes em tenra idade, não referiram esta vivência lúdica experienciada por indivíduos das categorias etárias anteriormente mencionadas, que tinham a vivência diária pautada por intervalos que permitiam a fruição do espaço aberto para a liberdade das suas brincadeiras.

Apesar de a década de setenta, com as mudanças ocorridas em virtude do 25 de abril de 1974, ter acelerado o processo da já referida *gentrificação*<sup>127</sup>, o cunho elitista

---

<sup>127</sup>Sobre este assunto, veja-se a nota da pág. 36, nota 55.

deste espaço ainda estava bem vincado na memória recente. As práticas desportivas praticadas no espaço do anterior casino, de onde se destacam para os rapazes o judo, e o *ballet* para as raparigas, eram marcadas pela presença de alguns filhos de antigos frequentadores, tendo os últimos também memória da vivência desses mesmos espaços, pois também lhes era permitido acompanhar os seus familiares<sup>128</sup>. Aliás, estas práticas lúdicas nos parques das termas eram habituais em todo o país. Os locais de convívio, tais como as casas de cultura ou clubes de recreio, vulgarmente designados por casinos, foram-se adaptando às novas vivências já formatadas por novos interesses trazidos pela televisão, que, nos anos setenta, começa a alterar as práticas conviviais. O fenómeno sociológico das telenovelas brasileiras, surgido em Portugal nos anos setenta, vai afastando cada vez mais as pessoas dos espaços abertos, alterando ritmos e horários de práticas. As memórias do cinema visionado nas Caldas da Rainha, no Salão Ibéria, junto aos pavilhões do parque, lembram-nos a experiência tida nas termas de Monchique, onde também era projetado, fazendo parte das atividades recreativas da vilegiatura até finais da década de sessenta. Contudo, as Caldas de Monchique não tinham estruturas como as das Caldas da Rainha, que permitissem visãoção em *cinemascope*<sup>129</sup>, cingindo-se deste modo à pequena sala de espetáculos do antigo casino.

Devido ao facto de o Salão Ibéria já não existir, deixamos duas imagens dos pavilhões do parque, para que se possa visualizar um pouco do ambiente onde se experienciava o cinema.

---

<sup>128</sup> Estas memórias, ainda recentes, são disponibilizadas em *blogs* tais como <http://adolescenciacaldasanos70e80.blogspot.pt/> (de autoria de Paulo Caiado), consultado a 27 de Agosto de 2013 e o <http://zeventura.blogspot.pt/search/label/Parque>, designado por Águas Mornas (de autoria de José Ventura), consultado a 27 de Agosto de 2013.

<sup>129</sup> Para além do Cineteatro Teatro Pinheiro Chagas havia o salão Ibéria, este último junto aos edifícios Berquó no parque Dom Carlos, com fotografia disponível para visualização em: <http://zeventura.blogspot.pt/search/label/Parque>, consultado a 27 de Agosto de 2013. O Cine Teatro Pinheiro Chagas foi demolido em 1992, após um período de inatividade que começou em 1974.



**Fotos nº12 e nº13- Pormenores dos pavilhões do parque**

A palavra casino tem a mesma correspondência tanto em lugares costeiros, dos quais citamos Armação de Pêra, Montegordo e Póvoa de Varzim, entre tantos outros exemplos possíveis como em lugares das águas termais de onde se destacam as termas do Luso e da Curia, onde se praticava vilegiatura quer Portugal quer na restante Europa. Os casinos correspondiam, assim, a um local público onde o desporto e atividades relacionadas com a atividade lúdica do jogo pudessem ocorrer. Porém, algumas modalidades desportivas estavam associadas à elite, nomeadamente, o ténis que pressupunha o dispêndio de dinheiro para compra do equipamento, das raquetes e das bolas. Aliás, quase todas as modalidades desportivas eram consideradas caras, até meados do século XX, em Portugal, uma vez que estas práticas só poderiam ser realizadas por quem tivesse, de facto, tempo livre para as praticar. A frase *tempo é dinheiro* ilustra um pouco esta situação. As práticas desportivas sempre foram uma constante preocupação de quem projetava os espaços públicos, nomeadamente os jardins pensados para o cliente termalista. Se observarmos bem, todo o parque é plano pensado para ser utilizado sem preocupações por quem padecesse de problemas que dificultassem a locomoção. No lago do Parque Dom Carlos I, ainda se utilizam pequenas embarcações que servem os propósitos lúdicos de quem, muito provavelmente, desconhece o termalismo enquanto utilizador.



**Foto nº14:**

**Pormenor de barcos e remadores no lago do parque<sup>130</sup>**

A centralidade, marcada pelo conjunto patrimonial termal, era um coração impulsionador de dinamismo, vivido em pleno, segundo estilos de vida possíveis até finais da década de 60 do século XX. Era neste contexto que se situavam hotéis como o Madrid, para onde iam as mais altas individualidades, antes dos anos 40. Estava localizado perto da antiga Rua Nova, a primeira a ser construída nas Caldas da Rainha, atualmente Rua Rafael Bordalo Pinheiro. Os hotéis Lisbonense, o da Copa e o Rosa ficavam nas suas imediações, tal como os Grémios do Comércio e da Lavoura, o Sindicato dos Empregados de Escritório e Caixeiros, a Escola Industrial e o Colégio Ramalho Ortigão.

Podemos ainda referir, como elementos polarizadores de centralidade, as lides tauromáquicas que marcaram - e marcam - o espaço da cidade em análise, a partir de 1883, data em que foi inaugurada a praça de touros. A cidade das Caldas da Rainha fica na História como a cidade portuguesa que detém a praça de touros mais antiga do país. Existe também o Grupo de Forcados Amadores, com esta nomeação a partir de 1993 que se constituiu somente como associação em 1998. Porém, desde as décadas de 40 e

---

<sup>130</sup> Foto captada por nós no dia 1 de setembro de 2013.

50 do século XX que a cidade teve forcados que se juntavam espontaneamente para pegar toiros. Estes forcados eram designados na altura por *os de loiça fina*.<sup>131</sup> Mas, terá sido em finais da década de 40 e princípios da de 50 do século XX, com a presença irreverente de alguns forcados amadores, de onde se destaca o Grupo de Forcados Amadores de Lisboa, que a cidade das Caldas da Rainha começou a ter agitação um pouco fora dos cânones da ordem até aí tacitamente instituída. A presença de uma juventude oriunda de classes abastadas, cujo reconhecimento não passava pela prática regrada de costumes, veio a afastar mais a presença das categorias sociais que durante décadas vinham passar temporadas à cidade<sup>132</sup>. Aponta-se para meados do século XX o começo da vulgarização do automóvel, que serve para trazer à cidade mais gente com costumes diversificados.

O espaço da cidade, com o passar dos tempos, vai-se reformulando, criando-se nele novos hábitos de consumo, marcados por ritmos ou calendários de diversa ordem, que são expectáveis com alguma ansiedade. Contam-se nestes os hábitos ligados aos benefícios marítimos, no período do verão. Referimos, também, a festa brava que se constitui como exemplo da marcação de eventos expectáveis pelos aficionados, de onde se destaca o que ocorre no dia 15 de agosto, que celebra a padroeira Nossa Senhora do Pópulo, inserido na já tradicional feira anual. Esta data está ainda muito associada à imagem da festa brava. Em 2012, as Caldas da Rainha estiveram no circuito do 1º Ciclo Nacional de Novilhadas das Escolas de Toureio, que tem por objetivo promover as novas figuras de cartaz taurino.

Por mencionar as feiras, não podemos deixar de referir que sempre foram um acontecimento, tanto para a população local como para a que fruía dos benefícios termais e para aquela que vinha dos concelhos próximos, especificamente para o experienciar, nomeadamente as pessoas que vinham de Lisboa em automóvel privado, com ou sem motorista. As primeiras feiras com cariz de exposição que aglutinavam, para além da componente pecuária e agrícola, a componente industrial, começaram a ser realizadas a partir da década de 20 do século XX. Refira-se a importância destes eventos culturais enquanto instauradores de alteridade e, por conseguinte, de renovação no

---

<sup>131</sup> Segundo informação recolhida em entrevista a informante a 13 de janeiro de 2013.

<sup>132</sup> *Idem*.

espaço do quotidiano- embora de forma temporária - pela diversidade da cor, do barulho, dos cheiros e dos sabores em alguns casos específicos. Vemos nas feiras todos os indicadores dos espaços de festa, que simbolicamente regeneram o meio sociocultural, pela instauração temporária de vivências hedonísticas integradas em dinâmicas proativas com cariz económico, cultural e andragógico. A deambulação no espaço destinado às feiras e às exposições temáticas é por si só libertadora do quotidiano e de todas as práticas associadas ao profano. O espaço da feira é, assim, aquele onde se pode experienciar situações de ludismo e de bem-estar, possíveis num espaço e tempo diferentes do dia-a-dia. A V destas exposições foi inaugurada a 21 de Agosto de 1927, dias antes da elevação das Caldas da Rainha a cidade; neste certame, estava incluída a componente automóvel, constituindo-se como verdadeira novidade e chamariz para todos os interessados nas tecnologias ligadas à motricidade, símbolo modernista da sociedade. O Parque Dom Carlos I terá sido o primeiro local a receber a componente industrial deste tipo de evento.

O edifício atual que centraliza grande parte dos eventos das Caldas da Rainha, com a designação de EXPOESTE Centro Empresarial do Oeste, está situado fora do centro da cidade<sup>133</sup>. Desta forma, se denota alguma estratégia na qualificação da região, conceito obviamente mais vasto que o de município. As palavras eventos e congressos têm associados conceitos com vasta amplitude, e são-lhes atribuídas na sua divulgação.

No que respeita aos eventos e a todo o conjunto de serviços indiretamente relacionados com a atividade turística, investigadores, dos quais se destaca Jorge Mangorrinha,<sup>134</sup> defendem a abordagem sustentável do desenvolvimento urbano, vendo no turismo uma forma dinamizadora de mudança. Desta forma dão realce ao número de utilizadores do espaço termal ou utentes dos serviços termais, para identificação da vocação dos destinos. Contudo, esta utilização nunca será identificada com o turismo de massas, uma vez que este está associado a custos financeiros incomportáveis para o sistema. O aquista, ou utilizador das águas termais, é segundo o autor referido, o

---

<sup>133</sup> A EXPOESTE que faz parte da Divisão de Feiras e Congressos do Município das Caldas da Rainha terá começado em 1992. É gerida pela ADIO - Associação para o Desenvolvimento Industrial do Oeste, fazendo parte desta a Câmara Municipal das Caldas da Rainha, AIRO - Associação Industrial da Região Oeste, a ACCCRO - Associação Comercial dos Concelhos de Caldas da Rainha e Óbidos bem como o conjunto de freguesias do concelho de Caldas da Rainha.

<sup>134</sup> Jorge Mangorrinha, *O que é uma cidade Termal?* Lisboa: Gráfica 99, 2ª Edição 2012.

principal visitante e formatador de identidade do espaço termal. Porém, reconhece a importância do conjunto de serviços indiretamente relacionados com o turismo, vendo neles os maiores responsáveis pela criação da imagem do destino turístico, nomeadamente pelas atividades económicas culturais e sociais do espaço experienciado pelo visitante. São estes, juntamente com os recursos naturais, os principais formadores identitários nos quais podemos identificar, a título ilustrativo, os que estão relacionados com a restauração, hotelaria e arte.

Esta identidade dos destinos turísticos deverá ser resultado de um sistema integrado e funcional. Entenda-se que todo o espaço pode ser destino turístico se possuir estruturas e infraestruturas de apoio, acolhimento, produção, segurança, distribuição e manutenção, entre outras. Para Mangorrinha, as Caldas da Rainha são exemplo de falta de estratégia continuada de gestão, no que respeita à articulação de bens e produção de serviços. A funcionalidade, através da gestão integrada da qualidade <sup>135</sup>, é assim necessária para motivar uma maior procura por parte do consumidor dos serviços. Esta procura será maior se houver um incremento em sistemas geradores de inovação, que devem ser transversais a vários níveis, tanto local, regional como nacional. É nesta lógica que surgem as orientações, quer da UNWTO - *United Nations World Tourism Organization*, quer da Comissão Europeia.

O reforço da atividade cosmopolita, da qual se destaca a atividade relacionada com eventos culturais ou com outros ligados ao desenvolvimento local e da região, é o indicado como um caminho a seguir, para que se possa revitalizar a utilização da cidade como destino. Para que isto seja possível, deve haver um esforço de ação, por parte da sociedade civil, através de parcerias; a dinamização dos espaços através do dinamismo associativo local e de parcerias deste com o internacional será também útil para a requalificação dos espaços. Assim, consideramos que a cidade das Caldas da Rainha poderá ser um conjunto funcional atrativo com qualidade para quem a ela venha usufruir de bem-estar, se for possível cumprir uma interação equilibrada entre as entidades civis e públicas.

---

<sup>135</sup> Consulte-se :*Para um turismo urbano de qualidade, Gestão integrada da qualidade (GIQ) dos destinos turísticos urbanos*, EU publisher., Bruxelas: 2000, Consultado em [http://ec.europa.eu/enterprise/newsroom/cf/getdocument.cfm?doc\\_id=527](http://ec.europa.eu/enterprise/newsroom/cf/getdocument.cfm?doc_id=527), consultada a 5 de janeiro de 2013.

### III. 4. 1. A gastronomia na criação da imagem do espaço

No reforço de atividade cosmopolita mencionado anteriormente, referindo-nos essencialmente à oferta de serviços que servem de fixadores de imagem ou marca característica da cidade e que, por sua vez, se constituem em especificidades atrativas para quem a visita, podemos mencionar a gastronomia e a doçaria que hoje assumem o epíteto de património cultural.

A cidade de Caldas da Rainha, assim como todas as urbes que recebiam visitantes, por razões diversas, tornaram suas algumas especificidades doceiras que teriam já algum reconhecimento por terem sido produzidos segundo tradição doceira conventual ou de corte. Temos destes os exemplos de Lisboa: dos pastelinhos de Benfica, que se constituíam como oferta doceira a quem vinha em geral da zona saloia, em romaria, a S. Domingos, e os pastéis de Belém, entre tantos outros. Nas Caldas da Rainha, no século XIX, havia na Cavacaria Conde - inexistente nos dias de hoje - a oferta dos Pastéis de D. Leonor, de que já ninguém conhece a forma, os ingredientes e o sabor. No século XIX, multiplicavam-se nas Caldas da Rainha, os estabelecimentos com designação de cavacarias. Esta última menção é aquela que, segundo a informação divulgada pela Fábrica das Cavacas das Caldas<sup>136</sup>, terá dado origem à produção de uma oferta doceira que serviu para divulgação desta cidade. A portabilidade das embalagens que contem esta iguaria serve de *memorabilia/ souvenir*, habitualmente utilizado na linguagem turística, ou de recordação da presença do visitante.

Para além das cavacas, a oferta doceira, divulgada como regional e tradicional, conta também com os beijinhos, que são cavacas pequenas em formato de redondo completo, os suspiros e os suspirinhos, que são bolos iguais aos suspiros, mas de reduzida dimensão. O pão-de-ló vem no seguimento da mesma oferta; contudo, na região oeste há todo um conjunto diversificado no que respeita ao aspeto formal deste, como é o exemplo do de Alfeizerão. Há, ainda, um tipo de biscoito designado por ferradura, que pode ser adquirido no mercado diário da fruta, numa banca especializada

---

<sup>136</sup> <http://cavacasdascaldas.com/?opc=apre> consultada em 20 de maio de 2013.

em doces. Referiram-nos que há quem acredite quase piamente que a qualidade da oferta doceira neste mercado é melhor do que nas pastelarias, em virtude de nestas serem fabricados em grande quantidade e de estarem dentro de pacotes durante muito tempo, antes de serem vendidos.

Os ovos e o açúcar são os ingredientes base na confeção da oferta doceira da cidade de Caldas da Rainha, e são caraterizadores da tradição de corte, uma vez que na tradição popular portuguesa estes elementos eram pouco utilizados, em particular o açúcar, devido à sua raridade e carestia. Tradicionalmente, este ingrediente era guardado para a elaboração de confeitos que eram ofertados, de forma ritual, em momentos específicos do ano, tais como no dia de Todos-os-Santos, no Natal e na Páscoa. Os xaropes e os licores, de grande importância para as curas e prevenção de maleitas, eram fabricados com açúcar que era guardado quase que religiosamente para o efeito.

Não se encontra memória de doçaria das Caldas da Rainha que seja de tradição verdadeiramente popular. Contudo, há uma certa lógica no nome das cavacas que se encontram, não somente na região oeste, mas também na região do Pinhal<sup>137</sup>, em concelhos mais interiores, tal como o de Mação. Esta lógica reside na simplicidade do seu fabrico, usando-se elementos tão simples como ovos, farinha, açúcar e azeite nas Caldas Rainha. As variantes existentes em algumas freguesias de outros concelhos da região beirã - nomeadamente em Envendos, onde curiosamente há água de excelente qualidade que é engarrafada e comercializada em todo o país e Resende, na Beira Alta - com a inclusão de aguardente, levam-nos a crer que, de facto, as cavacas são componente da tradição doceira regional e que se destacaram como especificidade da oferta das Caldas da Rainha. A sua portabilidade através da miniaturização, como *souvenir*, garantiu a sua divulgação e a sua fama.

A origem desta especialidade regional está assim diluída na memória coletiva, e faz parte integrante do folclore, pela qual a receita não seria escrita mas sim passada às futuras gerações já com algumas variações, fruto da inovação pessoal ou local. No Alentejo, há algumas semelhanças entre as cavacas e as popias caiadas; porém estas últimas não se constituem formalmente tão ocas como as primeiras. No Ribatejo,

---

<sup>137</sup> Esta região engloba vinte e três concelhos que se localizam nas subdivisões Região Pinhal Interior Norte, Pinhal Interior Sul e Pinhal Litoral. Em termos de cultura gastronómica, constituem-se como um conjunto com caraterísticas peculiares a nível nacional. Deixo menção ao Professor Carlos Lopes Bento, que tem vindo a desenvolver pesquisa sobre este tema.

também se encontra esta iguaria, destacando-se Tomar com particular peso na tradição. O açúcar é essencialmente colocado por cima, como remate que serve de atrativo visual em quase toda a tradição popular doceira portuguesa.

Nesta pluralidade de locais da região beirã, e no Ribatejo há algo que serve de fio condutor no que se refere à produção das cavacas; trata-se de um confeito que diz respeito à tradição universal de cultura da dádiva ritual, assumida pela sociedade civil, em épocas do ano onde a tradição religiosa se impunha sob a forma de romarias. As cavacas são como bolos secos de grande durabilidade, podendo ser ofertados e armazenados. O consumo deste bem assumia assim características rituais, atualizando-se os mitos relacionados aos santos e consubstanciando-se na sociedade as suas características purificadoras.

Quanto à oferta dos restantes doces, destacamos os beijinhos; quanto aos suspiros, pela sua universalidade, consideramo-los muito provavelmente a oferta doceira genuinamente trazida da corte por duas doceiras desta, as senhoras Rosalina e Gertrudes Carlota que, segundo informação divulgada pela Fábrica das Cavacas das Caldas<sup>138</sup>, se lançaram em atitude de verdadeiro empreendedorismo no seu fabrico, bem como no das cavacas, assim que ficaram sem emprego, aquando da implantação da República. Talvez seja por isso que é nestes suspiros, em que a diversificação da oferta se produz em termos formais, como forma de atrair o consumidor. Para além dos suspiros normais, feitos de açúcar e claras de ovo, já os podemos comprar com a cor-de-rosa escura característica da mistura de morangos, também os há feitos com canela e chocolate. O confeito com esta designação em Portugal era, também, conhecido por merengue, sendo produzido mundialmente por qualquer pasteleiro. O excesso de ovos bem como o de açúcar, na sua confeção, afasta-o dos conceitos de doçaria popular.

A tradição falofílica<sup>139</sup>, da componente mais popularizada da loiça das Caldas da Rainha, que se constitui como um dos marcadores de identidade da cidade, tem uma

---

<sup>138</sup> <http://www.cavacasdascaldas.com/> acedido em 18/5/2013.

<sup>139</sup> Existe, desde 2009, uma confraria dedicada à promoção e valorização da cerâmica erótica da cidade. Esta confraria tem a designação de Confraria do Priapo e propõe-se a: “Promover o registo e a defesa do falo e de toda a cerâmica erótica das Caldas da Rainha; b) incentivar a inovação na abordagem artística e criativa; c) estimular a produção de peças com qualidade certificada; d) apoiar iniciativas de investigação e divulgação; e) promover conferências, concursos e outros eventos; f) identificar peças e coleções ligadas à cerâmica erótica das Caldas da Rainha; g) estabelecer relações com entidades, nacionais e estrangeiras, cujo objecto seja similar ou complementar ao da confraria; h) colaborar com os órgãos locais, regionais, nacionais e internacionais de cultura, comércio, cultura, turismo, e indústria cerâmica,

existência recente no que respeita à sua forma de bolo. Deste modo, para além dos falos em canecas, assim como em outros objetos que são recordações da visita a esta cidade, há a possibilidade do visitante os levar em forma de pequenos bolinhos. Estes também podem ter o formato de pequenas vulvas.

As trouxas-de-ovos são, também, uma iguaria doceira associada à tradição das Caldas da Rainha, mas pelos seus ingredientes exclusivos de ovo e açúcar, tal como os merengues, não as podemos associar à verdadeira tradição de raiz popular, uma vez que os ovos em grande quantidade seriam utilizados para confeção ritual somente em épocas específicas do ano, com maior expressão naquela em que a natureza era sacralizada na sua expressão feminina em forma ritual. Podemos dar o exemplo dos momentos associados ao equinócio da primavera (de tradição pagã), à Páscoa e ao culto mariano, tão presente no contexto da cultura popular do oeste português, onde se insere a cidade termal. No dia-a-dia, o ovo era comido normalmente como um bem que estava facilmente disponível para a alimentação. Esta é uma das características marcantes da tradição popular portuguesa, uma vez que tem expressão em todo o território nacional.

Estes doces estão, de certo modo, ligados na sua origem, uma vez que para as trouxas só se utilizam as gemas e para os suspiros só se utilizam as claras. Isoladas do ovo na sua totalidade, as gemas são identificadoras, em termos de ritualização popular, das características femininas integrantes do ovo. As claras são tradicionalmente a sua componente masculina. A totalidade deste elemento está associada à riqueza e continuidade da comunidade que os utiliza de forma ritual. Refira-se, contudo, que atualmente esta tradição faz parte da cultura implícita ou tácita, passível de descodificação através da análise cultural, através da Etnologia, daí a pertinência da nossa referência no contexto da análise da oferta doceira enquanto atração no contexto das Caldas da Rainha. A componente explícita da cultura, passível de ser expressa pelo conhecimento popular, não assume este tipo de informação.

A nossa pesquisa de campo pelo contexto da ruralidade portuguesa permitiu-nos verificar que até a um passado histórico bastante recente <sup>140</sup>, o ovo era utilizado de

---

em todas as acções que interessem ao seu objecto social.” Extraído de : <http://cavacosdascaldas.blogspot.pt/2009/04/confraria-do-priapo.html> acedido a 23 de Junho de 2013.

<sup>140</sup> Este facto deve-se à memória que todos têm dos testemunhos da geração que lhe era antecedente. Assim nos testemunharam os nossos informantes com 60 anos ou mais.

forma racional na alimentação e seria consumido somente se não estivesse *galado* uma vez que os ovos *serviam para dar pintos*<sup>141</sup>. Em outro tipo de produtos, tal como o leite, o conceito de utilização racional fundamenta-se, essencialmente, no princípio da escassez e encontra-se expresso na frase: *o leite é para os bezerrinhos*<sup>142</sup>.

### III. 4. 2. Ervas, frutos e licores como especificidades

A confeção de licores e compotas é talvez uma das tradições mais antigas da região, uma vez que esta sempre produziu fruta. Referimo-nos à fruticultura na região oeste, rica em terrenos férteis propício a diversas tipologias, com predomínio da famosa pera rocha, cuja produção caracteriza a região e a identifica como única no mundo.

Assim, não é de estranhar que haja uma grande diversidade na oferta disponível para quem visite a cidade e queira levar uma recordação. Contudo, o licor mais conhecido não é feito de fruta, mas sim de leite, sendo conhecido como o licor das Caldas<sup>143</sup>. A dinâmica na criação de novos licores, onde a mistura de ervas aos frutos produzidos na região, permite uma multiplicidade de produtos, foi-se tornando uma das especificidades da oferta das Caldas da Rainha. O exotismo das misturas ganha força, tornando-se assim uma característica desta cidade, criando-se desta forma uma especificidade que garante uma procura que pode agradar a quem queira levar algo de diferente da ginjinha, que caracteriza a região e mais especificamente o concelho vizinho - Óbidos. A tendência para a criação de novos produtos ganha foros de autêntico chamariz para quem gosta de colecionar novidades deste tipo, tais como os exemplos do licor Pilau, com aroma de chocolate piri-piri, poejo e aroma de menta. A inclusão de ervas aromáticas, tão características das hortas com proximidade de água, tais como o

---

<sup>141</sup> Segundo um dos nossos informantes, em entrevista a 10 de abril de 2011.

<sup>142</sup> Frase popular dita por um informante em entrevista, a 16 de agosto de 2012.

<sup>143</sup> Guardado num falo de barro. Veja-se: <http://cantinhochocolicor.blogspot.pt/> Consultado a 10 de junho de 2013.

poejo, a hortelã ou de especiarias, dão o cunho particular do fabricante, distinguindo o produto dos demais. A autenticidade é, nesta tipologia de produtos, marcada pelo conteúdo dos ingredientes e pela forma da embalagem.

### **III. 4. 3. O natural e o tradicional como marcadores de autenticidade**

Embora haja quem lembre as migas feitas com broa de milho e couve<sup>144</sup>, características de toda a região beirã, tanto do interior como do litoral, na cidade não há especificidades gastronómicas que lhe sirvam de referência identificadora. Quando se solicita informação, em estabelecimentos de restauração, sobre alguma especificidade deste tipo, não se consegue obter resposta elucidativa. Consultando os nossos informantes ou sítios da *internet* sobre esta questão, descobrimos as misturadas que soubemos ser uma sopa de legumes e que leva, na sua confeção, carne de porco ou peixe.<sup>145</sup> O bacalhau, o cozido e as carnes de porco e de vaca surgem em todas as ementas de restaurantes, bem como o peixe. As designações das iguarias são comuns às de tantos outros locais em Portugal.

A proximidade do meio marítimo, bem como do meio rural, configuram-lhe a imagem de oferta de matéria-prima fresca. A tradição da oferta com estas características, tanto do mercado do peixe como o da fruta/legumes<sup>146</sup>, é desde sempre nas Caldas da Rainha, uma atração à compra para consumo. Refira-se que o mercado do peixe foi requalificado há relativamente pouco tempo, mais concretamente em 2010. Antes do edifício destinado para mercado, o peixe era comercializado na rua, onde se situa hoje a

---

<sup>144</sup>Segundo entrevista a um informante a 7 de fevereiro de 2013.

<sup>145</sup> Temos o exemplo das misturadas com sardinha, divulgadas em: <http://www.shopping-caldasdarainha.com/vidais-c-15.html> consultado a 13 de junho de 2013.

<sup>146</sup> Este mercado mantém na Praça da República a sua tradicional localização.

Praça 5 de Outubro. Há quem lembre o quão pitoresco era ver as mulheres da Nazaré, com seus trajes típicos, a venderem-no.

Referindo a componente da atração, é de notar que a centralidade de localização é fulcral para o consumidor. Assim, não é de estranhar que o movimento da praça referente à compra matinal se replique para o período da tarde e da noite, mediante a oferta de todo um conjunto ligado à restauração que permite o convívio tão característico dos tradicionais cafés, que em Portugal era usual terem a designação de Café Central, desde as décadas de 1940 até 70.

Com a renovação do mercado do peixe, anteriormente referido, que se constitui como um edifício atrativo e onde é possível encontrar uma pluralidade de géneros marítimos trazidos das lotas da região oeste, de onde se destaca Peniche e Nazaré, e com a inclusão de bares e de restaurantes na Praça 5 de Outubro, consegue-se uma permanência de utilização destes locais públicos, durante os períodos diurnos e noturnos.

A oferta de restauração é equilibrada em termos quantitativos aos olhos do visitante, não divergindo da que é habitual em qualquer cidade portuguesa. Há, contudo, uma proximidade dos principais eixos relacionados com os serviços, de onde se destaca o comércio tradicional que tem sido pensado como uma frase plena de imagem para caracterizar as Caldas da Rainha como capital do comércio tradicional. Terá sido um conceito muito discutido pela sociedade civil, segundo grande parte dos nossos informantes, mas que ainda não surgiu como tal, em termos reais. A Associação Comercial dos Concelhos das Caldas da Rainha e Óbidos<sup>147</sup> teve desde 1902, aquando da sua fundação com a designação de Associação Comercial e Industrial de Caldas da Rainha teve em Rafael Bordalo Pinheiro foi um dos seus fundadores. Esta associação teve como principal objetivo “constituir-se num centro onde o comércio e indústria defenda os seus direitos, investigue as suas necessidades, advogue os direitos e interesses dos comerciantes e industriais e promova tudo quanto possa contribuir para a prosperidade social e interesse do comércio e indústria”<sup>148</sup>.

---

<sup>147</sup> Com esta designação desde 1974.

<sup>148</sup> Extraído de <http://www.capitaldocomercio.com/artigos/artigo?sec=175&nid=142> consultado a 1/6/2013.

Este centenário esforço de consolidação de imagem ainda mantém o seu vigor, embora com grande esforço, nos dias difíceis de hoje. A associação tem vindo, desde finais da primeira década do presente século, concretamente em 2009, a lançar campanhas de dinamização do consumo das quais se destaca a animação das vias públicas com a campanha de o *comércio sai à rua*, com incidência na celebração do dia da cidade, ou seja a 15 de maio<sup>149</sup>. Através de diversas atividades de cariz lúdico, em que se incluem algumas *performances* artísticas, através das quais o consumidor pode ter uma amostra da oferta comercial; referimos, como exemplo, as passagens de modelos com novidades das recentes coleções. Os comerciantes, neste dia, podem animar as ruas com a exposição dinâmica dos seus produtos, criando-se desta forma um ambiente pleno de vivacidade, verdadeiro estímulo a práticas hedonísticas nas quais se integra o consumo conspícuo bem como o essencial; esta campanha serve de atração ao público, em geral, podendo este ser constituído por habitantes ou por visitantes do concelho das Caldas da Rainha.

Desta forma, não se visa somente estimular o ato de compra mas também criar uma dinâmica de revitalização de circuitos pedonais que recriem tradicionais vivências urbanas, onde os hábitos de sociabilidade ganhavam grande relevo nos espaços públicos abertos de ar livre, contrapondo-se aos atuais espaços abertos artificiais que caracterizam os centros comerciais, geradores de modas de sociabilidade a partir dos anos 80 do século XX. Nestes espaços, onde a arquitetura é pensada ao pormenor para garantir a imagem de catedral de consumo - veja-se a inclusão de grandiosas cúpulas iluminadas por luz natural - o tempo pauta-se por ritmos diferentes dos espaços tradicionais. Não existem pausas marcadas pelo fecho durante o período de refeição dos vendedores e os períodos da manhã, tarde e noite não são notados.

Refira-se, também, que este aspeto formal relacionado com o comércio de rua está associado à tradição mediterrânica à qual estamos ligados. É importante para o possível interessado na compra sentir os materiais, tanto pelo estímulo visual como pelo tato, antes da decisão de compra que, não sendo regateada, é feita com base num processo de comparação entre produtos homólogos, e na procura do produto com a melhor relação qualidade/preço. Esta chamada de atenção ao público consumidor pela originalidade da oferta, que em geral se diferencia pelo vitrinismo tradicional e por uma

---

<sup>149</sup> Neste dia, era habitual o comércio encontrar-se encerrado.

multiplicidade que, comparada com a tipificação da oferta nos grandes espaços comerciais, ganha estatuto de autenticidade regional, assim como nacional. Este vitrinismo tem características expositivas muito peculiares que se distinguem daquelas que são utilizadas nos grandes espaços comerciais. Pelo facto de as montras serem mais pequenas e o espaço interior, também, menor do que as das grandes superfícies atrás mencionadas, os artigos são colocados de maneira a que se possa ter uma perceção do conjunto de bens disponíveis nas lojas. O resultado expositivo é, assim, muito apelativo pela pluralidade.

Como referimos anteriormente, não há especificidades no que respeita à oferta gastronómica que possam servir como chamarizes ao cliente/visitante da cidade. Assim, a quem pergunte onde se pode comer boas iguarias, há sempre quem recomende um ou outro estabelecimento com características tradicionais portuguesas. Estas características identificam-se essencialmente com a oferta do ambiente das antigas vendas, tabernas e casas-de-pasto, como também das leitarias e cafés mais modernos, de onde os nossos informantes destacavam o Zaira, que se situava na Praça da República como um espaço de convivialidade por excelência, marcante desde 1948, devendo-se este facto não somente à questão de situação central (muito próximo do mercado da fruta), mas também à modernidade figurativa do espaço interior,<sup>150</sup> onde se podia, para além de comer, sociabilizar atempadamente, beneficiando-se assim da atualização direta das novidades/notícias através do ambiente de proximidade física entre os utentes.

Os espaços tradicionais eram, por excelência, os espaços de partilha de cidadania reconhecida o que lhes conferia, entre outras coisas, a chancela de segurança fundamental, garante de qualidade. No que respeita à restauração, surge uma indicação recorrente a uma antiga taberna, hoje renovada, onde ainda é possível comer os antigos petiscos com laivos renovadores de criatividade<sup>151</sup>. Por outro lado, verifica-se também o sucesso de estabelecimentos, onde a modernidade do espaço está associada à inovação gastronómica, mas com a fixação na utilização de produtos de origem local<sup>152</sup>. A

---

<sup>150</sup>O referido café, que ainda conhecemos com outra decoração diferente da original, encerrou portas ainda durante o período da pesquisa.

<sup>151</sup>Esta referência é feita à antiga Casa Antero, hoje restaurante Pachá, situado na Rua Alexandre Herculano.

<sup>152</sup>Tal é o exemplo do Maratona, situado na Praça 25 de Abril.

inclusão de elementos internacionais, de onde se destacam a nomeação dos estabelecimentos e os ingredientes de confeção na imagem tradicional da restauração local, assim como novos conceitos de decoração, onde a proxémia<sup>153</sup> é formatada em modelos diferentes dos nacionais, poderá ser fator de sucesso ou de insucesso. Tudo dependerá, essencialmente, da verdadeira capacidade de adequação da oferta à procura, que é bastante adaptável a novos hábitos. Surgem como oferta designativos, tais como *Lounge*<sup>154</sup>, *Pizzaria*, verificando-se no primeiro uma indistinção no que se refere à oferta gastronómica; quanto a oferta do ambiente no espaço é, por si, o referencial. No que respeita ao segundo a especificidade da oferta é perfeitamente inteligível como sendo italiana.

É, de facto, nesta busca de equilíbrio fundamental para a sobrevivência do comércio tradicional, que reside parte importante da dinâmica da cidade das Caldas da Rainha, onde o espaço urbano tem características privilegiadas para a permanência da diversidade. Ao invés, a vizinha Óbidos, vila com características medievais em termos de espaço, recria-se simbolicamente pela inclusão de festivais que instauram a diversidade em tempos específicos e em cujos conteúdos não se verifica a existência de tradição associada. É o se verifica no Festival do Chocolate ou na Óbidos Vila Natal, mas que se constituem como verdadeiras atrações turísticas, trazendo os lógicos benefícios para a região, que engloba estes dois concelhos vizinhos<sup>155</sup>.

O conceito *gourmet*, aliado à comercialização de artigos de artesanato,<sup>156</sup> está presente em pequenos estabelecimentos comerciais que abrem portas para venda de produtos locais, em vários locais da cidade. Destes destacam-se os doces, infusões, azeites aromatizados com mistura de ervas, queijos<sup>157</sup>, bem como todo um conjunto de oferta que está associada ao conceito tradicional de mercearia, que inclui a venda a

---

<sup>153</sup>Cf. *The hidden dimension*, New York: Anchor Books, 1990. Para melhor informação sobre o conceito, veja-se página 16.

<sup>154</sup> Local onde se pode relaxar em ambiente tranquilo - livre tradução do termo em inglês.

<sup>155</sup> A original forma como a Associação de Comércio dos Concelhos das Caldas e de Óbidos promove esta sua filosofia orientadora está bem patente na designação do seu URL: [www.capitaldocomercio.com](http://www.capitaldocomercio.com) bem como na do seu endereço de correio eletrónico: [geral@capitaldocomercio.com](mailto:geral@capitaldocomercio.com).

<sup>156</sup> Feitos de materiais variados, tais como pano, madeira, vidro onde se aplicam conceitos de fabrico tradicionais ligados a práticas lúdicas destinadas a crianças, como também para efeitos decorativos.

<sup>157</sup> Não há contudo tradição queijeira nas Caldas da Rainha.

peso. Este conceito, de designação francesa, caracteriza os produtos que se distinguem pelo conjunto harmonioso de elementos utilizados na sua confeção (que não têm inclusão de conservantes artificiais) o que lhes confere paladar único. No que se refere à sua produção, não se enquadra nos critérios utilizados para distinguirem a produção massificada, nomeadamente no que respeita à apresentação das embalagens, em geral feitas com material natural, ou reciclado e com um *design* cuidado e único; a sua aplicação em produtos locais começa a ser entendida, por quem vem à cidade das Caldas da Rainha, como uma atração.

### **III. 4. 4. A tradição e a natureza eternizada – lembranças da cidade**

#### **III.4.4.1. A cerâmica**

Fazendo parte da cultura como um dos mais antigos sistemas de tecnologia associada à conservação e produção alimentar, a cerâmica adquire estatuto artístico aos olhos de quem a procura para compra e entra na classificação de bem conspícuo, não fundamentalmente necessário para a subsistência tradicional como, por exemplo, através do seu uso para a conservação e confeção de alimentos. Com o avanço tecnológico, começou a perder a sua função principal, ganhando importância simbólica enquanto veículo transmissor de memória tradicional. A verdadeira tradição, no que respeita ao aspeto formal, da loiça das Caldas da Rainha, correspondia à produção artesanal<sup>158</sup> e posteriormente industrializada de artigos utilizados para tratamento dos

---

<sup>158</sup> Desta produção, destacam-se os nomes dos artesãos Maria dos Cacos e o Mafra (Manuel Cipriano Gomes, que incluía elementos decorativos naturalistas muito ao jeito de Palissy,) que foi aprendiz de Maria e posteriormente proprietário da sua oficina. Para mais informação, consulte-se <http://concept-board.blogspot.pt/2013/01/oficina-maria-dos-cacos.html> consultado a 15 de junho de 2013.

alimentos – fazia parte integrante da cultura enquanto tecnologia alimentar que incluía salgadeiras, selhas, travessas, fogareiros, bilhas, potes tachos e panelas; no que respeita à construção - enquanto parte integrante das tecnologias de abrigo - produziam-se telhas, tijolos e azulejos.

A cidade, espaço de vilegiatura e posteriormente de turismo, torna-se um espaço de procura de recordações. Assim, com a anteriormente referida Fábrica de Faiança das Caldas da Rainha<sup>159</sup>, foi possível, para além da produção massificada de artigos de utilização quotidiana, onde o primado estético não era valorizado, a produção de artigos domésticos e de decoração, tais como jarras, terrinas, serviços de mesa, saleiros, paliteiros, *bibelots* e objetos de decoração para espaços exteriores (jardins). Estes artigos incluíam princípios de estética em voga no século XIX e em princípios do século XX, com influências que remontam a séculos mais recuados, nomeadamente ao século XVI, com influências de Bernard Palissy, destacando a inclusão de elementos fito e zoomórficos com relevos brilhantes, quase com características esmaltadas, nos objetos de cerâmica, cuja linha orientadora continua a ser seguida por Rafael Bordalo Pinheiro. Este criador firmou o seu cunho pessoal na inovação artística e fomentou as novas tecnologias do tempo, que possibilitaram a continuidade do reconhecimento internacional da loiça das Caldas da Rainha, anteriormente já demonstrado pela atribuição de prémios nas “exposições internacionais de Viena, Filadélfia, Paris e Rio de Janeiro”<sup>160</sup> a José Cipriano Gomes, também conhecido por Mafra. Destaca-se a ornamentação com base em figuras da natureza, influenciada pela Arte Nova que teve grande sucesso na cerâmica das Caldas da Rainha, através do seu principal mentor, Rafael Bordalo Pinheiro.

A técnica da *verguinha*, que consiste em entrelaçar fios de cerâmica, imitando a cestaria, utilizada em muitos objetos de cerâmica decorativa e que ganhou bastante popularidade por causa da beleza patente nos objetos produzidos, é também uma das características reconhecidas da cerâmica das Caldas da Rainha; esta foi e é explorada por diversos artistas, nomeadamente, também por Rafael Bordalo Pinheiro.

---

<sup>159</sup> Hoje as Faianças Artísticas Bordalo Pinheiro. A inclusão do termo artístico é indicadora da atual vocação.

<sup>160</sup> Excerto de <http://concept-board.blogspot.pt/2013/01/oficina-maria-dos-cacos.html> consultado a 15 de junho de 2013.

Devido à sua capacidade de excelente observador, tanto da natureza como do meio social, assim como de caricaturista de *excelência*, aliada à sua capacidade criativa, este autor possibilitou a produção de um conjunto de figuras, em cerâmica vidrada e colorida, representativo das tipologias sociais do meio caldense do século XIX e princípios do século XX, marcado pela vilegiatura. Destas figuras, todas elas com movimento, através da existência de pequenas molas no tronco e cabeça, destacam-se:

- A ama figura fundamental que acompanhava as famílias, que tinham crianças pequenas e que podiam pagar os seus serviços, característica não somente nas Caldas da Rainha, mas em todo o país na época. Por vezes, esta senhora era fotografada, em estúdio com as crianças. Da sua indumentária, destacava-se o largo avental branco, cingido ao corpo com um grande laço;

- A Maria Paciência ou velha alcoviteira;

- O janota de chapéu alto;

- O polícia;

- A mulher de Ovar - que comercializava o peixe fresco e que se destacava pela elegância do seu traje de varina, que lhe acentuava as ancas. Esta última figura caracterizou, também, a cidade de Lisboa e em particular o bairro da Madragoa;

- A saloia e o saloio - que vendiam os legumes e fruta, animais de capoeira, ovos e pão no mercado;

- O forçado - já referido anteriormente e cuja presença dava à cidade um reboliço ou desacato característico da juventude burguesa endinheirada;

- O marítimo;

- O padre e o sacristão;

- O visconde - identificado como sendo o Visconde de Faria, mas cuja imagem é identificadora de toda a nova nobreza emergente neste período;

- O famoso Zé Povinho, em baixo descrito com mais pormenor;

Estas peças têm todas a particularidade de serem relativamente pequenas, o que permite a sua portabilidade, tornando-se apetecíveis para a compra para quem quer lembrar a cidade e dela levar um pequeno testemunho da sua presença.

Numa época em que a fotografia ainda não estava totalmente disseminada e acessível para captação de tipicidades dos locais, a miniaturização destas na forma de pequenas e alegres caricaturas ganha popularidade, pois, para além de representarem um pouco da arte jocosa de um grande artista, têm características que os identificam com o conjunto social/nacional, pelos traços físicos dos bonecos e também pela indumentária.

O Zé Povinho, em pose com ou sem os manguitos, tanto subtis como fortemente expressos, é facilmente referenciado por quem foi às Caldas da Rainha ou, não tendo ido lá, já ouviu falar da cidade, como um elemento caracterizador da obra de Rafael Bordalo Pinheiro. Através desta figura, conseguiu-se fixar os universais de cultura mais marcantes para a identidade de um povo. Destes, destacamos a Força do ser humano, a Justiça, a Proteção, visivelmente patentes em simples gestos, como o famoso manguito, onde encontramos os universais simbólicos da liberdade e poder de ação, manifestados pelos movimentos dos ombros, braços e mãos, ato considerado obsceno pela conotação fálica, por alguns, mais que obsceno para qualquer estrutura relacionada com o poder político instituído, pois este gesto está imbuído dos universais atrás referidos, manifestados por uma figura do povo. Entendemos nesta dinâmica – do criador à apropriação transformadora pelo consumidor em significâncias plurais – a verdadeira essência de Rafael Bordalo Pinheiro, alguém que inovou na forma de transmitir o que está intangível, mas que é parte essencial da cultura tradicional, perfeitamente enraizada no contexto da nação, seja esta uma monarquia ou uma república. Segundo Vasco Trancoso,<sup>161</sup>

“Rafael Bordalo Pinheiro também foi outro dos grandes responsáveis por se terem centrado, mais do que era habitual, as atenções gerais nas Caldas. Quer pela sua actividade na arte da cerâmica local - desde 1884 até 1905 - quer pela narração - folhetim da sociedade caldense que ia dando através das suas caricaturas e desenhos nos Pontos nos ii, no António Maria (2ª série) e na Paródia.”

É nesta imagem coletiva que reside a importância real do ato de comunhão entre os locais e objetos de atração e os turistas. Será no ato coletivo da procura, na sua mensurabilidade tangível, que pode ser identificada a sua essência ou identidade. Referindo a importância desta imagem coletiva, na década de 30 do século XX, a

---

<sup>161</sup>Cf. Referido na obra, *Caldas da Rainha- Um Contributo Iconográfico Através do Bilhete Postal Ilustrado até Meados do Século XX*. Mafra: ELO, com o apoio de Património Histórico. 1999. Pág.45.

Comissão de Iniciativa e Turismo das Caldas contribuiu para a construção simbólica das Caldas da Rainha, enquanto atração turística, onde para além da organização de um circuito de autocarro Caldas /Foz do Arelho, procedeu à edição de 10 bilhetes-postais ilustrados

“Com fotografias de Júlio Matias, criou o 1º posto telefónico da Foz do Arelho, instalou bancos na praia da Foz, montou um recinto para crianças no Parque, contratou a Banda do Regimento - para 24 concertos no Parque, editou um folheto de propaganda (...) <sup>162</sup> e difundiu vários comunicados de propaganda das Caldas através dos microfones do Rádio Clube Português <sup>163</sup>”

A cerâmica e a escultura constituem-se ainda hoje como um dos referenciadores na identificação dos circuitos de visita à cidade das Caldas da Rainha. Os museus que a têm como principal temática, nomeadamente o Museu José Malhoa, o Museu da Cerâmica, o Museu Barata Feyo, o Centro de Arte e os Ateliers Museu João Fragoso e António Duarte são, em termos proporcionais, uma oferta numericamente elevada em relação ao todo divulgado pela autarquia <sup>164</sup> e no portal Go Caldas <sup>165</sup>.

### **III. 4. 4. 2. Os Bordados**

A referência a este tipo de arte manual, como uma das especificidades das Caldas da Rainha tem a sua razão de ser, assim como todos os locais onde os bordados ganharam fama e que se constituíram mais tarde, tal como a Madeira, em locais turísticos, por neles residir temporariamente um conjunto de senhoras que, devido a

---

<sup>162</sup>Cit. Trancoso, V. b) pág. 52.

<sup>163</sup> *Idem*, pág. 53.

<sup>164</sup> No seu sítio oficial da internet [http://www.cm-caldas-rainha.pt/portal/page/portal/PORTAL\\_MCR](http://www.cm-caldas-rainha.pt/portal/page/portal/PORTAL_MCR), mas também nos folhetos disponibilizados no posto de turismo.

<sup>165</sup> <http://www.gocaldas.com/> plataforma de comunicação disponibilizada *on line* desde 15 de maio de 2013, com objetivo de dar a conhecer as Caldas da Rainha e Foz do Arelho aos habitantes e aos turistas.

terem tempo disponível, se dedicavam à prática desta atividade típica da cultura outrora de corte. Os bordados estão diretamente relacionados com os locais turísticos assim como confecção de rendas está ligada aos locais *onde há redes*<sup>166</sup>, ou seja, locais costeiros onde a pesca existe enquanto atividade.

Referimo-nos, obviamente, a um tipo de técnica não surgida por criação endógena. Esta técnica terá ressurgido entre a segunda e a quarta década do século XX, por influência da sua divulgação na Escola Industrial e Comercial Rafael Bordalo Pinheiro por uma professora<sup>167</sup> do Curso Técnico de Formação Feminina; refira-se que este curso existia em mais regiões do país. É ainda possível ver a produção das alunas, com a imortalização do nome das professoras, em alguns museus municipais, tal como o do município de Lagos onde se encontram ainda expostos trabalhos desta natureza. A vilegiatura da cidade termal e o acolhimento de um conjunto de refugiados de guerra, nos anos 40 do século XX, do qual se destacavam senhoras com tempo e gosto para bordar, deram um ímpeto à produção e divulgação de uma arte quase extinta. Nesta arte destacavam-se as linhas tingidas com produtos da terra, em infusões, que lhes conferiam uma cor amarela escura ou cor de mel.

“Os Bordados das Caldas eram primitivamente executados com fio de linho, tinto num tom castanho dourado ou melado, sobre um tecido ralo branco, ou invés, de linha branca trabalhada em tecido acastanhado, com grande profusão de pontos (...) Como referimos, os Bordados das Caldas fabricavam-se em linho de tecitura grossa, ligeiramente cru, de confecção caseira. Os primitivos eram executados com fios de linho, tintos por cozedura em chás de diferentes plantas e flores de carqueja, o que lhes dava a incerteza da cor e a beleza do matizado. Actualmente, executam-se em tecido de linho, de alinhados finos, em linhas comerciais de algodão «perlé», de três tons. Os seus motivos são: arquinhos, «aranhiços», espirais, volutas, ângulos, repetições, corações – por vezes trespassados de setas – «carinhas» e «a birra de burro». Todos os elementos de cada motivo são simétricos, sendo a simetria o factor principal da composição do Bordado das Caldas. Na composição em repetição apenas os ângulos alternam, nos quatro cantos do

---

<sup>166</sup> Em itálico, por ser um excerto do termo popular português *onde há redes, há rendas*. Podemos referir o exemplo de Peniche, com as suas rendas de bilros.

<sup>167</sup>D. Maria Margarida Franco dos Santos, segundo Mário Tavares, veja-se, para mais informação: [http://www.cm-caldas-rainha.pt/portal/page/portal/PORTAL\\_MCR/VISITANTE/TRADICAO/ARTESANATO](http://www.cm-caldas-rainha.pt/portal/page/portal/PORTAL_MCR/VISITANTE/TRADICAO/ARTESANATO) consultado a 15 de junho de 2013.

quadrilátero, o mesmo motivo decorativo. No entanto, os desenhos do bordado «ponto de cadeia» fogem à referida simetria e têm uma composição de flores variadas. Nos ângulos, a composição ostenta geralmente um pequeno coração; as espirais são mais largas e duplas, ficando os cantos enriquecidos, devido à quantidade de pontos utilizados. Também em cada ângulo, a bissetriz é o eixo do motivo ângulo, observando-se nos desenhos de maior formato dois «aranhiços» grandes, sendo um para cada lado. Na organização da composição é necessário que todas as curvas, arquinhos, espirais e «aranhiços» sejam tangentes às linhas rectas com que jogam. O formato é geralmente rectangular, conhecendo-se, vários em forma circular ou em quadrado perfeito. Os pontos são de recorte muito espaçado: o vulgo ponto de caseado, os pontos de grilhão, de pé de galo, de formiga, de coroa, de espinha e pequenos ilhós; alinhavados, interrompidos e brides.<sup>168</sup>

A presença próxima da natureza, em todo o conjunto regional, constitui-se como elemento de interesse para quem vem à cidade e, na sua diversidade permite a produção de cultura material com particularidades ligadas aos aspetos formais da natureza. Reportamo-nos à produção de bordados, com características identitárias diferentes das produzidas em concelhos vizinhos, de onde destacamos os da Nazaré em que os motivos dos bordados se apresentam com um outro aspeto formal.

Estes bordados, nos dias de hoje vão-se encontrando, com alguma dificuldade nas lojas de artesanato da cidade. Porém, o município tem apoiado este tipo de produto, que tem, desde 2005, um selo de garantia de autenticidade, através da sua divulgação em certames exteriores ao concelho.<sup>169</sup>

---

<sup>168</sup> Cit. Mário Tavares em: [http://www.cm-caldas-rainha.pt/portal/page/portal/PORTAL\\_MCR/VISITANTE/TRADICAO/ARTESANATO](http://www.cm-caldas-rainha.pt/portal/page/portal/PORTAL_MCR/VISITANTE/TRADICAO/ARTESANATO), consultado a 15 de junho de 2013.

<sup>169</sup> (...) “duas artesãs foram convidadas pela Câmara das Caldas da Rainha para mostrarem o seu trabalho ao vivo no *stand* do Turismo do Oeste durante a Bolsa de Turismo de Lisboa (BTL) de 2012”. Citação de Ana Clara em [http://www.cafeportugal.net/pages/sitios\\_artigo.aspx?id=4586](http://www.cafeportugal.net/pages/sitios_artigo.aspx?id=4586) consultado a 15 de junho de 2013.

### III. 5. A atualidade da imagem institucional das Caldas da Rainha

#### III. 5.1. O portal da *internet* autárquico

Fazendo uma leitura da informação de cariz turístico veiculada pela autarquia das Caldas da Rainha, no momento presente, no seu sítio da *internet*<sup>170</sup> verificamos a existência de seis rubricas de destaque, em relação ao seu dimensionamento na página, com a designação de: *Como Chegar, Onde Ficar, Onde Comer, O que Fazer, Onde Comprar e Rotas Temáticas*, para além destas e com menor destaque em termos de dimensão temos: *Visite as Caldas, Tradições, Álbum de Fotografias, Museus, Eventos Anuais e Serviços Úteis*. Nesta recolha informativa, posicionando-nos enquanto captadores de interesse à sugestão da visita, fica-nos retida a imagem de uma cidade com facilidades ao seu acesso através de transportes públicos, tais como comboio e de rede de expressos rodoviários. Porém, a duração de duas horas para deslocação de comboio, a partir da cidade de Lisboa, para efetuar os 90 Km de distância entre esta cidade e as Caldas da Rainha parece um pouco dissuasora da utilização deste meio de transporte. A cidade surge, também, com uma oferta de alojamento hoteleiro variada, havendo disponível a modalidade tanto de alojamento urbano como de rural, assim como a variedade na classificação das unidades hoteleiras até às de quatro estrelas. A rubrica *Onde Comer* indica-nos uma panóplia de estabelecimentos com a indicação de restaurantes/*snack* bares, onde não encontramos referência às unidades que nos foram sugeridas, anteriormente mencionadas, três unidades com cozinha tradicional

---

<sup>170</sup> [http://www.cm-caldas-rainha.pt/portal/page/portal/PORTAL\\_MCR](http://www.cm-caldas-rainha.pt/portal/page/portal/PORTAL_MCR) consultado a 15 de junho de 2013.

portuguesa <sup>171</sup>e cozinha internacional, com indicação da italiana, chinesa, indiana e turca.

Na rubrica *Que Fazer* indicam-nos uma ida à Lagoa de Óbidos para, essencialmente, desfrutar da beleza natural daquela que surge indicada como a *maior e mais bela lagoa de água salgada da Península num espaço tranquilo e acolhedor*<sup>172</sup>.

Em *Onde Comprar*, há referência ao comércio de retalho como aquele que detém a maior fatia da ocupação do espaço. Faz-se aqui menção da importância das Caldas da Rainha como Capital do Comércio, indicando-se, contudo, o trabalho que a autarquia está a desenvolver na sua qualificação.

Como indicação de *Rotas Temáticas*, são-nos sugeridas indicações para realizarmos os circuitos individualmente ou com apoio do Centro Cultural e Recreativo de Salir do Porto<sup>173</sup>, sendo neste caso sujeitos a marcação prévia, com pagamento. Estas rotas são sugeridas para serem realizadas a pé ou de bicicleta. No circuito individual, é-nos indicado um percurso a iniciar pelo centro da cidade, a partir do local onde diariamente se comercializa a fruta e os legumes, a anteriormente referida Praça da República, que se destaca, com seguimento pelo património monumental com menção à Ermida de S. Sebastião, ao Chafariz das Cinco Bicas, à Igreja de Nossa Senhora do Pópulo e ao hospital termal, do qual se faz uma referência da sua história e das suas características artísticas. Os museus têm também referência, assim como o Parque Dom Carlos I e a Mata Rainha Dona Leonor.

Os percursos com apoio ocorrem de segunda a sexta-feira, com os temas: "Salir do Porto, natureza pura, São Martinho do Porto e os monges de Alcobaça, Caldas da Rainha e Dona Leonor, Óbidos, "Casa das Rainhas", Passear de bicicleta na Lagoa de

---

<sup>171</sup>Vide : [http://www.cm-caldas-rainha.pt/portal/page/portal/PORTAL\\_MCR/VISITANTE/ONDE\\_COMER](http://www.cm-caldas-rainha.pt/portal/page/portal/PORTAL_MCR/VISITANTE/ONDE_COMER) consultado a 15 de junho de 2013.

<sup>172</sup> Extraído de [http://www.cm-caldas-rainha.pt/portal/page/portal/PORTAL\\_MCR/VISITANTE/O\\_QUE\\_VISITAR](http://www.cm-caldas-rainha.pt/portal/page/portal/PORTAL_MCR/VISITANTE/O_QUE_VISITAR) consultado a 15 de junho de 2013.

<sup>173</sup> Também pode ser feita marcação prévia através de telefone.

Óbidos com os musaranhos”<sup>174</sup>. Estes percursos incluem pequenas refeições ou petiscos.

Há, também, referência a dois percursos pedestres incluídos no Roteiro Turístico do Oeste<sup>175</sup>. Neste roteiro surge uma oferta escassa de operadores de turismo ativo para o concelho das Caldas da Rainha, comparativamente à oferta registada para outros concelhos, de onde se destaca Peniche. O conjunto de atividades propostas é parte integrante da divulgação do conjunto atrativo para eventuais visitantes dos concelhos representados. O concelho de Caldas da Rainha destaca-se pelo maior pendor em atividades relacionadas com o campo; as que estão associadas à orla costeira e às águas marítimas têm pouca expressão, conforme se pode verificar na tabela que a seguir se apresenta:<sup>176</sup>

---

<sup>174</sup>Extraído de:

[http://www.cm-caldas-rainha.pt/portal/page/portal/PORTAL\\_MCR/VISITANTE/ROTAS\\_TEMATICAS](http://www.cm-caldas-rainha.pt/portal/page/portal/PORTAL_MCR/VISITANTE/ROTAS_TEMATICAS) consultado a 15 de junho de 2013.

<sup>175</sup> Abrindo a página correspondente na internet <http://www.rt-oeste.pt/>, podemos encontrar atividades de turismo ativo garantidas por empresas certificadas como operadores de animação turística, turístico-marítimos.

<sup>176</sup> Extraímos informação homóloga em <http://www.rt-oeste.pt/> no dia 15 de junho de 2013, no que se refere às rubricas destacadas na tabela, aos concelhos mais próximos das Caldas da Rainha com similitude na oferta dos recursos naturais. Exclui-se Alcobaça em virtude deste concelho não dispor da oferta de recursos hídricos marítimos.

**Tabela nº1:**

**Número de empresas de lazer ativo a operar nos concelhos de Caldas da Rainha, Nazaré, Óbidos e Peniche, com indicação do cariz das atividades desenvolvidas**

<b>Concelho</b>	<b>Caraterização da Empresa</b>	<b>Cariz das atividades desenvolvidas</b>	
<b>Caldas da Rainha</b>	Outros <sup>177</sup>	1	Espeleologia
		1	Atividades aéreas
		1	Equitação
		1	Passeios de charrete
		1	Ténis
		1	Percursos pedestres
		1	<i>Surf</i>
	Operador Marítimo-Turístico	1	Atividades Náuticas
	Animação turística	2	Multiatividades
	<b>Nazaré</b>	Outros	1

<sup>177</sup> Segundo informação recolhida em: <http://www.rt-oeste.pt/Catalogs/ListEntities.aspx?category=11> a 15 de junho de 2013.

<b>Nazaré</b>	Outros	1	Multiatividades
	Operador Marítimo-Turístico	1	Pesca desportiva
	Animação turística	1	Multiatividades
<b>Óbidos</b>	Outros	1	Espeleologia
		1	Equitação
	Operador Marítimo-Turístico	1	<i>Stand up paddle</i> <sup>178</sup>
	Animação Turística	1	Multiatividades
		1	Passeios de charrete
		1	Multiatividades
<b>Peniche</b>	Outros	2	Aluguer de bicicletas
		3	Surf
		1	Parque aquático
	Operador Marítimo-Turístico	1	<i>Surf</i>
		9	Passeios marítimo-turísticos
		1	Atividades náuticas

<sup>178</sup> Desporto que consiste na navegação em cima de uma prancha, auxiliada por uma pá que tem a função de remo. Traduzido livremente para o português *pá em pé*.

<b>Peniche</b>	Operador Marítimo-Turístico	2	<i>Surf</i>
		1	Pesca desportiva
	Animação turística	1	Mergulho
		1	Passeios turísticos
		2	Multiatividades
		1	Mergulho
		1	<i>Surf</i>

### **III. 5. 2. A cidade no portal *Gocaldas.com* - *Guia das Caldas da Rainha*<sup>179</sup>**

Este portal é um projeto de uma equipa multidisciplinar que, trabalhando em rede e com parcerias, tem como principal objetivo:

“potenciar a cidade como destino turístico aproveitando os seus recursos e potencialidades, de forma a que o desenvolvimento local seja uma realidade presente nas nossas acções. Funcionando em rede, através de iniciativas com os comerciantes ou interagindo com os actores diversos que representam os pólos da arte e cultura da cidade, queremos que

<sup>179</sup> Extraído de: <http://gocaldas.com/apresentacao-gocaldas-com/> consultado a 30 de junho de 2013.

exista uma forte dinâmica entre ambos, aumentando a visibilidade da cidade e do seu concelho”<sup>180</sup>.

Por este motivo o portal tem, sem dúvida, um papel importante no que respeita à criação da imagética das Caldas da Rainha, se bem que não tenha cariz oficial.

Aqui se apresentam nove rubricas, que incluem sub-rubricas referenciadas na tabela seguinte:

**Tabela nº 2:**

**Principais rubricas e sub-rubricas do portal *Gocaldas.com***

<b>Principais Atrações</b>	<b>O Que Fazer</b>	<b>Onde Ficar</b>	<b>Adrenalina</b>	<b>Informações</b>	<b>Gratuito</b>	<b>Experiências</b>	<b>Go Shop</b>
Não Perder Património Termal Itinerários Sugeridos Arte e Cultura Louça das Caldas A 5 Minutos da Praia	Agenda Onde Comer Planeia a Tua Visita Singularidades Onde Comprar O Que Fazer à noite	Hotéis Turismo no Espaço Rural Parques de Campismo Hostels		Quem Somos Seja Nosso Membro Caldas Essencial Mapas e Guias Parcerias Go  Posto de Turismo		Cultura e Património Gastronomia Arte Ar Livre	

<sup>180</sup> Extraído de: <http://gocaldas.com/apresentacao-gocaldas-com/> a 30 de junho de 2013.

Neste portal, a informação referente à cidade não difere muito daquela que é apresentada pela autarquia no seu sítio oficial. Aliás, neste último, a informação é mais completa nomeadamente no que se refere à história da cidade, em si, e também em relação à cultura, respeitante à arte de cariz popular e erudita. A informação geral está ainda por construir, pois este portal ainda é recente e está em funcionamento desde maio de 2013; mas o leitor, clicando no ícone que identifica o Centro Cultural das Caldas, pode receber informação atualizada sobre os eventos programados em cartaz. Este sítio da *internet* tem a vantagem de poder ter a múltipla participação na construção dos conteúdos através das parcerias constituídas, das quais se destacam alguns estabelecimentos comerciais e o Centro Cultural das Caldas.

Como indicações de visita, sugerem-se, para além do património relacionado com as águas termais, o Hospital e o Museu das Caldas, com menção à Mata Rainha Dona Leonor e Parque Dom Carlos I. Também se faz menção às visitas à Foz do Arelho e à Lagoa de Óbidos, com particular destaque às atividades possíveis em tempo de verão, desde a possibilidade de desfrutar do lazer passivo, em esplanada, ao lazer ativo, com a prática de atividades de desporto aquático. Há, também menção à vida de bairro<sup>181</sup>, com a inclusão de breve informação sobre o Bairro da Ponte.

“ Este nosso bairro e como tal diz o próprio nome, cresceu para lá da ponte de caminho-de-ferro que hoje em dia divide a cidade ao meio. Assim no processo de crescimento da cidade nos fins do século XIX, este bairro de cariz popular foi-se desenvolvendo no lado oeste das Caldas da Rainha. O facto de ser considerado um bairro popular deve-se em muito à difusão da actividade que fez a cidade ainda mais conhecida no plano nacional – a cerâmica. Grande parte dos funcionários das fábricas e alguns oleiros tinham como casa este bairro que hoje é mais conhecido apenas como Bairro da Ponte do que o seu nome oficial Bairro Além da Ponte. “<sup>182</sup>

A possibilidade de divulgação da cidade, para além do centro histórico, parece-nos deveras interessante.

---

<sup>181</sup> Indicamos referência para visualizar melhor a informação no portal: num *link* da sub- rubrica Planeia A Tua Visita, direcionado pela pesquisa do ícone Guia do Verão, pode-se clicar no ícone intitulado O Melhor dos Bairros. Consulte-se: <http://gocaldas.com/o-melhor-dos-bairros/>

<sup>182</sup> Extraído de <http://gocaldas.com/o-melhor-dos-bairros/> consultado a 30 de junho de 2013.

Quanto aos itinerários, dentro da cidade, para além do que se refere à água e a toda a sua presença na formatação urbana, onde se inclui o hospital e sua envolvência espacial próxima, é interessante a sugestão do circuito comercial, pelas ruas onde os momentos de lazer se podem aproveitar para as compras, dando referência à rua Almirante Cândido dos Reis, para a Praça da República, e para a grande superfície comercial. A rua Almirante Cândido dos Reis surge indicada como Rua das Montras; o seu verdadeiro nome está esquecido, facto que consideramos interessante pois também é assim que é referenciada por quem, das Caldas da Rainha e fora desta (conhecendo bem a cidade) a indica como<sup>183</sup> atração para ocupação de momentos de lazer. Estes itinerários, que incluem também a Foz do Arelho e a Lagoa de Óbidos, são referenciados na sub-rubrica de itinerários sugeridos. Para quem busca, neste sítio da *internet*, informação sobre a cidade é indicada a importância do registo, através de captação de imagem fotográfica, do património edificado uma vez que são identificados como “ edifícios de traça única (...) Nas suas paredes, descobre os azulejos do mestre Rafael Bordalo Pinheiro e dos seus discípulos”<sup>184</sup> para além da importância do comércio tradicional disponível na Rua das Montras. Os percursos são indicados como ideais para *andar de mãos dadas*<sup>185</sup>, o que sugere a associação de calma e romantismo, como também o alongamento do tempo despendido neste circuito, uma vez que se sugere a *vastidão histórica que esta cidade tem para te oferecer*.<sup>186</sup> A utilização, no discurso informativo para a primeira pessoa do singular é um referencial de personalização da imagem para o utilizador individual, sugerindo toda uma tipologia de serviço fundamentada na qualidade, ao invés da quantidade que caracterizou a oferta dos destinos massificados em termos de procura turística.

O aspeto visual que o utilizador do espaço urbano pode captar está assim associado à sensibilidade modernista caracterizado por Simmel<sup>187</sup> que sugere uma ausência de coerência nas escolhas feitas nas sociedades urbanas, devido à diversidade

---

<sup>183</sup> Não é assim visível na Tabela 2, uma vez que esta só contempla rubricas e sub-rubricas.

<sup>184</sup> Extraído de <http://gocaldas.com/sitios-para-andar-de-mao-dada/6/> consultado a 6 de julho de 2013.

<sup>185</sup> Como é indicado na nota anterior.

<sup>186</sup> Extraído de <http://gocaldas.com/sitios-para-andar-de-mao-dada/6/> consultado a 6 de julho de 2013.

<sup>187</sup> Faz-se referência à obra de Georges Simmel *The Philosophy of Money*. London: New York: Frisby, David Edit. 2011.

da oferta. A subjetividade que é colocada em ação pelos estímulos visuais e que se encontra ligada, por excelência, ao mundo intelectual, ou interior, do indivíduo está bem separada daquilo que é considerado objetivo, rotineiro e ligado por excelência à ideia substantiva do primado económico e do poder. Esta subjetividade torna-se fundamental enquanto exercício de experiência lúdica, visando precaver a instabilidade possível através do excesso de estímulos da vida rotineira, marcada pelo trabalho. O sentido da visão, e tudo o que possa ser considerado como estímulo para este, torna-se fundamental para este autor do século XIX. É precisamente em meados deste mesmo século que, associado ao desenvolvimento urbano, surge um pouco por toda a área de influência da civilização ocidental, Europa e na América do Norte, com particular menção aos Estados Unidos da América, uma panóplia de signos associados tanto à arquitetura, e às artes plásticas, com ligação a outros tipos de expressão onde se pode incluir a literatura. O estilo impressionista deste período está intimamente relacionado com esta estética, que podemos considerar uma libertação para o indivíduo que tem uma experiência relativamente recente de abandono da vivência no mundo rural<sup>188</sup>. Embora numa escala relativamente reduzida, se comparada com os exemplos atrás referidos, os princípios desta estética encontram-se presentes na cidade das Caldas da Rainha na sua zona de comércio central, pelo que acabamos de referir.

---

<sup>188</sup> Este tema é tratado por Mike Savage, Alan Ward e Kevin Ward, em *Urban Sociology, Capitalism and Modernity*. Palgrave MacMillan, 2003. Pp. 106-134.

### III. 5. 3. As Caldas da Rainha no portal das Termas de Portugal<sup>189</sup> e no portal do Centro Hospitalar do Oeste Norte<sup>190</sup>

A nossa pesquisa não contempla o enquadramento das Caldas da Rainha no contexto termal português devido às suas características específicas relacionadas sobretudo com a sua história e com especificidades de vivências urbanas. Porém nesta análise não poderíamos deixar de pesquisar informação existente sobre as particularidades termais da cidade, disponibilizada na *internet*, através do portal nacional das termas. Para o visitante da cidade que procura nela o benefício da sua tradição associada à saúde, este será um dos locais onde poderá obter algum esclarecimento útil para a objetivação da sua visita.

Refira-se que este portal tem o apoio do Turismo de Portugal e está associado ao conceito de Rede de Estâncias Termais, através dos programas PROVERE<sup>191</sup>, associado ao Programa Operacional Regional do Centro<sup>192</sup>, e à *European Spa Association*,<sup>193</sup> cujos *links* vêm representados<sup>194</sup>. Assim, a informação contida é mais de cariz genérico e remete para especificidades mais técnicas, nomeadamente para as que relacionam os tratamentos, com respetivas tabelas de preços, entre outros, através de *link* do Hospital Termal Rainha Dona Leonor<sup>195</sup>.

---

<sup>189</sup> Conforme informação disponível em: <http://www.termasdeportugal.pt/estanciastermais/Caldas-da-Rainha>, consultado a 9 de agosto de 2013.

<sup>190</sup> Surge ainda com a anterior designação de Centro Hospitalar das Caldas da Rainha, aquando da nossa consulta em 10 de agosto de 2013, ainda não foi atualizado para a nova designação que detém desde outubro de 2012, da qual se apresenta novo *site* em <http://www.choeste.min-saude.pt/>, consultado a 10 de agosto de 2013, a saber, Centro Hospitalar do Oeste.

<sup>191</sup> Programa de Valorização Económica de Recursos Endógenos, no âmbito da Estratégia de eficiência Coletiva de Valorização das Estâncias Termais da Região Centro.

<sup>192</sup> Designado por Mais Centro, com financiamento de fundos do QREN.

<sup>193</sup> Associação Europeia de Spas, com informação disponível em <http://www.europeanspas.eu/>, consultado a 9 de agosto de 2013.

<sup>194</sup> <http://termas.provere.pt/>, consultado a 9 de agosto de 2013.

<sup>195</sup> Com indicação do contato do Centro Hospitalar das Caldas da Rainha, <http://www.chcrainha.min-saude.pt/>, cuja designação passou a ser de Centro Hospitalar Oeste Norte a partir de 23 de janeiro de

A estância termal das Caldas da Rainha vem identificada com um pequeno texto que refere que estas termas são detentoras do hospital termal mais antigo do mundo<sup>196</sup> afirmação aceite pela maior parte dos investigadores que se têm dedicado ao estudo termal desta cidade. A composição química das águas, a sua especificidade de utilização para tratamentos, bem como os programas de *Bem-Estar*<sup>197</sup>, cuja designação não é mais do que uma simples identificação dos principais tratamentos administrados no Hospital Termal Rainha Dona Leonor, inserido no Centro Hospitalar Oeste Norte, como se pode verificar no excerto que se transcreve:

“ Recorrendo às virtudes excepcionais das águas minerais naturais, é cada vez maior o número de Estâncias Termais que oferecem programas complementares aos tratamentos clássicos. A oferta complementar dirige-se essencialmente às pessoas que procuram usufruir simultaneamente dos aspectos lúdicos, turísticos e terapêuticos que só as Estâncias Termais podem proporcionar. Também nesta oferta, a vertente terapêutica é importante, proporcionando ao cliente a reposição do equilíbrio orgânico, funcional e mental através de duches, banhos, massagens, saunas, estética, etc., com programas de curta duração (fim de semana, semana). Técnicas Termais de carácter preventivo; Tratamentos revitalizantes; Tratamentos anti-stress; Descanso físico, psíquico e emocional; Tratamentos que visam modificar hábitos reconhecidamente nefastos à saúde (tabagismo, maus hábitos alimentares, etc...). Tratamentos de beleza e estética, etc... Uma estada em qualquer uma das excelentes unidades hoteleiras das Termas de Portugal permite explorar a beleza da região circundante - maravilhas naturais de enorme valor, monumentos históricos, museus, uma rica e vasta gastronomia local, etc. - bem como outros pólos de lazer e animação - piscinas, campos de ténis, jardins e parques, cinema e discotecas – entre outras actividades desportivas e culturais durante a época termal. ”<sup>198</sup>

No sítio da *internet* deste centro, focalizámos a nossa atenção para aquilo que consideramos de primeira relevância aquando da escolha de qualquer tipo de serviços –

---

2009, com a Portaria 83/2009, englobando as unidades hospitalares Bernardino Lopes de Oliveira, de Alcobaça e a de São Pedro Gonçalves Telmo, de Peniche, conforme se pode verificar em: <http://www.chcrainha.min-saude.pt/>, consultado a 10 de agosto de 2013.

<sup>196</sup>Para melhor informação, consulte-se: <http://www.termasdeportugal.pt/estanciastermais/Caldas-da-Rainha>

<sup>197</sup> Excerto retirado de: <http://www.termasdeportugal.pt/bemestartermal/> a 10 de agosto de 2013

<sup>198</sup> Cujos contatos são, também, indicados na página para a qual se indica o acesso através da hiperligação: [www.chcrainha.min-saude.pt](http://www.chcrainha.min-saude.pt).

a tabela de preços, que vem apresentada como uma sub-rubrica de *Hospital Termal*<sup>199</sup>. Consta-se que os valores na respetiva tabela, para os tratamentos em hidrologia, se encontram em vigor desde 16 de março de 2007, para as épocas alta e baixa<sup>200</sup>, são relativamente acessíveis quando comparados com tabelas de quaisquer outros *spas* não termais de cariz urbano, também identificados por tudo o que possa estar associado ao já referido bem-estar e onde os serviços são prestados sem necessidade de prescrição médica ou de consulta especializada prévia. Outro pequeno documento que capta a nossa atenção é o que tem a designação de *Informação termal ao utente*<sup>201</sup> e onde este surge designado por aquista<sup>202</sup>. Neste documento<sup>203</sup>, a informação, ainda de cariz genérico, surge organizada por várias rubricas que podemos dividir em dois grupos:

- O de cariz informativo sobre a água, com indicação da sua *natureza, indicações terapêuticas, tratamentos termais e meios complementares de tratamento*<sup>204</sup>.

E

- O de cariz informativo sobre os serviços, com destaque em seis rubricas que surgem com a designação de: *acesso ao serviço de hidrologia, inscrição, tesouraria, consulta, tratamento termal e cuidados na alimentação*. Para além destas seis rubricas, é, também disponibilizada informação sobre as áreas do hospital termal, com indicação de contatos e horários, apresentando-se a referência de que o hospital tem os seus serviços encerrados ao domingo, bem como é feita referência ao património termal.

---

<sup>199</sup> Em itálico, por ser a designação da rubrica apresentada em <http://www.chcrainha.min-saude.pt/>, consultado a 10 de agosto de 2013. Para melhor informação, pode ser consultado o preçário em: [http://www.chcrainha.min-saude.pt/Ficheiros/precarior\\_termal.pdf](http://www.chcrainha.min-saude.pt/Ficheiros/precarior_termal.pdf), tal como o fizemos a 10 de agosto de 2013.

<sup>200</sup> Respetivamente de junho a outubro e de novembro a maio, conforme pudemos verificar em: [http://www.chcrainha.min-saude.pt/Ficheiros/precarior\\_termal.pdf](http://www.chcrainha.min-saude.pt/Ficheiros/precarior_termal.pdf), consultado a 10 de agosto de 2013.

<sup>201</sup> Em [http://www.chcrainha.min-saude.pt/Ficheiros/informacao\\_termal.pdf](http://www.chcrainha.min-saude.pt/Ficheiros/informacao_termal.pdf), consultado a 10 de agosto de 2013.

<sup>202</sup> Veja-se definição na pág. 83.

<sup>203</sup> Disponível, também, em versão papel, na forma que se apresenta em: [http://www.chcrainha.min-saude.pt/Ficheiros/informacao\\_termal.pdf](http://www.chcrainha.min-saude.pt/Ficheiros/informacao_termal.pdf), como uma mono folha impressa dos dois lados, dobrada em três fólhos.

<sup>204</sup> Em itálico, por serem apresentados desta forma em: [http://www.chcrainha.min-saude.pt/Ficheiros/informacao\\_termal.pdf](http://www.chcrainha.min-saude.pt/Ficheiros/informacao_termal.pdf), consultado a 10 de agosto de 2013.

Este documento, em forma de folheto, vem ilustrado relativamente ao tratamento hospitalar ministrado da seguinte forma:

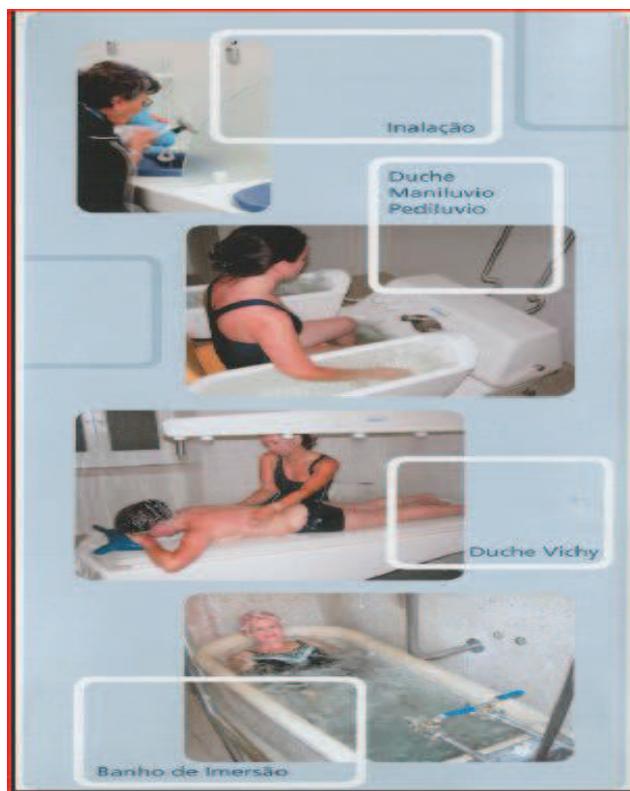


Foto nº15:

Alguns tratamentos ministrados no Hospital Termal Rainha Dona Leonor<sup>205</sup>

O bem-estar é uma palavra utilizada, também no catálogo digital da Associação das Termas de Portugal, disponibilizado nas línguas portuguesa e espanhola também na sua página da *internet*,<sup>206</sup> estando ligado analogicamente aos signos da *Natureza*, *Lazer* e *Animação* como também aos de *Cultura e Património*<sup>207</sup>. Todos estes signos são, por

<sup>205</sup> Extraído do Folheto Informação Termal ao Utente, disponível a 10 de agosto em [http://www.chcrainha.min-saude.pt/Ficheiros/informacao\\_termal.pdf](http://www.chcrainha.min-saude.pt/Ficheiros/informacao_termal.pdf)

<sup>206</sup> Para melhor informação, consulte-se: <http://www.termasdeportugal.pt/catalogodigitalatp/>

<sup>207</sup> Termos colocados em itálico pois são os que se utilizam em <http://www.termasdeportugal.pt/media/4/file/CatalogoDigitalATP/brochura%20digital%20PT-ES.pdf>, consultado a 10 de agosto de 2013.

sua vez, associados ao conceito de saúde, a que corresponde o universal de cultura relacionado com as águas termais, à terra mãe e às figuras femininas, que surgem como ilustração da brochura digital. O tratamento através das águas, per si, parece-nos não ser suficientemente atrativo, havendo a óbvia preocupação da entidade promotora de serviços disponibilizados pelas Termas de Portugal recorrer ao conjunto de elementos caracterizadores do conjunto da estância termal. Contudo, são apresentadas imagens ilustrativas dos tratamentos, que a seguir se ilustram, onde a possível eficácia surge de uma forma diferente do que aquela que é revelada da na fotografia anterior.



**Foto n° 16:**

**Tratamentos ministrados no Hospital Termal Rainha Dona Leonor, segundo Brochura Digital das Termas de Portugal<sup>208</sup>**

---

<sup>208</sup> Foto extraída da página 7 da referida brochura, disponível a 10 de agosto em: <http://www.termasdeportugal.pt/media/4/file/CatalogoDigitalATP/brochura%20digital%20PT-ES.pdf>

A grande diferença está, em nosso entender, na ausência de representação de quem administra o tratamento em si. Visualiza-se parte do equipamento<sup>209</sup>, o utente e o elemento água, mas não o manuseador/controlador do tratamento em si. O utente, nesta foto, parece-nos mais liberto no que respeita à utilização do tempo e do espaço.

As frases, apresentadas na brochura digital, que a seguir se indicam,

“ Apetece-lhe fugir de tudo e regressar ao melhor que a vida tem? Sentir bem de perto a Natureza e saborear o Tempo... deixar cair o manto reconfortante das noites calmas sobre o sentido das coisas...Parta para as Termas de Portugal e reencontre o equilíbrio com que sempre sonhou! Entre nesta viagem e descubra águas e tratamentos exclusivos e saiba que não é o único a precisar de um salto qualitativo ao encontro do mais puro<sup>210</sup> bem-estar”<sup>211</sup>

recorrem a toda a simbologia da fuga do quotidiano/profano para a liberdade do sagrado, onde o tempo se gere de outra forma e está associado ao fenómeno turismo enquanto catalisador de saúde (o termo equilíbrio está associado a este conceito) através das águas, cuja identificação pela palavra só surge uma vez no excerto apresentado. A imagem da fuga, que é também a do encontro com a essência e que está, a nosso ver, patente nas imagens que a seguir se apresentam, ganha assim importância para que se consiga o equilíbrio proposto na imagética do paraíso, na qual se associam a jovialidade, a beleza e a juventude, para além da paz subjacente às ideias acima enunciadas. Nesta imagética a água é sempre uma constante, assim como tudo o que lhe está associado, sendo a própria vida de todos os seres (representados na arte em figuras fitomórficas, zoomórficas e antropomórficas) ligada ao equilíbrio e à paz, proposta pela atitude calma do conjunto. Na foto que apresentamos de seguida, podemos visualizar quietude paz e serenidade e somos remetidos para um estado de permanência sugerido também pela temática edénica.

---

<sup>209</sup> Este equipamento não é apresentado de uma forma tão explícita em relação à relativização do posicionamento do conjunto ilustrado em cada excerto. Na primeira foto, visualiza-se mais a área relativa a equipamento.

<sup>210</sup> A palavra puro está ligada à imagem da natureza e, por conseguinte, à água termal.

<sup>211</sup> Extraídas de:  
<http://www.termasdeportugal.pt/media/4/file/CatalogoDigitalATP/brochura%20digital%20PT-ES.pdf>, em 10 de agosto de 2013, pág.1.

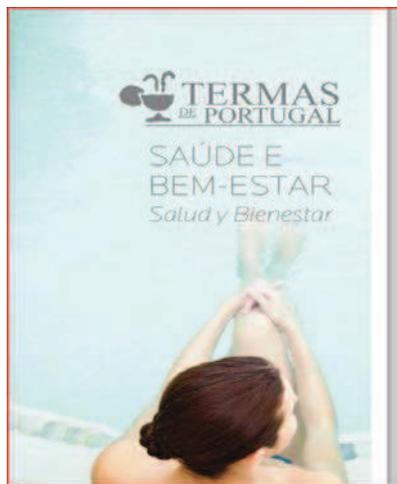


Foto n° 17: Ilustração retirada de <http://www.termasdeportugal.pt/media/4/file/CatalogoDigitalATP/brochura%20digital%20PT-ES.pdf><sup>212</sup>



Foto n° 18: Ilustração retirada de <http://www.termasdeportugal.pt/media/4/file/CatalogoDigitalATP/brochura%20digital%20PT-ES.pdf><sup>213</sup>

---

<sup>212</sup> Extraída da Página 1, do documento referenciado, em 10 de agosto de 2013.

Nesta imagem a água em movimento é controlada por uma figura feminina jovem. Patenteia-se aqui a simbólica feminina, ligada à natureza controlada e ao equilíbrio em si, através do manuseamento.

Para além da sugestão da envolvimento do espaço e tempo de lazer, há um conjunto informativo, se bem que ainda de cariz genérico, sobre as questões que o termalista<sup>214</sup> possa querer ver esclarecidas. Assim surgem respostas simples, com inteligível mas cuidada linguagem técnica, a simples questões como: *O que é a água mineral?*<sup>215</sup> *O que é o termalismo?*<sup>216</sup> *O que é o tratamento termal?*<sup>217</sup> *Como aceder a um programa de tratamentos termais?*<sup>218</sup> A referência à *Supervisão médica; O que são serviços de bem-estar termal?*<sup>219</sup> No seguimento destas questões faz-se referência à *Natureza*<sup>220</sup>, associada a ideias tais como: relaxamento, alívio, estética e revigoração.

São também referidas as *Infra-estruturas turísticas e de animação*, que constam de *Parque com Lago, Ténis, Restaurante, Salão de Chá, Parque Infantil, Mata com campo de futebol e Ginásio desportivo, Museus*.<sup>221</sup> A disponibilização, para leitura da informação, nas línguas francesa, alemã, inglesa e espanhola além da portuguesa, promove a divulgação internacional das Caldas da Rainha, enquanto destino termal.

Contudo, o termalismo da cidade das Caldas da Rainha, que está intimamente ligado ao hospital termal, tem vindo a ser alvo de polémica desde há alguns anos, acentuando-se a partir do ano de 2009, aquando da passagem deste para o Centro

---

<sup>213</sup> *Idem, ibidem.*

<sup>214</sup> Termo apresentado na página 7 da brochura digital, para identificar o utilizador dos serviços de termalismo:  
<http://www.termasdeportugal.pt/media/4/file/CatalogoDigitalATP/brochura%20digital%20PT-ES.pdf>, em 10 de agosto de 2013.

<sup>215</sup> Na página 5 da brochura digital, cujo *link* se apresenta na nota anterior.

<sup>216</sup> Na página 6 da mesma brochura digital.

<sup>217</sup> Como se pode ver na página 7 da brochura.

<sup>218</sup> Indicado na página 8 da referida brochura.

<sup>219</sup> Indicados na página 9 e 10 da mesma publicação referenciada na nota anterior.

<sup>220</sup> Em itálico, por se apresentar na página 11 de:  
<http://www.termasdeportugal.pt/media/4/file/CatalogoDigitalATP/brochura%20digital%20PT-ES.pdf>, em 10 de agosto de 2013.

<sup>221</sup> Conforme apresentado em: <http://www.termasdeportugal.pt/estanciastermais/Caldas-da-Rainha>, consultado a 10 de agosto de 2013.

Hospitalar do Oeste Norte, através da Portaria 83/2009 de 22 de janeiro. Este Centro integrava o Hospital das Caldas da Rainha, o Hospital Termal Rainha Dona Leonor e todo o legado patrimonial da rainha à cidade, o Hospital de Alcobaça e Peniche. A partir de outubro de 2012, passou a ter a designação de Centro Hospitalar do Oeste, englobando as unidades de Caldas da Rainha, Torres Vedras, Peniche e Alcobaça. Esta polémica começou com as sucessivas ordens de encerramento da unidade hospitalar por parte do Ministério da Saúde<sup>222</sup>, por razões que se prendiam com questões relativas à salubridade das águas termais.

No ano de 2013, a 15 de maio, dia da cidade, em que habitualmente se dava início à época termal, um conjunto de duzentas pessoas<sup>223</sup> manifestaram-se lançando ao ar balões brancos e negros, dando conta do seu desagrado contra mais um encerramento do Hospital Rainha Dona Leonor desde 6 de março de 2013, devido à presença da bactéria *Legionella não Pneumophila*, conforme informação disponibilizada pelo gabinete de imprensa do Centro Hospitalar do Oeste onde se refere que “

“ A suspensão da atividade do Hospital Termal envolve apenas a área de hidrobalneoterapia. Mantem-se em funcionamento as restantes atividades, nomeadamente o internamento de ortopedia, as consultas de psiquiatria e os tratamentos de medicina física e de reabilitação.”<sup>224</sup>

---

<sup>222</sup>Veja-se, para melhor informação:

<http://app.parlamento.pt/webutils/docs/doc.pdf?path=6148523063446f764c3246795a5868774d546f334e7a67774c325276593342734c584a6c635639775a584a5953556b76634849784d7a6b304c586870615330794c5745756347526d&fich=pr1394-xii-2-a.pdf&Inline=true>, consultado a 26 de agosto de 2013.

<sup>223</sup> Segundo fonte da Lusa consultado em <http://saude.sapo.pt/noticias/saude-medicina/duzentos-manifestantes-contestam-fecho-do-hospital-termal-das-caldas-da-rainha.html>, consultado a 26 de agosto de 2013.

<sup>224</sup> Segundo informação disponibilizada pelo gabinete de imprensa do Centro Hospitalar do Oeste em: <http://www.choeste.min-saude.pt/images/conteudos/corredorprincipal/SaladeImprensa/2013/6marco2013.pdf>, consultado a 26 de agosto de 2013.

A reabertura da atividade termal está condicionada à avaliação de obras necessárias, cujo compromisso foi consensualizado entre a autarquia e a administração do Centro Hospitalar do Oeste<sup>225</sup>, desde:

“salvaguardadas que estejam as questões de saúde pública, sendo as referidas obras financiadas pela Câmara Municipal<sup>226</sup>. Está em curso a celebração de auto de cedência de utilização, a título precário, ao abrigo do DL n.º 280/2007, de 7 de Agosto, artigos 3.º, 4.º, 53.º e 54.º, entre a Direção Geral do Tesouro e das Finanças, o Município das Caldas da Rainha e o CH Oeste do Hospital Rainha Dona Leonor e do novo Balneário, estando prevista a cedência destas unidades ao Município das Caldas da Rainha, para administração, gestão e sua manutenção.”<sup>227</sup>

A salvaguarda destas questões acima enunciadas é geradora de polémica que vai atrasando consecutivamente a reabertura da unidade hospitalar, mantendo uma entropia negativa na dinâmica do desenvolvimento do termalismo da cidade.

---

<sup>225</sup> Designação atual, detida a partir de outubro de 2012, aquando da junção do Centro Hospitalar Oeste Norte e do Centro Hospitalar de Torres Vedras.

<sup>226</sup> Para melhor informação, veja-se:

<http://app.parlamento.pt/webutils/docs/doc.pdf?path=6148523063446f764c3246795a5868774d546f334e7a67774c325276593342734c584a6c635639775a584a5953556b76634849784d7a6b304c586870615330794c5745756347526d&fich=pr1394-xii-2-a.pdf&Inline=true>, resposta do Chefe de Gabinete da Secretária de Estado para os Assuntos Parlamentares e da Igualdade, em 28/5/2013, às perguntas com referência 1394/12/2ª feitas em 8 de março de 2013, pelos deputados do PSD Maria da Conceição Pereira e Paulo Batista Santos ao Ministério da Saúde sobre o futuro do hospital, que podem ser consultadas em: <http://app.parlamento.pt/webutils/docs/doc.pdf?path=6148523063446f764c3246795a5868774d546f334e7a67774c325276593342734c584a6c635639775a584a5953556b76634763784d7a6b304c586870615330794c6e426b5a673d3d&fich=pg1394-xii-2.pdf&Inline=true>.

<sup>227</sup> Consulte-se na íntegra o documento em:

<http://app.parlamento.pt/webutils/docs/doc.pdf?path=6148523063446f764c3246795a5868774d546f334e7a67774c325276593342734c584a6c635639775a584a5953556b76634849784d7a6b304c586870615330794c5745756347526d&fich=pr1394-xii-2-a.pdf&Inline=true>

### III. 5. 4. As Caldas da Rainha no portal<sup>228</sup> *Visit Portugal-Europe's West Coast*<sup>229</sup>

Por estarmos a observar as imagens institucionais, não poderíamos deixar por fazer a observação de um dos *sites* mais conhecidos mundialmente para captação de informação sobre Portugal, enquanto destino turístico. Muito provavelmente é por essa razão que a divulgação da informação apresentada é feita noutras línguas, para além do português: em inglês; em castelhano; em alemão; em francês; em italiano; em holandês; em russo; em japonês e em mandarim.

A indicação do nosso país como a Costa Ocidental da Europa deixa passar uma imagem de um país que é um conjunto costeiro atrativo, sendo associados todos os signos que com este se relacionam no turismo à simbólica de hedonismo e saúde, tais como o sol, a areia e os campos de golf, indicação demasiado restritiva, no nosso entender, em relação a outros conjuntos que são configuradores de cultura, nomeadamente o termalismo. A água marinha está nitidamente presente na palavra costa.

A noção de *spa*<sup>230</sup> tem atualmente uma abrangência mais alargada, mas inicialmente foi associada ao termalismo e à segurança dos espaços construídos para a fruição da calma necessária à eficácia dos benefícios da água termal. Nestes espaços, onde se prestam serviços de saúde e beleza, associados à água e à natureza, verifica-se a aplicação de princípios de organização cultural, segundo orientação filosófica ou religiosa, dos quais se destacam os orientais, tais como o xintoísmo, o taoísmo e o budismo; mas também o animismo afro-brasileiro marca uma forte tendência na aplicação do conceito de fuga à realidade quotidiana. Assim, temos estes espaços disseminados um pouco por todo o lado, com uma forte incidência no contexto urbano.

---

<sup>228</sup> Da *internet*, onde para mais informação se pode aceder através de: <http://www.visitportugal.com/Cultures/pt-PT/default.html>, por nós consultado a 13 de agosto de 2013.

<sup>229</sup> Traduzido para português: Costa Ocidental da Europa.

<sup>230</sup> Do Latim *Salus per aquam* (saúde pela água, em português)

Na realização da pesquisa no portal *Visit Portugal*, verificámos não surge menção à cidade das Caldas, enquanto detentora de cuidados de *spa* estando atualmente este serviço associado, no que se refere à sua prestação, a unidades hoteleiras, facto que merece, a nosso ver, a atenção de todos os que estão envolvidos na promoção do nosso país, enquanto destino turístico.

Todavia, na busca por informação sobre termas, neste local da *internet*, surgem as Caldas da Rainha, na rubrica sugestões, como se pode visualizar na foto que a seguir se apresenta:



Foto nº 19:

Caldas da Rainha, na pesquisa por termas, no *site* *Visita Portugal*<sup>231</sup>

<sup>231</sup> Extraído de: <http://www.visitportugal.com/NR/exeres/A17662E6-7AC2-4139-B257-C42EDFE9B888.frameless.htm> a 13 de agosto de 2013.

E, ao acedermos à informação sobre a cidade, clicando no local com a sua nomeação, podemos verificar que a cidade vem identificada através de duas imagens. A primeira foto, que podemos considerar como signo escolhido, pois apresenta-se no topo da página<sup>232</sup>, nada tem a ver com a ideia de termas em si, se pensarmos na imagética universal associada à palavra.

Veja-se, então, a primeira dessas imagens na foto:



Foto n° 20:

**Imagem das Caldas da Rainha no portal do Visit Portugal<sup>233</sup>**

Contudo, na segunda imagem, que surge na mesma página, podemos ver uma imagem que remete já para esse universal de cultura, águas calmas, associado às termas.

Ora observe-se:

---

<sup>232</sup> Tal como pudemos verificar a 13 de agosto, em: <http://www.visitportugal.com/NR/exeres/A17662E6-7AC2-4139-B257-C42EDFE9B888.frameless.htm>

<sup>233</sup> Excerto retirado da hiperligação apresentado na nota anterior, a 13 de agosto de 2013.



**Foto nº21:**

**Imagem de piscina termal <sup>234</sup>**

Embora se diga que *uma imagem vale mais que mil palavras*, sendo esta frase também um universal de cultura, o texto apresentado sobre a cidade é rico em termos de informação e de sugestão de imagens, tal como se pode verificar na foto seguinte:

---

<sup>234</sup> Extraída a 13 de agosto de: <http://www.visitportugal.com/NR/exeres/A17662E6-7AC2-4139-B257-C42EDFE9B888.frameless.htm>

**A cidade das Caldas da Rainha, a norte de Lisboa, deve o seu nome à nascente termal, muito apreciada pela rainha D. Leonor, mulher de D. João II.**

Tendo beneficiado das propriedades curativas das águas, que já na época eram muito procuradas pela população local, a rainha mandou construir o hospital em 1485, sendo o mais antigo hospital termal do mundo. A cidade desenvolveu-se à sua volta e foi sempre muito procurada pelos reis e aristocracia portuguesa, com auge no séc. XIX, em que as termas estavam na moda.

Continuando hoje muito procurada para este fim, as Caldas da Rainha têm muitos outros atrativos: desde logo o Parque Termal, fresco e verdejante, onde se situam museus como o de José Malhoa, com pintura naturalista e realista deste e de outros pintores portugueses do séc. XIX e XX.

A abundância de argilas na região deu origem à proliferação de fábricas de cerâmica, indústria que se desenvolveu até hoje, sendo internacionalmente conhecida a cerâmica figurativa e satírica das Caldas.

Mas foi com Rafael Bordalo Pinheiro, ceramista e caricaturista do séc. XIX que aqui fundou uma fábrica, que esta adquiriu maior notoriedade, havendo uma boa coleção da sua obra no Museu de Cerâmica.

Destacando ainda algumas igrejas da cidade, como a de Nossa Senhora do Pópulo, as Caldas da Rainha merecem não só a visita ao seu centro histórico, mas também aos arredores, onde se destacam a vila turística de Óbidos e as ótimas praias.

**Foto nº 22:**

**Texto sobre a cidade das Caldas da Rainha apresentado no portal de *Visit Portugal*<sup>235</sup>**

Uma vez que a nossa busca por informação no portal em análise foi iniciada com a palavra termas, podemos dizer que o que se recolheu foi parco em termos de conteúdo.

<sup>235</sup> Extraído de: <http://www.visitportugal.com/NR/exeres/A17662E6-7AC2-4139-B257-C42EDFE9B888.frameless.htm> a 13 de agosto de 2013.

### III. 6. Imagens da cidade nos postais ilustrados do século XX

Na formatação da imagética do desejo associado aos espaços de lazer e ao atrativo dos lugares, depois da literatura, das artes plásticas e das cartas, os postais ilustrados são, em nosso entender, como um dos elementos mais importantes na criação de signos identificadores desses mesmos lugares.

Os postais, apesar de serem como elementos de divulgação dos lugares a partir do filtro individual, através do olhar do fotógrafo, são pela sua comercialização objeto da aprovação institucional do poder local ou, até do estatal. Por essa razão os consideramos como peças importantes na análise da imagem institucional. Embora não tenhamos dado relevo, na nossa pesquisa à identificação dos editores, muitos deles cidadãos caldenses ou não, ou até entidades governamentais, consideramos, contudo, que o esforço para o lançamento das edições, tanto por parte de uns como de outros, foi de grande importância para a constituição da imagem das Caldas da Rainha, enquanto atração turística.

Na nossa busca de imagens das Caldas da Rainha, apesar de termos conhecimento de várias pessoas que tinham alguns postais da cidade em suas casas, e a existência de uma excelente coleção coligida e organizada durante anos pelo Dr. Vasco Trancoso e que foi adquirida pelo município, estando disponível na Biblioteca Municipal das Caldas da Rainha, optámos por escolher uma única coleção disponível *on-line*<sup>236</sup>, por nos parecer bem organizada e mais completa, permitindo-nos uma consulta mais estruturada, tendo procedido à sua classificação em rubricas.

Assim, em quatrocentas e quarenta fotos visualizadas considerámos curioso o facto de o maior peso das imagens apresentadas ser relacionado com um local de águas marinhas. Referimos as que se reportam à rubrica Foz do Arelho, que surgem com mais frequência, porém, este valor é claramente inferior ao de todas as rubricas que se encontram direta ou indiretamente associadas aos signos que se reportam à envolvência do espaço termal. Este signos são comuns a todos os lugares termais nacionais e

---

<sup>236</sup> Fizemos a nossa pesquisa em alguns alfarrabistas e colecionadores e na Hemeroteca da Biblioteca Nacional.

estrangeiros, nomeadamente o parque e a mata, como os hospitais, e toda a envolvência do meio natural, que inclui a presença de rios próximos, os quais de certa maneira alimentam a imagética da liberdade e pureza das vivências possíveis nesses mesmos lugares.

A presença das pessoas é uma constante nas imagens mais antigas, nomeadamente, as do princípio do século XX da coleção visualizada. É interessante verificar este facto em imagens do parque e da mata, bem como do mercado. Neste último, há uma focalização no binómio multidão/indivíduos, com especificidades na mostra dos vendedores e compradores. Quando focalizados os vendedores, há uma clara identificação da tipologia de costumes associados à vivência rural, nomeadamente, na forma de trajar que surge como uma especificidade ou, melhor, uma tipicidade.

Esta mostra de tipicidades é, aliás, muito característica das estéticas do século XIX, referidas anteriormente no nosso trabalho, fortemente alicerçada na pesquisa etnográfica, com consequente expressão etnológica, tão em voga ainda nas primeiras décadas do século XX.

Observe-se a nossa leitura na tabela seguinte:

### **Tabela nº 3**

**Principais rubricas dos postais ilustrados do começo do século XX e meados dos século XX conforme são apresentados em:**

**<http://www.prof2000.pt/users/avcultura/postais/CaldasRaiPost36.htm>**<sup>237</sup>

<b>Imagens</b>	<b>Número Total</b>	<b>%</b>
<b>Hospital Termal</b>	27	6.2
<b>Hospital de Santo Isidoro</b>	3	0.69

<sup>237</sup> Consultado a 21 de julho de 2013.

<b>Igreja Matriz</b>	12	2.7
<b>Igreja N. S. Conceição</b>	2	0.46
<b>Chafariz das Cinco Bicas</b>	7	1.61
<b>Palácio Real</b>	4	0.92
<b>Pavilhões do Parque</b>	17	3.9
<b>Torre da Igreja</b>	9	2.07
<b>Museus</b>	5	1.15
<b>Fábrica de Cerâmica</b>	18	4.14
<b>Figuras de Cerâmica relacionadas com o museu Bordalo Pinheiro</b>	5	1.15
<b>Estátuas</b>	16	3.8
<b>Parque Dom Carlos (imagens de natureza)</b>	46	9.86
<b>Parque Dom Carlos (imagens de edificios)</b>	16	3.8
<b>Mata Rainha Dona Leonor</b>	22	5.3
<b>Rios</b>	14	3.22
<b>Edifícios</b>	4	0.92
<b>Ruas</b>	27	6.2
<b>Chalés de pessoas ilustres</b>	32	7.6

<b>Mercado</b>	18	4.14
<b>Tipos e costumes</b>	9	2.07
<b>Feiras agro-pecuárias</b>	4	0.92
<b>Moinhos</b>	3	0.69
<b>Zé Povinho</b>	1	0.23
<b>Praça de Touros</b>	2	0.46
<b>Estação de Caminho-de-ferro</b>	7	1.61
<b>Vista da cidade</b>	14	3.22
<b>Militares</b>	1	0.23
<b>Hotéis</b>	29	6.3
<b>Foz do Arelho</b>	53	12.5
<b>Salir do Porto</b>	2	0.46
<b>Várias Imagens</b>	7	1.61
<b>Postal Comercial</b>	1	0.23
<b>Fotos de ilustres</b>	2	0.46
<b>Nº Total de Imagens</b>	<b>440</b>	<b>100</b>

Na observação da tabela, podemos ainda fazer novos agrupamentos de rubricas como, por exemplo, de imagens relacionadas com natureza, águas calmas, tendo identificado por águas calmas aquelas que estão associadas à simbólica feminina e à atividade agrícola, da calma e do controlo humano saudável, por oposição ao controlo destrutivo, associado à guerra e à simbólica universal do masculino.

Assim, se somarmos as imagens do Parque Dom Carlos I às da Mata Rainha Dona Leonor e às imagens de rios, moinhos, feiras agropecuárias e às dos mercados, temos um total de 107 imagens, como se pode observar na tabela seguinte:

**Tabela nº 4:**  
**Imagens relacionadas com a natureza e águas calmas**

<b>Rubricas de fotos</b>	<b>Total de fotos por rubrica</b>	<b>Percentagem em relação ao total de fotos (440)</b>
<b>Parque Dom Carlos</b>	46	10.45
<b>Mata Rainha Dona Leonor</b>	22	5
<b>Rios</b>	14	3.18
<b>Moinhos</b>	3	0.68
<b>Feiras agro-pecuárias</b>	4	0.90
<b>Mercado</b>	18	4.09
<b>Total</b>	<b>107</b>	<b>24.3</b>

Destas rubricas, destacam-se, sem dúvida, aquelas que estão associadas à cultura ou, melhor, à ação do ser humano que controla a natureza e a transforma de uma forma atrativa. Para além do parque e da mata, temos a rubrica de mercado onde se pode adquirir a natureza para consumo; consideramos representativo nesta o número que lhe surge associado, valorizando na tabela a imagética de calma e saúde, associada ao cosmopolitismo da cidade das Caldas da Rainha.

A presença das águas calmas, associadas ao termalismo, faz perfeita ligação às imagens das termas que surgem ligadas ao património edificado, como se pode observar na tabela que de seguida se apresenta.

**Tabela nº 5:**

**Património edificado associado à saúde e às águas termais:**

<b>Rubricas de fotos</b>	<b>Total de fotos por rubrica</b>	<b>Percentagem em relação ao total de fotos (440)</b>
<b>Hospital Termal</b>	27	6.2
<b>Hospital de Santo Isidoro</b>	3	0.69
<b>Chafariz das cinco bicas</b>	7	1.61
<b>Pavilhões do Parque</b>	17	3.9
<b>Total</b>	<b>54</b>	<b>12.40</b>

É, também, interessante verificar o peso das imagens relacionadas com a cultura, associadas à vivência urbana, como se pode verificar na tabela seguinte.

**Tabela nº 6**

**Imagens associadas ao património edificado e à vivência urbana**

<b>Rubricas de fotos</b>	<b>Total de fotos por rubrica</b>	<b>Percentagem em relação ao total de fotos (440)</b>
<b>Chalés de pessoas ilustres</b>	32	7.6
<b>Edifícios</b>	4	0.92
<b>Estação caminho-de-ferro</b>	7	1.61
<b>Estátuas</b>	16	3.8
<b>Fábrica de cerâmica</b>	18	4.14
<b>Hotéis</b>	29	6.3
<b>Igreja N<sup>a</sup> Sr<sup>a</sup> Conceição</b>	2	0.46
<b>Igreja Matriz</b>	12	2.7
<b>Museus</b>	5	1.15
<b>Palácio Real</b>	4	0.92
<b>Parque Dom Carlos (edifícios)</b>	16	3.8
<b>Praça de touros</b>	2	0.46

<b>Ruas</b>	27	6.2
<b>Torre da igreja</b>	9	2.07
<b>Vista da cidade</b>	14	3.22
<b>Total</b>	<b>197</b>	<b>34.91</b>

Um pormenor interessante em grande parte das imagens captadas é a presença humana e o bulício urbano. Apesar de haver focalização em edifícios e pormenores destes, nomeadamente na focalização de signos representativos das igrejas, como exemplo, está implicitamente presente o cidadão, tanto como fruidor do espaço como nele presente enquanto produtor de imagem. No conjunto de fotos relacionadas com a produção de cerâmica, nota-se a presença de alguns dos operários.

O peso que os chalés de pessoas ilustres apresenta nesta tabela é, de facto, curioso, pois nestes verifica-se a inclusão de muros elevados, jardins e destacada presença de elementos formais exógenos à cultura local. Estes elementos associam-se aos signos da habitação com características de riqueza, de onde se destaca para além do nome do proprietário, identificado com a nobreza recente do século XIX, ou com a burguesia associada ao comércio ou à indústria, e também à volumetria, que se salienta em relação ao restante conjunto habitacional envolvente. A inclusão da diferença, geralmente identificada com a estética do progresso, é assim denotada.

A nosso ver, esta inclusão de imagens está associada a uma identificação do espaço com o prestígio dos seus utilizadores/formatadores. No formato de postal, estas imagens servem de prova de que o espaço visitado é vivenciado por uma elite, tornando-se importantes na divulgação desse mesmo local. A frequência do espaço termal, frequentado por ilustres constituiu-se, desde cedo, como referimos anteriormente, uma parte fundamental da atração do lugar. Assim, se as relacionarmos com a gracilidade dos espaços de utilização pública, podemos afirmar que se divulgou

um pouco do espírito *locci*<sup>238</sup>, característico das épocas em que as fotos foram tiradas, em que o caminho-de-ferro tinha um papel destacado.

A visão do conjunto urbano surge com relevo, se somarmos as rubricas *ruas* e *vista da cidade*, ficando com um total percentual de 9.2, em relação ao total de fotos observadas. Assim, a visão do conjunto pode ser considerada como de um espaço moderno em termos de dimensionamento, de produção e utilização dos serviços. É interessante verificar que, no conjunto de imagens apresentadas na Tabela nº 3, referente a postais do princípio a meados do século XX,<sup>239</sup> surge a inclusão de um postal de uma empresa comercial que, embora com pouca expressão em relação ao conjunto, reforça esta ideia de crescimento urbano.

A vocação da cidade no que respeita à produção de cerâmica e, por consequência dos seus representativos criadores, de onde se destaca Rafael Bordalo Pinheiro, é indicada com peso de relativa importância no que respeita ao conjunto de fotos apresentadas, com 4.14%, sendo este valor superior ao referenciado no conjunto urbano.

O conforto, associado ao acolhimento de quem experiencia a cidade e a estância termal, está patente nas imagens de hotéis, nos quais para além da grandiosidade do conjunto exterior, onde, tal como nas imagens de outras cidades/vilas termais na Europa, o conjunto relacionado com a hospitalidade e o acolhimento é fundamental, destacando-se os espaços de fruição pública, associados ao convívio e à qualidade dos serviços hoteleiros. As salas onde habitualmente as pessoas se encontravam, nomeadamente as salas de refeições e os salões de convívio, relacionados com possíveis conversas que possam ser possíveis antes ou depois das refeições, à leitura ou ao fumo, vêm representadas com algum destaque no conjunto de fotos das unidades hoteleiras; curiosamente, as imagens relativas ao alojamento propriamente dito não estão patentes. A individualização do prazer hedonístico é relegada para um outro plano, o da idealização que cada observador das imagens possa ter.

---

<sup>238</sup> Do latim, lugares.

<sup>239</sup> Na Tabela nº 3 Principais rubricas dos postais ilustrados do começo do século XX e meados dos século XX conforme são apresentados em: <http://www.prof2000.pt/users/avcultur/postais/CaldasRaiPost36.htm>, na página 80.

O conjunto das imagens relativas ao hedonismo público tem assim destaque; esta era uma atitude muito em voga neste período a que a coleção de postais diz respeito, muito diferente das imagens dos dias de hoje, nas quais a individualização ganha mais protagonismo.

A valorização dos edifícios hoteleiros é destacada relativamente a outro tipo de edifícios, nomeadamente, os museus e o palácio real bem como o Museu do Hospital, desde a remodelação deste edifício ocorrida em 1993. Mas, apesar disto, não se pode dizer que esteja desvalorizada a importância do património relacionado com a história, pois, como se pode observar na tabela seguinte, temos um total de 11.79 percentual em relação ao conjunto total das imagens, sendo aquela percentagem relacionada com signos historicamente identificáveis.

**Tabela nº 7**

**Imagens associadas ao património edificado referenciado historicamente<sup>240</sup>**

<b>Rubricas de fotos</b>	<b>Total de fotos por rubrica</b>	<b>Percentagem em relação ao total de fotos (440)</b>
<b>Estátuas</b>	16	3.8
<b>Igreja Matriz</b>	12	2.7
<b>Museus</b>	5	1.15
<b>Torre da Igreja</b>	9	2.07
<b>Total</b>	<b>42</b>	<b>11.79</b>

<sup>240</sup> Excetua-se o hospital termal e o palácio real.

O destaque das águas soltas, associado à zona costeira, surge-nos com alguma relevância nas imagens visualizadas nas quais se verifica uma especial atenção a partir da década de 40 do século XX. Nestas a natureza impera sem a presença das pessoas, mas com alguma inclusão de edifícios, nomeadamente, nas imagens da Foz do Arelho. Estas imagens patenteiam o interesse crescente por um outro tipo de paisagem. Esta ausência da figura humana é, também, notada nas imagens de postais coloridos, que surgem na década de 60 do mesmo século os quais são apresentados na tabela seguinte na rubrica *várias imagens*, numa percentagem de 1.61% do total de imagens analisadas. Observe-se a tabela que se segue:

**Tabela nº 8**

**Postais com imagens associadas às águas marinhas**

<b>Rubricas de fotos</b>	<b>Total de fotos por rubrica</b>	<b>Percentagem em relação ao total de fotos (440)</b>
<b>Foz do Arelho</b>	53	12.5
<b>Salir do Porto</b>	2	0.46
<b>Várias imagens</b>	7	1.61
<b>Total</b>	<b>62</b>	<b>14.57</b>

É interessante verificar que, um elemento considerado como um dos signos representativos do génio de Rafael Bordalo Pinheiro, o Zé Povinho, surge somente em

um dos postais da coleção em análise e, por ser colorido, ser dos mais recentes no enquadramento cronológico patente no conjunto.

## III.7.A perspectiva individual sobre as imagens das Caldas da Rainha

### III.7.1. Captação de imagens na forma de postal ilustrado

Considerando de interesse analisar as imagens captadas pelo cidadão anónimo sobre a cidade das Caldas da Rainha, e conhecendo a partilha feita no *Flickr*<sup>241</sup>, que nos facilita o acesso a fotografias captadas por indivíduos de todo o mundo, encontramos um conjunto pertencente a um cidadão português<sup>242</sup> que disponibilizou pastas com arquivos de fotos captadas em vários concelhos de Portugal, estando as pastas organizadas por ordem alfabética<sup>243</sup>. O concelho das Caldas da Rainha surge representado com um conjunto de cento e oitenta e cinco fotos, o que merece alguma atenção, tendo em conta que há concelhos com uma representação inferior às cinquenta fotografias.

Da cidade das Caldas da Rainha, propriamente dita, o autor fotografa ruas e edifícios, o Parque Dom Carlos I, algumas obras de arte em locais públicos, com particular destaque para a escultura.

Apresentamos o resultado desta observação na tabela seguinte:

---

<sup>241</sup> Aplicação disponível na *internet* para gestão e divulgação de fotos.

<sup>242</sup> Vítor Oliveira.

<sup>243</sup> Para melhor informação consulte-se: <http://www.flickr.com/photos/vitor107/sets/>, visualizado a 13 de julho de 2013.

**Tabela nº 9:**

**Fotos do Concelho das Caldas da Rainha apresentadas no *Flickr*,  
distribuídas por rubricas/ percentagem em relação ao total das 185 fotos<sup>244</sup>**

<b>Rubricas de fotos</b>	<b>Total de fotos por rubrica</b>	<b>Percentagem em relação ao total de fotos (185)</b>
<b>Salir do Porto</b>	59	32%
<b>Foz do Arelho</b>	37	20%
<b>Lagoa de Óbidos</b>	26	14%
<b>Parque Dom Carlos/ imagens de natureza</b>	22	12%
<b>Parque Dom Carlos/ imagens de edificios</b>	15	8%
<b>Imagens urbanas das Caldas da Rainha/edificios/ruas</b>	15	8%
<b>Hospital termal</b>	2	1%
<b>Obras de arte dispostas ao ar livre</b>	9	5%
<b>Total</b>	<b>185</b>	<b>100%</b>

<sup>244</sup> Para melhor compreensão, veja-se: <http://www.flickr.com/photos/vitor107/sets/1419654/> visualizado a 13 de julho de 2013.

É interessante verificar que este turista/consumidor de espaço não valorizou, na divulgação das imagens captadas das Caldas da Rainha, o que é considerado por muitos como emblemático, como autênticos signos, e referimo-nos ao edifício termal por excelência, o hospital termal. A sua atenção centrou-se mais na beleza natural associada à presença de outras águas - as marinhas- nomeadamente em Salir do Porto e Foz do Arelho. As fotos que captam o património paisagístico natural são, sem dúvida, as privilegiadas. A natureza inclusa no espaço urbano tem um forte pendor no que respeita às imagens captadas na cidade e o bucolismo é sugerido pela ausência da figura humana.

Para além do *Flickr* analisámos fotos colocadas no *site* de fotografias *PBase*, focando a nossa atenção nas fotos expostas pelo fotógrafo Dias dos Reis, que as publica, ordenadas por distritos de Portugal e por diversas rubricas, cuja organização, desde logo, nos suscitou interesse. Assim, no distrito de Leiria, a cidade das Caldas da Rainha surge ilustrada nas rubricas designadas pelo autor<sup>245</sup>: *Caldas da Rainha - Nossa Senhora do Pópulo Coto e São Gregório*, com um total de 212 fotos, das quais se destacam 154 da cidade | *Caldas da Rainha Monumentos*, com um total de 38 fotos| *Monumentos de Caldas da Rainha - Igreja de Nossa Senhora do Pópulo*, com um total de 23 fotos| *Monumentos de Caldas da Rainha - Museu José Malhoa*, com um total de 106 fotos| *Monumentos de Caldas da Rainha - Hospital Termal e Museu*, com um total de 37 fotos| *Monumentos de Caldas da Rainha - Parque Dom Carlos I*, com um total de 128 fotos | *Caldas da Rainha - Mata Rainha Dona Leonor*, com um total de 53 fotos| *Caldas da Rainha - Praça da Fruta*, com um total de 37 fotos| *Caldas da Rainha - Museu da Cerâmica*, com um total de 97 fotos| *Caldas da Rainha - Fábrica Bordalo Pinheiro*, com um total de 27 fotos| *Caldas da Rainha - Centro de Artes*, com um total de 104 fotos| *Caldas da Rainha - Santo Onofre e Serra do Bouro*, com um total de 94 fotos, das quais 70 são da freguesia de Santo Onofre, a parte mais moderna da cidade que está inclusa nesta freguesia.| *Caldas da Rainha - Arquitetura*, com um total de 88 fotos, é interessante verificar que neste total não se verifica a existência de uma foto do Hospital Termal, nem dos edifícios do Parque, do arquiteto Berquó.

Há uma preocupação nítida por parte do autor das fotos em captar a essência do estilo nos pormenores arquitetónicos retratados; a evolução da cidade através da

---

<sup>245</sup> Para melhor informação, consulte-se <http://www.pbase.com/diasdosreis/caldas&page=all> .

abordagem arquitetónica parece-nos atrativa para a captação do olhar do turista. Assim os percursos pela cidade ganham peso em termos andragógicos. Os edifícios representativos da arte nova, numa simples foto, estão inseridos no contexto específico da cidade onde a pluralidade de estilos está patente em pequenas artérias| *Caldas da Rainha Azulejos*, com um total de 40 fotos e *Uma Tourada nas Caldas*, com um total de 49 fotos.

Para fazermos uma análise semelhante à que procedemos em relação às imagens do *Flickr*, centrámos a nossa atenção nas rubricas *Caldas da Rainha - Nossa Senhora do Pópulo Coto e São Gregório*, *Caldas da Rainha Monumentos*, *Caldas da Rainha - Santo Onofre e Serra do Bouro*. Excluímos da nossa análise de conteúdo todas as outras supra mencionadas por as considerarmos bem identificadas.

Nessa identificação por temas das fotos obtidas, não podemos deixar de mencionar quão interessante é verificarmos que a rubrica *Hospital Termal e Museu* apresenta um total de fotos consideravelmente inferior às restantes, igualando apenas a rubrica *Mercado da Fruta*. Apercebemo-nos também da valorização das imagens do conjunto relativo ao *Centro de Artes* e das fotos apresentadas sobre a temática da tourada.

Nota-se um pendor para as fotos relacionadas com artes, englobando-se aqui as de *Monumentos de Caldas da Rainha - Museu José Malhoa*, com as de *Caldas da Rainha - Centro de Artes*, *Caldas da Rainha Museu da Cerâmica* e as de *Caldas da Rainha - Fábrica Bordalo Pinheiro*, numa sub-rubrica que podemos designar *Caldas da Rainha - Artes* que apresenta um total de 234 fotos.

**Tabela nº 10:**

**Fotos da Cidade das Caldas da Rainha apresentadas no *PBase*, distribuídas na rubrica *Caldas da Rainha – Nossa Senhora do Pópulo Coto e São Gregório*<sup>246</sup>**

<b>Rubricas de fotos</b>	<b>Total de fotos por rubrica</b>	<b>Percentagem em relação ao total de fotos da cidade das Caldas da Rainha 154 fotos</b>
<b>Ruas</b>	<b>47</b>	<b>30.5</b>
<b>Paço Real</b>	<b>1</b>	<b>0.65</b>
<b>Praça da fruta</b>	<b>1<sup>247</sup></b>	<b>0.65</b>
<b>Hospital Termal</b>	<b>2</b>	<b>1.3</b>
<b>Estátuas</b>	<b>10</b>	<b>6.5</b>
<b>Hotéis</b>	<b>4</b>	<b>2.6</b>
<b>Pessoas</b>	<b>7</b>	<b>4.5</b>
<b>Pormenor (ligado ao comércio)</b>	<b>8</b>	<b>5.2</b>

<sup>246</sup> Conforme apresentado em <http://www.pbase.com/diasdosreis/caldas>, consultado a 4 de agosto de 2013.

<sup>247</sup> Vem representada na rubrica Ruas, mas sem o mercado de rua, propriamente dito, e esvaziada de pessoas.

<b>Pormenor ligado à ruralidade</b>	<b>3</b>	<b>1.95</b>
<b>Edifícios /Escolas</b>	<b>6<sup>248</sup></b>	<b>3.9</b>
<b>Edifícios pormenores –</b>	<b>6</b>	<b>3.9</b>
<b>Estação de caminho-de-ferro</b>	<b>5</b>	<b>3.25</b>
<b>Shopping</b>	<b>1<sup>249</sup></b>	<b>0.65</b>
<b>Câmara Municipal</b>	<b>1</b>	<b>0.65</b>
<b>Centro Cultural das Caldas</b>	<b>12</b>	<b>7.8</b>
<b>Comunidade Intermunicipal do Oeste</b>	<b>8</b>	<b>5.2</b>
<b>Igreja de N<sup>a</sup> Sr<sup>a</sup> da Conceição</b>	<b>10<sup>250</sup></b>	<b>6.5</b>
<b>Doces</b>	<b>3</b>	<b>1.95</b>
<b>Festas Cíclicas /Carnaval</b>	<b>12</b>	<b>7.8</b>
<b>Museu do Ciclismo</b>	<b>5</b>	<b>3.25</b>

<sup>248</sup> Das quais se incluem, uma foto da Escola Bordalo Pinheiro, duas fotos da Escola Primária Adões Bermudes, uma da Escola Superior de Arte e *Design*, uma foto da Escola de Sargentos e uma da Escola Superior de Biotecnologia da Universidade Católica.

<sup>249</sup> Referido em <http://www.pbase.com/diasdosreis/image/112676742>, consultado a 4 de agosto de 2013, como “Vivaci, a saloieice dos Shoppings agora também nas Caldas.”

<sup>250</sup> Com identificação do autor e datação, o arquiteto Vasco Regaleira, em 1950.

<b>Silos da EPAC e edifício CERES<sup>251</sup></b>	<b>3</b>	<b>1.95</b>
<b>Total</b>	<b>154</b>	<b>100</b>

Excluimos, no quadro, as fotos do Coto e de São Gregório. Porém, deixámos referência às que o autor escolheu para representação destas freguesias, ficando patente a presença das atividades de produção relativas às vivências agrícolas. Destacam-se as fotos de moinhos e da paisagem natural, humanizada pelo controlo agrícola.

A componente lúdica, patente nas imagens com figura humana em atitude bastante descontraída, em reproduções ligadas a contexto de festividades cíclicas, surge com o Carnaval nesta tabela, pela primeira vez, no conjunto de fotos visualizadas até aqui. Pelo peso relativo destas imagens, em relação ao total, verifica-se a importância que o cidadão anónimo reconhece no colorido da animação neste período do ano, em que a natureza parece levantar-se de uma morte aparente, com o prenúncio primaveril. Nestas imagens, fixa-se a atenção no conjunto das pessoas envolvidas em atitudes cénicas no espaço urbano. É a massa humana que chama a atenção para os captadores de imagens, o conjunto urbanístico é um acessório.

O pendor para a apresentação de pormenores, de onde se destaca a estatuária, bem como todo o património edificado, é notado pelo número de representações que suplanta a rubrica genérica de ruas.

A Igreja de Nossa Senhora da Conceição, inaugurada em 1951, apresenta-se com um conjunto de dez fotos, denotando a preocupação do autor em captar os pormenores artísticos do seu interior. Nesta tabela não está incluída a Igreja Matriz, cujo nome está identificado com a Freguesia do Pópulo.

As pessoas surgem nas imagens de forma isolada, sendo destacadas por algum dos seus pormenores e não, como nas fotos de finais do século XIX ou do século XX,

---

<sup>251</sup> Esta designação identifica uma incubadora de projetos artísticos.

fazendo parte integrante do conjunto urbanístico. O conjunto do Centro Cultural das Caldas tem implícita a temática de agregação do conjunto sociocultural, pela grandiosidade e harmonia, aparente, pelo menos, através da nossa percepção do espaço apresentado. Os pormenores relativos ao comércio focalizam-se em montras, e pouco, nas pessoas.

Os edifícios, nomeadamente, os que têm fachadas características da arte nova, surgem com o esplendor da fotografia, onde se distingue a preocupação de captar pormenores artísticos, relacionados com o período de finais do século XIX, princípios do século XX.

A componente museológica é apresentada pelo Museu do Ciclismo, associado obviamente a uma modalidade desportiva que, através de Joaquim Agostinho<sup>252</sup>, deu algum protagonismo a toda a região do oeste.

Segundo o olhar do fotógrafo, os doces aparecem na forma como podem ser observados pelo vulgar cidadão residente na cidade ou visitante desta. A disposição destes nas montras, nas quais, mesmo noutras cidades se veem turistas a observar atentamente, surge como um atrativo para quem se anime com a gulodice. É interessante verificar que esta rubrica surge com maior peso percentual que as imagens do hospital termal, um dos *ex libris* da cidade das Caldas da Rainha, e com igualdade de representação numérica, em relação às imagens captadas da natureza isto é, um total de 1.95, para cada uma delas.

---

<sup>252</sup> Ciclista nacional de nomeada internacional nesta modalidade desportiva, nascido na região Oeste, mais concretamente, em Torres Vedras, em 1947 e falecido (em consequência de uma queda durante uma prova desportiva) em Lisboa em 1984.

**Tabela nº 11:**

**Fotos da Cidade das Caldas da Rainha apresentadas no *PBase*, distribuídas na rubrica *Caldas da Rainha – Monumentos*<sup>253</sup>**

<b>Rubricas de fotos</b>	<b>Total de fotos por rubrica</b>	<b>Percentagem em relação ao total de fotos (38)</b>
<b><i>Buvette e Chafariz</i></b>	<b>1</b>	<b>2.65</b>
<b>Câmara Municipal (Edifício)</b>	<b>5</b>	<b>13.15</b>
<b>Chafariz das 5 Bicas</b>	<b>8</b>	<b>21</b>
<b>Chafariz da Estrada da Foz</b>	<b>3</b>	<b>7.8</b>
<b>Chafariz da Rua Nova</b>	<b>3</b>	<b>7.8</b>
<b>Ermida do Espírito Santo</b>	<b>1</b>	<b>2.65</b>
<b>Ermida de S. Jacinto</b>	<b>1</b>	<b>2.65</b>

<sup>253</sup> Segundo se pode verificar em: [http://www.pbase.com/diasdosreis/caldas\\_monumentos](http://www.pbase.com/diasdosreis/caldas_monumentos), consultado a 5 de agosto de 2013.

<b>Ermida de S. Sebastião</b>	<b>10</b>	<b>26.5</b>
<b>Escola Superior de Artes e Design</b>	<b>4</b>	<b>10.5</b>
<b>Hospital <sup>254</sup>de Santo Isidoro</b>	<b>2</b>	<b>5.3</b>
<b>TOTAL</b>	<b>38</b>	<b>100</b>

Apesar de a rubrica apresentada pelo autor ser a de *Monumentos*, foram excluídos alguns dos representativos da cidade, embora venham representados noutras rubricas do *site*, tal como a Igreja de Nossa Senhora do Pópulo e a sua torre, que constavam sempre nas representações mostradas em tabelas anteriores.

O Chafariz das Cinco Bicas, outro dos *ex libris* da cidade, que não é excluído da atenção do fotógrafo, surge nesta tabela com um conjunto de fotos que se destaca pelo número. Parece-nos, assim, que o estilo de arte arquitetónica mais antigo é mais valorizado, não se perdendo ainda a referência de alguns dos monumentos mais emblemáticos da cidade, associados ao seu passado mais remoto.

Todavia, verifica-se a preocupação do autor em mostrar a diversidade patrimonial edificada, tendo em conta alguns pormenores estéticos. As Ermidas do Espírito Santo, de São Jacinto e de São Sebastião surgem com uma expressão destacada, com um total de 12 fotos, sendo esta tipologia ligeiramente suplantada pela soma das rubricas relativas aos chafarizes. Os pormenores relativos à captação das imagens do interior da Ermida de São Sebastião surgem como uma inovação, relativamente às primeiras fotos analisadas sobre o contexto das Caldas da Rainha, mostrando a captação de estilos artísticos.

---

<sup>254</sup>O Hospital de Santo Isidoro acolhia os pacientes não termais que efetuavam cirurgias. Separavam-se assim os turistas termais dos pacientes comuns. Este hospital terá sido inaugurado em 1898 e, segundo Trancoso, V. b) pág.123 “ Passou para o património da Misericórdia. Foi desativado em 1968, após a entrada em funcionamento do Hospital Distrital, entrando num processo de degradação progressivo até ser recuperado, recentemente, como parte integrante da Escola Superior de Tecnologia de Gestão, Arte e Design das Caldas da Rainha.”

O edifício dos Paços do Concelho surge com um conjunto expressivo de imagens, em relação ao total e a Escola Superior de Arte e Design surge representada na sua totalidade, sob diversas perspetivas. Está patente o enquadramento paisagístico no conjunto destas fotos e também em todas as que são captadas no exterior.

Vê-se neste conjunto de fotos um relativo equilíbrio entre a captação de estilos arquitetónicos mais recentes e mais antigos, no conjunto urbanístico.

**Tabela nº 12:**

**Fotos da Cidade das Caldas da Rainha apresentadas no *PBase*, distribuídas na rubrica *Caldas da Rainha-Santo Onofre e Serra do Bouro* <sup>255</sup>**

<b>Rubricas de fotos</b>	<b>Total de fotos por rubrica</b>	<b>Percentagem em relação ao total de fotos da Freguesia de Santo Onofre<sup>256</sup> (70)</b>
<b>Balneário de Águas Santas</b>	<b>5</b>	<b>7.15</b>
<b>Biblioteca</b>	<b>1</b>	<b>1.42</b>
<b>Centro de Alto Rendimento de <i>Badmington</i></b>	<b>5</b>	<b>7.15</b>

<sup>255</sup> Conforme se pode ver em [http://www.pbase.com/diasdosreis/caldas\\_santo\\_onofre](http://www.pbase.com/diasdosreis/caldas_santo_onofre), consultado a 5 de agosto de 2013.

<sup>256</sup> Excluimos as da Serra de Bouro, por se encontrarem fora do nosso contexto de análise.

<b>CCDRLVT</b>	<b>1</b>	<b>1.42</b>
<b>Complexo Desportivo Municipal<sup>257</sup></b>	<b>9</b>	<b>12.86</b>
<b>Edifícios/ Ruas /Bairros<sup>258</sup></b>	<b>31</b>	<b>44.29</b>
<b>Escolas</b>	<b>4</b>	<b>5.72</b>
<b>Expoeste</b>	<b>3</b>	<b>4.29</b>
<b>Moinhos</b>	<b>2</b>	<b>2.85</b>
<b>Parque de Desportos Radicais de Santo Onofre</b>	<b>7</b>	<b>10.1</b>
<b>Santo Onofre (figura de)</b>	<b>1</b>	<b>1.42</b>
<b>Silo da EPAC</b>	<b>1</b>	<b>1.42</b>
<b>Total</b>	<b>70</b>	<b>100</b>

Através da análise dos dados apresentados nas tabelas, 10, 11 e 12, verificamos que há um aumento substancial na representação do contexto da cidade das Caldas da Rainha, no que se refere ao património edificado, havendo mais destaque, em relação às anteriores tabelas, nomeadamente na representação de chafarizes, para além do Chafariz das Cinco Bicas, que é o que mais representado nas tabelas anterior, constituindo um dos marcadores da imagem da cidade das Caldas da Rainha.

<sup>257</sup> Neste complexo podem ser visualizados os pormenores do Clube de Ténis.

<sup>258</sup> Neste conjunto, inclui-se uma foto do edifício da Filial número31 do Futebol Clube do Porto e uma foto da Junta de freguesia.

As imagens relacionadas com o lazer associado ao termalismo estão representadas em rubrica própria; e desta destacamos a da natureza transformada culturalmente para o efeito. Estas imagens têm um destaque numérico de fotos publicadas (por exemplo, as 128 fotos relacionadas com o Parque D. Carlos I), assim como a Mata Rainha Dona Leonor, com um total de 53 fotos, o total destas imagens é inferior à soma de todas as restantes rubricas, por nós identificadas e referenciadas nas tabelas, onde os pormenores do crescimento urbano, mais ou menos harmonioso, vão obtendo destaque através da sensibilidade do fotógrafo. As vivências do espaço são captadas para além do parque e da mata, e também para além das ruas mais próximas destes, onde ainda se desenrola a tipicidade social da urbanidade mesclada com a ruralidade, que tanto atraiu as câmaras de quem as apresentou em finais do século XIX, até meados do século XX.

Alguns edifícios como os silos da EPAC,<sup>259</sup> surgem como objeto nostálgico de vivências associadas aos processos socioeconómicos do cruzamento do mundo rural com o mundo urbano, onde a ligação pelo caminho-de-ferro era um dos elos fortes. Embora a estação de comboios surja ainda na mostra fotográfica da cidade, já não tem a expressão, no que se refere à representatividade, tanto no conjunto apresentado na tabela número 10, como em relação às anteriores. Os moinhos surgem na tabela número 12 ainda com alguma expressão como identificadores da vocação, se não da cidade, da região oeste. É, de facto, interessante ver representado o edifício da Comunidade Intermunicipal do Oeste, bem como o do centro de exposições Expoeste.

As novas vocações de lazer na vivência urbana estão bem patentes nas imagens do Parque de Desportos Radicais de Santo Onofre, que têm um peso de 10% em relação à totalidade das fotos apresentadas na tabela número 12. As atividades desportivas, que de certa maneira sempre estiveram associadas aos espaços vocacionados para o turismo, vão sendo apresentadas com realce, no que respeita ao espaço que é criado para determinadas atividades. Nesta mostra de fotos, tiradas já no contexto do século XXI, não podemos deixar de considerar peculiar o facto de, ao contrário das fotos de começos do século anterior, nomeadamente no Parque Dom Carlos I, não se ver retratada a figura humana em atitude de prática desportiva. O conjunto de fotos apresentadas na Tabela 12, relacionadas com práticas desportivas, surge com um total de 21, ficando assim em

---

<sup>259</sup>Empresa Pública de Abastecimento de Cereais, já extinta.

segundo plano logo a seguir ao conjunto de fotos que retratam ruas, edifícios e bairros, sendo este um conjunto com um total de 31 fotos.

É interessante verificar que a contextualização da mostra de imagens sobre as Caldas da Rainha se afasta da centralidade do eixo urbano com esta designação, para se aproximar da envolvência mais próxima da ruralidade.

O desporto, através das suas diversas práticas, é uma componente importante na representação social da identidade, através do controlo sobre as posturas individuais enquanto componente de lazer ou como componente profissional, sendo peça fundamental em núcleos urbanos. Estas práticas podem ser consideradas como universais de cultura. Embora o coletivo esteja representado em signo, para nós surge-nos como evidente todo o individualismo através das sugestões apresentadas pelo autor das fotos em análise. Para além da sugestão de afastamento do pólo central, que tem o Hospital Termal como mote de discurso relativo às práticas que lhe estão direta ou indiretamente associadas, a liberdade de deambulação no espaço da cidade é um chamariz de atenção para outro tipo imagens, relativas a um conjunto patrimonial que tem também o seu valor no contexto sociocultural da cidade

Os edifícios relacionados com a formação são também mostrados numa perspetiva esvaziada de pessoas, mas com a simbologia nítida, a nosso ver, da diversidade de oferta, tão importante na projeção de um futuro mais amplo, no que se refere às competências das novas gerações. Poderá parecer um pouco descontextualizada a foto que diz respeito à Biblioteca apresentada na tabela, mas a sua presença denota que o autor não captou fotos aleatoriamente, no sentido lato, uma vez que o edifício, para além da beleza e valor arquitetónico se enquadra no contexto formativo/educativo das restantes apresentadas.

### III. 7. 2. O olhar de um estrangeiro residente em Portugal<sup>260</sup>

Na pesquisa, também achámos pertinente analisar a referência individual de quem vem de fora do nosso contexto cultural e faz do *nós* etnológico uma observação, procedendo à sua divulgação pública através de um *blog* onde, para além das fotos, se faz a ilustração das emoções através da escrita.

No *blog* da Emma's House in Portugal<sup>261</sup>, conquanto seja transcrita a impressão de uma residente, e não de uma turista, há toda a peculiaridade do discurso de quem se confessa uma apreciadora de *spas*, bem como da arquitetura antiga que lhes está associada, de que os conhece bem, como utilizadora, pelos diversos cantos do mundo. Desta forma nos despoletou o interesse em saber a sua opinião sobre os serviços termais prestados na cidade em análise. Assim, a sua primeira impressão é deixada como referência a uma cidade termal clássica, muito ao estilo europeu do século XIX, guardando ainda parte do património que atraía uma certa elite para processos de cura. Curiosamente é referido que, nos dias de hoje, o estilo da elite está ligado à ideia de desintoxicação ou reabilitação.

As palavras que escolhe para definir a cidade, tal como todas as cidades termais, são peculiar/antiquada <sup>262</sup>calma e bonita. A sua opinião é crítica no que respeita à aplicação dos tratamentos em si, havendo quase que uma identificação com a forma rude como, no século XIX, se imaginava a eficácia pela aplicação do tratamento termal<sup>263</sup>. As batas brancas, a ideia de mulher germânica forte, a aplicar massagens foram as descrições que a autora utilizou no seu texto como exemplo dessa ideia de eficácia. O museu do hospital foi, para a autora do *blog*, a forma mais clara de constatar a evidência do rigor das aplicações terapêuticas do século XIX. Mas, no que respeita a

---

<sup>260</sup> Expresso em <http://www.emmashouseinportugal.com/travel-in-portugal/day-trip-caldas-da-rainha/>, consultado a 14 de agosto de 2013.

<sup>261</sup> Para mais informação, veja-se <http://www.emmashouseinportugal.com/all-about-emma/>, consultado a 14 de agosto e <https://www.facebook.com/pages/Emmas-House-in-Portugal/54399357957?ref=mf>. As expressões entreaspeadas foram resultado da nossa tradução livre.

<sup>262</sup> Do inglês *quaint*.

<sup>263</sup> Já referida por nós anteriormente, neste trabalho.

este assunto, a maior crítica surge na não gratuidade do serviço, no momento em que a autora do *blog* terá recorrido ao serviço de terapia com água termal.

Os signos das ruas são uma chamada constante para a atenção do visitante das Caldas da Rainha, segundo Emma, que classifica como “maravilhoso” um passeio pelo Parque Dom Carlos I, no qual inclui uma visita ao Museu José Malhoa, fazendo breve referência biográfica ao pintor. Os pavilhões do parque são referidos como um “enorme” e “impressionante” edifício delapidado e habitado por pombos, cujo aproveitamento para habitação é mencionado como sugestão, seguindo exemplos de renovação urbana conhecidos pela autora, referindo o contexto australiano como exemplo.

Foi na Praça da República que, segundo uma planta “Reproduzida do Manuscrito anónimo: *‘Notícias interessantes da Vila real das Caldas com alguns Mapas curiosos dos anos 1797 e 1798’ (...)*”<sup>264</sup>, o mercado é mencionado como digno de ser visitado, ficando para a Emma situado “no centro de tudo” merecendo ser fotografado por toda a sua singularidade, nomeadamente pela loiça que, segundo ela, já não é “rigorosamente”<sup>265</sup>Rafael Bordalo Pinheiro, mas tem o seu quê de “divertido”.

É feito um destaque a um local de restauração, onde a manutenção da traça arquitetónica original é elogiada. Trata-se do Café Central, na Praça da República que curiosamente é pouco referido pelos nossos informantes, que conhecem a cidade, como pudemos confirmar durante a pesquisa. Apesar de terem sido aplicadas inovações através de simples reciclagens que imprimiram ao espaço um rejuvenescimento harmonioso, cujo resultado final é designado por “divino”<sup>266</sup>, mantendo-se o equilíbrio entre o antigo e o moderno. A própria fachada deste edifício é considerada como um dos signos das ruas das Caldas da Rainha.

É feita também menção ao alojamento com referência a um edifício situado defronte do estabelecimento mencionado anteriormente, a Pensão Residencial Central, convertida hoje em Hotel Central. Refira-se que este nome é comum, em termos de

---

<sup>264</sup> Reproduzida em Trancoso, V. b) página 100 onde se menciona já uma *caza de cafe e bebidas*.

<sup>265</sup> Referido no *link* indicado na nota 256 e consultado no mesmo dia.

<sup>266</sup> Cf. em: <http://www.emmashouseinportugal.com/travel-in-portugal/day-trip-caldas-da-rainha/>, consultado a 15 de agosto de 2013.

tradição portuguesa, para o alojamento hoteleiro com particular destaque nos destinos turísticos termais. Em Portugal, podemos referir a existência, anterior e atual, de unidades hoteleiras com esta nomeação, em localidades tais como as já referidas Caldas de Monchique, bem como nas do Gerês e Luso.<sup>267</sup> Fora de Portugal, na Europa, também se verifica esta tendência tradicional, em locais como Sarajevo, com o Central Hotel, que construiu ao longo de décadas uma imagem de boa relação entre qualidade de serviço e conforto a um baixo preço.

O Museu da Cerâmica e a fábrica, tal como a figura de Rafael Bordalo Pinheiro, são referidos como a verdadeira razão para ter fixado Emma na cidade, onde na sua opinião, se produzem alguns dos mais maravilhosos serviços de mesa que conhece<sup>268</sup>, bem como os “pequenos conjuntos de café mais adoráveis do mundo”<sup>269</sup>.

Neste *blog* a autora faz ainda referência aos museus, com referências ao Atelier-Museu António Duarte, com algumas esculturas, segundo a autora, semelhantes às de Henry Moore; refere também o Atelier-Museu João Fragoso, o Museu Barata Feyo e o Espaço da Concas, como indicação de circuito de lazer.

Para terminar, aconselha um circuito “pelas pequenas e interessantes lojas”<sup>270</sup> e uma ida à Foz do Arelho e a Óbidos, destacando a proximidade destes últimos às Caldas da Rainha em minutos de distância.

---

<sup>267</sup> Fazemos menção a estas duas últimas termas, por nestas se encontrar unidades hoteleiras com esta designação.

<sup>268</sup> Cit Emma em <http://www.emmashouseinportugal.com/travel-in-portugal/day-trip-caldas-da-rainha/>, consultado a 15 de agosto de 2013.

<sup>269</sup> Cit. extraída do *link* referido na nota anterior.

<sup>270</sup> *Idem*

### III. 7.3. A opinião de cem inquiridos sobre Caldas da Rainha - verbalização transcrita das imagens da cidade

A fim de obtermos mais informação sobre a imagem tida desta cidade por quem a conhece ou já dela ouviu falar, através do método de inquérito, colocámos via *online*<sup>271</sup> um questionário a partir de 6 de maio até 8 de agosto de 2013. Os nossos inquéritos foram validados através da análise de interdependência, mediante a metodologia clássica dos cálculos de percentagem, por cada questão. Não recorremos a triagens cruzadas nem a cálculos de medidas de dispersão.

A maior parte dos inquiridos já tinha visitado a cidade, para expressamente a conhecer, tendo sido a visita feita essencialmente no Verão, e identifica-a com o património cultural, monumental e artístico, havendo uma mínima expressão de quem identifica o património com Rafael Bordalo Pinheiro. Contudo, há um conjunto significativo de pessoas que foram motivados à visita pelo facto de a cidade ficar em caminho de um outro destino, destacando-se por ordem decrescente a Foz do Arelho, Nazaré, Figueira da Foz, Óbidos, Alcobaça, São Martinho do Porto, Marinha Grande, São Pedro de Moel e Lisboa.

Nesta pesquisa, interessava-nos fundamentalmente saber qual a imagem que se tinha da cidade das Caldas da Rainha. Desta forma, tentámos que esta informação nos fosse dada da seguinte forma:

---

<sup>271</sup> Através do *Google Docs*. As questões a este questionário podem ser consultadas no Apêndice A e as suas respostas no Apêndice B.

## **Pelas pessoas que dizem conhecer a cidade**

Foi obtido o seguinte resultado informativo:

### **- Em relação às palavras utilizadas para caracterizar atualmente a cidade:**

A palavra *termas* tem uma expressão muito restrita na identificação da cidade, no que se refere à tipologia do património com a qual esta é identificada, tendo sido utilizada apenas por quatro dos inquiridos; mas existe, numa resposta, a menção à palavra *caldas*. Apesar de restrita, é ainda a que surge com mais frequência, assim como a palavra *cerâmica/louça*, com o mesmo total de respostas, ou seja quatro., no conjunto das quais se encontra uma que vem associada à palavra *moderna*. Contudo, é interessante verificar que as palavras *calma*, *frondosa*, *tranquila*, *saudável*, *paz* e *acolhedora*<sup>272</sup> somadas num total de nove respostas, que surgem em segundo lugar com maior número de respostas, são signos da ideia residual associada ao contexto termal.

O *mercado* e o *comércio* são palavras que surgem de seguida no que se refere ao número de respostas isoladas, cada uma delas com um total de três respostas, tal como *cultura*, *cavacas*, *cerâmica (loiça)*. Contudo, o total das respostas referentes a *arte*, *artística louça*, *cerâmica*, *design*, *Bordalo*, *artesanato* e a falos, nomeados de forma brejeira em duas respostas, surge claramente com o maior número – treze. Se ligarmos este último total ao que engloba as palavras *comércio* e *mercado*, temos um resultado francamente superior àquele que se identifica com a imagética e vivência termal, com um total de dezanove respostas. As palavras *história* e *sem vida/morta* surgem, em termos isolados, com um total igual, ou seja duas respostas.

As palavras *frescura* e *sardinha*, conquanto tenham sido mencionadas apenas uma vez, são signos associados à imagem de qualidade.

A ideia de espaço onde se partilha a memória do passado com a atualidade vem expressa como *um belo espaço com memórias e presente*. Curiosamente, a palavra

---

<sup>272</sup> Estas palavras fazem ligação ao que anteriormente referimos sobre a imagem edénica relativa ao uso das águas femininas, Cf. página 116.

*ecologia*, apenas indicada uma vez, está associada à menção dos *arredores rurais*, tal como a palavra *cidade de província*.

No que respeita à ideia de calma associada ao turismo, esta encontra-se patente na palavra *férias e hotéis*, embora estas sejam designadas uma só vez.

Verificamos, também, que as palavras, *bela/bonita*, *interessante/cativante*, *acolhedora* e *caraterística*, que remetem para um conjunto imagético menos específico, apresentam-se com um total de nove respostas.

A modernidade está patente na palavra *emergente*, uma vez que a associamos ao contexto de produção de serviço e a ligação ao contexto exterior, e surgindo só uma vez, não deixa de ser importante.

#### **- Em relação às recomendações para passear, descansar e conhecer culturalmente a cidade das Caldas da Rainha**

O conjunto que engloba o Parque Dom Carlos I, a Mata Rainha Dona Leonor e o Hospital Termal e o Museu surge destacado nas respostas de quem conhece a cidade e a recomenda a futuros visitantes; seguem-se as recomendações dos museus e a fábrica Bordalo Pinheiro. A *visita à cidade*, na sua totalidade, também vem na listagem de respostas, assim como o *mercado da fruta*. A *igreja do Espírito Santo*, *Nadadouro* e o *Centro Cultural* surgem cada uma com uma única resposta, tal como a palavra *muitos*, sem ser explicitada. A utilização da palavra *igrejas* serve de indicador de interesse para o património edificado. Nesta tipologia de património, há quem faça menção dos nomes, indicando claramente qual ou quais destes se devem visitar. A Igreja Matriz, a do Pópulo, surge com mais número de indicações. O Chafariz das Cinco Bicas vem também referenciado, assim como o mercado do peixe.

Há, também, referências a locais de restauração, nomeadamente a *pastelaria Machado* e o *restaurante Maratona*. A palavra *pastelarias*, indicada uma vez, ganha expressão com a referência anterior; aliás há quem tenha referido ter ido às Caldas da

Rainha, expressamente para ir uma pastelaria, mais concretamente a pastelaria Machado.

A noção hedonística de deambulação pelas ruas é marcada pela indicação de *ruas, rua das montras*. A indicação de *ar livre*, como caracterizador do mercado, também lhe pode ser associada. O *bowling* é mencionado como a modalidade desportiva que se pratica em recinto fechado, sendo uma recomendação para momentos de lazer.

O ensino associado à arte através da palavra *escolas* é também ligado à cidade, por alguns informantes.

#### **- Em relação ao conhecimento e motivação à visita do espaço termal**

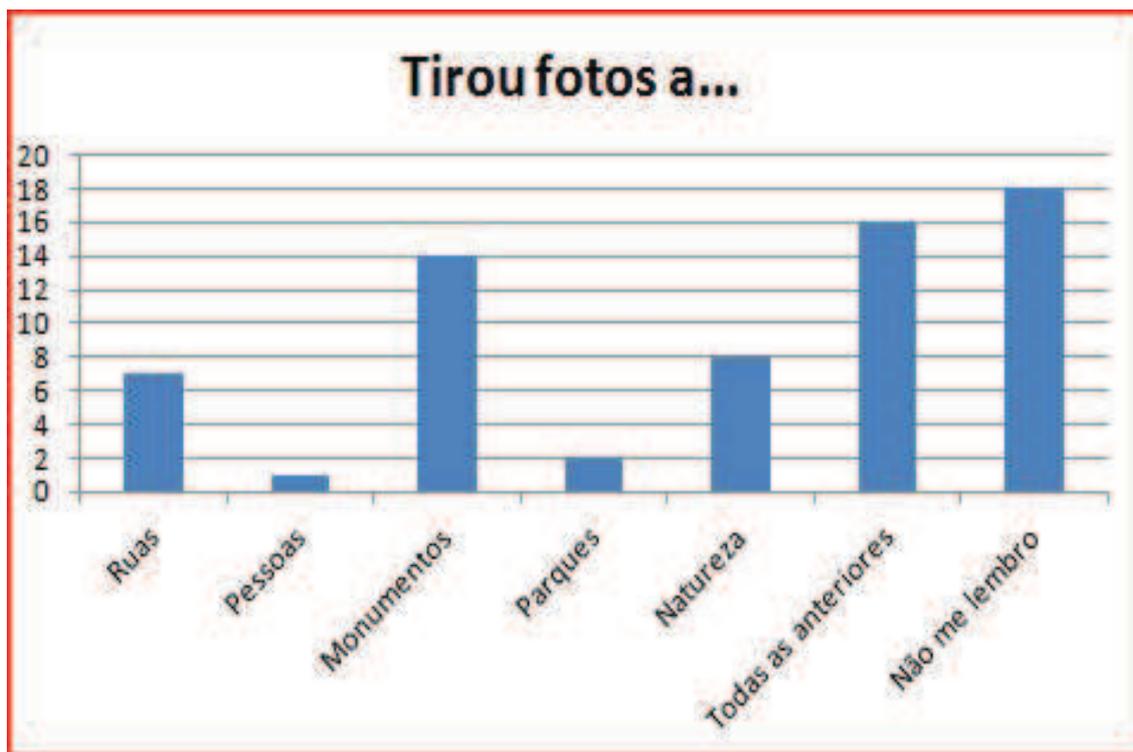
Somente 37% dos inquiridos respondeu ter visitado o espaço termal por curiosidade e os períodos de visita escolhidos, para este efeito, foram essencialmente o verão e a primavera. A motivação para esta visita ao hospital, que foi feita sem guia, foi a curiosidade. Verifica-se, contudo, uma parcela ínfima de 3% de visitantes que assumem tê-la feito pelo motivo de tratamento.

#### **- Em relação ao registo de imagens da cidade:**

O registo feito através de fotos captadas durante a visita, apesar de uma grande parcela de inquiridos não se lembrar do conteúdo escolhido, teve maioritariamente a escolha de um misto de ruas, pessoas, monumentos, parques e natureza, tal como se pode observar no gráfico que a seguir se apresenta<sup>273</sup>:

---

<sup>273</sup> Colocámos apenas este gráfico respeitante ao conteúdo de respostas do questionário, porque se coaduna com a análise feita a imagens apresentadas anteriormente em tabelas. Todos os outros estão disponíveis no Apêndice A.



**Gráfico nº 1**

**Motivos das fotos retiradas pelos inquiridos que visitaram a cidade das Caldas da Rainha**

Todavia, a importância dos monumentos, aquando do registo documental da visita, vem destacada.

**- Em relação às iguarias que recordam ter comido na cidade:**

Nesta categoria de respostas a maior parte delas vai claramente para a doçaria, havendo um destaque das *cavacas*, dos *beijinhos*, seguidos das *trouxas-de-ovos*, do *bolo russo* e das *queijadas* e *pastéis de feijão*, vindo estes dois últimos com pontos de interrogação, exprimindo a dúvida de quem os indicou. Surge, também, menção a *floresta*, pensamos que seja a *floresta negra*, bolo de origem germânica, com frutos do

bosque e *chantilly*, um bolo que se apresenta em fatias. Este bolo foi mencionado duas vezes. Doces à parte, fica a referência à *caldeirada de enguias*, indicada por duas vezes e às *sardinhas*.

**- Em relação a considerar a palavra termalismo essencial para definir a cidade atualmente:**

A maioria respondeu que não considerava a palavra termalismo essencial para a definição da cidade das Caldas da Rainha, na atualidade.

**- Em relação à palavra escolhida para caracterizar a cidade<sup>274</sup>:**

A *cerâmica/louça*, palavras que juntámos por as considerar semelhantes no que se refere à sua essência substantiva, lideram a lista das respostas seguidas por: *cidade das artes/artística/artesanato*; *cidade com interesse histórico/tradição*; *urbanidade/comércio*, com igual número de respostas que o binómio indicado primeiramente. A este binómio seguem-se outros vocábulos que se apresentam com uma única resposta, indicada de forma aleatória no texto: *férias*; *bares*; *estagnação*; *praia*; *bela*; *sem grande stresse*, revelando estas uma associação ao lazer e ao hedonismo; nesta ordem de ideias seguem-se ainda os vocábulos *interessante*; *atlântica e feminino* relacionados com a cidade.

---

<sup>274</sup>Tendo em conta as respostas dadas previamente, esta pergunta foi colocada aos indivíduos que informaram pela negativa a questão nº12 *Considera a palavra termalismo essencial para definir a cidade atualmente?*

**E, em relação às pessoas que dizem não conhecer a cidade<sup>275</sup> e que a identificam com as palavras:**

As palavras *cerâmicas/louça*, associadas ao *ensino artístico* e *bonecos das caldas*, são as dominantes; mas nestas pode também incluir-se a ideia expressa noutras palavras tais como *cidade universitária* e *Bordalo Pinheiro*.

A *Rainha Dona Leonor* vem também expressa nalgumas respostas, curiosamente numa associada com o nome do seu marido Dom João II, mas, em geral, vem associada a *hospital termal*.

Para além das palavras *termas/termalismo*, que surgem nomeadas dez vezes, o vocábulo *termalismo* encontra-se também associado à ideia de *água e árvores*, ou vem nomeado juntamente com a expressão *Bordalo Pinheiro*.

A identificação com o hedonismo, lazer e o tempo livre, está patente nas palavras *férias* e *mar, praia* ou, até mesmo, *à minha infância*, à idade idílica da inocência prazenteira.

O espaço *bom e belo com actos da nossa história* que permite *passeios* que possam ser feitos em *família* está também associado ao estilo de vida ligado a períodos estivais.

A referência ao ensino está expressa em *cidade universitária* e *ensino artístico*, tendo cada uma destas palavras apenas uma única referência.

Com esta análise, confirmamos a identificação do ideal hedonístico, salutar e edénico, associado à imagética correlacionada com o *termalismo*. Notamos também outros vocábulos que sugerem uma nova dinâmica cultural que introduz novos conceitos de lazer, renovando a imagem clássica da cidade.

---

<sup>275</sup> Contam-se sessenta e quatro indivíduos, que já ouviram falar desta cidade.

### **III. 8. As vivências da cidade na memória dos nossos informantes**

Nas muitas conversas que tivemos ao longo da pesquisa com aqueles que considerámos informadores qualificados, isto é informantes a quem recorremos para obter informação sobre o objeto de estudo. Em termos da pesquisa etnológica são consideradas as pessoas que experienciaram papéis sociais ou vivências nos espaços em análise, como moradores a tempo inteiro ou parcial - embora se requeira neste último alguma continuidade. Assim fomos obtendo fragmentos de memórias de algumas gerações, onde se incluem os nascidos há perto de noventa anos. Por outras palavras, quisemos recolher impressões de quem lembra o tempo que tinha alma e a sentia no espaço das Caldas da Rainha.

Orientámos as nossas perguntas para a utilização dos espaços urbanos, quer fossem eles termais ou não, uma vez que estávamos particularmente interessados nas vivências em si, por as considerarmos verdadeiros testemunhos da vocação cultural da cidade, bem como criadores de dinâmicas socioculturais. Toda esta informação está patente no nosso trabalho. Mas, trataremos aqui de refletir sobre a sua utilização na atualidade.

A utilização dos espaços verdes está presente em quase todos os discursos, sendo que o parque e a mata trazem lembranças de liberdade, tanto no tempo estival como no inverno, nomeadamente nos tempos livres. Apesar de alguns dos espaços inclusos no parque, tais como o casino e a esplanada exterior a este, estarem associados a uma elite, que em geral vinha de fora, havendo sempre quem ficasse a residir nas Caldas da Rainha ou por casamento com algum dos residentes locais, ou porque se fixasse na cidade ou nas suas imediações, após a aposentação, o espaço era realmente partilhado quer pelos habitantes quer pelos visitantes. Nele se podiam ver as novas tendências de moda, onde se incluíam maneiras de estar e de interagir.

Embora houvesse um preconceito em relação ao convívio dos adultos, claramente marcado pelas diferenças, não somente visível pela exteriorização de sinais de riqueza, mas também pelas diferenças de opinião suscitadas pelo acesso, ou não à

instrução ou até pela partilha de opinião política, as crianças frequentemente escapavam-se da proximidade dos seus familiares, as quais frequentavam com os adultos os mesmos lugares, indo brincar livremente com quem bem entendiam.

Marcava a passagem da infância para a adolescência e desta para a fase adulta um conjunto de ritualizações não formais ou institucionalizadas pela tradição, como ocorre nos rituais de passagem em todo o mundo. Os jovens, com a autonomia de quem vai e vem da escola sozinho, com a ida ao parque com os amigos e com as brincadeiras que por lá realizavam, faziam esta transição que tinha no hábito de tomar banho no lago após o final das aulas, no verão, um bom exemplo do que referimos. Apesar de haver lembrança das idas à praia, o espaço do parque e as vivências que este proporcionou povoam ainda a memória de muitos.

No inverno, segundo as memórias que abrangem ainda a década de 40 e que identificam estes hábitos até finais da década de 60 do século XX, circulava-se mais pelo mercado da fruta, em geral depois do jantar, quando este já estivesse levantado. Este era um dos pontos de encontro referenciados, para além de tantos outros situados no espaço próximo das imediações do parque, de onde se destacam cafés, tais como o Lusitano, o Bocage e o Central. Este último “era o preferido pelos mais esquerdistas”, conforme nos informaram.

Na década de 60, surge o Zaira que começa a ser um ponto de referência para encontro. Também tinham um papel importante enquanto locais de encontro as livrarias/papelarias, situadas na *Rua das Montras*, ou nas imediações desta, tais como a Tália e a Livraria Parnaso que reuniam tertúlias muito frequentadas, sendo que a primeira destas livrarias era frequentada pelos mais novos. Foi na Livraria Parnaso que, através de um dos filhos do proprietário, surgiu em 1963 o movimento cultural A Tertúlia, que muito terá servido a dinâmica cultural na cidade, através de reuniões culturais, exposições com a presença de ilustres representantes de diversas áreas culturais (artes plásticas, literatura, música). Este movimento ficou bem patente na memória de alguns dos caldenses que nos informaram.

Na linha das atividades culturais da cidade, destacava-se o Conjunto Cénico Caldense, criado em 1956, que terá sido um grande impulsionador das artes cénicas. Este hábito de tertúlia estava também associado a outros estabelecimentos que estivessem marcados pela localização central, tal era o caso anterior da Farmácia

Ferreira, perto do já referido café Zaira. Quando, por qualquer motivo um destes espaços encerrava pontualmente, os seus habituais frequentadores começaram a encontrar-se num outro espaço, com as mesmas características de centralidade. Foi o que aconteceu com os frequentadores do Zaira, encerrado definitivamente entretanto, que se encontravam no café restaurante Maratona. Outro ponto de encontro era, até há relativamente pouco tempo, a Livraria 107, que foi a primeira livraria do país a ser informatizada, ainda na década de 80 do século XX. Este estabelecimento encerrou no período em que decorria a nossa pesquisa.<sup>276</sup> Verifica-se que o *encontro* é uma palavra utilizada com frequência. A ela está associado o reconhecimento, a partilha e a consequente divulgação.

As tertúlias são lembradas como grandes dinamizadoras de atividades culturais, tendo dado origem ao Centro Cénico das Caldas já extinto, mas que era uma referência na animação cultural das Caldas da Rainha, e à Associação Património Histórico - Grupo de Estudos, que editou alguns trabalhos sobre esta cidade, cuja referência se apresenta na Bibliografia.

A cidade das Caldas da Rainha não era marcada pelas vivências sociais dos habituais clubes que caracterizavam muitas das cidades portuguesas tradicionais, fechados à miscigenação sociocultural<sup>277</sup>. O associativismo está bastante enraizado na cidade. Destaca-se a importância da antiga associação Montepio, que cumpriu o papel de prestação de cuidados médicos à população, antes da criação do Centro Hospitalar.

A memória de alguns destes espaços está ligada, não só aos seus frequentadores mas também aos seus proprietários que davam forte contributo para a alma do lugar. Era esta força anímica que lhe dava identidade própria e dinamizava o comércio local. O espírito comunitário era sentido pela partilha e pela proximidade do espaço utilizado; o reconhecimento dos hábitos do consumidor tornava-se uma garantia de continuidade aos hábitos e compra. Hoje em dia ainda há pessoas que mantêm os seus hábitos de compra na cidade, incluindo alguns que vêm de fora desta, destacando-se os residentes

---

<sup>276</sup> Para melhor informação veja-se: <http://www.gazetacaldas.com/13768/livraria-107-nao-resiste-a-crise-e-esta-em-risco-de-encerrar/>, consultado a 29 de Agosto de 2013.

<sup>277</sup> Lembramos Lagos e Setúbal. Este tema foi tratado por João Pereira Neto em *Os tempos livres na sociedade tradicional portuguesa*. Lisboa: Comunicação apresentada no âmbito do Ciclo de Conferências sobre Biologia, História e Sociologia do Tempo realizado na Universidade Internacional no ano lectivo de 1988/89.

na região oeste, nomeadamente de Alenquer, de Alcobaça, de Óbidos e de Peniche. Segundo informação recolhida através dos nossos informantes percorrem as ruas várias vezes e fazem a escolha de compra acertada. A melhoria nas estradas e o recurso a outros circuitos de compra facilitados pelo uso de veículos privados foram afastando clientes das Caldas da Rainha.

Os mercados da cidade, são uma particularidade que se revela como atrativo para quem vem de fora. Damos destaque ao mercado ou feira semanal, que ocorre num espaço próximo da mata e do hospital, às segundas-feiras, mas que primeiramente acontecia aos domingos noutra local, que é hoje a Praça 5 de Outubro, antigo local da Praça do Peixe<sup>278</sup>. Não podemos deixar de mencionar, também o mercado de frutas e legumes diário. A Praça 5 de Outubro local tinha uma grande concentração de *vendas* - palavra de uso tradicional que identificava o que se entende por taberna ou tasquinha - onde, para além das pequenas refeições, se podia conviver e *molhar a conversa* com copos de vinho ou aguardente e comprar carvão. Nestes estabelecimentos, nos dias de feira, facultava-se ao público fogareiros e carvão que eram colocados à porta para uso de quem quisesse grelhar peixe recém-comprado, para servir de refeição no local. A mais-valia destes estabelecimentos estava na venda de pão e vinho, que “ parecia ser razoavelmente boa”<sup>279</sup>. Neste mercado, havia um pouco de tudo dos dois mundos - o rural e o urbano, mas, seria no mercado de São João, que ocorria a 24 de junho, e no de 15 de agosto, que o campo vinha em força para a cidade das Caldas. Era nestes que se podia vender e comprar todo o tipo de animais, desde os de grande aos de pequeno porte, nomeadamente equídeos e bovinos, para além de ovinos, caprinos e suínos, assim como todo o tipo de aves e seus ovos.

O mercado de S. João que tinha lugar perto da mata (onde se faz hoje o mercado semanal das segundas-feiras) e na Praça 5 de Outubro, onde se comercializavam

---

<sup>278</sup> Com esta designação a partir de 1911 (anteriormente era designada de Praça Conselheiro Hintze Ribeiro) e onde hoje se junta muita gente, em geral, à noite por aí se encontram vários bares. A comercialização do peixe começou a ser feita neste local a partir de 1902, sendo primeiramente feita no que é hoje a Praça da República, anteriormente Praça Maria Pia.

<sup>279</sup> Segundo informação recolhida a 13 de janeiro de 2013.

animais como coelhos e galinhas, já não se realiza. Os contratos anuais de diverso cariz, grande parte deles feitos com base na palavra de honra “eram feitos nesta feira”.<sup>280</sup>

No 15 de agosto, era tempo de autêntica festa pela qual se aguardava com expectativa para estrear roupa nova. Para além de dia de feira, era também feriado, o que permitia a vinda de muita gente de fora, pois havia a garantia de divertimento que não era possível noutras alturas do ano. O circo e as tendas com produtos de todo o tipo, desde o vestuário e calçado, à ourivesaria, passando pela quinquilharia e objetos utilizados na atividade agrícola e nas atividades e decoração domésticas, que atraíam todo o tipo de clientes por serem acessíveis à compra. As rifas, cuja compra podia dar a surpresa de um bom brinde, são lembradas nesta feira. Neste dia, tornou-se hábito haver uma grande corrida de touros, que atraía, como ainda atrai, muitos forasteiros, vindos até de Lisboa e arredores, para além de gente da zona oeste, criando-se então uma grande dinâmica na cidade.

Os tendeiros, nome pelo qual se identificavam os feirantes, também tinham de comer, o que de certa maneira era muito bom para o comércio local, de onde se destacavam as anteriormente referidas vendas que forneciam alimentação. Nestes mercados, era também possível comer e comprar guloseimas, bolos, torrões e nógados, caramelos, entre outros, que nem sempre se encontravam na cidade. Esta realidade, plena de pitoresco, entrou em decadência com o afastamento acentuado das vivências rurais sentido a partir da década de 70 do século XX. Apesar de os mercados ainda se realizarem, mudaram muito de aparência e não suscitam o interesse que era despoletado há décadas. Nos dias de hoje, praticamente só se veem tendas de roupa.

A feira das tasquinhas na Expotur<sup>281</sup> que foi iniciada na década de 90 do século XX, sempre animada com grupos folclóricos que, juntamente com a gastronomia local e mostra de produtos de origem vem trazer um pouco dessa tradição de ruralidade quase extinta ou perdida. Cria-se um cenário artificial, onde se experienciam outro tipo de vivências, não marcadas pelas necessidades que criavam os anteriores hábitos de

---

<sup>280</sup> Segundo informação recolhida por, um comerciante na faixa etária de 80 anos no dia 12 de outubro de 2013.

<sup>281</sup> Expotur - Festa de Verão, que ocorre no pavilhão do Centro de Feiras e Exposições da Expoeste, ente os dias 9 e 18 de agosto, organizada pela Câmara Municipal e Juntas de Freguesia, com apoio das coletividades e associações do concelho.

compra tão caraterísticos. Mas, cumpre-se o ludismo da experimentação e do dispêndio de dinheiro, tão identificativo de todas as festas<sup>282</sup> e que:

“criam novos hábitos que se enraízam no conjunto exibicional, constituindo-se como atração turística<sup>283</sup> ao local. A cidade de Caldas da Rainha, aquando da sua inserção no contexto das competições automobilísticas em inícios do século XX, que incluíam circuitos pelo país, divididos em várias etapas, reforçaram a sua imagem de atração, numa configuração de consumo conspícuo apanágio da elite que gostava de ser vista.” Na primeira década do século instituíram-se as corridas de automóveis no nosso país e, do entusiasmo que suscitaram, nasceu o futuro Automóvel Clube de Portugal. (...) Em 27/10/1902 teve lugar a 1ª corrida internacional realizada na península, a Figueira da Foz- Lisboa (270 Km) na qual os 14 concorrentes passaram pelas Caldas (...) Seguiu-se, em 8/6/1905, o Lisboa-Caldas – Lisboa (194Kms) (...) Finalmente, em 25/5/1906, ocorreu a prova” excursionista” Lisboa-Caldas-Coimbra, com 26 concorrentes inscritos e que passou pelas Caldas a 27 desse mês.”

O período de Carnaval era marcado por folia nas Caldas da Rainha, havendo uma participação de quase toda a sociedade, quer por aquela que frequentava o clube de recreio, quer por aquela que frequentava o “casino da mangueira<sup>284</sup>”. Os veraneantes que frequentavam o casino não iam a este tipo de eventos, com a exceção da tourada. Porém, era muito frequente ver nos mercados o pessoal doméstico ao seu serviço.

No dia da cidade, a 15 de maio, em que se abriam o balneário e o hospital termal - o antigo balneário das águas santas - homenageia-se a Rainha D. Leonor. Neste dia havia um ambiente de festa um pouco por todo o lado, o casino enchia-se e havia feira que durava dois dias.

Mais do que “ir a banhos, as pessoas que vinham para a cidade vinham conviver.”<sup>285</sup> As praças e as ruas eram autênticos lugares de reconhecimento, onde se trocavam olhares, informação e onde o convívio era sempre possível. Na cidade ainda

---

<sup>282</sup> É este também um universal da cultura. Pode dar-se o exemplo clássico da queima de “dinheiro” no célebre *potlatch*, dos índios Kwakiutl, analisado no clássico das ciências sociais de Marcel Mauss no *Essai sur le Don*, Paris: PUF, 2007.

<sup>283</sup> Cf. Vasco Trancoso, b) pág. 166.

<sup>284</sup> Segundo um dos nossos informantes, em entrevista, a 1 de maio de 2012, seriam os bailes e convívios que ocorriam nos Bombeiros Voluntários das Caldas da Rainha, instituição criada em 1895.

<sup>285</sup> Segundo informação recolhida em entrevista a 1 de maio de 2012.

hoje as pessoas se despedem dizendo: “Até logo! Era um ambiente quase familiar que se fazia sentir”<sup>286</sup>. É interessante ver que esta impressão era mostrada como característica do ambiente caldense no século XIX, como se pode ver neste excerto de *O Demócrito*<sup>287</sup>, apresentado na foto seguinte:

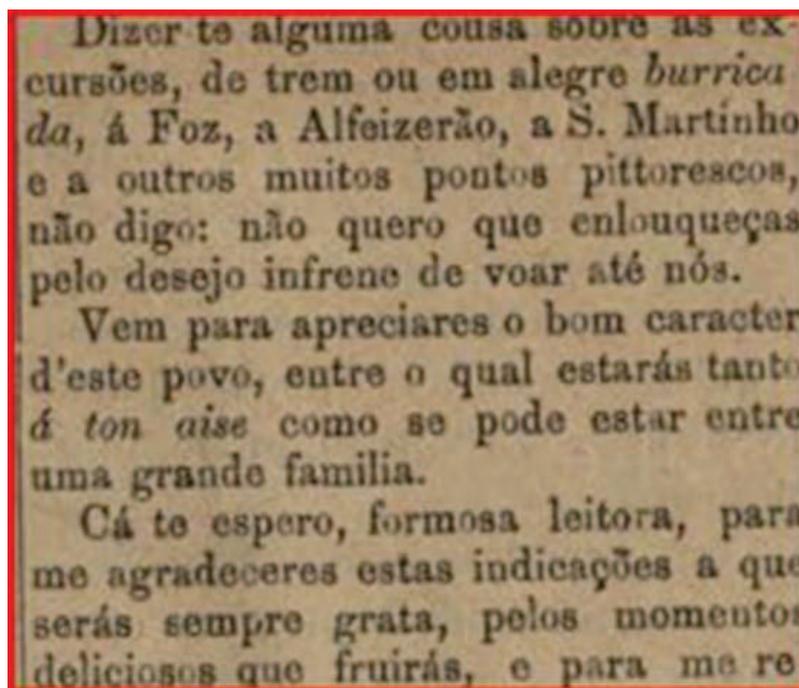


Foto n° 23:

Excerto de Folha Semanal *O Demócrito*, 1884. Junho 6 (Programma), pág. 2<sup>288</sup>

---

<sup>286</sup> Segundo informação recolhida, em entrevista a 13 de janeiro de 2013.

<sup>287</sup> Publicação periódica semanal editada nas Caldas da Rainha no século XIX.

<sup>288</sup> Cf. José Júnior em [http://purl.pt/22787/4/465387\\_PDF/465387\\_PDF\\_24-C-R0150/465387\\_0000\\_NPROG-8\\_t24-C-R0150.pdf](http://purl.pt/22787/4/465387_PDF/465387_PDF_24-C-R0150/465387_0000_NPROG-8_t24-C-R0150.pdf), consultado a 14 de setembro de 2013.

“Havia gente de fora durante todo o ano, embora se notasse mais movimento até finais de Setembro.”<sup>289</sup> Esta realidade era patente nas Caldas da Rainha, desde o século XIX até aos anos 70 do século XX. Um excerto de *O Democrito* refere esta imagem, na qual se encontra a ideia das águas marítimas na palavra *banhistas* num tempo em que as Caldas ainda se era uma “villa”, como se pode visualizar de seguida:

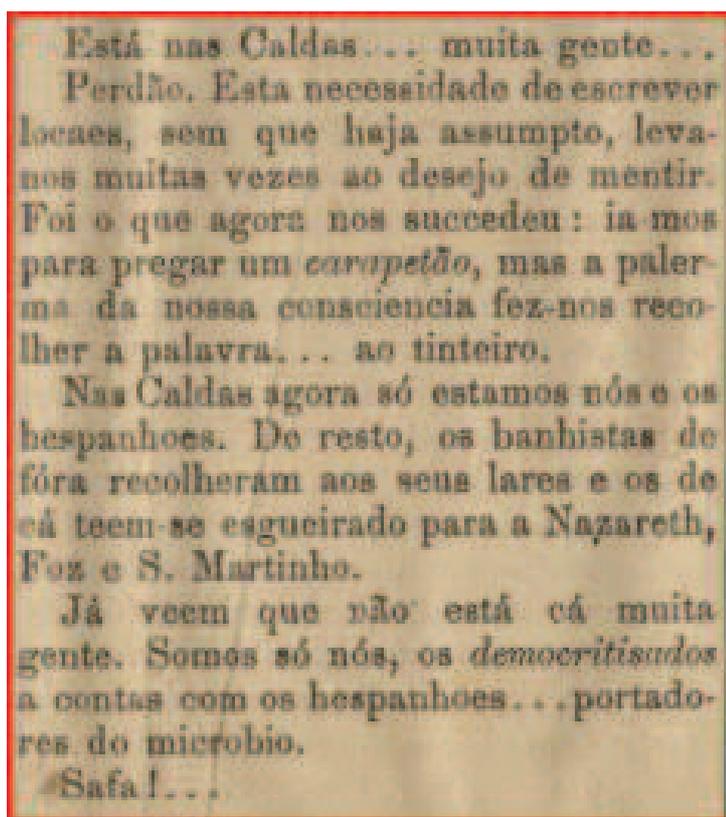


Foto nº24:

Excerto de Folha Semanal *O Democrito*, 1884. Setembro 21 (número 8) pág.2.<sup>290</sup>

<sup>289</sup> Segundo uma informante, no dia 19 de março de 2011.

<sup>290</sup> retirado de [http://purl.pt/22787/4/465s87\\_PDF/465387\\_PDF\\_24-C-R0150/465387\\_0000\\_NPROG-8\\_t24-C-R0150.pdf](http://purl.pt/22787/4/465s87_PDF/465387_PDF_24-C-R0150/465387_0000_NPROG-8_t24-C-R0150.pdf), consultado a 14 de setembro de 2013.

Desta *gente*, nem todos seriam termalistas. Para além da palavra banhistas, o excerto refere locais conhecidos pelas suas praias. Sempre houve o costume do encontro social na cidade, bem como no período estival, o hábito de ir à praia.

Nos anos 40 do século XX, era vulgar, segundo nos disseram, ver pessoas ir à praia no seu automóvel, conduzido por *chauffeurs* particulares. Nesse período ainda não estava generalizado o acesso ao automóvel, como veículo de transporte familiar, e só os mais ricos o tinham.

A Foz do Arelho preenche a memória dos nossos informantes mais jovens, na faixa etária entre os 20 e os 40 anos, no que respeita à ocupação dos tempos livres em período estival, estando presente a vivência do parque e da mata, durante todo o ano.

### **III. 8.1. Sugestões de itinerários para conhecer a cidade**

Para experienciar a cidade, todos os nossos informantes foram unânimes na referência à centralidade que é passível de ser sentida nos eixos da estação para a Praça de Touros e desta para o Hospital Termal e para o Hospital Distrital, passando pelo parque, mata e pela área museológica da cerâmica. Os mais novos referenciam os edifícios do Bairro João de Deus, além dos museus, do Chafariz das Cinco Bicas e do moderno centro comercial. A Rua das Montras, ou melhor, a Rua Almirante Cândido dos Reis, e as que lhe são adjacentes, são como uma das atrações tal como; o mercado diário, o da fruta onde “As pessoas são algo para fixar o olhar quando se vai às Caldas, se tivesse que captar fotos na cidade, escolhia as pessoas como protagonistas<sup>291</sup>”, disse-nos um informante<sup>292</sup> que destaca três itinerários apazíveis para sentir a cidade:

---

<sup>291</sup> Cf. Luíz Teixeira, *Pequena Pátria, Caldas da Rainha*: Gazeta das Caldas, 1957, pp.62-63.

<sup>292</sup> A 22 de março de 2102.

“ O primeiro que pode começar a partir da estação de caminho-de-ferro e ir até ao Centro Cultural da cidade, passando pela zona central da Câmara Municipal, que segundo ele é pouco utilizado em virtude de esta via ser cada vez menos utilizada por passageiros por causa do tempo alongado da duração das viagens, nomeadamente de Lisboa às Caldas da Rainha e vice-versa. O segundo itinerário pode começar na estação de caminho-de-ferro, seguir pela Rua das Montras e terminar junto ao hospital termal. O terceiro começará junto à praça de touros e terminará no largo que tem a famosa estátua da rainha dona Leonor. Este último itinerário terá perdido importância como trajeto mas ganhou protagonismo como um conjunto onde dominam os serviços, constituindo-se assim como um eixo da cidade bastante movimentado.”

Mas é no mercado de rua que,

“ vai perdendo, é certo, bastante da casticidade regionalista dos outros tempos em que a camioneta não cruzava os caminhos por onde desfilavam em cortejo as burricadas alegres da gente aldeã e, em filas e grupos andarilhos, as varinas que traziam a sardinha da praia da Nazaré. O chapelinho pinoca e a proletária boina de gomos vão substituindo o barrete dos arrabaldeiros mercantis nos terrados da venda. Apesar de tudo, a característica mancha da vibrante originalidade mantém-se.”<sup>293</sup>

Este é um espaço muito vivenciado por quem, ao domingo, vai em excursão, de camioneta (que pára junto ao Hospital Distrital) às Caldas da Rainha. Estas excursões são constituídas, em geral por portugueses, tendo o hábito característico de visitas a estâncias termais, observado por nós nas termas de Monchique, nesse dia da semana.

Espaços emblemáticos relacionados com a restauração surgem como referência à visita, na bipolaridade antigo/moderno. Apesar de serem indicados estabelecimentos tradicionais renovados, com uma oferta de produtos fiel aos seus primeiros momentos, situados perto do parque ou da Praça da República, a sugestão de estabelecimentos mais recentes e relativamente mais afastados destes locais surge frequentemente como indicação por parte do utilizador mais jovem do espaço da cidade, onde se verifica uma configuração de espaço interior diferente das dos estabelecimentos tradicionais. As esplanadas são também uma referência para encontros em período estival, sendo muito procuradas as que se localizam nas ruas dos circuitos de comércio, podendo dar os exemplos dos cafés Maratona e Venezia.

---

<sup>293</sup> Cf. Luíz Teixeira, *Idem, Ibidem*.

O Centro Cultural das Caldas da Rainha, relativamente próximo do Hospital Distrital e da Praça do Peixe, é também uma referência. Curiosamente, em relação aos espaços que se situam na mata e no parque, não nos indicaram a singularidade de um local, estrutura ou equipamento. Estes espaços são indicados como um conjunto.

Tendo pedido sugestões de fotos a alguns dos nossos informantes, para documentar itinerários na cidade, foram-nos entregues e sugeridas algumas imagens que incluem a arte nova nas fachadas de edifícios, espaços verdes que incluem imagens da mata e do parque, pessoas e movimento de ruas, mercado (vendedores e compradores) e património histórico edificado, com destaque para o que foi doado pela Rainha Dona Leonor. A estátua desta rainha surge também como referência marcadora ou signo da cidade.

Há quem não se reveja no termalismo, mas sim na especificidade da cidade vocacionada para o comércio, nomeadamente de frescos - peixe, fruta e legumes. A sua situação de proximidade com um eixo nevrálgico Nazaré/Peniche é um marcador de excelência para esta identificação. Aqui subjaz a centralidade como fator caracterizador da imagem da cidade.

Notamos, nesta breve análise, que o termalismo não existe por si, mas está enraizado na ideia de lazer/hedonismo, ligada às memórias geracionais. O termalismo surge associado à imagem de natureza, de frescura e de pureza bem como às vivências que ela pode proporcionar

## **Capítulo IV**

### **Reflexões sobre o futuro do termalismo nas Caldas da Rainha**

Sabendo que todos os locais são únicos e que as Caldas da Rainha são como um conjunto com características muito específicas ligadas à prática termal, este facto não exclui a possibilidade de fazer análise comparativa com outros lugares onde a oferta termal e de bem-estar está associada à identidade e à formatação dos espaços. Estas comparações podem assumir um papel interessante na possível aplicação de boas práticas e de consequentes bons resultados, tanto no que se refere à satisfação do consumidor em relação aos serviços utilizados, como aos proveitos que possam advir para quem gere esses mesmos serviços, sendo que o consumidor, que procura o conjunto de serviços associados a espaços com estas características, apresenta traços distintivos muito semelhantes.

As Caldas de Monchique, já referidas neste trabalho, afiguram-se-nos como um exemplo interessante de manutenção de vocação para a prática termal e dos conceitos de bem-estar, estando ou não associados à água termal. Este local já era uma estância para banhos desde o século XV, tal como as Caldas da Rainha. Segundo a tradição oral, veiculada no local, estas termas poderão estar ligadas à fundadora das Caldas da Rainha, ainda que indiretamente, pois terá sido aqui que D. João II, marido de D. Leonor, terá procurado a cura do mal que padecia, antes de vir a falecer no sítio de Alvor.

O espaço desta vila termal, aparentemente, mantém as mesmas características físicas desde os anos 40 do século XX, embora tenha havido remodelações de edifícios visando a sua adequação às vivências da atualidade. A especificidade da vila continua na atualidade, tal como no seu tempo primordial, a ser vocacionada essencialmente para a prática de termalismo, sendo que todos os serviços existentes são acessórios à sua continuidade, nomeadamente os que se destinam a alojamento de cariz hoteleiro e à oferta de serviços de restauração. Não tem havido alterações nos perímetros de proteção às águas termais, nomeadamente com construção de novos edifícios. A proximidade deste local com o mar, tal como as Caldas da Rainha, permite a busca de alteridade como atração fora do espaço termal.

Com o automóvel privado, após a rotina de tratamentos matinais, que o ritmo da cultura termal ainda mantém<sup>294</sup>, é possível experienciar a oferta diferenciada que a região oferece, incluindo as praias e outro tipo de animação, nomeadamente a noturna, devido à sua inexistência nas Caldas de Monchique. Contudo, mantém-se o conjunto

---

<sup>294</sup> Segundo os nossos informantes.

natural da vila, onde ainda é possível praticar um conjunto de atividades lúdicas que continuam associadas ao usufruto dos espaços sem danos invasivos. As caminhadas são uma prática promovida pela autarquia, através da criação de alguns trilhos identificados pelo conjunto da Serra de Monchique, podendo ser usufruídos por todos. Porém, os passeios na natureza referenciados na vila termal, apenas se resumem a circuitos de manutenção, devidamente identificados no parque adjacente ao conjunto hoteleiro designado por Complexo Termal das Termas de Monchique.

Desde que este complexo começou a funcionar em pleno, em 2001, alguns dos utentes, com os quais falámos em entrevista informal e que há várias décadas frequentam o espaço, verificaram um abandono da área natural, onde se insere todo o conjunto edificado, destinado a tratamento, alojamento e recreio/lazer. Com a alteração de alguma parte da envolvente natural ocorrida com a cheia de 1997, pouco se fez, segundo estes, para reabilitar áreas danificadas que impossibilitam o usufruto das caminhadas. O desaparecimento de espaços como o Paraíso, cuja entrada estava bem próxima do Hospital Termal, hoje o Hotel Termal, que era um local de profusa vegetação autóctone por onde nos anos 60 e 70 do século XX se podia caminhar visualizando cascatas, é representativo do descontentamento por aqueles que têm mais de 50 anos. A foto, que a seguir se apresenta, ilustra um pouco do que foi esse paraíso, hoje perdido no qual podemos ver o conceito edénico associado ao termalismo, até pelo próprio nome.



Foto nº 25

**Paraíso- Caldas de Monchique<sup>295</sup>**

Com a aquisição do património do Estabelecimento Termal das Caldas de Monchique à ENATUR<sup>296</sup> - que o integrava como concessionária, desde 1975 - através de concurso público, pela Fundação Oriente, as vivências culturais associadas ao termalismo mudaram, desde o começo do século XX, nos espaços públicos próximos dos estabelecimentos hoteleiros. As excursões que vinham aos fins-de-semana, tal como ainda acontece nas Caldas da Rainha, e que enchiam de gente o parque e a esplanada, deixaram de acontecer. *O espaço deixou de ser público, de uma forma livre e aberta<sup>297</sup>*, pois a lógica de consumo e os preços praticados são um fator imediato de seleção, excluindo uma ampla camada mais popular de visitantes, que o deixam de frequentar, estando agora apenas acessível a um grupo com maior poder de compra, onde predominam os visitantes estrangeiros. Os bancos que existiam perto da esplanada da antiga Pensão Central, hoje hotel com o mesmo nome, desapareceram. O descanso,

<sup>295</sup>Postal ilustrado dos anos 30 (s.a.), de coleção particular.

<sup>296</sup> Empresa Nacional de Turismo, afeta ao Ministério do Comércio e Turismo.

<sup>297</sup> Segundo uma informante com 78 anos.

no espaço central, está agora associado ao consumo forçado. A centralidade pública que a esplanada oferecia e que permitia o reconhecimento dos termalistas ao longo das temporadas, deixou de existir. Este local era um verdadeiro *rossio* da vila, com ambiente propício à tertúlia que funcionou durante a década de 60 do século XX - lembramos a tertúlia cinéfila dos filmes mudos, que incluía animação com visualização de “fitas”<sup>298</sup>.

As atividades de recreio para os termalistas são atualmente promovidas pelo conjunto hoteleiro da vila termal. O termalista, assim, assume o pleno papel de cliente de um serviço em vez de ser promotor de atividades as quais são lembradas por nós e por alguns dos termalistas mais idosos que ainda frequentam o complexo, agentes locais<sup>299</sup> e alguns dos poucos residentes; destas atividades há ainda a memória de jogos florais, concursos e récitas teatrais, algumas delas realizadas no espaço do antigo casino, situado junto à referida esplanada.

A autenticidade ou o pitoresco das Caldas de Monchique está marcada pela ausência dos artesãos de algumas aldeias da Serra de Monchique que, até 1975 vinham, de forma espontânea para o parque fazer as suas peças de vime, únicas no contexto nacional, tanto pela forma como pelo material utilizado. Hoje pode comprar-se artesanato autêntico no espaço do antigo casino, mas sem cariz tradicional ou regional; infelizmente, fomos informados que hoje só há um único artesão, de Marmeleite, que produz cestaria tradicional da região de Monchique para comercialização.

Fora do complexo ainda se pode experienciar um pouco da vivência em espaço de habitação tradicional da elite rural local, bem como de atividades relacionadas com a produção de alguns bens provenientes da transformação de recursos naturais da região; nestes conta-se a produção de carvão vegetal e da aguardente de medronho, através do que é oferecido ao visitante de um pequeno parque temático - em ambiente com características museológicas - criado por particulares a escassos quilómetros da vila termal.

A vedação do livre acesso a algumas fontes levou ao descontentamento dos antigos frequentadores destes locais de tradição centenária. Estas fontes, de onde se

---

<sup>298</sup> Esta palavra remete para as fitas guardadas em bobinas.

<sup>299</sup> Fazemos referência à Sr.<sup>a</sup> D.<sup>a</sup> Mariazinha, a mais antiga proprietária hoteleira, e a alguns trabalhadores do complexo do qual a Fundação Oriente é proprietária, que nasceram e/ou residem na vila termal.

destaca a Fonte das Chagas - próxima do que é hoje a piscina exterior do Complexo Termal das Termas de Monchique<sup>300</sup>, por onde se podia aceder descendo por um pequeno carreiro junto a um miradouro - eram locais de onde se acedia de fora do contexto algarvio, por vezes aproveitando excursões organizadas vindas do Alentejo, com o propósito não só lúdico do aceder à água mas também para aceder ao tratamento autoaplicado.

As pessoas, que com menos posses económicas podiam usufruir de alojamento quase gratuito durante a época escolhida, para tratamentos termais, numa albergaria centenária destinada a quem apenas precisava de alojamento, deixaram de ter esta possibilidade, uma vez que a albergaria faz parte do património hoteleiro adquirido e remodelado pela Sociedade das Termas de Monchique, património da Fundação Oriente.

Quem vai às Caldas de Monchique, vai pelos motivos de sempre associados a tratamentos e/ou a práticas de bem-estar associados à saúde e ao lazer, porém o modelo existente parece-nos excluir o utilizador menos abastado. Neste local, ao contrário das Caldas da Rainha, onde praticamente não existe alojamento para habitação permanente ao longo do ano que não seja a de vocação hoteleira, nem existem serviços que sustentem outro tipo de vivência que não seja a que é relacionada com as práticas referidas, não se podem alugar quartos a preços módicos.

A divulgação deste complexo termal é feita com informação, fornecida pela Câmara Municipal de Monchique, que se cinge na essência aos preços dos tratamentos e ao alojamento nos diversos hotéis, em que se inclui o antigo Hospital Termal, que nunca chegou a funcionar como tal, e que era indicado para alojamento de hóspedes *walk-in*<sup>301</sup> pelos gerentes dos estabelecimentos hoteleiros existentes até 1975. Este espaço foi inaugurado em 1964, tendo adjacente o Balneário, e hoje é o Hotel Termal. No que se refere à tipologia de cliente, no que é hoje o complexo termal a mudança positiva sentida, pelos frequentadores mais antigos do espaço e pela proprietária do estabelecimento hoteleiro mais antigo das Caldas de Monchique, consiste no alargamento da procura do local através dos *sites* de divulgação e reserva de alojamento

---

<sup>300</sup> Designação do conjunto desde 2001.

<sup>301</sup> O termo inglês refere o cliente que pretende alojamento sem ter feito reserva prévia.

disponíveis na *internet*. Porém, os termalistas que vinham na maioria do Alentejo e que contribuíam para a tipificação do lugar, com os seus hábitos relacionados com a convivialidade, que ocorriam essencialmente nos fins de tarde em que se encontravam na esplanada para lanchar, ou petiscar e conviver, deixaram de estar em maioria. No momento presente, há uma diversificação da tipologia do cliente que já não é maioritariamente oriundo de uma região<sup>302</sup>.

A oferta de tratamentos relacionados com a beleza e o bem-estar no complexo termal, por si só, cria uma diversidade na procura em relação àquela que existia antes da adequação do conjunto do espaço às novas vivências sociais do século XXI. É esta oferta que existe, também, na proximidade do Complexo Termal, em unidades hoteleiras onde o conceito *wellness*<sup>303</sup> está associado à oferta de serviços hoteleiros, com relevo na divulgação da gastronomia saudável e diversos tratamentos com apoio médico.

Embora o equipamento e serviço termal estejam disponíveis todo o ano e haja manifesto benefício neste tipo de oferta na redução dos efeitos perversos da sazonalidade hoteleira, que opera essencialmente nos meses de maio a outubro, a não existência de um hospital termal e de todo um conjunto de serviços, deixam a vila termal praticamente esvaziada de gente de fora. Esta é a grande diferença entre esta realidade e que se vivia nas Caldas da Rainha, uma cidade que de vila termal se constituiu numa cidade plena de serviços, tendo obviamente múltiplas vocações para além daquelas que lhe serviram de origem.

Ainda se mantém a originalidade dos espaços construídos nesta pequena vila termal, no que respeita ao traçado dos edifícios e das ruas, estando o conjunto inserido num contexto natural que, embora a sua manutenção tenha sido descuidada, ainda se constitui como um atrativo para quem quer experienciar uma paisagem diferente da que habitualmente tipifica a imagem do Algarve – no que respeita à sua divulgação para efeitos turísticos - muito ligada ao contexto costeiro. Não foi o nosso propósito realizar uma análise de conteúdo sobre as imagens das Caldas de Monchique, mas verificámos que existem um conjunto de milhares de fotos, disponíveis em vários *sites* e *blogs*, onde a água e a paisagem verde são tema para ilustrar esta localidade.

---

<sup>302</sup> Conforme indicado por informante.

<sup>303</sup> Já referido na pág.14.

A manutenção das características naturais da paisagem e as alterações que nela são feitas mediante os conhecimentos associados à cultura termal, no que respeita ao arranjo dos espaços para usufruto dos termalistas, parecem-nos essenciais para a qualidade do sistema que comporta todo o conjunto de serviços associados ao lazer e à saúde nas estâncias de cariz termal. Para além da água e de todos os benefícios que lhe estejam associados, a paisagem é um atrativo que deve ser cuidado.

O contexto dos espaços ajardinados das Caldas de Monchique, com a falta de manutenção, perdeu a característica de socalcos que facilitavam a caminhada a quem tinha dificuldades de locomoção. Num contexto natural marcado por barrancos, a existência deste tipo de sistema de socalcos é uma característica cultural da serra algarvia que, numa geração, se perdeu na paisagem termal e também na de cariz agrícola.

A mudança operada nas Caldas de Monchique teve consequências no que respeita a perdas de qualidade no usufruto dos espaços naturais e na paisagem humanizada. As práticas de lazer ativo na natureza para o termalista de mobilidade reduzida, que não esteja hospedado em unidades hoteleiras, tornam-se quase numa tarefa impossível de realizar.

É evidente que o nosso objeto de estudo centra-se no complexo termal de Caldas da Rainha e não do das Termas de Monchique como atrás já havíamos anotado<sup>304</sup>. No entanto julgamos pertinente o propósito de deixar reflexões que, quiçá, possam no futuro ser úteis às entidades decisoras do novo modelo de funcionamento, quando se operar a reabertura do Complexo Termal das Caldas da Rainha. Não interferindo diretamente nas decisões técnicas, esta é também uma responsabilidade do cientista social de que não nos alheamos nem abdicamos.

Embora esta breve análise do contexto algarvio não possa ser considerada como indicação de modelo a aplicar noutros contextos, nomeadamente no da cidade das Caldas da Rainha, foi nossa intenção indicar algumas perdas no sistema de consumo do espaço e dos serviços com a privatização, que terá alterado a ordem habitual da sua utilização.

No que respeita à situação atual de encerramento do Hospital Termal das Caldas da Rainha, que deverá ser ultrapassada, temos consciência de que existe uma

---

<sup>304</sup> Esta referência foi feita na página 6.

diversidade de soluções, subjacentes a propostas que, ainda que indiretamente, acabam por ser sugeridas por algumas figuras com um passado diretamente ligado à cidade das Caldas da Rainha, às quais foram colocadas questões sobre o futuro do património termal e entre as quais se incluem intervenientes na administração e decisores políticos.

O nosso propósito não é fazer propostas técnicas do futuro funcionamento das termas, mas deixamos um conjunto de reflexões de aspetos que julgamos centrais e incontornáveis, relativos ao futuro do termalismo na cidade; reflexões estas corroboradas pelas figuras referidas que se disponibilizaram a prestar depoimentos, concedendo entrevistas, pelo que achámos pertinente deixar alguns excertos mais reveladores dos diversos pontos de vista.

Julgamos que a crescente perda de área original do espaço verde termal tem consequências negativas para o conjunto, sendo necessária toda atenção que possa ser dada à sua preservação. Esta área que englobava originalmente, desde finais do século XV, a função do espaço da Cerca, como era designado o espaço composto de jardim, horta e mata, consistia no provimento de frescos para manutenção do hospital termal e tem um inestimável valor enquanto património cultural, mas também enquanto património natural de preservação da qualidade do conjunto termal. O aumento de visitantes por dia, que provoca a sobrecarga deste espaço verde, juntamente com a redução da área original, causa graves problemas no que respeita à sua conservação. A utilização dos espaços, para efeitos que não foram planeados pode colocá-los em risco.

Em início da década de 80 do século XX, na consequência de um acréscimo da procura de tratamento termal nas Caldas da Rainha, facto que em parte se deve “ à comparticipação por parte do Estado das despesas com diferentes tratamentos e nomeadamente nos do foro reumatismal” <sup>305</sup>, houve uma tomada de consciência por parte da Administração do hospital termal de que deveriam ser retomados os estudos das décadas de 40 e 50, levados a cabo pelo Professor Arquiteto Francisco Caldeira Cabral, no sentido de “ se poder avaliar a capacidade do aquífero termal e as consequentes necessidades de investimento na modernização e na ampliação das

---

<sup>305</sup> Cit. João da Fonseca Caldeira Cabral “ A Modernização dos Espaços Verdes Termais - O caso particular das Caldas da Rainha,” in *Caldas da Rainha- Património das Águas.*, Caldas da Rainha: Assírio e Alvim, 2005, p.231.

instalações de tratamento e acolhimento”<sup>306</sup> através de um Plano orientado pelo mesmo Professor. Nessa altura, verificou-se o vazio na preparação técnica para profissionais que pudessem arcar com as tarefas de planeamento, programação e manutenção dos espaços verdes termais, tendo sido feita uma formação à equipa de jardinagem por técnicos vindos do estrangeiro. Neste conjunto de ações formativas, notou-se todo um esforço andragógico na chamada de atenção para as questões relacionadas com as problemáticas do contexto da envolvente urbana.

Foi no seguimento do conjunto de ações deste Plano que foi elaborado<sup>307</sup> um “parecer para o Grupo de Trabalho do Ministério da Saúde solicitando o apoio para a proteção dos Espaços Verdes Termais”<sup>308</sup>, tendo conseguido travar alguns projetos redutores do espaço da mata tais como,

“a suspensão do lançamento da Variante Sul por baixo do Campo de Futebol e do Pavilhão Gimnodesportivo, em plena Mata do Hospital, e se apoia o Centro Hospitalar na negociação para revisão do Plano de Urbanização em aprovação, conseguindo-se ainda a realocização da ampliação da Fábrica de Bordalo Pinheiro e a contenção das urbanizações das quintas de Santo Isidro e da Boneca”.<sup>309</sup>

Para o autor do parecer urgiram estas medidas uma vez que os espaços verdes termais têm influência decisiva para a qualidade do ar, dos aquíferos mineromedicinais, de onde não deve ser excluída a componente de lazer. Neste período de pesquisa sobre os espaços verdes termais da cidade das Caldas da Rainha, foi evidenciado o conjunto factual da degradação da área da mata, nomeadamente através de sucessivas reduções da sua área original, ao longo dos diversos períodos da sua história, com particular aceleração a partir das décadas de 40 e 50 do século XX. A ampliação do Museu de José Malhoa contribuiu para esta situação. Foram apresentadas propostas que visavam a melhoria do aquífero através da proteção de novas áreas de prospeção, dos mecanismos para controlo de escoamentos pluviais, entre outras tantas medidas de ordem técnica.

---

<sup>306</sup> *Idem, Ibidem.*

<sup>307</sup> Pelo Engenheiro João Caldeira Cabral, filho de Francisco Caldeira Cabral.

<sup>308</sup> *Idem, ibidem.*

<sup>309</sup> *Idem, ibidem.*

A questão relacionada com o reflorestamento foi também uma preocupação constante. A falta de conhecimentos técnicos na manutenção dos espaços verdes, com a consequente proliferação de certas espécies vegetais em detrimento de outras a qual se manteve como constante durante um período alargado, tornou consequente todo um processo de degradação da qualidade em toda a envolvência socioambiental. Este assunto tornou-se este assunto umas das preocupações do Engenheiro João Caldeira Cabral que propôs, também, soluções de diversificação de lazer ativo no parque, através da

“ construção de mais dois campos de ténis, a criação de uma nova área de campos de pequenos jogos (polidesportivos para voleibol, badmington, basquetebol e andebol) um conjunto de piscinas de ar livre e a revisão do parque infantil;

- A construção de um Anfiteatro ao Ar Livre para a realização de actividades culturais, inserido na encosta de maior sossego do Pinhal “<sup>310</sup>,

As quais se constituem como elementos integrados nos conceitos de sustentabilidade, referindo a necessidade de se libertar a mata de “equipamentos estranhos.”<sup>311</sup> A recuperação de terrenos originalmente parte integrante do património verde termal é também um dos objetivos para quem quer um planeamento equilibrado e sustentável.

Todo o processo de pressão urbana que

“sobre o tecido urbano caldense foi exercida depois da década de 1970 foi muito violento. Aparentemente, não encontrou -nem forjou- uma elite com a visão a imaginação e o amor à cidade que tinham sido apanágio das gerações de construtores urbanos que se sucederam nas Caldas, entre 1880 e 1950.”<sup>312</sup>

Pensando na sustentabilidade do sistema, haverá necessidade de planeamento urbano que contemple, a fim de libertar os espaços verdes termais, a criação na cidade de novos espaços com estas características, mais adequados à atualidade no que se refere

---

<sup>310</sup>Cit. Cabral, João da Fonseca Caldeira“ A Modernização dos Espaços Verdes Termais- O caso particular das Caldas da Rainha” in *Caldas da Rainha- Património das Águas*, Caldas da Rainha: Assírio e Alvim, 2005., pág.234.

<sup>311</sup> *Idem*, pág. 335.

<sup>312</sup> Cit. João B. Serra in Vasco Trancoso b) *Capítulo I* “ Caldas da Rainha- a Produção de uma cidade” pág. 24.

a práticas culturais e desportivas. A requalificação do centro histórico urbano deverá ser contemplada, não olvidando o equipamento hoteleiro para a qualificação da região.

No que respeita ao ambiente as suas características naturais e culturais, sendo estas últimas todas aquelas que incluem as ações de planeamento e de uso ao longo da história, devem ser objeto de pesquisa para orientação de quem realmente pensa e quer dinamizar um termalismo na ótica da sustentabilidade, pensando nos seus três eixos: o económico o natural, e o sociocultural. A proteção dos aquíferos é fundamental, bem como

” o estabelecimento de um ‘contínuo verde’ com ligação dos ecossistemas e dos percursos de peões e de manutenção entre os espaços da Mata e do Parque (...) a ligar à” Estrutura Verde Regional”, a desenvolver nas zonas húmidas até à Foz do Arelho.”<sup>313</sup>

Não se pode assim dissociar o valor biológico do cultural.

Deve relevar-se a potenciação dos efeitos hidroterapêuticos através dos espaços verdes<sup>314</sup>, como atuantes na garantia da qualidade do ar, na proteção dos aquíferos mineromedicinais, na integração de atividades de recreio e de lazer, especificando:

“Recreio activo - Exercícios variados adequados à capacidade do doente e acompanhante, para o que se exige áreas especializadas em qualidade, quantidade e dimensão suficientes. Recreio passivo - Situações variadas de estar, contemplar e observar a natureza, com estimulação sensorial através das diferenças de luz, de cor, de escala, de humidade relativa, de temperatura etc., em ambiente calmo e seguro”.<sup>315</sup>

Esta calma e segurança, aliada aos conceitos atuais da modernidade, por sua vez, associadas à saúde pública, foram uma preocupação eminente da criação dos espaços

---

<sup>313</sup> *Idem*, pág. 233.

<sup>314</sup> Este tema foi apresentado, no âmbito do Colóquio *As Termas das Caldas da Rainha- Um Valor Patrimonial “Único” a Conservar/Modernizar* promovido pela Comissão de Proteção da Natureza da Sociedade Geografia de Lisboa, da qual o Eng. é Presidente, pela secção de História de Medicina, pelo Instituto Ricardo Jorge, pela Sociedade de História Portuguesa dos Hospitais, pelo Turismo de Portugal e pela Liga da Proteção da Natureza, a 15 de novembro de 2012, intitulado “Hospital Termal Rainha Dona Leonor: A importância do Parque Dom Carlos I e da Mata Rainha Dona Leonor na Identidade e qualidade das Termas das Caldas da Rainha”. Esta comunicação foi consultada em: <http://www.socgeografialisboa.pt/wp/wp-content/uploads/2012/05/Joao-CaldeiraCabral.pdf>, no dia 5 de outubro de 2013.

<sup>315</sup> Extraído de <http://www.socgeografialisboa.pt/wp/wp-content/uploads/2012/05/Joao-CaldeiraCabral.pdf>, a 5 de outubro de 2013.

verdes termais sob a égide da rainha Dona Amélia, que chamou Berquó, o qual partilhava então convívio com a família real no Estoril, para requalificar o património de Dona Leonor.

Após a morte deste arquiteto, e com o crescimento urbano, todo o conjunto foi sendo delapidado. A intervenção feita pelo arquiteto paisagístico Professor Francisco Caldeira Cabral, nos anos 50 do século XX, foi talvez a última a ser feita com intuito de remodelação integrada num conceito de sustentabilidade. Todavia, durante todo esse século assistiu-se ao desaparecimento do património termal através de diversas ações nas quais se inclui “ A construção do Museu José Malhoa em pleno parque D. Carlos I que foi, também, um duro golpe na vocação do espaço verde termal”<sup>316</sup>. A construção do Hospital Distrital, em plena Mata Rainha Dona Leonor terá sido um golpe na salubridade do contexto que deveria ser preservado. A construção de novas estruturas tais como um campo de futebol no local onde anteriormente estava instalado um centro hípico, a construção de um pavilhão Gimnodesportivo e de um parque de estacionamento, foram outros golpes amputadores da sustentabilidade dos espaços verdes termais. O referido campo de futebol foi um elemento de prejuízo causado pela aplicação de nitratos e outros elementos químicos que colocam em risco a qualidade das águas termais.

O Plano Geral realizado pelo Engenheiro João Caldeira Cabral, em 1983, por incumbência do Ministério da Saúde, foi segundo este “um instrumento orientativo só parcialmente cumprido no que respeita às intervenções de ampliação dos espaços e protecção dos aquíferos termais<sup>317</sup>”. Com a apresentação deste plano estava subjacente uma estratégia de desenvolvimento, cientificamente fundamentada, que clarificava a possibilidade de utilização dos recursos termais - os hídricos- “ por um conjunto de 20000 aquistas, destacando-se este número em relação da frequência de 4000 a 5000, quase constante ao longo de décadas.”<sup>318</sup>

A partir da década de 80 praticamente só se tem procedido à manutenção mínima dos espaços verdes, sendo que esta já não é feita por um corpo especializado de

---

<sup>316</sup> Cf. O Engenheiro João Caldeira Cabral em entrevista cedida a 2 de outubro de 2013.

<sup>317</sup> <http://www.socgeografialisboa.pt/wp/wp-content/uploads/2012/05/Joao-CaldeiraCabral.pdf>, consultado a 5 de outubro.

<sup>318</sup> Cf. Engenheiro João Caldeira Cabral em entrevista referida na nota 317.

jardineiros, mas por um único elemento, que tem a seu cargo a manutenção de 28 hectares, coadjuvado por mais duas pessoas, em regime temporário, colocadas ao serviço pelo Centro de Emprego e Formação Profissional. Foi nesta década que, segundo o Engenheiro Caldeira Cabral, se terá experienciado no contexto termal caldense a maior frequência de aquistas, com um perfil maioritariamente nacional, atraído pela qualidade dos tratamentos e com a subvenção destes pelos organismos da Previdência. Neste período conseguiu-se ultrapassar a barreira, quase constante dos 4000 a 5000 utentes por ano, conseguindo estar próximo dos 10000 aquistas como utilizadores dos serviços termais hospitalares.

O espírito assistencial que fundamenta a criação do património da Rainha Dona Leonor e que, com a constituição do Hospital Termal, se formou como o ensaio para a instituição das Misericórdias, não deve perder-se com atitudes resultantes de “desinformação”<sup>319</sup> por parte de quem tem assegurado o seu poder de decisão.

Em relação ao futuro do conjunto patrimonial termal, julgamos de grande relevância a importância que deve ser dada à manutenção da qualidade do aquífero. As zonas de contenção devem ser respeitadas, bem como as zonas de proteção dos furos. Como a propriedade do património está no momento da pesquisa, a cargo do Ministério das Finanças, pode correr-se o risco de alienação de património, o que irá contra os princípios instituidores da Rainha Dona Leonor. Dada a indefinição no que respeita ao Protocolo de Gestão do património termal por parte da Câmara Municipal, do qual nada se sabe, podem sempre fazer-se conjeturas acerca do futuro do termalismo na cidade. Mas, há sempre um possível cenário que pode prever a entrega do património para gestão através do setor privado, muito provavelmente a uma empresa hoteleira, podendo não surtir o efeito redistributivo de capital tradicional que era aplicado na comunidade, distribuído pelos habitantes, como era prática ao longo das décadas com o aluguer de quartos.

O aquífero, desde que protegido, tem capacidade para alimentar todo o investimento que possa vir a ser feito nas instalações termais. Segundo o Engenheiro João Caldeira Cabral, “a sustentabilidade dos investimentos é possível a partir dos 3000

---

<sup>319</sup> Cf. João Caldeira Cabral em entrevista no dia 2 de outubro de 2013.

aquistas por ano.”<sup>320</sup> “ Existe a possibilidade de, nas Caldas da Rainha, “ 40 ou 50 mil aquistas poderem usufruir dos benefícios das águas termais, desde que se utilizem técnicas de aplicação específica localizada, tal como jatos de água pressurizada dirigidos a pontos específicos para tratamento localizado.” Há semelhanças, no nosso entender, com a acupuntura. A lógica subjacente a estas técnicas, para além dos benefícios médicos que os pacientes possam obter do tratamento, é a da rentabilização do uso da água termal”<sup>321</sup>

A construção de uma piscina ao ar livre com água termal, bem como um anfiteatro, seriam equipamentos de lazer perfeitamente viáveis, sendo feita a sua sugestão de implementação no Plano de 1983. Mas, “o poder central desde cedo que impede o termalismo de voar por suas próprias águas.”<sup>322</sup> A morosidade dos concursos públicos causa grandes dificuldades em termos da manutenção operacional do património, pelo que seria sensato a sociedade civil constituir-se como parte integrante da renovação do concelho, assim esta seria feita a partir do seu interior, da sua consciência coletiva “tendo o Hospital Termal como núcleo principal de uma estratégia regional.”<sup>323</sup>

Poderá ser viável a prevalência de um termalismo de saúde com tarifários diversificados para ricos e pobres, do tipo: *What you can*<sup>324</sup>, com base no IRS. Porém, deverá haver um rigor metodológico na criação de projeto de reabilitação do termalismo na cidade das Caldas da Rainha. As dificuldades na obtenção de consenso, assim como o tempo despendido nestas, em relação às hipóteses de projeto, podem ser como agravantes na entropia do sistema termal. O Ministério tem imagem de péssimo senhorio.

---

<sup>320</sup> Segundo entrevista referida na nota anterior..

<sup>321</sup> Frase dita em conversa tida a 8 de setembro de 2013 por Vasco Trancoso.

<sup>322</sup> *Idem.*

<sup>323</sup> Cit. Trancoso, b) pág. 24.

<sup>324</sup> Nossa tradução livre de termo utilizado por Vasco Trancoso, durante entrevista a 8 de setembro de 2013: “O que pode.”

Na entropia do património termal das Caldas da Rainha, surge também referenciada a inviabilidade da candidatura PROVERE<sup>325</sup>, em 2011, pois no âmbito do Programa QREN<sup>326</sup> excluía-se as instituições públicas.

É também defendido que a gestão deste património deverá ser feita por uma fundação pública/privada, sendo fundamental que haja consenso<sup>327</sup>. Surge com algum interesse a solução de um sistema de concessão articulado com o Serviço Nacional de Saúde, tendo em conta que os tratamentos aplicados, reduzem o uso de anti-inflamatórios, havendo uma redução de custos nas participações.

Para bom planeamento futuro devem perceber-se quais as linhas orientadoras, ou as estratégias a seguir, tendo em conta as linhas de força da sociedade. Devem existir definições de compromissos para manutenção do património termal e, havendo um denominador estabelecido, deverá haver um concurso público para a escolha da entidade gestora. Ficam assim bem definidas as regras a cumprir. Contudo, a resistência à mudança que, “ de certa maneira é uma das características dos caldenses tal como é no Zé Povinho, aliada ao problema de falta de consciência coletiva que existiu até à década de 60 do século XX”<sup>328</sup>, faz parte de todo um esforço de recuperação do espírito coletivo, ou consciência coletiva, que terá a sua importância na revitalização do espírito do lugar ou espírito *locus*.

Por outro lado a importância da manutenção constante do espaço do parque torna-se fundamental, na observância dos princípios de qualidade que o utente pode fruir, pois este foi feito para termalistas e deve ser plano. Se o parque comportar eventos ou situações que provoquem alterações na planura do pavimento, estas podem ser prejudiciais ao equilíbrio do sistema.

Esquecer estes pormenores pode comprometer seriamente o parque e o aquífero. Segundo alguns dos testemunhos dos nossos informantes, tem havido um crescendo de

---

<sup>325</sup> Estudada pela Administração hospitalar no ano de 2008 a cargo do Dr. Vasco Trancoso; este termo é um acrónimo de Programa de Valorização Económica de Recursos Endógenos.

<sup>326</sup> Acrónimo de Quadro de Referência Estratégico Nacional que enquadra a aplicação comunitária de coesão económica-

<sup>327</sup> O antigo administrador, Vasco Trancoso tem esta opinião. Frisa em entrevista concedida 8 de setembro de 2013:” que não se deve confundir privatização com concessão.”

<sup>328</sup> Frase referida por Vasco Trancoso na data referida na nota anterior.

asfixia do parque ao longo de várias décadas no século XX, nomeadamente por parte da autarquia <sup>329</sup> que terá desvalorizado as questões técnicas lidadas ao termalismo, onde se inclui também o planeamento dos espaços verdes, neste caso a mata e o parque.

A perda da centralidade tradicional do antigo Rossio - a Praça da República - onde outrora havia grande movimento e que era local privilegiado para se saber as notícias, através das conversas tidas em pleno espaço público aberto ou nos cafés, sentida essencialmente pela mudança de hábitos de sociabilidade criada pela televisão, e pelo crescimento urbano, é algo que contribuiu como acelerador para uma mudança focalizada na globalização. Tal como nas Caldas de Monchique, hábitos como as tertúlias “ que eram muito animadas, nomeadamente as que tinham lugar no Central, no horário dos almoços”<sup>330</sup> perderam-se numa geração. Há assim algo que se perdeu na comunidade, não se devendo excluir de responsabilidades quem não teve sensibilidade e conhecimento para operar a mudança no espaço urbano.

O excerto de João B. Serra ilustra bem este processo:

“ O aglomerado urbano das Caldas da Rainha sofreu transformações profundas ao longo do período documentado pelas imagens que Vasco Trancoso identificou e classificou. Do ponto de vista urbanístico foram transformações cruciais, pois delas resultou uma cidade onde às funções assistenciais antigas foram acrescentadas funções turísticas e comerciais, equipamentos urbanos modernos e recursos estratégicos no plano das comunicações e transportes. (...) Numa segunda fase, e após um eclipse da vertente termal, a cidade explorou outras capacidades económicas e procurou fixar um modelo de equilíbrio entre o termalismo e as faculdades polarizadoras – administrativas, comerciais, de serviços - de uma região agrícola relativamente rica.<sup>331</sup> (...) A pressão que sobre o tecido urbano caldense foi exercida depois da década de 1970 foi muito violenta. Aparentemente, não encontrou - nem forjou - uma elite com a visão a imaginação e o amor à cidade que tinham sido

---

<sup>329</sup> Destacamos as opiniões de Vasco Trancoso e João Caldeira Cabral, referem-se a um conjunto de eventos que neste têm vindo a ocorrer ao longo de décadas.

<sup>330</sup> Cf. Vasco Trancoso, em entrevista no dia 8 de setembro de 2013. Contudo, praticamente todos os nossos informantes referiram esta prática.

<sup>331</sup> Cit. João B. Serra in Trancoso b) “Caldas da Rainha- A produção de uma cidade” in *Caldas da Rainha - um contributo iconográfico através do bilhete ilustrado editado até meados do século XX*, Mafra: Elo Editores. Pág. 18. 1999.

apanágio das gerações de construtores urbanos que se sucederam nas Caldas, entre 1880 e 1950.”<sup>332</sup>

As novas centralidades podem, contudo, ser recreadas. O Centro Cultural das Caldas da Rainha pode funcionar como complemento ao complexo termal com um programa cultural articulado, que seja mais uma imagem de marca da cidade e, ao mesmo tempo, pode cumprir este papel, o que não acontece nas Caldas de Monchique onde não há qualquer oferta de programação de eventos com cariz cultural.

O bom funcionamento institucional deverá ser feito com base numa estratégia, onde haja uma ligação equilibrada entre os serviços e a população. Na cidade termal denota-se segundo os nossos informantes, uma falta de estratégia, uma vez que “ quem não sabe para onde vai, todos os caminhos lhe servem.”<sup>333</sup> Na década de 60 do século XX, a cidade começou a sentir efeitos de uma certa mudança de papéis entre o Hospital Termal e o Hospital Distrital, sendo que este último demonstrava mais dinâmica. Este facto terá tido algumas consequências negativas na imagem do termalismo das Caldas da Rainha. O termalismo perdeu com o não investimento de fundos próprios que foram aplicados na construção do Hospital Distrital.

Nos anos 80 do século XX a administração do património da Rainha Dona Leonor, compreendendo a situação, estabeleceu uma plataforma de gestão clínica que permitiu a complementaridade e a interação com o serviço de medicina física e de reabilitação, passando de “ um fisioterapeuta para quinze.”<sup>334</sup>

Mas o que é facto é que a viabilidade de funcionamento do Hospital Termal com o apoio de cuidados continuados nos Hospitais Civis, proposta pelo administrador na altura, referida nas conclusões do grupo interdepartamental, nunca foi implementada. Este grupo surgiu através de proposta do Gabinete de Estudos e Planeamento da Saúde, mediante despacho dos Secretários de Estado do Turismo, da Segurança Social, da Saúde, da Cultura, das Obras Públicas e da Indústria, a 7 de Outubro de 1981. Integrava as seguintes entidades: Direção Geral dos Hospitais, Direção -Geral de Saúde, Serviços Médico - Sociais Centrais, Departamento de Estudos e Planeamento da Saúde, Gabinete

---

<sup>332</sup> *Idem*, pág. 24.

<sup>333</sup> Citando o Dr. Jorge Varanda, antigo administrador hospitalar nos anos 80, em entrevista tida no dia 25 de outubro de 2013. Esta frase relembra o episódio da Alice quando pergunta ao gato de *Cheshire* (no capítulo VI de Alice no País das Maravilhas) que caminho deve seguir.

<sup>334</sup> Segundo informação cedida em entrevista no dia 25 de outubro de 2013.

de Instalações e Equipamentos da Saúde, Centro Hospitalar das Caldas da Rainha, Hospital Termal Rainha Dona Leonor, Câmara Municipal das Caldas da Rainha, Direção Geral dos Edifícios Hospitalares do Centro, Direção Geral do Turismo, Instituto Português do Património Cultural, Direção Geral de Animação Cultural, Direção Geral de Geologia e Minas, Direção Geral de Segurança Social. O grupo constituiu-se nas comissões de trabalho de património cultural, turismo e termalismo e do hospital termal. Produziu um relatório final que foi o resultado do trabalho desenvolvido por estas três comissões, aprovado em sessão plenária do grupo de trabalho.

Assim, ao reportarmos o nosso discurso para o futuro do termalismo nas Caldas da Rainha, julgamos também de interesse a implementação das opções sugeridas no relatório do grupo interdepartamental que, pela sua importância, transcrevemos:

- “- Converter o Hospital num Centro de Medicina Física e de Reabilitação especialmente preparado para a recuperação de doentes afectados por reumatismo;
- Especializar o Hospital em Reumatologia e criar um Serviço de Medicina Física e de Reabilitação como meio de tratamento da Reumatologia e apoio ao Hospital Distrital;
- O Grupo de Trabalho opta simultaneamente pela especialização do Hospital em Reumatologia, mantendo a hidroterapia no tratamento de outras doenças, de acordo com as indicações terapêuticas das suas águas e pela criação de um Serviço de Medicina Física e de Reabilitação, como meio de tratamento próprio e de apoio ao Hospital Distrital.”<sup>335</sup>

Deve aproveitar-se o que existe, de uma forma realista, fundamentando-se as ações em estudos bem pensados, onde a procura deve ser bem conhecida e, passo-a-passo, criando inovação, tentando

” não criar um segundo efeito Berquó<sup>336</sup>; o tempo de crise em que estamos a viver é muito pior do que aquele que se viveu no tempo do arquiteto e após a sua morte. Será interessante reaproveitar os pavilhões como uma moderna unidade hoteleira, que eventualmente possa ter associados conceitos de “spa” e de “wellness”, desde que a medicina básica que neles possa vir a

---

<sup>335</sup> In *Estudo e Proposta de Medidas para a recuperação do Hospital Termal Rainha dona Leonor— Grupo de Trabalho Interdepartamental* (s. e.). Caldas da Rainha:1984, pág. 64.

<sup>336</sup> *Idem, ibidem*, referindo-se com esta frase à imagem dos Pavilhões do Parque, que nunca foram utilizados e que ainda se constituem como estruturas votadas ao abandono.

ser utilizada tenha a sua qualidade certificada pelo hospital termal.”

Atualmente, num período em que já não existem subvenções de providência para os tratamentos, devem ser bem pensadas todas as ações tendo em conta a preservação da vocação assistencial que, por tradição, configura o termalismo desta cidade.

“ É fundamental que os diversos organismos que possam estar envolvidos no destino da vocação termal das Caldas da Rainha percebam realmente a multidimensionalidade da saúde. Deverá haver alguma preocupação em capacitar o hospital termal com alojamento que permita a acomodação de pessoas com limitações físicas, não descurando a possibilidade de internamento.”<sup>337</sup>

Apesar de a procura pelos serviços termais estar em declínio no país,

“ as necessidades de tratamento termal da população portuguesa estão a crescer e não estamos a conseguir dinamizar a oferta de serviços que podem ser prestados às pessoas que são colocadas em lares e entregues aos cuidados continuados. A estas junta-se todo um conjunto de outras que têm perfil adequado para tratamento termal.”<sup>338</sup>

Voltando a 1984, verificamos que o aumento de camas, ou a capacidade de alojamento, foi uma das propostas sugeridas pelo grupo interdisciplinar e, nessa altura foram propostas várias medidas de concretização, de onde se destaca a recuperação das antigas instalações do hospital de Stº Isidoro para apoio de acolhimento ao hospital termal.

Mas no futuro é possível que vinte mil aquistas, segundo o Dr. Jorge Varanda e o Engenheiro João Caldeira Cabral<sup>339</sup>, consigam aceder aos serviços termais da cidade das Caldas da Rainha, se houver uma estratégia concertada na sustentabilidade e não na delapidação do património que parece ter vindo a ser uma constante desde há décadas. Embora se preveja a construção de instalações termais no concelho vizinho de Óbidos - mais concretamente na Quinta das Gaeiras ou Quinta das Janelas, onde brotam águas

---

<sup>337</sup> Comentário referido durante a entrevista por Jorge Varanda a 25 de outubro de 2013.

<sup>338</sup> *Idem.*

<sup>339</sup> Cf. entrevistas cedidas a 25 de Outubro de 2013 e 25 de Outubro do mesmo ano, respetivamente.

com características semelhantes às das Caldas da Rainha - nada leva a crer que haja prejuízo no investimento que possa ser feito na cidade.

Sobre a cidade termal em análise, Jorge Mangorrinha<sup>340</sup> considera que não foi cumprido o Plano Estratégico das Caldas da Rainha de 2004 “ por questões de opção política”<sup>341</sup>. Segundo este investigador, tal decisão resultou num entrave para o relançamento sustentado da cidade, já que o documento:

“traça um plano de ação específico para devolver às Caldas a condição de cidade termal, subdividido em diferentes ações, das quais sublinharia, neste contexto: Classificação do Conjunto Termal; Projeto Integrado de Valorização e Expansão do Termalismo; Plano Estratégico de Desenvolvimento Turístico; Construção de uma nova Unidade Termal contemplando as áreas da saúde, do lazer e da medicina desportiva; Criação de um Centro Reumatológico Nacional; Criação da Escola Nacional de Termalismo; Criação da marca “Caldas da Rainha: património das águas”; e Realização de um evento anual relacionado com esta marca. Verificamos que apenas o primeiro ponto – a Classificação do Conjunto Termal – teve uma evolução, se bem que, presentemente há sintonia quanto à necessidade de alargar a área territorial “em vias de classificação”<sup>342</sup>.

Por outro lado, para este autor, uma cidade termal distingue-se das demais cidades pela sua vocação interativa com a natureza, constituindo-se como:

“ um ecossistema cujo modelo de desenvolvimento se suporta num recurso essencial - a água-, que é simultaneamente produto primário, competitividade e marca identitária, traço indelével tanto ou mais do que outro território, noutra paisagem, integrando, além do mais, recursos abióticos, bióticos e culturais (...) Agora, no início do século XXI, esta cidade termal, (...) é desejavelmente uma cidade criativa. Cada vez mais as ideias, a imaginação e a inovação representam o essencial da nossa produtividade e um factor de competitividade também no turismo (...) Se a cidade – como produto turístico – é desejavelmente funcional e bela, então este objectivo passa por

---

<sup>340</sup>Entrevistado a 29 de outubro de 2013.

<sup>341</sup> Extraído da Comunicação *Em busca da Cidade Termal: A política e o Futuro das Caldas da Rainha*, pág. 1 apresentada na Sociedade de Geografia de Lisboa, a 15 de novembro de 2012 disponível em: <http://www.socgeografialisboa.pt/wp/wp-content/uploads/2012/05/Jorge-Mangorrinha.pdf>, consultado a 6 de outubro de 2013.

<sup>342</sup> *Idem, Ibidem.*

ordenar o território, passa por novos modelos de governação, passa pela participação cidadã, passa por tornar estas cidades surpreendentes: a surpresa como valor acrescentado da contemporaneidade, que se expressará em todos os domínios.”<sup>343</sup>

Afirma que implementação de inovações em toda a sua

“complexidade urbana não pode minorizar o bem-estar social e psíquico do ser humano, aspectos intrinsecamente associados ao território termal e às estratégias das cidades portuguesas.”<sup>344</sup>

Mangorrinha propõe ainda a criação de um Plano Estratégico de Desenvolvimento Turístico, onde para além da utilização de sinergias entre todos os” agentes da oferta turística regional”<sup>345</sup> seria conveniente promover através de um trabalho concertado, as

“ Marcas que, na sua evolução histórica, a cidade foi construindo. Duas das marcas mais originais são, efetivamente, as do termalismo e da Praça da Fruta, como pólo nuclear do comércio do centro urbano. Uma e outra alimentam-se. Também há dez anos iniciámos essa tarefa, associando a Câmara a outras entidades de valor acrescentado, como o Centro Português de Design, na criação das marcas CR-Hidrodeseño e Praça da Fruta. Estas marcas estariam associadas a planos de regeneração de ambas as atividades e dos seus espaços. Estes projetos deixaram de ser importantes para a autarquia, embora se saiba da recente intenção cidadã em avançar com a marca Praça da Fruta, no quadro do Orçamento Participativo.”<sup>346</sup>

A exclusão da mata, parte integrante do património termal que foi proposto desde início, com pareceres de Jorge Mangorrinha<sup>347</sup>, para o processo de classificação do Património Nacional e posteriormente para a classificação de Património Mundial, poderá levar a supor – segundo este investigador<sup>348</sup> - que haverá outros interesses que não os da salvaguarda do património da Rainha Dona Leonor para as gerações futuras.

---

<sup>343</sup> Cit. Mangorrinha, Jorge pág. 121.

<sup>344</sup> *Idem*, pág. 120.

<sup>345</sup> *Idem*, pág. 4.

<sup>346</sup> *Idem*, pág. 3.

<sup>347</sup> Então vereador de Planeamento Urbanismo e Património da Câmara Municipal das Caldas da Rainha.

<sup>348</sup> Em entrevista concedida em 29 de outubro de 2013.

Esta mata foi excluída com a completa obliteração do conhecimento científico previamente recolhido durante anos sobre a importância da mesma para a qualidade e sustentabilidade do conjunto,

As termas nacionais estão a perder cada vez mais clientes e urge uma necessidade de estratégia, para além do enquadramento financeiro para a sustentabilidade futura, onde se tem de manter vivo o legado da rainha para “mais de 500 anos.”<sup>349</sup>

Mangorrinha refere a importância do *trivium*<sup>350</sup> dos eixos de desenvolvimento urbano da cidade termal, que são quase uma forma gráfica identificada como uma “pata de galinha que começa mesmo em frente ao Hospital Termal Rainha Dona Leonor”<sup>351</sup> desde o passado, que de certa maneira “anda à deriva desde os últimos 250 anos para um futuro que poderá ser promissor, se para tal houver vontade de todas as entidades envolvidas.”<sup>352</sup> O primeiro destes eixos, que segue por detrás da antiga casa de convalescença na direção de Óbidos, para onde se prevê o relançamento do termalismo na já referida Quinta das Janelas, corresponderá ao que o arquiteto designa de “eixo da criatividade e que poderá ser o relançamento do núcleo patrimonial para o futuro”, onde deve imperar a criatividade de diversos intervenientes e a sinergia intermunicipal. O segundo eixo será o “eixo das águas”, que segue da Rua de Camões em direção ao mar, podendo ser a ligação da talassoterapia<sup>353</sup> com a crenoterapia. Por último, refere o “eixo do comércio” que liga a cidade em expansão à linha férrea que, segundo a sua opinião, é o eixo principal das Caldas da Rainha, tendo a sua imagem de marca na praça da fruta.

Consideramos que o investimento privado na requalificação do Hospital Termal será uma hipótese a considerar se for concertada num conjunto amplo com características regionais. A cidade deverá ser promovida como um conjunto. A promoção enquanto cidade saudável poderá ser feita com a sensibilização política para projetos intermunicipais que possam ser financiados pelos quadros de apoio da comunidade

---

<sup>349</sup> Referido verbalmente pelo arquiteto a 9 de outubro de 2013.

<sup>350</sup> Encruzilhada, tradução livre do Latim.

<sup>351</sup> Referido por Mangorrinha no dia referido na nota 342.

<sup>352</sup> *Idem.*

<sup>353</sup> Tratamentos com base na água marítima.

européia. A necessidade de articulação entre os setores privados e públicos é fundamental.

O porta-voz da Comissão de Utentes «Juntos pelo nosso Hospital»<sup>354</sup> tem, também esta opinião realçando a importância que deve ser dada à promoção da imagem das Caldas da Rainha como uma

“cidade saudável visando também as questões relacionadas com a prevenção da doença. Para o efeito deverá haver captação da atenção política para projetos intermunicipais que possam ser financiados pelo quadro de apoio comunitário, o investimento privado também deve ser contemplado. Pode também ser aproveitada a mobilidade internacional do utente termal ao abrigo de diretivas comunitárias que possam contemplar esse direito. Mas, para além das questões relacionadas com o enquadramento financeiro, há que pensar nas questões relacionadas com a estratégia para obtenção de bons resultados”<sup>355</sup>

Mas, por outro lado, a preservação do património concedido pela Rainha Dona Leonor é uma constante preocupação da Autarquia, que tem consciência da necessidade de <sup>356</sup> definição do protocolo com a Direção Geral do Tesouro que, até ao momento, o qual até ao momento ainda não existe. Aguarda-se uma nova proposta que estabeleça as condições de cedência.

“ Só quando tiver sido tomada a decisão em relação ao protocolo é que haverá condições para apresentação de propostas aos parceiros. Assim, de momento é ainda impossível referir quais serão as propostas de viabilização do património termal, nomeadamente dos pavilhões do parque. Tudo depende também das verbas conseguidas através de fundos comunitários. Estes fundos poderão ser conseguidos para a reabilitação do hospital termal, não desvirtuando a sua originalidade. Uma parceria com um grupo hoteleiro que possa fornecer alojamento e tratamento termal, com supervisão médica e subvencionado pelo SNS. Não será necessário a tutela direta do Ministério da Saúde, mas

---

<sup>354</sup> Referimo-nos ao Dr. Jaime Neto.

<sup>355</sup> Referido pelo porta-voz da Comissão de Utentes «Juntos pelo nosso Hospital» em entrevista cedida a 9 de novembro de 2013.

<sup>356</sup> Segundo entrevista ao Presidente da Câmara, Dr. Fernando Tinta Ferreira, no dia 20 de dezembro de 2013.

haverá uma ligação estreita com este sistema, embora com a participação de outros parceiros.”<sup>357</sup>

A requalificação do Mercado da Fruta<sup>358</sup>, para que este esteja em conformidade com as indicações da ASAE<sup>359</sup>, é uma medida que se insere no processo de mudança ou na entropia natural da cidade. Haverá após o processo, sem dúvida, diferenças detetáveis em termos visuais mas segundo fomos informados, não irá haver desvirtualização do espaço e “mantém-se o colorido mas sem estacas no chão.”<sup>360</sup>

Embora não haja nenhum modelo, baseado em outras cidades termais, que possa ser pensado, ainda que parcialmente para a cidade das Caldas da Rainha, em termos de consolidação de imagem para o exterior, Fernando Tinta Ferreira<sup>361</sup> refere que a preocupação com a manutenção do ideal de providência universal da utilização do bem associado ao património termal, existente desde os tempos primordiais do local, será uma constante da edilidade.

Para o Parque Dom Carlos I, para além de toda a utilização humana possível, o Presidente da autarquia refere estar a ser pensado para a sua utilização e divulgação a realização de certames tais como a “feira do cavalo e a feira da fruta.”<sup>362</sup>

---

<sup>357</sup>Segundo a mesma fonte, no mesmo dia, referenciada na nota anterior.

<sup>358</sup>Em processo inicial em janeiro de 2014.

<sup>359</sup> Sigla de: Autoridade de Segurança Alimentar e Económica.

<sup>360</sup> Conforme entrevista do Presidente da Câmara Municipal já referida.

<sup>361</sup> O Presidente da Câmara em exercício desde outubro de 2013.

<sup>362</sup>Conforme. entrevista já referida.

## **Conclusão**

Ao finalizar este trabalho, verificámos que, embora o termalismo não se constitua, presentemente na cidade de Caldas da Rainha, como elemento impulsionador de dinâmica cultural, este é ainda um marcador simbólico da imagética de quem procura a cidade em atitude de lazer. Esta simbologia está arreigada à identidade do lugar e de parte importante da cidade que corresponde ao centro histórico onde se encontra o património termal, nomeadamente a Mata Rainha Dona Leonor, o Parque Dom Carlos, o Hospital Termal e o núcleo museológico que lhe está associado. É nesta centralidade que opera ainda o atrativo da cidade, constituindo-se como atração *estrela* a identificação com a proximidade da natureza e a todas as ideias a ela associadas, tal como a frescura. A ideia de saúde ainda se encontra subjacente às vivências de ar livre, e à água vinda do interior da terra.

A imagem de Caldas da Rainha, enquanto local aprazível, relacionado com hedonismo ligado a práticas salutareas, associadas à fruição de beleza do espaço urbano em si e à envolvimento dos arredores, ainda é patente no discurso de quem a ela conhece. Contudo, a relação direta, entre a componente de aplicação das águas termais para tratamento e a cura para males do corpo, não parece ter grande expressão para quem visita e fica na cidade por motivos de lazer. Apesar de a cidade das Caldas da Rainha ainda ter o reconhecimento como cidade termal, o mar vai ganhando protagonismo em práticas associadas à saúde e ao lazer.

As descrições de lugares termais portugueses, onde destacamos Caldas da Rainha, são marcadas com uma constante referência aos detalhes paisagísticos. Assim, entendemos que a paisagem deve ser utilizada na divulgação.

Detetámos, num momento da pesquisa, que a referência à elite, passível de formatar o espaço social, ganhava algumas particularidades no que respeita à sua menção diferenciada por categorias, havendo uma clara distinção entre artistas, nobreza ou militares, tanto nacionais como estrangeiros. Esta referência já não existe em virtude da indiferenciação das categorias sociais por características formais visíveis.

O tema de identificação promocional, face ao exterior, deve ser pensado tendo em conta as especificidades vocacionais da cidade, não esquecendo que a sua integração na região do oeste português teve, durante finais do século XIX e todo o século XX, uma expressão nítida como atração cultural e natural.

As características do espaço comercial aberto, em si um marcador de atração da cidade, deverão ser preservadas e pensadas em termos sustentáveis.

Para que se consiga melhorar a atração dos destinos, enquanto palcos de cultura onde as identidades locais devem ser destacadas com criatividade, distinguindo-se como locais únicos, distintos da cultura caracterizada pela globalização, devem ser tidas em conta diversas ações ou áreas de atuação que consideramos de interesse:

- O envolvimento da população local é fundamental para o espírito do lugar, constituindo-se este como um dos motivos de atração. São as pessoas que definem as vivências dos espaços;
- A marca da proximidade da cidade do meio rural, e as suas vivências costeira e urbana, as quais tradicionalmente a integram em equilíbrio, não devem ser espartilhadas pela inclusão de elementos renovadores - de diversa índole, de onde se destacam as novas construções - cuja aplicação não tenha sido bem planeada e pensada em sinergia com a comunidade, não esquecendo o papel fundamental dos técnicos e dos cientistas nos seus pareceres;
- As dinâmicas de novos ordenamentos de utilização do espaço urbano estão focalizados nos serviços, no bulício colorido e original do mercado de rua, de onde se destaca a originalidade do comércio tradicional que se poderá constituir como marca, se houver bom trabalho conjunto entre sociedade civil e entidades estatais;
- A realidade cultural da cidade termal, enquanto atração turística, onde os espaços centrais sugerem cenários nos quais as pessoas se podem libertar do excesso de rotina diária, utilizando – os em atividades lúdicas, que podem ir do simples passeio à recreação pela observação de montras de espaços comerciais, ou assistir a exposições ou concertos, deve ser mantida. Consegue-se desta forma obter uma sensação de libertação ou de elevação espiritual, de importância para a o conceito salutar associado ao espaço público. Assim se observam no espaço público características

semelhantes às do sagrado, identificando este último num plano mais elevado do que aquele onde se processam as atividades quotidianas, vulgarmente identificadas com atividades profanas, carregadas de rotina e associadas ao stresse.

- O ponto de partida de onde vêm os visitantes, ou turistas, deve ser tido em conta na sua heterogeneidade, bem como na diferença em relação às características singulares da cidade. Desta forma, pode marcar-se a autenticidade que confere, ao espaço visitado, as características de reconhecimento, enquanto produto satisfatório para quem o procura. Esta diferença é tendencialmente enfatizada pelos habitantes de Caldas da Rainha, que vêm expressando algumas marcas identitárias, para que estas tenham proveito no sistema económico e para que os visitantes não se sintam defraudados e vejam satisfeitas as suas expectativas, em relação ao motivo inicial da visita.
- Os eventos associados ao conjunto natural e cultural da cidade devem ser considerados na divulgação das Caldas da Rainha, sempre com a integração no contexto regional, de modo a chamar a atenção a possíveis visitantes, visando o prolongamento da sua estada para usufruto de todas as especificidades do conjunto urbano. Este tipo de oferta pode proporcionar a imediaticidade da experiência única que se pensa repetível - sendo que é esta que se pretende com as novas visitas à cidade - e que será um contributo para a fama do local, porque é algo que constitui um elemento essencial para o turista ou visitante que procura autenticidade.

Todo o sistema que analisámos funciona assim numa quase réplica simbólica do sistema económico, transpondo-se para o nível da inteligibilidade tangível, através de sensações, através dos sabores da gastronomia e da visualização e fruição da paisagem, o tão esperado equilíbrio entre oferta e procura do local turístico, validado essencialmente através do reconhecimento, em tempo real, do sonho ou vontade que

alimentou a deslocação à cidade para efeitos de lazer e fruição da cultura. O imaginário de quem visita a cidade é alargado ao contexto cultural do oeste português; as diversas especificidades locais deverão constar na divulgação conjunta da oferta da região. Uma vez que a identificação e o reconhecimento social dos sujeitos utilizadores de bens e serviços dos destinos têm menor ou maior intensidade, consoante o número acumulado de experiências tidas nos destinos, como também pela quantidade dos sítios visitados, deve ser feita uma aposta na manutenção das especificidades caracterizadoras da cidade que estão diretamente relacionadas com tudo o que se identifica com as palavras *belo, bom e salutar*. Desta forma, a originalidade dos recursos naturais da cidade, bem como de alguns produtos culturais, de onde se destacam os decorrentes da produção artística e da gastronomia, é uma realidade que deverá ser mantida. Esta não deverá ser considerada como algo acessório em planos estratégicos de desenvolvimento.

Com o génio de Rafael Bordalo Pinheiro, tomado como um dos mais referenciados marcadores de imagem das Caldas da Rainha, esta cidade ganhou uma mais-valia na sua projeção; não é apenas uma cidade com oferta termal, mas é também uma cidade produtora de arte. Todas os informantes com quem falámos sobre estes assuntos reconhecem, para além do termalismo, a vocação artística da cidade.

A universalidade das artes potencia a renovação, ou melhor, revitaliza toda uma imagem da identidade local, atitude bem patente em todo o reconhecimento da obra de Rafael Bordalo Pinheiro. É nesta especificidade, em grande parte, que a cidade das Caldas obtém parte do seu reconhecimento identitário. Nesta cidade de “os das Caldas”, assume-se a expressão de uma das marcas universais de centro, de essência, tal como o coração para os minhotos ou o ventre para grande parte das culturas africanas, geradora de força e de continuidade que a distingue de espaços termais como o das Caldas de Monchique.

Relembrando um pouco John Urry<sup>363</sup>, as indústrias da tradição artística das faianças nas Caldas da Rainha têm, em Rafael Bordalo Pinheiro, o maior certificador de qualidade. Verificámos que a figura de Rafael Bordalo Pinheiro, embora não seja muito conhecida por si, pela sua personalidade, como nos foi possível perceber ao longo do nosso trabalho, é de facto identificada por quem ouve falar da cidade e a ela já foi,

---

<sup>363</sup> No conjunto da sua obra: *O olhar do turista, lazer e viagens nas sociedades contemporâneas*, S. Paulo: Studio Nobel, 1996.

relacionando-a com os traços identificadores do carácter artístico deste autor. A obra é maior que o próprio homem, o seu legado ainda é inspirador e criativo, podendo ainda servir de elemento incluso em estratégias de divulgação das Caldas da Rainha.

O protagonismo do Concelho das Caldas da Rainha, enquanto atração para o visitante, está a perder o seu valor histórico centenário, para os concelhos vizinhos, dos quais destacamos Óbidos, Nazaré e Peniche. Denotámos que a atual não utilização do espaço das águas, devido ao encerramento do hospital termal e a ausência do seu consumo na forma de tratamento, nada retira à imagem que se tem ainda das Caldas da Rainha, enquanto local de fruição de lazer e de benefício salutar. Contudo, as águas termais vão perdendo protagonismo para as águas marítimas e para as práticas de lazer a elas associadas. Estas águas marítimas estão relacionadas com o imagético salutar não imputado ao tratamento, mas à prevenção das doenças.

Será, no nosso entender, útil o aproveitamento da divulgação do património termal das Caldas da Rainha na ótica da prevenção da doença, como também em práticas associadas ao bem-estar e à manutenção da saúde. A ligação entre as águas termais e as marítimas deve ser equacionada em propostas de divulgação de património natural e cultural, visando a captação de visitantes e turistas para a cidade das Caldas da Rainha. A diversidade e a proximidade destas duas tipologias apresentam vantagens no conjunto local e regional, podendo ser utilizadas como complemento na divulgação da oferta da cidade.

Consideramos a multidisciplinaridade fundamental para que se consiga obter uma imagem bem definida dos caminhos a seguir num futuro em construção, para uma integração harmoniosa de recursos naturais e culturais, fazendo do cidadão o seu principal beneficiário. Qualquer espaço antes de se constituir como atração turística é um espaço cuja essência se fundamenta nas vivências. É nestas que se deve apostar, através da implementação de estratégias que visem a preservação da herança patrimonial, tendo como base o conhecimento, fundamentado numa informação que seja o mais completa possível. Na divulgação turística institucional das Caldas da Rainha, nota-se que o património da cidade é transposto de forma pouco objetiva para o imagético de quem nela procura o lazer. A noção de património material, embora presente nas imagens e textos de divulgação atuais, podia ser mais explícita no que respeita ao meio natural. Neste, a água surge isolada do contexto natural. Verifica-se

que em duas gerações houve uma perda da valorização, através do reconhecimento vivencial, do património material natural - a água termal - e todo o contexto da sua manutenção e preservação. O real deve ser bem conhecido e preservado, de forma a não ser um acessório inteligível só para alguns.

O valor do património nas Caldas da Rainha deve estar associado também à sua preservação, visando efeitos multiplicadores para as gerações futuras, podendo, em termos económicos, ter efeitos dinamizadores de desenvolvimento, não devendo ser perdido o espírito assistencial que, desde o início, lhe serviu de pedra basilar. Para a manutenção deste património natural e cultural é necessário que haja uma verdadeira compreensão do seu significado, bem como da sua significância intrínseca. São necessárias dinâmicas de manutenção e projeção de identidade, fundamentadas na história do espaço, onde residem os traços e os elementos caracterizadores da originalidade cultural, ainda reconhecida pelos habitantes de Caldas da Rainha; também relevante para quem não é da cidade, mas que a reconhece e a mantém a sua valorização através desse reconhecimento, bem destacado no contexto do oeste nacional.

Na ótica da sustentabilidade, onde se deve ter em conta os fatores económicos, os sociais, os culturais e os ambientais, não devem ser descurados os pareceres técnicos elaborados por todos aqueles que se envolveram empenhadamente com a preservação da qualidade daquilo que não é imediatamente visível, mas que se constitui como a característica da cidade – as suas águas termais - património natural com toda a envolvência do espaço, parte integrante do legado patrimonial da Rainha Dona Leonor. Estes fatores determinam diferentes aproximações ao fenómeno turístico, definindo visões parciais<sup>364</sup> que, no nosso entender, devem aliar-se para um esforço integrador. Todas as intervenções devem ser planeadas com base na sustentabilidade, sendo que, grande parte das vezes, os seus resultados só serão verdadeiramente sentidos ao fim de uma geração.

As atividades de *marketing* são um dos campos que as autoridades públicas devem privilegiar, devendo funcionar em sinergia com intervenientes dos diversos níveis: local, regional, e nacional. As redes internacionais devem ser utilizadas nas estratégias de desenvolvimento, em que o longo prazo deve ser ter tido em conta, como

---

<sup>364</sup> Estas, no espaço da cidade de Caldas da Rainha, são resultado dos fatores referidos, enquanto variáveis na nossa abordagem

é sugerido no Plano Estratégico Nacional de Turismo. Contudo, a operacionalidade do sistema, com a morosidade dos procedimentos de concursos públicos específicos, dificulta a manutenção de vários equipamentos onde se pode alicerçar a cultura. Tendo em conta as dificuldades de financiamento de projetos culturais através do setor público, poderiam ser consideradas vantajosas as parcerias entre entidades públicas e privadas, não deixando o Estado de cumprir as suas responsabilidades na preservação do património.

Com o acréscimo de implementação de medidas para aumento de capital cultural com a educação, que se fez notar sensivelmente a partir da década de 80 do século XX, o interesse pela cultura começa a ser tónica no discurso de cientistas e de políticos; contudo, denotámos que, no contexto promocional das Caldas da Rainha este conceito está focalizado de forma restrita no que se refere ao património material edificado. O turismo não deve ser visto como algo que esteja alheio ao quotidiano das populações nos locais de acolhimento turístico. A partir da década acima referida, as experiências individualizadas nos destinos turísticos começaram a ganhar mais relevância. Por um lado há, cada vez mais, um interesse por parte da procura sobre a realidade e a identidade, mas, por outro, este individualismo em relação às preferências, causa problemas de adaptação em relação à oferta. Esta última tem tendência a levar mais tempo para se ajustar estrategicamente às novas realidades e, por vezes, com perda significativa no fio condutor das identidades. É o que verificámos no contexto das Caldas da Rainha particularmente no último período da nossa pesquisa.

Contudo, o termalismo na cidade analisada pareceu-nos arredado do enquadramento promocional turístico da região Centro de Portugal e surge com pouco relevo. Sabendo que nada é turístico em si, um lugar como a cidade das Caldas da Rainha começa a ser turístico a partir dos critérios que revelem representações, modelos culturais e ambientes. As respetivas representações não são fixas, os critérios podem deslocar-se e a noção de procura pode ser construída de maneiras diversas, a partir de premissas diferentes, consoante a perspetiva política mas, é necessária a preservação da identidade com base no legado patrimonial da Rainha Dona Leonor.

Da natureza para a cultura, passa-se do plano biológico ao espiritual, subordinando-se a vitalidade à espiritualidade. A cultura fabrica o pensamento, este manifesta a civilização, criando a obra. Esta desgasta-se com a entropia, mas há sempre

a memória e o aproveitamento desta na reabilitação dos lugares; esta memória da cidade das Caldas da Rainha está bem registada em redes sociais, que abrem diretamente o caminho a quem queira conhecer a alma da cultura termal. A própria paisagem pode ser entendida como cultura, na medida em que é uma criação permanente. A cultura, tal como o turismo, envolve questões de troca e de relação entre o que dá e recebe, entre o que cria e o que contempla, e essa relação depende do cruzamento de dois eixos: a população de acolhimento e o património. Sem o conhecimento não pode haver leitura digna de nota sobre o património, incluindo o natural e, por conseguinte não pode existir qualidade no acolhimento, fundamentado na autenticidade e na genuinidade. É neste sentido que se propõe, como modelo andragógico, a valorização de informação sobre o património em forma de itinerários turísticos.

Qualquer destes tipos de relação determina um conjunto de critérios que vão servir para dar forma ao encontro entre visitantes e visitados e concorrer, de maneira peculiar, para a modelização do quadro de acolhimento e respetivo figurino de gestão dos recursos; nesse sentido, pretendemos dar um contributo, com o nosso trabalho, para uma identificação dos critérios orientadores desse mesmo figurino. A atração turística das Caldas da Rainha, que tem como tónica principal o património relacionado com as águas termais, dificilmente poderá ser alterada para uma outra realidade. Contudo, deve ser equacionado o seu desenvolvimento com estratégias que garantam criatividade ou inovação, revelando uma melhor adequação à mudança sociocultural operada - a entropia do sistema - não somente no local, mas também nos locais emissores de turistas exógenos ao contexto nacional.

No que respeita à dinâmica de renovação do termalismo nas Caldas da Rainha esta é possível e sustentável, desde que se refreiem alguns ímpetos de crescimento urbanístico. A atual não utilização do espaço das águas termais e a ausência do seu consumo na forma de tratamento, nada retira à imagem que se tem ainda das Caldas da Rainha, enquanto local turístico. O hospital termal continua a ser um elemento marcador de identidade pela constante referência à sua localização. Esta noção de marcador, segundo os conceitos semióticos utilizados neste trabalho, pode e deve ser utilizada na promoção de imagem turística da cidade. Com o encerramento da unidade hospitalar termal, podemos dizer que se instala o marasmo que prejudica as dinâmicas de vivências neste espaço e, por conseguinte, a ligação em continuidade entre o passado

com o futuro. As vivências no presente são fundamentais para a dinâmica sistêmica e sem estas cria-se um hiato no discurso lógico da cultura tradicional. Os espaços deixam de ter a integridade necessária para a sua manutenção, pois a essência do significado não é obtida na sua originalidade. Há por conseguinte uma fragmentação ou uma descontinuidade patente na compreensão dos espaços. Esta descontinuidade poderá ser, a nosso ver, fatal para novas dinâmicas culturais imbuídas de valências operacionais de contemporaneidade que é importante travar.

A projeção externa da imagem das Caldas da Rainha é pouco objetiva, embora a edilidade refira interesse no seu melhoramento. Contudo, denota-se um empenhamento por parte da sociedade civil através das associações, que age sob forma organizada, na divulgação desta imagem, quer seja através da *internet*, edição de livros, na organização de colóquios, passeios guiados, entre outras ações, utilizando o testemunho individual, no presente, das vivências como elemento discursivo, a nosso ver fundamental, para que a tradição possa servir de fio de ligação com o futuro. A tendência do turista atual para uma maior procura da cultura deve ser tida em atenção, o que concerne à proteção e desenvolvimento de tudo o que esteja associado à história das Caldas da Rainha. Para além do património material, deve ser cuidado o imaterial.

Também devem ser tidos em conta os processos relacionados com a criatividade. Estes podem ser considerados para o sucesso do turismo cultural <sup>365</sup>, no qual faz todo o sentido promover a cidade que analisámos; contudo, a criatividade deve fundamentar-se nas boas práticas que, a nosso ver, só o poderão ser de facto se houver uma compreensão do seu enquadramento no espaço físico das Caldas da Rainha, entendendo e respeitando neste o conjunto da tradição, na sua verdadeira aceção de herança transmitida através das gerações.

No que respeita à utilização da frase Portugal: *Europe's West Coast* pelo Turismo de Portugal esta é redutora em termos culturais. Na nossa opinião, está estreitamente relacionada com a imagem da vocação marítima portuguesa, que não inclui a cronotopia<sup>366</sup> relacionada com a ruralidade, onde reside grande parte da essência da nossa cultura tradicional. A cidade das Caldas da Rainha, apesar das suas

---

<sup>365</sup>Conforme relatório da OCDE sobre O Impacto da Cultura no Turismo, Tradução livre para OECD Culture Impacto on Tourism, OECD, Paris: 2009.

<sup>366</sup> Conceito referido na obra de Bahktin.

características de contemporaneidade, ainda está imbuída deste espírito tradicional. Portugal é fruto de uma dicotomia mar/ruralidade, pois sempre foi um ponto de encontro de trocas comerciais dos povos marítimos mediterrânicos e do norte da Europa, até numa perspectiva milenar <sup>367</sup>. No entanto, a tradição rural da região oeste, ainda que sendo uma região costeira não deverá ser entendida como tendo os seus principais atrativos turísticos baseados exclusivamente no lazer proporcionado pelo mar; deverá seguir o exemplo da Região do Alentejo que, embora tendo a maior extensão de costa de todas as províncias portuguesas faz o seu apelo turístico passar pelos patrimónios materiais e imateriais do interior.

Para a qualificação da imagem e dos produtos das Caldas da Rainha, enquanto cidade termal, não deverá ser descurado o trabalho de cariz etnográfico e etnológico em que possa ser contemplada a gastronomia em todas as suas vertentes. No nosso entender, esta componente da cultura é de vital importância para a promoção da autenticidade/identidade desta cidade, enquanto componente relevante do destino turístico centro/oeste do nosso país.

O ordenamento cultural na cidade de Caldas da Rainha deve ter em conta as dinâmicas de utilização e respeito pelo património, devendo-se disponibilizar informação, com cariz pedagógico ou andragógico, acessível às diversas categorias de consumidores, nacionais e estrangeiros. Quem chega à cidade não tem muita informação disponível para a sua compreensão. O visitante não tem à sua disposição sinalética de cariz informativo suficiente para que consiga entender as lógicas da história urbana. Cria-se uma imagem quase fragmentada quando se procede à leitura de elementos soltos, com uma multiplicidade de informação que se pode assemelhar a uma certa esquizofrenia do discurso. É essencial fornecer ao visitante informação mais precisa e mais organizada.

Apesar de o termalismo nas Caldas da Rainha não constituir no momento presente motivo de atração turística ou de lazer, a cidade tem tudo o que é necessário para manter a dignidade futura, enquanto espaço vocacionado para o termalismo, devendo para tal haver uma interligação com outras ofertas que se podem constituir como atrativo, refletido numa ótica do conjunto tanto da região do oeste português

---

<sup>367</sup> Veja-se o exemplo de Lisboa ou Mértola, este último exemplo referido por Santiago Macias na sua obra *Mértola, o último porto Mediterrânico*.

como do Turismo Centro de Portugal. O tempo constitui uma variável incontornável no processo entrópico da mudança e, embora tenha havido um desfasamento entre os recursos termais e o utilizador, e a realidade inicial do termalismo das Caldas da Rainha pertença a um tempo quase mítico, há toda a possibilidade de se reformular a identidade do espaço, não comprometendo a qualidade dos recursos, desde que se tenha em atenção os estudos realizados por técnicos e cientistas. A produção de informação sobre as Caldas da Rainha e o uso que dela poderá ter o utilizador do património da cidade é, também uma variável importante para a preservação da identidade, podendo prevenir o aumento da degradação da memória coletiva.

Deixamos menção ao nosso interesse em continuar a pesquisa iniciada com este trabalho, procedendo ao aproveitamento dos dados obtidos através do questionário, cujos resultados se apresentam no Apêndice B, e alargar o âmbito da análise para a utilização das águas marinhas no âmbito do lazer associado à saúde no contexto turístico do Centro de Portugal, onde se inclui a cidade das Caldas da Rainha. Não é possível cancelar o tempo para permitir a conservação de bens e de identidade; a assimetria existente entre o passado e o presente deve ser entendida no contexto local da cidade analisada como indicador para o ritmo da entropia do sistema, havendo a noção de que o equilíbrio é uma tendência natural de todos os sistemas culturais. Embora haja perdas irrecuperáveis provocadas pela ação da natureza e do ser humano, julgamos que é possível recuperar o lugar cimeiro do termalismo no âmbito da passagem do património das Caldas da Rainha, como testemunho vivo, a novas gerações e garantir a sua sustentabilidade.

## **I Bibliografia**

## 1- Cariz Geral

**ADORNO, T. and Horkheimer, M.,** *Dialectics of Enlightenment*. London: Verso, 1987.

**ALLEN, Elliston D,** *British Tastes - an enquiry into the likes and dislikes of the regional consumer*. London: Panther Books, 1969.

**ALLEN, J.A** “Feminist critiques of western Knowledge: spatial anxieties in a provisional phase? “in K. Ruthven, (ed.), *Beyond the Disciplines: The New Humanities*. Camberra: Australian Academy of the Humanities.1992.

**ALMEIDA, W., Barbosa de,** Symmetry and Entropy: Mathematical Metaphors in the Work of Levi- Strauss, *Current Anthropology*. Vol. 31, No. 4 (Aug. - Oct., 1990), 367-385. University of Chicago Press, 1990.

**ANDRADA, Ernesto Campos de,** *Memórias do Marquês de Fronteira e D’Alorna D. José Trazimundo Mascarenhas Barreto, ditadas por ele próprio em 1861 Parte Primeira e Segunda (1802 a 1824)*. 429-435; Coimbra: 1861 Imprensa da Universidade,1861.

**ANDREW, C. MILROY, B.M.,** *Life, Spaces: Gender Household, Employment*. Vancouver: University of British Columbia Press, 1988.

**APPADURAI, A,** Commodities and the Politics of Value, in A. Appadurai (Ed.) *The Social Life of Things: Commodities in Cultural Perspective*. Cambridge University Press, 1986.

**ARDENER, S.** *Women and Space: Ground Rules and Social Maps*. Oxford: Berg Publishers, 1993.

**ATKISON, S., FULLER, S.; PAINTER, J. (EDT.)** *Wellbeing and Place*. Surrey: Burlington: Ashgate, 2012.

**BAILEY, K.D.** *Methods of Social Research*, .N. York: Free Press, 1982.

**BAKHTIN M, HOLQUIST M.** (edit) *Dialogic Imagination- four essays*. University of Texas Press, 1982.

**BARRETT, M.** Different meanings of the concept of difference, in *Difference Within: Feminism and Critical Theory*. Eds E. Meese and Parker, John Benjamin, Amsterdam: 1989, pp 37-48, 1989.

**BARTA, P., MILLER P., PLATTER C. & SHEPHERD, D. (Edit),** *Carnivalizing Difference: Bakhtin and the Other*. London: New York: Routledge Harvard Academic Press, 2013.

**BATAILLE, G, and HURLEY, R.,** *The accursed Share*. Vol. I New York: Zone Books. 1993.

**BATESON, G.,** *Mind and Nature, a necessary unit*. Hampton Press, 2002.

**BAUDRILLARD, J,**

a) *In The Shadow of the Silent Majorities*. Los Angeles: Semiotext, 2007.

b) *Simulations*. Los Angeles: Semiotext, 1983.

c) *Pour une économie Politique du signe*. Paris: Gallimard, 1972.

d) *La société de Consommation*. Paris: Gallimard, 1970.

e) *Les Systèmes des Objects* Paris: Gallimard, 1968.

**BAUMAN, Zigmunt,** *Intimations of Postmodernity*. New York: Routledge, 1991.

**BELL, D. and VALENTINE** (Eds), *Mapping Desire: geographies of sexualities*. London: Routledge, 1995.

**BELL, Q.,** *On Human Finery*. N. York: Schocken Books, 1976.

**BLACKWELL, R.D. & MINIARD, Paul W,** *Consumer Behavior*. CBS International Editions, 1986.

**BLUMEN, O.,** Gender Differences in the Journey to Work, in *Urban Geography*. 15(3): 223-45. 1994.

**BOCOCK, Robert** *Consumption*. London: Routledge, 1993.

**BONDI, L.**

a) Locating identity politics in *Place and the politics of identity*. Eds. M. **KEITH** and **S.PILE**, London and New York: Routledge, pp 84-101. 1993.

b) Gentrification, work and gender identity, in Audrey Kobaiyashi (editor) *Women, Work and Place*. Montreal: McGill-Queen's Press, pp182-200, 1994.

**BOURDIN, A.** *La Métropole des individus, la tour des aigues*, Editions de L'Aube, 2005.

**BOURDIEU, P.,**

a) *The Production of Belief: Contribution to an economy of Symbolic Goods*. Media Culture and Society, 1979.

b) *Distinction, a social critique of the judgment of taste*. Routledge, London: N. York: 2010.

**BOTELHO, A.,** *A cerâmica de Rafael Bordalo*. Lisboa: Apenas Livros, 2009.

**BRAIDOTTI, R.E. CHARKIEWICZ, S. HAUSLER S., & WIERINGA S.** *Women, the Environment and Sustainable Development*. London: Zed Books, 1994.

**BRAMWELL, Bill and LANE Bernard (editors),** *Tourism Collaboration and Partnerships: Politics, Practice and Sustainability*. Channel View Publications Ltd; 2003.

**BRANCO, C. Castello,** *A Senhora Rattazzi*. Lisboa: Calçada das Letras. 2009.

**BREWER, J. & PORTER, Roy,** *Consumption and the world of goods*. London: Routledge, 1994.

**BRYMAN, Alan,** *Social Research Methods*. Oxford University Press, 2012.

**CAMPENHOUDT, Luc Van; Quivy, R.; Marquet, J.** *Manuel de recherche en sciences sociales*. Dunod, 2011.

**CAPLOVITZ, D** *The Poor Pay More*. New York: Collier – Macmillan -Free Press, 1967.

- CARMO, H.; Ferreira, Manuela M.;** *Metodologia da Investigação. Guia para a Auto – aprendizagem*, Lisboa: Universidade Aberta, 2008.
- CARROL, L.,** *Alice in Wonderland and Through the Looking Glass*. London: Wordsworth Classics, 1992.
- CASTELBAJAC, Kate de,** *The Face of the Century- 100 years of Makeup and Style*. London: edited by **RICHARDSON, Nan** and **CHERMAYEFF, Catherine**, Thames and Hudson. 1995.
- CAZENEUNE, Jean** *Sociologie du Rite*. Paris: P.U.F. Collec. SUP, 1971.
- CHANEY, David** *Lifestyles*. London: Routledge, 1996.
- CHOAY, Françoise,** *As Questões do Património.* , Lisboa: Edições 70, 2011.
- CHOMSKY, Noam** *Language and Mind*. N. York: Cambridge University Press, 2006.
- COHEN, Anthony P.,** *Symbolic Construction of Community*. London: Routledge, 1996.
- CORRAL, A. Vermelho do,** *Medicina Popular Tradicional: religião, superstições na região ribacudana: mezinhas., crenças, orações, pragas, rezas superstições*. Figueira de Castelo Rodrigo: Câmara Municipal de Figueira de Castelo Rodrigo, 2004.
- CREAM, J.,** Re-solving riddles: the sexed body. In **D. BELL** and **G. VALENTINE** (Eds), *Mapping Desire: Geographies of sexualities*. London: Routledge, 1995.
- DEFOE, Daniel,** *Robinson Crusoe*. Vintage. 2008.
- DELGADO, Manuel** Tivialidad y transcendencia. Usos sociales y politicas del turismo cultural, in *Habitantes de Babel, politicas y poéticas de la diferencia*. **LARROSA, J.** y **SKILAR, C.** (eds.), Barcelona: Laertes, 2001.
- De CERTEAU, M.** *L'Invention du Quotidien. Arts de Faire*. Paris: Gallimard. 1990.
- DONALDSON, L.E** *Decolonizing Feminisms: Race, Gender, and Empire-Building*. Chapel Hill: University of North Carolina, 1992.

**DOTY, W.G.,**

a) *Mythography: the Study of Myths and Rituals* Birmingham: University of Alabama Press, 1986.

b) *Myths of Masculinity*. New York: Crossroad, 1993.

**DOUGLAS, M. & ISHERWOOD, B.,** *The World of Goods*. York: Routledge, 2002.

**DOUGLAS, M.,** *Purity and Danger, an analysis of concept of pollution and taboo*. N.Y: Routledge, 2010.

**DOWLING, R.,** *Femininity, Place, and Commodities: A Retail Case Study*. Antípode, 1993.

**DUBOIS, B.,** *Compreender o Consumidor*. Lisboa: Dom Quixote, 1993.

**DURAND, G.,** *Les structures anthropologiques de l'imaginaire: Introduction à l'archétypologie générale*. Paris: Dunod, 1993.

**ECO, U.,** *Arte e Beleza na Estética Medieval*. Lisboa: Presença, col Dimensões, 1989.

**EHRENBERG, A.S.C. and PYATT F.G.,** (Editors) *Consumer Behaviour, selected readings*. Penguin Books, 1972.

**ELIADE, Mircea,** *Mito e Realidade*. São Paulo: Editora perspectivas, 1972.

**ELIAS, N.,**

a) *A Sociedade dos indivíduos*. Lisboa: Dom Quixote, 2004.

b) *O Processo Civilizacional*. Lisboa: Dom Quixote, 2006.

e **DUNNING, E.** *A busca da Excitação*, Lisboa: Difel, 1992.

**ERIKSON, P. e MURPHY L.,** edit, *Readings for a History of Anthropological Theory*, University of Toronto Press, 2013.

**FINCHER, R.** "Class and Gender relations in the local labor market" in *The Power of Geography: How Territory Shapes Social Life*, London: eds. J. Wolch and M. Dear Unwin, Hyman, pp 91-117, 1989.

**FORTUNA, Carlos,**

a) (Org.) *Simmel: A Estética e a Cidade*. Coimbra: Imprensa da Universidade, 2010.

b) **Leite, Rogério P.**, (org.), *Diálogos Urbanos*. Coimbra: Almedina, 2013. Pp 261-289

**FOUCAULT, Michel,**

a) *Madness and Civilization: A History of Insanity in the Age of Reason*. N. York: Random House, 1978.

b) *Naissance de la clinique*. Paris: Presses Universitaires de France. 1963.

**FREYRE, G.** *Casa grande e senzala- formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal*. Recife: Fundação Gilberto Freyre e Global Editora, 2013.

**GAMARNIKOV, E. et all**, *Gender, Class and Work*. London: Heinemann, 1983.

**GAME, A and PRINGLE, R.**, *Gender at Work*. London: Allen and Unwin, 1983.

**GOFFMANN, E.,**

a) *Representação do eu na vida cotidiana*. S. Paulo: Vozes, 2011.

b) *Relations in Public: microstudies of the public order*. Transaction Publishers, New Brunswick: N. Jersey: 2010.

**GIDDENS, A.,**

a) *The consequences of Modernity Polity*. Cambridge: Basil Blackwell, 1990.

b) *Modernidade e Identidade Pessoal*. Oeiras: Celta edit. 1994.

**GOURHAN, André Leroi**, *Evolução e técnicas - II O Meio e as Técnicas*, S.Paulo: (Edit.). 70, colec. Perspectivas do Homem 1984.

**GRAWITZ, M.** *Méthodes des sciences sociales*. Dalloz-Sirey, 2000.

- GREEN, H. A. John**, *Consumer Theory Revised*. London: MacMillan, 1986.
- GREWAL, Inderpal, and KAPLEN, Karen**, (edit). *Scattered Hegemonies: Postmodernity and Transnational Feminist Practices*. Minneapolis: U. Minnesota Print, 1994.
- HABERMAS, Jürgen** *L'Espece Public*. Paris: Payot, 1978.
- HALL, Clare & SEN, Amartya**, *The Standart of Living: The Tanner Lecture*. Cambridge: Ed. by Geoffrey Hawthorn, 1988.
- HALL, Derek & RICHARDS, Greg** (editors), *Tourism and Sustainable Community Development*. (Routledge Advances in Tourism) Routledge; 2003.
- HALL, Edward T.**, *The hidden dimension*, New York: Anchor Books, 1990.
- HANSON, S. & JOHNSTON, I.**
- a) *Gender, Work and Place*. London and New York: Routledge, 1995.
  - b) Gender differences in Work Trip Lengths: explanations and implications, in *Urban Geography* 6(3): 193-219, 1993.
- HARRIS, M.** *Bueno para Comer*. Madrid: Alianza Editorial, 1985.
- HAYDEN, D.**, *What Would A Non-Sexist City Be Like? Speculations on Housing, Urban Design, and Human Work in Women and the American City*. Chicago: (edit) C. R .STIMPSON E. Dixler; M.J. Nelson; K.B. Ytrakil .University of Chicago Press. 1981.
- HECKMAN, S. J.**, *Gender and Knowledge: Elements of a Postmodern Feminism*. Boston: Northeastern University Press, 1990.
- HOWES, David**, (Edit.) *Cross-Cultural Consumption- Global Markets, Local Realities*. Montreal and London: Concordia University. Routledge, 1996.
- HONOUR, H. and FLEMING, J.**, *A World History of Art*. London: Lawrence King, 2009.
- JACKSON, P.**, *Maps of meaning*. London: Unwin Hyman, 1989.
- JAMAL T.B., Getz D.**, Collaboration Theory and community tourism planning, *Annals of Tourism Research*. vol.22, n°1 pp.186-204, 1995.

- JAY, N.**, Gender and Dichotomy in *Feminist Studies*. 7:38-56, 1981.
- JOHNSON, L.C.**, Embodying geography- some implications of considering the sexed body in space, in *Proceedings of the 15th New Zealand Geographical Society Conference*. Dunedin. Chritschurch: New Zealand Geographic Society, pp.134-138 1989.
- JÚNIOR, José**, Programma, in *O Democrito*, Junho 6, pág. 2. 1884.
- KERBER, L.K.**, Separate spheres, female worlds, women's place: The Rhetoric of women's history, in *Journal of American History*. 75, 9-39, 1988.
- KEITH, M.; Pile, S.** (edit.), *Place and the Politics of Identity*. London and New York: Routledge, 1993.
- KISTE, R. C.; Mac MARSHALL**, (edit), *American Anthropology in Micronesia: An Assessment*. University of Hawai'i Press, 1999.
- KÖNIG, René**, *Sociologie de la Mode*. Paris: Petite Bibliothèque Payot, 1969.
- KROKER, A**, *Spasm: Virtual Reality, Android Music and Electric Flesh* New York: St Martins, 1993.
- LASH, Scott**, *Sociology of Postmodernism*. London: Routledge, 1996.
- LAVER, James**,
- a) *Style in Costume* N. York: Abrams, 1969
  - b) *Modesty in Dress*. Boston: Houghton Mifflin, 1969.
  - c) *The concise History of Costume and Fashion*. London and N. York: Oxford University Press, 1949.
  - d) *Clothes*. N. York: Horizon Press, 1932.
- LENDREVIE J; Lindon; D, Dionísio P.; Rodrigues V.** *Mercator -Teoria e Prática de Marketing*. Dom Quixote, Lisboa: 2011.

**LESSA, A.,**

a) *Macau- Ensaios de Antropologia Portuguesa nos Trópicos*, Lisboa: Editora Internacional, 1996.

b) *No tempo do meu espaço no espaço do meu tempo*, Lisboa: Academia Internacional de Cultura portuguesa, 1995.

c) *Fialho de Almeida- Ensaio sobre alguns problemas da saúde e do amor no meio português.*, Lisboa: Tip. Silvas, 1947.

**LITTLE, J.,** *Gender, Planning and the Policy Process*. Pergamon Press, 1994.

**LLOYD, G.,** *The Man of Reason: 'male 'and ' female' in Western Philosophy*. Minneapolis: 2nd edition. University of Minnesota Press, 1993.

**LOUDON, David; DELLA BITTA, Albert J.,** *Consumer Behaviour - Concept and Applications*. New York: Mac Graw Hill, 1984.

**LOUÇÃ, F,** *A Maldição de Midas -a cultura do capitalismo tardio*. Lisboa: Cotovia, 1994.

**LOPES, Flávio; CORREIA, Miguel Brito,** *Património Arquitectónico e Arqueológico: Cartas, Recomendações e Convenções Internacionais*. Lisboa: Livros Horizonte, 2004.

**LOPES, Flávio,** *Património Arquitectónico e Arqueológico – Noção e Normas de Protecção*. Lisboa: Caleidoscópio, 2012.

**LOW, Setha M.; LAURENCE-ZÚÑIGA, Denise,** (eds.) *The Anthropology of Space and Place*. Malden and Oxford: Blackwell. 2003.

**LURIE, A.,** *The Language of Clothes*. N. York: Vintage Books, 1983.

**LUNT, Peter K.,** *Mass Consumption and personal identity: everyday economic experience*. Buckingham: Open University Press, 1992.

**MACIAS, S.,** *O Último Porto do Mediterrâneo*. 3 Vol. Mértola: Campo Arqueológico de Mértola, 2006.

**MACKENZIE, S.,** Building Women, Building Cities: Toward Gender Sensitive Theory in the Environmental Disciplines, in *Life Spaces: Gender,*

*Household, Employment.* Vancouver: edit. **C. ANDREW**, and **B.M. MILROY**, University of British Columbia Press, 1988.

**MALINOWSKI, B.**, *Argonauts of the Western Pacific; an Account of Native Enterprise and Adventure in the Archipelagoes of Melanesian New Guinea.* London: Kessinger Publishing, 2010.

**MARCUSE, H.**,

a) *Eros and Civilization.* Boston: Beacon Press, 1955.

b) *One Dimensional Man.* Boston: Beacon Press, 1964.

**MARX, K.** *Capital.*, Hardmondsworth: Penguin, 1976.

**MAUSS, Marcel**, *Essay sur le don.* Paris: PUF, 2007.

**MECHIKOFF, Robert A.** and **ESTES Steven**, *A History and Philosophy of Sport and Physical Education: From Ancient Civilizations to the Modern World.* McGraw-Hill Higher Education, 4 edition. 2005.

**MILLS, C.**, Myths and meanings of gentrification, in *Place/ Culture/ Representation.* London and New York: edit. **J. DUNCAN** and **D. LEY**, .Routledge, pp 149-170, 1993.

**MOMSEN, J.; Kinnaird, V.**, (edit) *Different Places, Different Voices.* London: Routledge, 1993.

**MOORE, H.L.**, Gender and Status: Explaining the position of women, in **H.L. MOORE**, (edit), *Feminism and Anthropology.* Minneapolis: University of Minnesota, 21-24 1988.

**MOREIRA, Carlos D.**, Antropologia: Perspectiva e Método, in *Separata da Revista de Estudos Políticos e Sociais, nº 3-4, I.S.C.S.P, Lisboa: 1987.*

**MORLEY, D.; Robins, K.**, *Spaces of Identity*, London: Routledge, 1996.

**MORRIS, D.**,

a) *A Tribo do Futebol.* Mem Martins: Pub. Europa América, 1981.

b) *O Animal Humano - Uma Perspectiva Pessoal da Espécie Humana.* Lisboa: Gradiva, 1996.

c) *O Zoo Humano.* Mem Martins: Europa América, 1970.

**NAVA, M. ; O'SHEA, Alan**, *Modern Times, Reflections on a Century of English Modernity*, London, Routledge 1996.

**NETO, Ana Pereira**, *As Antopo-lógicas do discurso consumista – o perfil do consumidor do Barreiro-* dissertação do Curso Conducente ao Mestrado em Antropologia. Lisboa: U.T.L./I.S.C.S.P. 1997.

**NETO, João B. N. Pereira**, Campo, mar e serra- categorias culturais e ambiente num concelho algarvio in *O ambiente na Península Ibérica perspectivas a montante*. Lisboa: Universidade de Trás – os – Montes e Alto Douro e Universidade Internacional (edit.),1991.

**NICHOLSON, L.J.**,

a) (Edit.) *Feminism/ Postmodernism*, New York: Routledge, 1990.

b) *Gender and History: The Limits of Social Theory in the Age of the Family*. New York: Columbia University Press, 1986.

c) Feminist Theory: the private and the public, in **C. C. GOULD**, (edit.) *Beyond Domination: New Perspectives on Women and Philosophy*. Totowa: N.J: Rowman & Allanheld, 221-30, 1984.

**O'BARR, J.**, (edit.) *Gender and Cultural Contexts*. Madison: U. of Winsconsin Press, 1988.

**ORTIGÃO, R.** *As praias de Portugal*. Lisboa, Clássica Editora, 1966.

**OTTO, R.**, *Das Heilige - Über das Irrationale in der Idee des Göttlichen und sein Verhältnis zum Rationalen (Du sacré - Sur l'irrationnel des idées du divin et de leur relation au rationnel, 1917*.

**PACKARD, H.**, *The Hidden Persuaders*. London: Penguin, 1957.

**PEREIRA, Ester Maria Vieira**, *From Extraction to attraction: Making Ecotourism a Reality in the Municipality of Manaus, Amazonas, Brazil*. Faculty of Social Sciences, Norwegian School of Hotel Management, PhD Thesis UIS n° 38 University of Stavenger, June 2007

**PICQ, P.**, *De Darwin à Lévi-Strauss: L'homme et la diversité en danger*. Paris: Odile Jacob, 2013.

- PILE, S.**, *Masculinism, the use of dualistic epistemologies and third spaces*. Antipode, 26:255-277 .1994.
- PLOG S.** *Why destination areas rise and fall in popularity*. Connell H.R.A. Quarterly, 1974.
- POIRIER, Jean** (Dir), *História dos Costumes*. Vol. II, Lisboa: Estampa, 2008.
- POLHEMUS, T.**, (edit.), *The Body Reader. Social aspects of the Human Body*. New York: Pantheon,1978.
- QUERIDO, Carlos**, *Praça da Fruta*. Lisboa: Corrida de Letras, 2009.
- RAPPOPORT, Rona and Robert**, *Dual Career Families*. London: Penguin Books, 1971.
- RATAZZI, Maria**, *Portugal de Relance*. Lisboa: Edições Antígona, 437-443, 1997.
- REITER, R. R.**, (edit) *Toward an Anthropology of women*. New York: Monthly Review Press, 1975.
- RIVAS, Xavier** *Comportamiento del Consumidor*. Madrid: ed. Instituto Nacional del Consumo, Madrid: 1985.
- ROCHFORT, R.**, *La Société des Consommateurs*. Paris: Edit. Odile Jacob, 1995.
- RODIGUES, L. Nuno**, - *Memória das Caldas: 1758*. Caldas da Rainha: PH - Grupo de Estudos, 1991.
- ROSALDO, M. Z.; LAMPHERE**, The use and abuse of Anthropology: Reflections on Feminism and cross-cultural understanding, in *Signs* 5, 389-417, 1980.
- SALGARI, Emilio**, *The Tigers of Mompracem*. ROH Press, 2007.
- SILVA, Luís, FIGUEIREDO, Elisabete**, *Shaping Rural areas in Europe, Perceptions and Outcomes from the Present to the Future*. Spinger, Heidelberg: New York: London: 2013.

**SCOTT, James, C.** Cities, People and Language. In **SHARMA** and **GUPTA**, (edit). *The Anthropology of the State- a reader*. Oxford: Blackwell, 2006. P. 247-269.

**SAUSSURE, F.** *Cours de Linguistique Générale*. Paris: Payot, 1995.

**SAVAGE, M., WARD A.; WARD K.**, *Urban Sociology, Capitalism and Modernity*. Palgrave MacMillan, 2003.

**SEIDLER, Victor J,**

a) *Recovering the Self*. London: Routledge, 1996.

b) *A Tale of Two Cities - Global Change, Local Feeling and Everyday Life in the North of England*. London: Routledge, 1996.

**SEMPERINI, Andrea**, *L'Object Comme Procès et Comme Action-de la Nature et de L'Usage des Objects dans la Vie Quotidienne*. Paris: L'Armattan, 1995.

**SERRA, J. B.**,

a) *Cerâmica e Ceramistas Caldenses da segunda metade do século XIX*. Caldas da Rainha: Cencal -Centro Protocolar de Formação Profissional de Caldas da Rainha, 1987.

b) Arte e indústria na transição para o século XX: a fábrica dos Bordalos, in *Análise Social*, vol. XXIV (100), Lisboa: ICS/UL, pp.275-311,1988.

c) Caldas da Rainha- A produção de uma cidade in *Caldas da Rainha- um contributo iconográfico através do bilhete ilustrado editado até meados do século XX.*, Mafra: Edições Elo, pp.17-30, 1999.

**SHAMA, Simon**, *Landscape and Memory*. Harper Perennial, London: 2004.

**SHANNON, C.** A Mathematical Theory of Communication in *The Bell System Technical Journal*, Vol. 27, pp. 379–423, 623–656, July, October, 1948.

**SHIELDS, R.** (Edit.) *Lifestyle Shopping - The Subject of Consumption*, London: Routledge, 1992.

**SILVA, Carlos, ALARCÃO, Alberto; CARDOSO, António.** *A Região a Oeste da Serra dos Candeeiros: Estudo económico-agrícola dos concelhos de*

Alcobaça, Nazaré, Caldas da Rainha, Óbidos e Peniche. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1961.767 p.

**SILVANO, Filomena**, Patrimonialização de espaço e afirmação identitária *Almada; IIª Série, nº 12, Almada: Centro de Arqueologia de Almada, 129-134,2003.*

**SILVERSTONE R.; HIRSH E.**, (edit.), *Consuming Technologies Media and Information in Domestic Spaces*. Routledge, 1994.

**SIMMEL, Georg**, *The Philosophy of Money*. **FRISBY, David** (Edit.) London: New York: Routledge, 2011.

**SILVA, I. PATO e**, Da experiência urbana à construção identitária dos lugares, in *Finisterra*. XLI, 81, pp.171-188, Lisboa: Centro de Estudos Geográficos, 2006

**SOLOMON, Michael R.**, *Consumer Behavior: Buying, Having and Being*. AllYn and Bacon, 1991.

**SOROKIN, Pitirim**,

a) *Social and Cultural Dynamics*. Sargeant Porter Boston: 1982.

b) *Contemporary Sociological Theories*. New York: Harper and Row, 1964.

**SPAIN, D.**, *Gendered Spaces*. Chapel Hill and London: University of North Carolina Press, Chapel Hill and London: 1992.

**SMITH, C.** *The swimsuit – Fashion from poolside to catwalk*. London: New York: Berg, 2012.

**SUE, Roger**, De la Sociologie du Loisir á La Sociologie des Temps Sociaux, in *Sociétés*, 32: 173-181.

**STRAUSS, C.L.**,

a) *Myth and Meaning*. London: New York: Routledge, 2013.

b) *Anthopology Confronts the Problems of the Modern World.*, Harvard Colledge, 2013

**TAWNEY, R. H.,** *La sociedad Aquisitiva*, Madrid: Alianza 1961.

**TAVARES, Mário,** *O Bordado das Caldas ou Bordado da Rainha D. Leonor*, Câmara Municipal das Caldas da Rainha:- Grupo de Estudos, Coleção “Testemunhos”, nº 3, 1999.

**TEIXEIRA, Luíz,**

a) *Itinerário duma rainha*. Lisboa: Ática, 1940.

b) *Crónica dos Tempos Idos*. Lisboa: Editorial Notícias, 1954.

c) *Pequena Pátria*, in *Gazeta das Caldas*. Caldas da Rainha: 1957.

**TIRIAKYAN, Edward A.,** *Sociological Theory, Values and Sociocultural Change: Essays in Honor of Pitirim A. Sorokin*. Transaction Publishers, 2013.

**THOMAS, R. Leighton,** *Applied Demand Analysis*. London: Longman, 1987.

**TOMLINSON, Alan,** (edit) *Consumption, identity and Style: Marketing, meanings and the Packaging of Pleasure*. London: Routledge, 1990.

**THOMPSON, K.,** *Beliefs and Ideology*. London: Tavistock, 1986.

**TOLLENARE, Louis François de,** *Notes Dominicales prises pendant un voyage en Portugal et au Brésil en 1816, 1817 et 181*. Paris: Bourdon Léon (ed.); Foundation Calouste Gulbenkian, Publication du Centre Culturel Portugais; 130-14, P.U.F.; 1971.

**TÖNNIES, F.,** *Community and Society*. York: Dover Publications, 2003.

**TONGREN, Hale N.,** *Cases in Consumer Behavior*, Englewood Cliffs: Prentice Hall, 1992.

**TRANCOSO, Vasco,**

a) *Grandella e a Foz do Arelho*. Caldas da Rainha: Património Histórico, 2009.

b) *Caldas da Rainha- Um Contributo Iconográfico Através do Bilhete Postal Ilustrado até Meados do Século XX*. Mafra: ELO, com o apoio de Património Histórico. 1999.

**TURNER, V.W.**, *The Ritual Process: Structure and Anti-Structure*, London: Allen Lane, 1969.

**URRY, John**, *Consuming Places*. London: Routledge, 1995.

**VAIOU, D.**, Gender divisions in urban space: beyond the rigidity of dualistic classifications, in *Antipode*. 24(4):247-262.1992.

**VAN GENNEP,A**, *Os Ritos de Passagem*. Petrópolis: Editora Vozes, Coleção Antropologia, 1978.

**VEBLER, Thorstein**, *A Teoria da Classe Ociosa*. S. Paulo: Abril Cultural, 1983.

**WIBER, M.G.**, *Erect Men/Undulating Women: the visual Imagery of Gender, 'Race ' and Progress in Reconstructive Illustrations of Human Evolution*. Waterloo, ON: Wilfrid Laurier U. Press, 1998.

**WILSON, E.O.**, *Sociobiology- The new Synthesis*. Cambridge–Massachusetts: Harvard University Press, 1982.

**WINKING, Ives; LEEDS- HURWITZ, Wendy**, *Erwing Gofman - A Critical Introduction to Media and Communication Theory*. New York: Peter Lang. 2013.

**YEATMAN, A**, Minorities and the politics of difference. *Political Theory Newsletter* .4: 1-10. 1992.

## 2- Cultura

**ADORNO T.; BERNSTEIN, J.M.** (Editor) *The Culture Industry: Selected Essays on Mass Culture*. Routledge, 2001.

**AFONSO, Anabela,**

a) O Regime Jurídico do Património Audiovisual, in *Direito da Cultura e do Património Cultural*. Lisboa: Instituto de Ciências Jurídico-Políticas da Faculdade de Direito de Lisboa, 2011, pp. 13-40.

b) O Conceito de Bem Cultural, in *Direito da Cultura e do Património Cultural*. Lisboa: Instituto de Ciências Jurídico-Políticas da Faculdade de Direito de Lisboa. 2011, pp. 223-244.

**BAUMAN, Zigmunt**, *Culture in a Liquid Modern World*. Polity Press, 2011.

**BENNET, Tony, SAVAGE, Mike.** ET all, *Culture, Class, Distinction*. New York: Routledge, 2009.

**BERTACCHINI, Enrico, BRAVO, Giangiacomo, MARRELLI, Massimo and SANTAGAT** *Walter Cultural Commons: A New Perspective on the Production and Evolution of Cultures*. Cheltenham: Edward Elgar Publishing Ltd, Cheltenham: 2012 and Technology, Harper Perennial, 2011.

**BOAS, F,**

a) *Race, Language and Culture*. Forgotten Books, 2012.

b) *Kwakiutl Ethnography*. University of Chicago Press.1975.

**BRAGA, Teófilo**, *O povo português nas suas crenças costumes e tradições*. Lisboa: Dom Quixote, 1994.

**BURK, Peter** We The People: Popular Culture and Popular Identity in Modern Europe. In **LASH S. and FRIEDMAN**, (edit.), *Modernity and Identity*. Oxford: Blackwell, 1992.

**BROCKMAN, John**, *Culture: Leading Scientists Explore Societies, Art, Power*. New York: HarperCollins Publishers, 2011.

**BURK, Peter** " We the People: Popular Culture and Popular Identity in Modern Europe " in Lash, S. and Friedman, (edit.) *Modernity and Identity*. Oxford: Blackwell, 1992.

**CABRAL, Clara Bertrand**, Património Cultural Imaterial. Convenção da UNESCO e seus Contextos. Lisboa: Edições 70, 2011.

**CRAVIDÃO, Fernanda**, Turismo e Cultura: dos itinerários ao lugar dos lugares in **FONSECA, M. L.** (Coord.): *Desenvolvimento e Território: Espaços Rurais Pós-Agrícolas e Novos Lugares de Turismo e Lazer*. Lisboa: Centro de Estudos Geográficos da Universidade de Lisboa, 2006, pp. 269-278.

**CROSS, Garry S.**, *Time and Money: Making of Consumer Culture*. London: Routledge, 1993.

**DALLEN, Timothy**, *Cultural Heritage and Tourism: An Introduction*. Channel View Publications, 2011.

**De GRAZIA, Victoria** *The Culture of Consent*. Cambridge: Cambridge University Press, 1981.

**DELANEY, Carol; KASPIN, Deborah**, *Investigating Culture – An experimental Introduction to Anthropology*. Malden and Oxford: Wiley-Blackwell, 2012.

**D'EPINAY, Cristian Lalive** *Temps Libre. Culture de Masse et Cultures de Masses Aujourd'hui*. Lausanne: Pierre Marcel Favre, 1982.

**DESCOLA, Philippe**, *Beyond Nature and Culture*. University of Chicago Press, 2013.

**DIAS, Jorge**, Prefácio à edição portuguesa da obra de Misha Titiev *Introdução à Antropologia Cultural*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1966.

**DUNCAN, J., LEY, David**, (edit) *Place / Culture/ Representation*. London: Routledge, 1993.

**FEATHERSTONE, M.,**

a) *Consumer culture & postmodernism*. London: and N. York: Sage, 2007.

b) **HEPWORTH Mike; TURNER, Brian**, (edit) *The Body in Consumer Culture in The Body Social Process and Cultural Theory*. London: Sage, 170-196.

**FORTUNA, C.** Novos trilhos para a cultura: Como não falar de cidade? in **SANTOS, Maria de Lourdes L. e PAIS, José Machado** (Org.), *Trilhos para a cultura: Práticas e políticas*. Lisboa: ICS, 2010. Pp 273-280.

**FOWLER, William Warde**, *The Roman Festivals of the Period of the Republic*. Hayne Press, 2010.

**GEERTZ, C.**, *The Interpretation of Cultures*. New York: Basic Books, 1973.

**GOMES, Carla Amado; RAMOS, José Luis Bonifácio**, (coord.), *Direito da Cultura e do Património Cultural*. Lisboa: AAFDL, 2011.

**GUERREIRO, M. Viegas**, *Povo, povos e culturas*. Lisboa: Colibri, 1997.

**GULLESTRUP, Hans**, *Cultural Analysis: Towards Cross- Cultural Understanding*. Copenhagen Business School Press, 2007.

**HARRIS Marvin**, *The Rise of Anthropological Theory: A History of Theories of Culture* AltaMira Press; New edition, 2001.

**HELMAN, Cecil G.**, *Culture, Health and Illness*, Fifth edition (Hodder Arnold Publication), 2007.

**HODKINSON, P.**, *Media, Culture and Society: An Introduction*. Sage, 2010.

**HOWELS, R.; NEGREIROS, Joaquim**, *Visual Culture*. Polity Press, 2011.

**JARVIE, Grant**, *Sport, Culture and Society: An Introduction*. second edition Routledge, 2012.

**KAPLAN, A.**, *Rocking around the Clock: Music, Television, Postmodernism and Consumer Culture*. N. York: Methwen, 1987.

- KERN, S.**, *The Culture of Time and Space. 1880-1918*. Harvard University Press, 2003.
- KLUCKHOHN, C.** *Culture and Behavior: Collected Essays of Clyde Kluckhohn* Free Press of Glencoe, 1962.
- LA FOLLETTE, L.**, (edit) *Negotiating Culture: Heritage, Ownership, and Intellectual Property*. University of Massachusetts Press, 2013.
- LEE, Martyn J.** *Consumer culture reborn: Cultural Politics of consumption*. London: Routledge, 1993.
- MAC GUIGAN J.** *Culture and the Public Sphere*. London: Routledge, 1996.
- MARTINS, Guilherme d'Oliveira**, *Património, Herança e Memória. A Cultura como Criação*. Lisboa: Gradiva, 2009.
- NAVA, Mica**, *Changing Cultures - Feminism, Youth and Consumerism*. London: Sage, 1992.
- O'NEILL Paul**, *The Culture of Curating and the Curating of Culture (s)*. MIT Press, 2012.
- PAU-PRETO, Fernando**, *O Património Cultural no Planeamento e no Desenvolvimento do Território*. Aveiro: Lugar do Plano, 2008.
- PEDROSO, Consiglieri**, *Contos Populares Portugueses*. Lisboa: Vega, 2007.
- PIÑUEL, J.** *El consumo Cultural*. Ed. Fundamentos, 1987.
- RAPAILLE, Clotaire**, *The Culture Code: An Ingenious Way to Understand Why People Around the World Buy and Live as They Do*. Broadway Books, 2006.
- SANTO, M. Espírito**,
- a) *Fontes remotas da cultura portuguesa*. Lisboa: Assírio & Alvim, 1989.
- b) *A religião popular portuguesa*. Lisboa: Assírio e& Alvim, 1990.

**SARAIVA, A. José,**

a) *O que é a Cultura*. Lisboa: Gradiva, 2003

b) **LOPES O.**, *História da Literatura Portuguesa*. Porto Editora 2010.

**SCHULZE, Gerhald**, *Die Erlebnisgesellschaft: kultursoziologie der gegenwart*. Frankfurt am Main: Campus. 1995.

**SEALE, C.** (Editor), *Researching Society and Culture*. Sage, 2011.

**STOREY John**, *Cultural Theory and Popular Culture: An Introduction*. Pearson Education, 2012.

**TILLEY C, KEANE, K., FOGDEN, S.; ROWLANDS, Mike**, *Handbook of Material Culture*. London: Sage, 2013.

**TÖNNIES, Ferdinand**, (ed. Jose Harris), *Community and Civil Society*. Cambridge University Press, 2001.

**TWITCHELL, James B.** *Carnival Culture - The Trashing of taste in America*. N. York: Columbia University Press, 1992.

**VASCONCELOS, J. Leite de**, *Etnografia Portuguesa*. 10 vol. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 1994-2007.

**WERNICK, Andrew**, *Promotional Culture- Advertising, ideology and Symbolic Expression*. London: Sage, 1994.

**WHITE, L.A.**, *The Evolution of Culture: The development of Civilization to the Fall of Rome*. New York: Mac Graw Hill, 1959.

### 3- Viagem, Turismo e Lazer

**ANDERSON, Susan C. and TABB, Bruce**, (edit.) *Water Leisure and Culture, European historical perspectives*. Oxford and N. Y: Berg, 2002.

**ARROTEIA, Jorge Carvalho**, *O Turismo em Portugal. Subsídios para o seu conhecimento*. Cadernos Turismo e Sociedade, nº 1, Aveiro: Universidade de Aveiro, 1994.

**AUGÉ, Marc**, *L'impossible Voyage. Le Tourisme et ses Images*. Paris: Rivage Poche, Petite Bibliothèque, 1997.

**BAPTISTA, L.VICENTE**, Territórios lúdicos (e o que torna lúdico um território): ensaiando um ponto de partida, in *Fórum Sociológico*, nº 13/14, IIª Série, IEDS/UNL, pp.47-58, Lisboa: 2005.

**BARROS, José da C.**, *A Projecção do quotidiano no turismo e no lazer, o lugar dos actores dos contextos e paradigmas*. Lisboa: I.S.C.S.P., U.T.L., 2004.

**BOURDIN, A.**, Turismo patrimonial, cidade e civilização dos indivíduos, in *Fórum Sociológico*, nº 13/14, IIª Série, IEDS/UNL, 13-27, Lisboa: 2005.

**BURNS, Peter B.; NOVELLI, Marina**, *Tourism and Politics, global frameworks and local realities*. Advances in Tourism Research Series, Amsterdam: Elsevier, 2007.

**BUSHELL, Robyn**, Health, *Encyclopedia of Tourism*, Jafari, Jafar (Edit.) Routledge, 2000.

**CAVE, Jenny** (Author, Editor), **JOLLIFE, Lee; BAUM, Tom** (Editor) *Tourism and Souvenirs: Global Perspectives from the Margins*. Channel View Publications, 2013.

**CLIFFORD, J.** *Itinerarios transculturales*. Barcelona: Gedisa, 1999.

**COHEN, Eric**,

- a) Authenticity and Commodization in Tourism. In *Annals of Tourism Research*. NY: Vol.15, nº 3, pp.371-386. 1988.
- b) The study of images of native people. *Critique and Challenges*, London and NY: Butler e Pearce, Routledge, 1993.
- c) Contemporary Tourism- trends and challenges. Sustainable authenticity or contrived pos-modernity? In *Challenge in Tourism. People, places, processes*. London and NY: Butler and Pearce, Routledge 1995.

**COELHO, António Marino** *Administração Pública do Turismo*. 2 Vol., Lisboa: Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas, 1992.

**CROUCH, D.;**

- a) **LÜBBREN, Nina Edit.,** *Visual Culture and Tourism*. Oxford: N. York: Berg Publishers, 2003.
- b) **JACKSON R.; THOMSON F.,** *The Media & the Tourist Imagination, converging cultures*. London and N. York: Routledge, 2005.

**GETZ, D.,** Tourism planning and destination life cycle, *Annals of Tourism Research*. Vol. 19, pp 752-770, 1992.

**HASSE, Manuela,**

- a) *O divertimento do corpo: Corpo, lazer e desporto na transição do séc. XIX para o século XX em Portugal*. Lisboa: Editora Temática, 1999.
- b) Ritos e Imagens do Lazer, nas Termas Portuguesas, na transição do Séc. XIX para o Século XX, in *Cidade Termal. As Termas. As Freguesias Urbanas e Peri- Urbanas. A Praça dos Artistas*. Caldas da Rainha: Boletim de Cultura Urbana. Ano III. Número 5, 2004.
- c) As Águas Mineromedicinais e o Processo de Ritualização dos Lazer. A Génese da Construção Social do Turismo da Saúde, Espiritual e Religioso in

*Caldas da Rainha. Património das Águas. A Legacy of Waters..* Caldas da Rainha: Ed. Assírio e Alvim, 2005.

d) Play-time. Desporto, Fotografia e a Re-criação do Mundo, in *Obra de homenagem ao Prof. Jorge Crespo*. Lisboa: Editora Cem-luz, UNL. FCSH. 2009.

**JAFARI, Jafar** (Edit.), *Encyclopedia of Tourism*. Routledge, 2003.

**KAUFMANN, Jean Claude**, *Corps de femmes: Regards d' hommes*. Paris: Nathan. 1995.

**FAIOS-SOLA, E.; JAFFARI, J.; SILVA, João Albino M. da** (editors) *Knowledge Management in Tourism: Policy and Governance Applications (Bridging Tourism Theory and Practice): 4*, London: Emerald Group Publishing Limited, 2012.

**FORTUNA, C. ; GOMES, Carina; FERREIRA, Claudino; ABREU, Paula; PEIXOTO, Paulo**, *A cidade e o turismo: Dinâmicas e desafios do turismo urbano em Coimbra*. Coimbra: Almedina. 2012

**LEIPER, Neil**,

a) Tourist attraction systems, in *Annals of Tourism Research*. Volume 17, Issue 3, 1990, Pages 367–384.

b) Industrial entropy in tourism systems, in *Annals of Tourism Research*. Volume 20, Issue 1, 1993, Pages 221–226.

**LEW, Alan. A.**,

a) Attraction, in *Encyclopedia of Tourism*, Routledge, pp. 35-37. 2000.

b) **HALL, M.; WILLIAMS Alan**, *A Companion to Tourism*, London: Blackwell, 2004.

**LÖFGREN, Orvar,**

a) Learning to be a Tourist, in *Ethnologia Scandinavica*. 24, 102-125. 1994.

b) *On Holliday, a history of vacationing*, California: University of California Press, 1999.

**MACCANNELL, Dean,**

a) *The Tourist, a new history of the leisure class* California: University of California Press, 1999.

b) *The Ethics of Sightseeing*. University of California Press, 2011.

**MC COOL, S.F.** (author, edit), Moisey (author) and Moiser (editor) *Tourism, Recreation and Sustainability: Linking Culture and the Environment*. CABI Publishing; 2nd edition 2009.

**MACKAMAN, Douglas P.** *Leisure Settings, Bourgeois Culture, Medicine and the Spa in Modern France*. Chicago: and London: Chicago Press, 1998.

**NETO, João B. N. Pereira,** *Os tempos livres na sociedade tradicional portuguesa*. Lisboa: Comunicação apresentada no âmbito do Ciclo de Conferências sobre Biologia, História e Sociologia do Tempo realizado na Universidade Internacional no ano lectivo de 1988/89.

**NETO, Maria J. Pereira,** *A Propósito da Ocupação dos Tempos Livres na Cidade de Lisboa - Uma Abordagem sobre as teorias do Lazer-* dissertação do Curso Conducente ao Mestrado em Sociologia. Lisboa: U.T.L / I.S.C.S.P.1992.

**PICARD, David,**

a) *Tourism, Magic and Modernity: Cultivating the Human Garden*, Oxford: N. York: Berghahn Books, 2013

b) (Author, Editor) and **DI GIOVINE, Michael,** (Editor), *Tourism and the Power of Otherness: Seductions of Difference*. Channel View Publications, 2014.

**PIMENTEL Alberto** *Crónicas de Viagem*. Porto: tipografia e Litografia a vapor de Eduardo da Motta Ribeiro, 1888.

**PRED, Allan**, *Recognizing European Modernities: A montage of the Present*. London: Routledge, 1995.

**PRIESTLEY G, MUNDET L.**, The post-stagnation phase resort cycle, in *Annals of Tourism Research* 25(1), 85-111. 1988.

**RAPPOPORT, Rona and Robert**, *Leisure and The Family Life Cycle*. With collaboration of **ZIONA STRELITZ**, London: Routledge and Keagan Paul, 1975.

**REMY, Jean**, La implication paradoxale dans l'expérience touristique, en *Sociologie urbaine et rurale*, Paris: L'Harmattan, 353-368, 1998.

**SARAMAGO, José**, *Viagem a Portugal*. Lisboa: Caminho, 2011.

**SMITH, V.** (edit) *Hosts and Guests, the Anthropology of Tourism*. Oxford: Basil Blackwell, 1978.

**SMITH, K.** (Editor), *Tourism, Culture and Regeneration*. CABI Publishing, 2006.

**SWARBROOK, John**, *The Development & Management of Visitors Attractions*. Oxford: Butterworth-Heinemann, 1995.

**STEINHAUER, Olen**, *The Tourist*. Minotaur Books, 2011.

**TURNER, Victor and BRUNER, Edward** *The Anthropology of Experience*. Chicago: University of Illinois Press, 1986.

**URBAIN, Jean Didier**,

a) *L'Idiot du voyage: Histoires de Touristes*. Paris: Payot, 2002.

b) *Paradis verts: Désirs de campagne et passions résidentielles*, Paris: Payot, 2008.

**VERNE, Júlio**, *A Volta ao Mundo em Oitenta Dias*. Lisboa: 11 × 17, 2010.

**WATERTON, Emma** and **WATSON, Steve**, *The Semiotics of Heritage*. Tourism Channel View Publications, 2014.

#### **4-Termalismo**

**AAVV**, *Estudo e Proposta de Medidas para a Recuperação do Hospital Termal Rainha Dona Leonor— Grupo de Trabalho Interdepartamental* (s .e.). Caldas da Rainha:1984.

**ALVES, Teresa e SIMÕES, J. Manuel**, Termalismo: que oportunidades para as áreas rurais? In *Turismo. Horizontes alternativos*. Portalegre: Edições Colibri, pp. 159-166, 1998.

**ANDERSON, S.C.** and **TABB, B.**, *Water, Leisure & Culture, European Historic Perspectives*. Oxford: N. York: Routledge, 2002.

**BARROS, LUÍS AIRES, (Coord)** 2005, *Caldas da Rainha, património das águas*, Assírio e Alvim, 2005.

**BARROS, José da Cunha**, *Realidade e Ilusão no Turismo Português, das práticas do termalismo à invenção do turismo de saúde*. Lisboa: I.S.C.S.P., U.T.L., 2002.

**BETTENCOURT, Nicolau José Martins de**, William Withering e as Caldas da Rainha a propósito de uma interessante gravura, in *Revista Municipal*, Separata dos números 108/109, Lisboa: 1961. pp. 5-22,

**BRANDÃO, Joaquim Ignácio Seixas de**, *Memorias dos annos de 1775 a 1780 para servirem de história a análise e virtudes das aguas thermaes da villa das Caldas da Rainha*. Lisboa: Régia Oficina,1781.

**CABRAL, Caldeira João da F.**,

a) *Parque D. Carlos I e Mata do Hospital Termal Rainha D. Leonor, Caldas da Rainha, Plano Geral*. Lisboa: Professor Caldeira Cabral, Associados- Estudos e Projectos, Lda.1983.

b) A Modernização dos Espaços Verdes Termais- O caso particular das Caldas da Rainha, in *Caldas da Rainha- Património das Águas.*, Caldas da Rainha: Assírio e Alvim, 2005.

**CARVALHO, Augusto da Silva**, *Memórias das Caldas da Rainha (1484-1884)*. Lisboa: Tipografia da Livraria Ferin, 1932.

**CASTELOT André**, Petite Histoire du Bain en Baignoire in *Boletim da Comissão de Fiscalização da Águas de Lisboa*. nº 37, IIIª Série, M.O.P. Amadora:1957, pp 127-134.

**CAVACO, Carminda**, Turismo de Saúde e Bem-estar, reinvenção das práticas, renovação dos lugares, in *Turismo Inovação e Desenvolvimento*. Lisboa: Centro de Estudos Geográficos da Universidade de Lisboa, 2008. Pp. 19-64.

**CAVACO, Carminda; MEDEIROS, Carlos L.** (Coord.) *Turismo de Saúde e bem-estar, termas, spas termais e talassoterapia*. Lisboa: CECEP/UCP, 2008.

**DOCHGARROCH, Lorraine Maclean of**, *Indomitable Colonel*. London: Shepherd Walwyn, 1986.

**DUMAS, Stephane**, La peau sans dessous. Les secrets de exposition dès corps, in *SIGILA 18 Revue transdisciplinaire sur le secret*. Automne – Hiver. Paris: Gris, 2006. Pp. 97-108

**DURIE, Alastair J.** et all, *Water is Best, the hydros and health tourism in Scotland 1840-1940*. Edimburg: John Donald, 2006.

**GAGO, João Nunes**, *Tratado Physico- Chimico-Medico das Caldas da Rainha*, Lisboa: Tipografia Rollandiana, 1779.

**HANCOCK, David**, *The complete medical Tourist*. London: Blake Publishing, 2006.

**FEENEY, John**, The Joys of the Bath, *Saudi Aramco World*, March/April, Texas: 2004.

**LEAL, Rubens Azzi**, A Higiene Pública na Antiga Roma, in *Boletim da Comissão de Fiscalização das águas de Lisboa*. Nº 38 IIIª Série, Lisboa: M:O.P.1958, pp. 151-154.

**MANGORRINHA, Jorge,**

a) *Rodrigo Berquó Cantagalo (1839-1896): arquitecto das termas.* Caldas da Rainha: Centro Hospitalar das Caldas da Rainhas, 1996.

b) *À volta das termas.* Caldas da Rainha: [autor], 2002.

c) *O lugar das termas.* Lisboa: Livros Horizonte, 2004.

d) *O que é uma cidade Termal?* Lisboa: [autor], 2ª Edição, 2012.

**NICOUD, Marilyn,** Les médecins italiens et le bain thermal à la fin du Moyen Âge, in *Médiévales*, 2002, vol. 21, n° 43, pp. 13-40.

**ORTIGÃO, Ramalho,** *Banhos de Caldas e Águas Minerais. Sintra: Colares 2000.*

**QUERIDO, Carlos,** *A redenção das águas- as peregrinações de D. João V à vila das Caldas.* Lisboa: Arranha Céus, 2013.

**PINTO, Helena Gonçalves,** *Caldas da Rainha no princípio do século: Fotografias de Alfredo Pinto (Sacavém).* Caldas da Rainha: Grupo de Estudos, 1994.

**RAMOS, A.,** *O Termalismo em Portugal: Dos factores de obstrução à revitalização pela dimensão turística.* Dissertação conducente ao grau de Doutor em Turismo. Universidade de Aveiro, 2005.

**RÉZIO, M. Margarida,** *Transformação urbana e vivência termal- o caso das Caldas da Rainha.* Tese de Doutoramento em Sociologia Urbana, Território e Ambiente, Lisboa: UNL/ FCSH, 2012.

**SARMENTO, J. de Castro** *Appendix ao que se acha escrito na Materia medica (...) sobre a natureza, contentos, effeytos, e uso pratico, em forma de bebida, e banhos, das agoas das Caldas da Rainha: Participado ao publico, em huma carta escrita ao Dr. João Mendez Saquet Barboza, Socio da Sociedade Real de Londres, etc. a que se ajunta o novo methodo de fazer uzo da agoa do mar, na cura de muitas enfermidades chronicas, em especial nos achaques das glandulas.* Londres: s.n., 1753.

**SAVIDGE, Alan revised by BELL, Charlie** *Royal Turnbridge Wells, a history of a spa town*. Kent: Oast Books, 1995.

**SEIXAS BRANDÃO, Joaquim Inácio**, *Memórias dos anos de 1775 a 1780 \ para servirem de história à análise e virtudes das águas termais da vila das Caldas da Rainha*. Lisboa: Régia Oficina, 1781.

**SERRA, João B.**, *Introdução à História das Caldas da Rainha*. Caldas da Rainha: Património Histórico, Grupo de Estudos, Coleção Cadernos de História Local, 1995.

**SOURE, Dulce Maria**,

a) *Um Parque para as Caldas: história do Parque Dom Carlos I*. Caldas da Rainha: Património Histórico, Grupo de Estudos, Coleção Cadernos de História Local, 1993.

b) **XIMENES, Marina**, *Marcas da II Guerra em Caldas da Rainha*. Caldas da Rainha: Grupo de Estudos, Câmara Municipal Caldas da Rainha, 1998.

**TAVARES, Mário, et all**, *Terra de Águas: Caldas da Rainha, História e Cultura*. Câmara Municipal das Caldas da Rainha, 1993.

## **5-Legislação**

Decreto-Lei n.º 115/2012, de 25 de maio

Decreto-Lei n.º 114/2012, de 25 de maio

Decreto n.º 19/2006, de 18 de junho

Lei n.º 107/2001 de 8 de setembro

Decreto-lei 142/2004, de 11 de junho

DR. N° 35, II Série, de 11 de fevereiro de 1982 (Anexo

## ***II Webgrafia***

<http://cm.bell-labs.com/cm/ms/what/shannonday/shannon1948.pdf>, consultado em 21 de março de 2011.

[http://www.windows2universe.org/mythology/WINDOWS\\_MAIN\\_FILE/Boucher\\_Diana\\_Bath1.gif](http://www.windows2universe.org/mythology/WINDOWS_MAIN_FILE/Boucher_Diana_Bath1.gif), a 12 de julho de 2012

[http://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/1/19/W\\_Withering\\_at\\_Caldas\\_da\\_Rainha.jpg](http://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/1/19/W_Withering_at_Caldas_da_Rainha.jpg), em 8 de setembro de 2013.

[http://pt.wahooart.com/Art.nsf/O/7YMHAJ/\\$File/Jean-Honore-Fragonard-The-Bathers.JPG](http://pt.wahooart.com/Art.nsf/O/7YMHAJ/$File/Jean-Honore-Fragonard-The-Bathers.JPG), em 20 de novembro de 2012.

<http://md.artmeteo.ru/img/exhibits/ff/4c/ff4ca575dc60fd47fa0df84f8efec208.jpg>, consultado em 20 de novembro de 2012.

<http://www.portalsaofrancisco.com.br/alfa/banheiro/banheiros-5.php> em 20 de novembro de 2012.

[http://iamachild.files.wordpress.com/2010/09/small\\_a-lady-in-turkish-costume-with-her-servant-at-the-hammam.jpg?w=500](http://iamachild.files.wordpress.com/2010/09/small_a-lady-in-turkish-costume-with-her-servant-at-the-hammam.jpg?w=500), em 20 de novembro de 2012.

<http://austenonly.files.wordpress.com/2010/01/sandby-6659-correction-correction.jpg>, em 20 de novembro de 2012.

[http://p2.la-img.com/361/18982/6421919\\_1\\_1.jpg](http://p2.la-img.com/361/18982/6421919_1_1.jpg) consultado em 20 de novembro de 2012.

<http://www.jornaldascaldas.com/JournalNews/Journalnewsdetail.aspx?news=3081e9e7-67a3-4afd-b0df-8eb9d6952351&q=bolacha>, consultado em 15 de julho de 2012.

<http://zeventura.blogspot.pt/search/label/Parque>, consultado em 27 de agosto de 2013.

<http://cavacasdascaldas.com/?opc=apre> consultado em 20 de maio de 2013.

<http://cavacosdascaldas.blogspot.pt/2009/04/confraria-do-priapo.html> consultado em 23 de junho de 2013.

[http://www.jornaldascaldas.com/Musas\\_da\\_Rainha\\_apresenta\\_licor\\_Pilau\\_das\\_Caldas](http://www.jornaldascaldas.com/Musas_da_Rainha_apresenta_licor_Pilau_das_Caldas) consultado em 13 de junho de 2013.

<http://cantinhochocolicor.blogspot.pt/> consultado em 13 de junho de 2013.

<http://www.shopping-caldasdarainha.com/vidais-c-15.html> consultado em 13 de junho de 2013

<http://www.capitaldocomercio.com/artigos/artigo?sec=175&nid=142> consultado em 1 de junho de 2013.

<http://concept-board.blogspot.pt/2013/01/oficina-maria-dos-cacos.html> consultado em 15 de junho de 2013.

[http://www.cm-caldas-rainha.pt/portal/page/portal/PORTAL\\_MCR](http://www.cm-caldas-rainha.pt/portal/page/portal/PORTAL_MCR), consultado em 1 de junho de 2013

<http://www.gocaldas.com/> , consultado em 16 de junho de 2013.

[http://www.cm-caldas-rainha.pt/portal/page/portal/PORTAL\\_MCR/VISITANTE/TRADICAO/ARTESANATO](http://www.cm-caldas-rainha.pt/portal/page/portal/PORTAL_MCR/VISITANTE/TRADICAO/ARTESANATO), consultado em 15 de junho de 2013.

[http://www.cm-caldas-rainha.pt/portal/page/portal/PORTAL\\_MCR/VISITANTE/TRADICAO/ARTESANATO](http://www.cm-caldas-rainha.pt/portal/page/portal/PORTAL_MCR/VISITANTE/TRADICAO/ARTESANATO), consultado em 15 de junho de 2013.

[http://www.cafeportugal.net/pages/sitios\\_artigo.aspx?id=4586](http://www.cafeportugal.net/pages/sitios_artigo.aspx?id=4586) consultado em 15 de junho de 2013.

[http://www.cm-caldas-rainha.pt/portal/page/portal/PORTAL\\_MCR](http://www.cm-caldas-rainha.pt/portal/page/portal/PORTAL_MCR) consultado em 15 de junho de 2013.

[http://www.cm-caldas-rainha.pt/portal/page/portal/PORTAL\\_MCR/VISITANTE/ONDE\\_COMER](http://www.cm-caldas-rainha.pt/portal/page/portal/PORTAL_MCR/VISITANTE/ONDE_COMER), consultado em 15 de junho de 2013.

[http://www.cm-caldas-rainha.pt/portal/page/portal/PORTAL\\_MCR/VISITANTE/O\\_QUE\\_VISITAR](http://www.cm-caldas-rainha.pt/portal/page/portal/PORTAL_MCR/VISITANTE/O_QUE_VISITAR) consultado em 15 de junho de 2013.

[http://www.cm-caldas-rainha.pt/portal/page/portal/PORTAL\\_MCR/VISITANTE/ROTAS\\_TEMATICAS](http://www.cm-caldas-rainha.pt/portal/page/portal/PORTAL_MCR/VISITANTE/ROTAS_TEMATICAS) consultado em 15 de junho de 2013.

<http://www.rt-oeste.pt/> , consultado em 15 de junho de 2013.

<http://www.rt-oeste.pt/Catalogs/ListEntities.aspx?category=11> em 15 de junho de 2013.

<http://gocaldas.com/apresentacao-gocaldas-com/> consultado em 30 de junho de 2013.

<http://gocaldas.com/o-melhor-dos-bairros/> , consultado em 30 de junho de 2013.

<http://gocaldas.com/sitios-para-andar-de-mao-dada/6/> consultado em 6 de julho de 2013

<http://gocaldas.com/sitios-para-andar-de-mao-dada/6/> consultada em 6 de julho de 2013.

<http://www.termasdeportugal.pt/estanciastermais/Caldas-da-Rainha>, consultado em 9 de agosto de 2013

<http://www.choeste.min-saude.pt/>, consultado em 10 de agosto de 2013.

<http://www.europeanspas.eu/>, consultado em 9 de agosto de 2013.

<http://www.chcrainha.min-saude.pt/>, consultado em 9 de agosto de 2013.

<http://www.termasdeportugal.pt/estanciastermais/Caldas-da-Rainha>, consultado em 10 de agosto de 2013.

<http://www.termasdeportugal.pt/bemestartermal/>, consultado em 10 de agosto de 2013.

[http://www.chcrainha.min-saude.pt/Ficheiros/precario\\_termal.pdf](http://www.chcrainha.min-saude.pt/Ficheiros/precario_termal.pdf), tal como o fizemos em 10 de agosto de 2013.

[http://www.chcrainha.min-saude.pt/Ficheiros/informacao\\_termal.pdf](http://www.chcrainha.min-saude.pt/Ficheiros/informacao_termal.pdf), consultado em 10 de agosto de 2013.

<http://www.termasdeportugal.pt/catalogodigitalatp/>, consultado em 10 de agosto de 2013.

<http://www.termasdeportugal.pt/media/4/file/CatalogoDigitalATP/brochura%20digital%20PT-ES.pdf>, consultado em 10 de agosto de 2013.

<http://www.termasdeportugal.pt/estanciastermais/Caldas-da-Rainha>, consultado em 10 de agosto de 2013.

<http://app.parlamento.pt/webutils/docs/doc.pdf?path=6148523063446f764c3246795a5868774d546f334e7a67774c325276593342734c584a6c635639775a584a5953556b76634849784d7a6b304c586870615330794c5745756347526d&fich=pr1394-xii-2-a.pdf&Inline=true>, consultado em 26 de agosto de 2013.

<http://saude.sapo.pt/noticias/saude-medicina/duzentos-manifestantes-contestam-fecho-do-hospital-termal-das-caldas-da-rainha.html>, consultado em 26 de agosto de 2013.

<http://www.choeste.min-saude.pt/images/conteudos/corredorprincipal/SaladeImprensa/2013/6marco2013.pdf>, consultado em 26 de agosto de 2013.

<http://app.parlamento.pt/webutils/docs/doc.pdf?path=6148523063446f764c3246795a5868774d546f334e7a67774c325276593342734c584a6c635639775a584a5953556b766348>

[49784d7a6b304c586870615330794c5745756347526d&fich=pr1394-xii-2-a.pdf&Inline=true](http://www.visitportugal.com/Cultures/pt-PT/default.html), consultado em 26 de agosto de 2013.

<http://www.visitportugal.com/Cultures/pt-PT/default.html>, consultado em 13 de agosto de 2013.

<http://www.visitportugal.com/NR/exeres/A17662E6-7AC2-4139-B257-C42EDFE9B888.frameless.htm> em 13 de agosto de 2013.

<http://www.visitportugal.com/NR/exeres/A17662E6-7AC2-4139-B257-C42EDFE9B888.frameless.htm>, consultado em 13 de agosto de 2013.

<http://www.visitportugal.com/NR/exeres/A17662E6-7AC2-4139-B257-C42EDFE9B888.frameless.htm> em 13 de agosto de 2013.

<http://www.prof2000.pt/users/avcultur/postais/CaldasRaiPost36.htm>, consultado em 13 de junho de 2013.

<http://www.flickr.com/photos/vitor107/sets/>, visualizado em 13 de julho de 2013.

<http://www.flickr.com/photos/vitor107/sets/1419654/> visualizado em 13 de julho de 2013.

<http://www.pbase.com/diasdosreis/caldas&page=all>, consultado em 13 de julho de 2013.

<http://www.pbase.com/diasdosreis/caldas>, consultado em 4 de agosto de 2013

<http://www.pbase.com/diasdosreis/image/112676742>, consultado em 4 de Agosto de 2013.

[http://www.pbase.com/diasdosreis/caldas\\_monumentos](http://www.pbase.com/diasdosreis/caldas_monumentos), consultado em 5 de agosto de 2013.

[http://www.pbase.com/diasdosreis/caldas\\_santo\\_onofre](http://www.pbase.com/diasdosreis/caldas_santo_onofre), consultado em 5 de agosto de 2013

<http://www.emmashouseinportugal.com/travel-in-portugal/day-trip-caldas-da-rainha/> , consultado em 14 de agosto de 2013.

<http://www.emmashouseinportugal.com/all-about-emma/> , consultado em 14 de agosto.

<http://www.emmashouseinportugal.com/all-about-emma/> , consultado em 14 de agosto.

<http://www.emmashouseinportugal.com/travel-in-portugal/day-trip-caldas-da-rainha/> , consultado em 15 de agosto de 2013.

[http://purl.pt/22787/4/465387\\_PDF/465387\\_PDF\\_24-C-R0150/465387\\_0000\\_NPROG-8\\_t24-C-R0150.pdf](http://purl.pt/22787/4/465387_PDF/465387_PDF_24-C-R0150/465387_0000_NPROG-8_t24-C-R0150.pdf), consultado em 14 de setembro de 2013.

[http://purl.pt/22787/4/465387\\_PDF/465387\\_PDF\\_24-C-R0150/465387\\_0000\\_NPROG-8\\_t24-C-R0150.pdf](http://purl.pt/22787/4/465387_PDF/465387_PDF_24-C-R0150/465387_0000_NPROG-8_t24-C-R0150.pdf), consultado em 14 de setembro de 2013

<http://www.socgeografialisboa.pt/wp/wp-content/uploads/2012/05/Joao-CaldeiraCabral.pdf>, consultado em 5 de outubro de 2013.

<http://www.socgeografialisboa.pt/wp/wp-content/uploads/2012/05/Jorge-Mangorriinha.pdf>, consultado em 6 de outubro de 2013.

[http://www.turismodeportugal.pt/Portugu%C3%AAs/turismodeportugal/Documents/PE-NT\\_Revis%C3%A3o.pdf](http://www.turismodeportugal.pt/Portugu%C3%AAs/turismodeportugal/Documents/PE-NT_Revis%C3%A3o.pdf), consultado em 10 janeiro de 2013.

<http://www.eolss.net/sample-chapters/c02/e6-46-01-04.pdf> consultado em 10 janeiro de 2013.

<http://mwba.files.wordpress.com/2010/06/1990-almeida-symmetry-and-entropy-revista-current-anthropology.pdf>, consultado em 10 de janeiro de 2013.

<http://www.turismodeportugal.pt/Portugu%C3%AAs/turismodeportugal/publicacoes/Documents/PENT%202012.pdf>, consultado em 10 de janeiro de 2013.

## **Apêndice A**

### **Questionário e quadros com tratamento quantitativo das respostas**

---

**Sumário do questionário colocado *on-line* desde 6 de Maio a 8 de Agosto de 2013.**

**Total de respostas: 100**

**Questão nº 1: Pensando na cidade das Caldas da Rainha, identifica-a com que tipo de património**

Natural

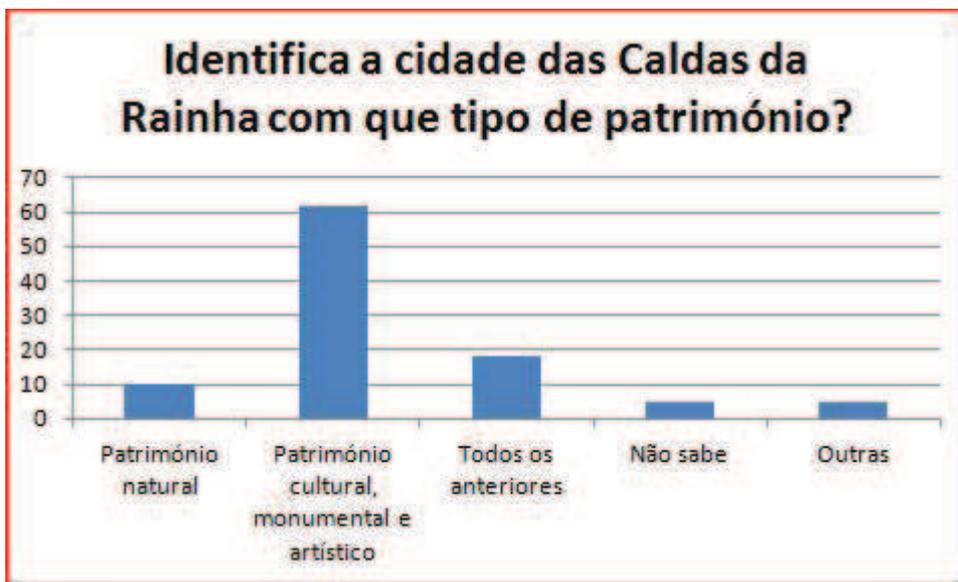
Cultural , monumental e artístico

Todos os anteriores

Não sabe

Other

**Quadro com respostas à questão nº 1**



**Respostas à questão 1:**

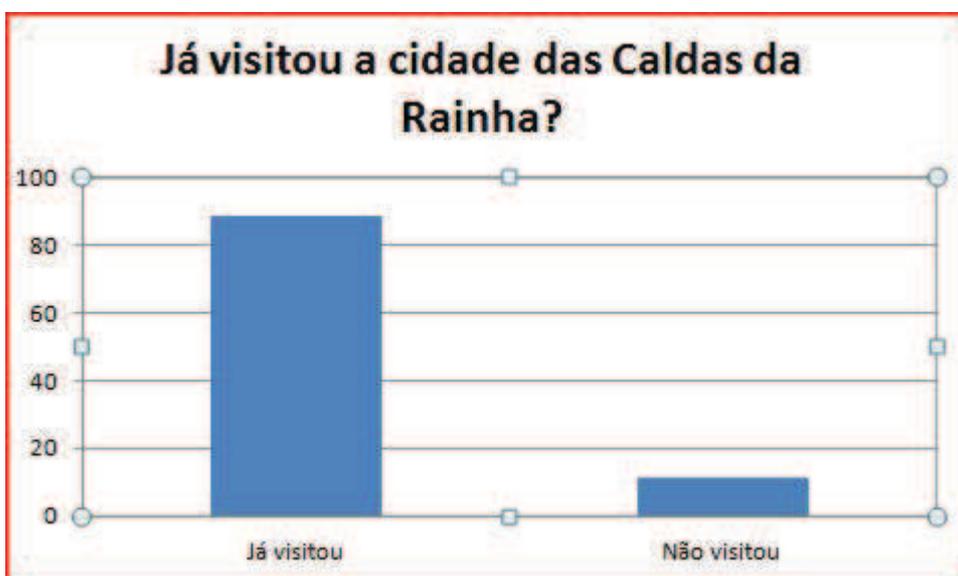
Património natural	10
Património cultural, monumental e artístico	62
Todos os anteriores	18
Não sabe	5
Outras	5
Rafael Bordalo Pinheiro	1
Termas	4

**Questão nº 2: Já visitou a cidade das Caldas da Rainha?**

Sim ( se respondeu sim clique e passe à P. 3)

Não( Se respondeu Não, clique e passe à P.13 e responda às restantes)

**Quadro com respostas à questão nº 2**



**Respostas à questão nº 2:**

Já visitou -89

Não visitou-11

### Questão nº 3 :Já visitou o espaço termal?

Sim . Passe à P 3.1

Não. (clique e passe à P. 4)

Quadro com respostas à questão nº 3



#### Respostas à questão nº 3:

Já visitou-37

Não visitou-63

### Questão nº 3.1.: Visitou o espaço termal com que propósito?

Fui fazer tratamento por recomendação médica

Por curiosidade, em visita não guiada.

Outra

Quadro com respostas à questão nº 3.1.



#### Respostas à questão nº 3.1. :

Tratamento termal	3
Por curiosidade	32
Outra:	2
Investigação	1
Férias	1

#### Questão nº4.: Foi à cidade para que efeito?

Expressamente para a visitar

Em trabalho

Option 3

Quadro com respostas à questão nº4



Expressamente para a visitar	53
Em trabalho	12
Para passar um período de férias	20

**Questão nº 4.1. : Em que época do ano?**

**Quadro com respostas à questão nº 4.1.**



**Respostas à questão nº 4.1. :**

Primavera	16
Verão	32
Outono	8
Inverno	7
Todo o ano/Ao longo do ano	14

**Questão nº5.: Vai lá com frequência? Se sim, refira qual.**

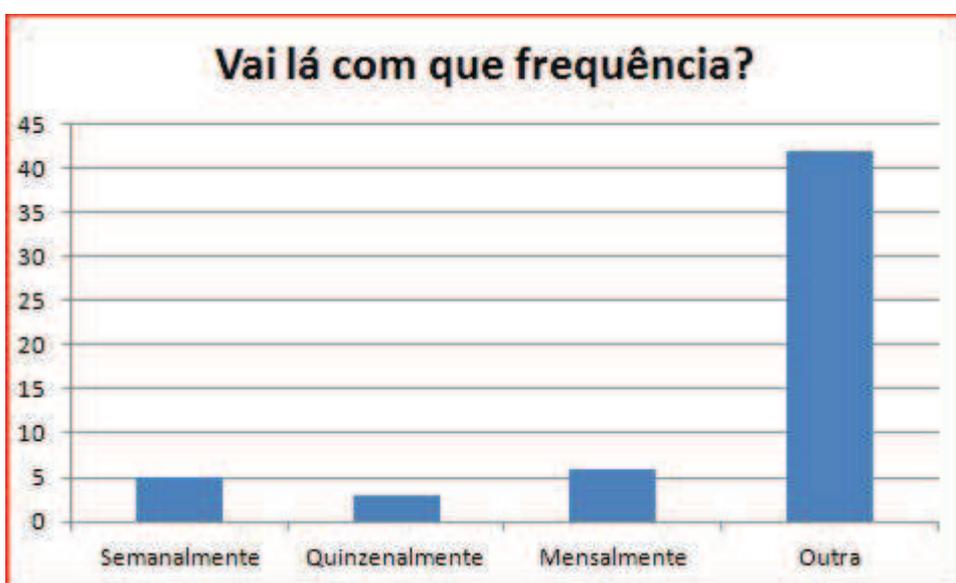
Semanalmente

Mensalmente

Quinzenalmente

Other

**Quadro com respostas à questão nº 5**



**Respostas à questão nº 5 :**

Semanalmente

5

Quinzenalmente

3

Mensalmente

6

Outra

42

**Questão nº6: Foi às Caldas propositadamente ou porque ficava de caminho para outro local?**

Propositadamente

Outra

**Quadro com respostas à questão nº 6**



**Respostas à questão nº 6 :**

Propositadamente

57

Ficava a caminho

25

Por outra razão

12

**Questão nº6.1.: Qual era esse local?**

Lisboa Nazaré ccc cidade e arredores Figueira da Foz Jardim e família S. Martinho do  
Porto Centro cidade óbidos Óbidos Marinha Grande/ Leiria Foz do Arelho Sao Pedro de  
Moel Foz do arelho nazaré São Martinho do Porto Pastelaria Machado Obidos Museu  
Bordalo Pinheiro Alcobaça

**Questão nº7.: Se tirou fotos na cidade pode dizer a quê que as tirou?**

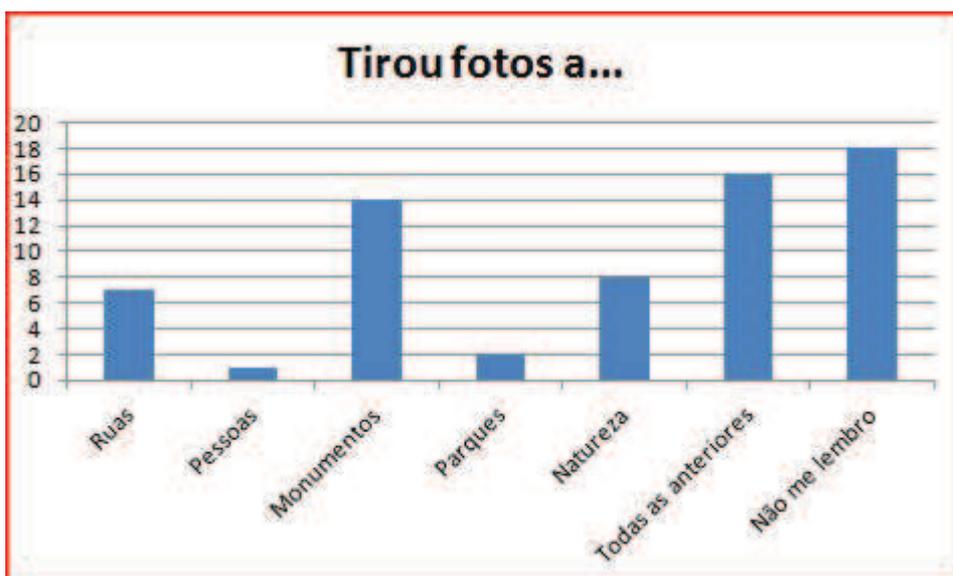
Ruas

Pessoas

Todas as anteriores

Não me lembro

**Quadro com respostas à questão nº 7**



**Respostas à questão nº 7 :**

Ruas	7
Pessoas	1
Monumentos	14
Parques	2
Natureza	8
Todas as anteriores	16
Não me lembro	18

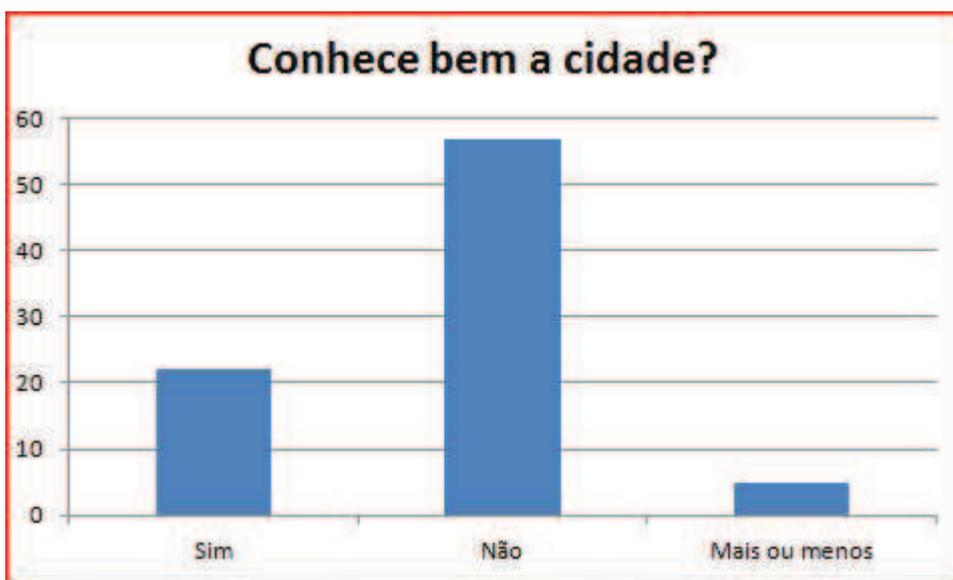
### Questão nº8.: Conhece bem a cidade?

Sim

Não. Clique e passe à P. 10

Other

Quadro com respostas à questão nº 8



#### Respostas à questão nº 8:

Sim	22
Não	57
Mais ou menos	5

### Questão nº 9.: Que locais recomenda, para passear, descansar, e conhecer culturalmente a cidade das Caldas da Rainha?

Nadadouro Igreja do Espírito Santo parque D. Carlos, Praça da Fruta, Igreja Nossa Sra Pópulo, CCC Bowling museus a cidade em si A praça principal e o jardim Jardins mosteiro, termas Museu Bordalo Pinheiro, Parque D.Carlos I, Museu José Malhoa, zona antiga da cidade (edifícios históricos), chafariz das 5 bicas. Jardim, Termas Praça da fruta, Parque D. Carlos, Rua das montras, Loja da Bordalo Pinheiro, Restaurante Maratona. jardim, centro da cidade Parque e museu praias e campo centro da cidade Feira, Jardins, Termas, Museus, Óbidos, Praias Centro Cultural, Parque e Mata, Mercado e Museu da Cerâmica e museu Malhoa Foz do Arelho Fábrica Bordalo pinheiro, museu , jardim, mercado de levante Museu, praças, igrejas, parque da cidade, pastelarias Parque, Museu, Arredores rurais, praias parque Museu José Malhoa, Parque/Jardim, Termas Fábrica cerâmica Parque, Museus, Hospital Termal, Mata, Mercado ao ar livre Termas e Foz do Arelho Parque, Fábrica Bordalo Pinheiro, Praça da fruta, Igreja Nossa Senhora do Pópulo, Café/Restaurante Maratona, pastelaria Machado jardim, termas, ruas pedonais, mercado Parque, Hospital , Museu Malhoa , Museu da Cerâmica para as refeições o Maratona e Pastelaria Machado. Passear pelo Parque. Visitar a fábrica da Bordalo Pinheiro não me lembro mata, parque, praça da fruta, mercado peixe o jardim Parque da cidade Jardim Muitos

**Questão nº 10.: Pode referir uma palavra que defina a cidade das Caldas da Rainha com atualidade?**

Não sei Capital do Oeste tranquila Escolas Amizade cidade de PROVINCIA bem perto de Lisboa calma Bordalo Sana hotel não conheço, suficientemente acolhedoranão Interessante bela Calma cavacas Paz Tranquila Morta Cidade descaracterizada caldas envolvente Louças com interesse cidade sem vida CulturaCerâmica Artesanato Artes Gestão frescura "caralhos" (das Caldas) artesanato Frondosa Cister característico moderna e tradicional Emergente Design Bons hotéis Mercado de rua cerâmica Ecologia comércio tradicional termal Cidade tranquila Sardinhas turismo Rainha D Leonor Boneco das Caldas Caldas TermasMercado Cidade de comércio Cavacas História Artística um belo espaço com memórias e presente Histórica Férias Cativante Bonita

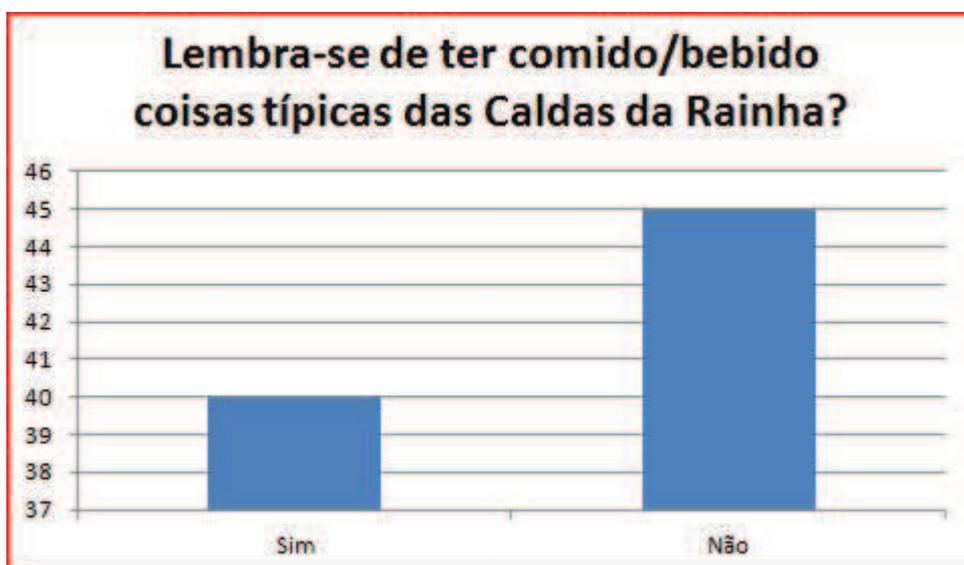
**Questão nº 11.: Do que comeu e bebeu consegue lembrar-se de alguns nomes de iguarias que reconheça como sendo características da Caldas da Rainha?**

Sim . Clique e passe à P 11.1

Não

Option 3

**Quadro com respostas à questão nº 11**



**Respostas à questão nº 11:**

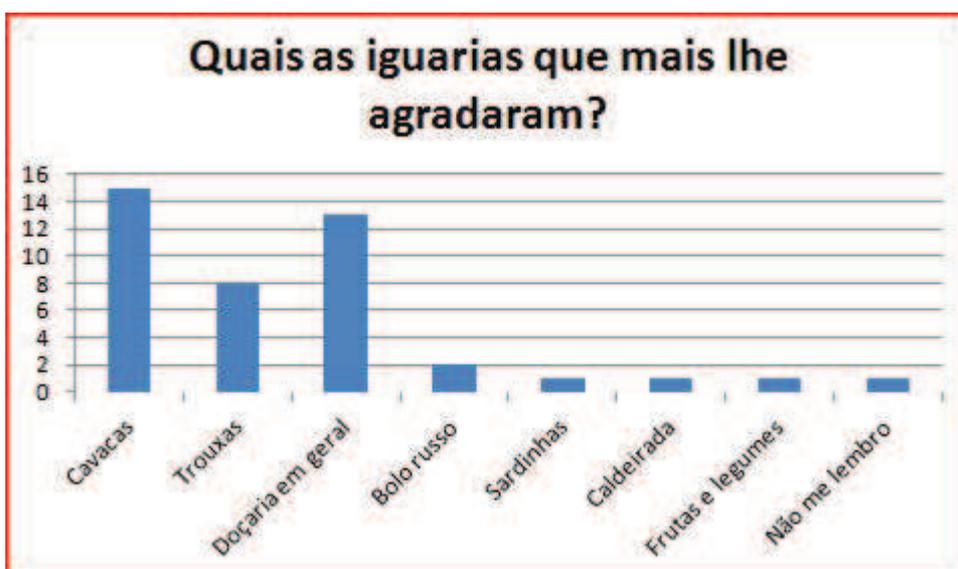
Sim	40
Não	45

### Questão nº 11.1.: Quais foram as iguarias que mais lhe agradaram?

#### Respostas à questão nº 11.1:

Beijinhos e frutos secos. Cavacas de tudo Trouxas de ovos Cavacas, Trouxas de ovos fruta fresca, legumes Cavacas, Beijinhos Trouxas e beijinhos (cavacas pequeninas)Cavacas, fruta doces de ovos e cavacas (pastelaria Machado) cavacas Pasteis n russo caldeirada de enguias trouxas de ovos troucas de ovos doces Trouxas d'ovosbolo russo, florestas Cavacas e beijinhos Sardinhas bolos regionais Cavacas Trouxas de Ovos não me lembro beijinhos! Pastelaria regional: pastéis de feijão? queijadas? cavacas? Trouxas das caldas

#### Quadro com respostas à questão nº 11.1.



#### Respostas à questão nº 11.1. :

Cavacas	15
Trouxas	8
Doçaria em geral	13
Bolo russo	2
Sardinhas	1
Caldeirada	1
Frutas e legumes	1
Não me lembro	1

Na doçaria em geral são indicados:

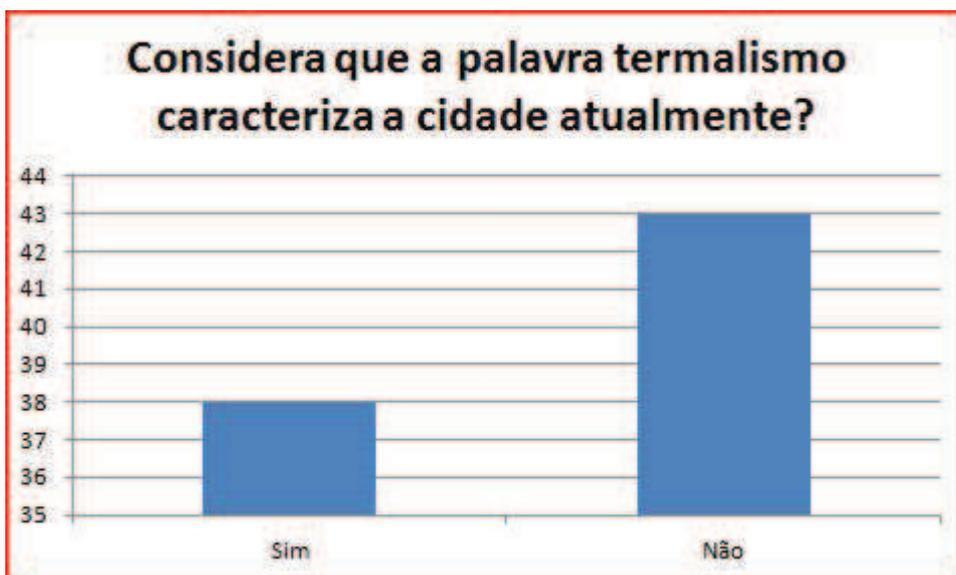
Cavacas	6
Trouxas	1
Beijinhos	5

**Questão nº12. Considera a palavra termalismo essencial para definir a cidade atualmente?**

Sim. Clique e passe à P. 14

Não. Clique e passe à P. 12.1

**Quadro com respostas à questão nº 12**



**Respostas à questão nº 12:**

Sim	38
Não	43

**Questão nº 12.1: Qual será a palavra que melhor a define? Se já respondeu a esta P. previamente, passe à P.14.**

**Respostas à Questão nº12.1.**

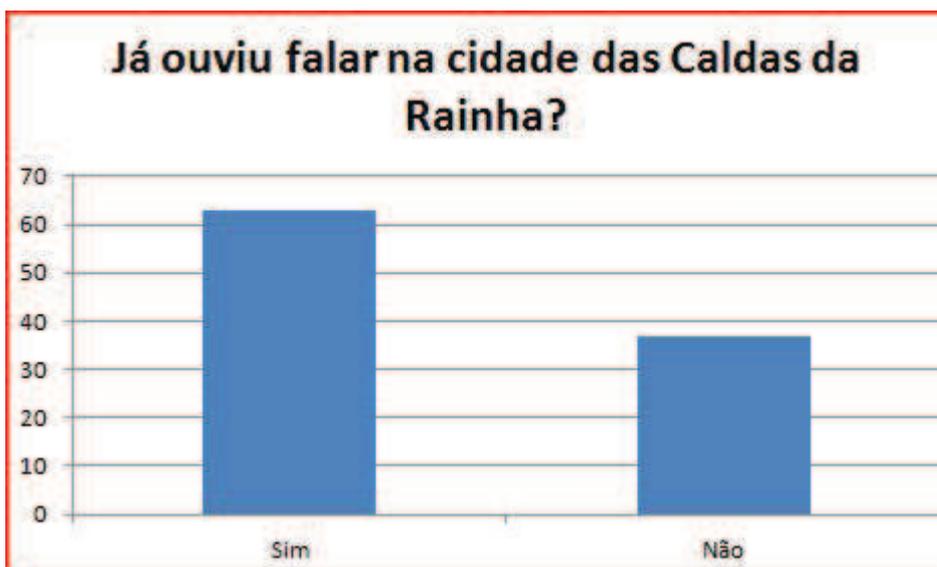
Não sei Urbanidade calma Cidade das Artes bom comércio cultura Interessante louça das caldas artesanato tradição caldas férias Rafael B Pinheiro construçãobela, sem grande stresse praias cerâmica ceramica resposta 10 não sei Bares estagnação cidade com interesse histórico Artística

### Questão nº13.: Já ouviu falar da cidade Caldas da Rainha?

Sim. Clique e passe à p.13.1

Não. Clique e passe à p. 14

#### Quadro com respostas à questão nº13



#### Respostas à questão nº 13:

Sim	63
Não	37

### Questão nº 13.1.: Identifica-a com quê?

produtos frescos , mercado história, cultura, termalismo, arte, pessoas história Parte da História de Portugal (D. Leonor e Afonso VI) com D .Leonor e a construção do Hospital Termal identidade cultural Bordalo Ceramica Cidade Universitaria Passeio um bom e belo espaço e com actos da nossa História e o termalismo Marisco artesanato marTermas, doçaria Família. Faianças das Caldas Louças Rainha Dona Leonor Termas Cerâmica Loiça e termas Artes Loiças artesanato A minha infância artes calma, relax cerâmica Artigos em loiça Praia, Gastronomia fruta. cavacas, falos ceramica ceramica ensino Artístico,Rafael

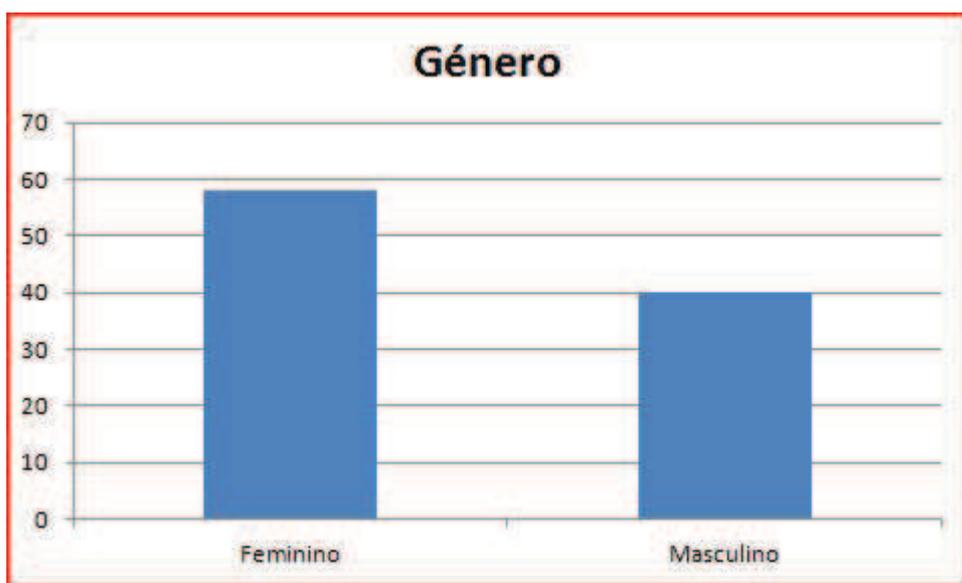
Bordalo Pinheiro, loiça das Caldas Região do Oeste Região Oeste história (Rainha D. Leonor), termalismo, misericórdias, arte (Bordalo Pinheiro) termas Loiça Termas História Bordalo Pinheiro Bonecos das Caldas Termas e Bordalo Pinheiro com os barros típicos e atrevidos Férias

### Questão nº 14: Sexo

Feminino

Masculino

Quadro com respostas à questão nº 14:



### Respostas à questão nº 14:

Feminino	58
Masculino	40

### Questão nº15: Idade

18/24

25/34

35/44

45/54

55/64

65/74

75 e mais

### Quadro com respostas à questão n° 15



#### Respostas à Questão n° 15:

18/24 anos	10
25/34 anos	21
35/44 anos	13
45/54 anos	41
55/64 anos	9
65/74 anos	5

#### Questão n°16 Naturalidade (Concelho)

alenquer Rio de Janeiro Oliveira do hospital Covilhã São João da  
Madeira Lisboa Coimbra Alijó Ourique Viseu Alenquer Faro Sintra Lisboa Silves Setúbal  
Cascais Lisboa Loures Matosinhos Porto Macau Gouveia Sendim - Miranda do  
Douro Gondomar Fundão Campo Grande Torres Novas Almada Sanremo/Itália Caldas  
da Rainha Vila Nova de Gaia Oeiras Montemor-o-Novo Portuguesa Caldas  
da Rainha Lourinha Valongo Santarém Funchal Coimbra Alter do  
Chão Nisa Abrantes Alpiarça Aljezur Cascais Barreiro Espanhola Évora Aveiro.

**Apêndice B**  
**Tabelas com respostas**

1. Pensando na cidade das Caldas da Rainha, identifica-a com que tipo de património?	2. Já visitou a cidade das Caldas da Rainha?	3. Visitou o espaço termal?	3.1. Visitou o espaço termal com que propósito?	4. Foi à cidade para que efeito?	4.1. Em que época do ano?	5. Vai lá com frequência? Se sim, refira qual.	6. Foi às Caldas propositadamente ou porque ficava de caminho para outro local?	6.1. Qual era esse local?	7. Se tirou fotos na cidade pode dizer a quê que as tirou?
Património Cultural, monumental	Sim (se responde sim passe à p. 3)	Sim . Passe à P 3.1	por curiosidade , em visita não guiada	Expressamente para a visitar	Primavera	Não	Propositadamente		Sim
Património natural.	Sim (se responde sim passe à p. 3)	Sim . Passe à P 3.1	por curiosidade , em visita não guiada	Expressamente para a visitar	quando calha	semestralmente	Ficava a caminho de outro local .Clique e Passe à P. 6.1	Nazaré	
Património cultural, monumental e artístico	Sim (se responde sim passe à p. 3)	Não.Clique e passe à P.4		Para passar um período de férias	Verão	Raramente	Propositadamente. Clique e passe à P. 7		Monumentos
Património cultural, monumental e artístico	Sim (se responde sim passe à p. 3)	Sim . Passe à P 3.1	por curiosidade , em visita não guiada	Expressamente para a visitar	primavera		Propositadamente. Clique e passe à P. 7		
Património cultural, monumental e artístico	Sim (se responde sim passe à p. 3)	Não.Clique e passe à P.4	Não visitei	Expressamente para a visitar	Primavera		Propositadamente. Clique e passe à P. 7	Museu Bordalo Pinheiro	Monumentos
Não sabe	Não (Se respondeu não, Clique e passe à p.13 e responda às	Não.Clique e passe à P.4					.		
Património cultural, monumental e artístico	Sim (se responde sim passe à p. 3)	Sim . Passe à P 3.1	por curiosidade , em visita não guiada	Expressamente para a visitar	Primavera	Anualmente	Propositadamente. Clique e passe à P. 7		Monumentos
Património cultural, monumental e artístico	Sim (se responde sim passe à p. 3)	Sim . Passe à P 3.1	por curiosidade , em visita não guiada	Para passar um período de férias		Mensalmente	Propositadamente. Clique e passe à P. 7		Não me lembro
Património cultural, monumental e artístico	Sim (se responde sim passe à p. 3)	Sim . Passe à P 3.1	por curiosidade , em visita não guiada	Em trabalho	Durante um ano	Muito raramente	Propositadamente. Clique e passe à P. 7		Não me lembro
Património cultural, monumental e artístico	Sim (se responde sim passe à p. 3)	Não.Clique e passe à P.4		Expressamente para a visitar	diversas	sobretudo no verão	Ficava a caminho de outro local .Clique e Passe à P. 6.1	Sao Pedro de Moel	#N/A:nArgs:AVE RAGE
Património cultural, monumental e artístico	Sim (se responde sim passe à p. 3)	Sim . Passe à P 3.1	por curiosidade , em visita não guiada	Expressamente para a visitar	primavera		Propositadamente. Clique e passe à P. 7		parque
Património cultural, monumental e artístico	Sim (se responde sim passe à p. 3)	Não.Clique e passe à P.4	não visitei	Expressamente para a visitar	primavera	nunca. fui só essa vez	Propositadamente. Clique e passe à P. 7		Não me lembro
Património cultural, monumental e artístico	Sim (se responde sim passe à p. 3)	Não.Clique e passe à P.4		Expressamente para a visitar	junho		Propositadamente. Clique e passe à P. 7		Monumentos
Património cultural, monumental e artístico	Sim (se responde sim passe à p. 3)	Não.Clique e passe à P.4	por curiosidade , em visita não guiada	Expressamente para a visitar	Verão	Anualmente	Propositadamente. Clique e passe à P. 7		Ruas

1. Pensando na cidade das Caldas da Rainha, identifica-a com que tipo de património?	2. Já visitou a cidade das Caldas da Rainha?	3. Visitou o espaço termal?	3.1. Visitou o espaço termal com que propósito?	4. Foi à cidade para que efeito?	4.1. Em que época do ano?	5. Vai lá com frequência? Se sim, refira qual.	6. Foi às Caldas propositadamente ou porque ficava de caminho para outro local?	6.1. Qual era esse local?	7. Se tirou fotos na cidade pode dizer a que que as tirou?
Património cultural, monumental e artístico	Sim (se responde sim passe à p. 3)	Não. Clique e passe à P.4		Em trabalho	Outubro		Propositadamente. Clique e passe à P. 7		
Património cultural, monumental e artístico	Sim (se responde sim passe à p. 3)	Não. Clique e passe à P.4	Não visitei	Para passar um período de férias	Agosto	Raramente	Propositadamente. Clique e passe à P. 7		Não tirei
Património cultural, monumental e artístico	Sim (se responde sim passe à p. 3)	Não. Clique e passe à P.4	não visitei	Expressamente para a visitar	Verão e Primavera	1 vez por ano	Propositadamente. Clique e passe à P. 7	Jardim e família	Natureza
Todos os anteriores	Sim (se responde sim passe à p. 3)	Sim . Passe à P 3.1	por curiosidade , em visita não guiada		Várias vezes por ano	Quinzenalmente	A minha família é de lá		Todos os referidos
Património cultural, monumental e artístico	Sim (se responde sim passe à p. 3)	Não. Clique e passe à P.4		Em trabalho			Propositadamente. Clique e passe à P. 7		
Património cultural, monumental e artístico	Sim (se responde sim passe à p. 3)	Não. Clique e passe à P.4	não visitei	Para passar um período de férias	sempre que possa. sobretudo no Verão	Mensalmente	Propositadamente. Clique e passe à P. 7		Ruas
Património cultural, monumental e artístico	Sim (se responde sim passe à p. 3)	Sim . Passe à P 3.1	por curiosidade , em visita não guiada	Para passar um período de férias	Verão		Propositadamente. Clique e passe à P. 7		Monumentos
Património cultural, monumental e artístico	Sim (se responde sim passe à p. 3)	Não. Clique e passe à P.4	não	Para passar um período de férias	Verão	Só fui numas férias	Férias		Natureza
Património cultural, monumental e artístico	Sim (se responde sim passe à p. 3)	Não. Clique e passe à P.4		Para passar um período de férias	Verão	Só fui numas férias	Férias		Natureza
Património natural.	Sim (se responde sim passe à p. 3)	Sim . Passe à P 3.1	por curiosidade , em visita não guiada	Expressamente para a visitar	todo o ano	Mensalmente	Ficava a caminho de outro local .Clique e Passe à P. 6.1	Nazaré	Monumentos
Pesca e loja fálca	Sim (se responde sim passe à p. 3)	Não. Clique e passe à P.4	Não visitei	Expressamente para a visitar	Verão		Propositadamente. Clique e passe à P. 7		Não me lembro
Património cultural, monumental e artístico	Não (Se respondeu não, Clique e passe à p.13 e responda às	Não. Clique e passe à P.4					Tentei ir, mas as ruas estavam todas encerradas		
Todos os anteriores	Sim (se responde sim passe à p. 3)	Não. Clique e passe à P.4	Não	Expressamente para a visitar	outubro	Não voltei	Ficava a caminho de outro local .Clique e Passe à P. 6.1	Obidos	Ruas
Património natural.	Sim (se responde sim passe à p. 3)	Não. Clique e passe à P.4	por curiosidade , em visita não guiada	Em trabalho	Inverno	Semanalmente	Propositadamente. Clique e passe à P. 7		Natureza

1. Pensando na cidade das Caldas da Rainha, identifica-a com que tipo de património?	2. Já visitou a cidade das Caldas da Rainha?	3. Visitou o espaço termal?	3.1. Visitou o espaço termal com que propósito?	4. Foi à cidade para que efeito?	4.1. Em que época do ano?	5. Vai lá com frequência? Se sim, refira qual.	6. Foi às Caldas propositadamente ou porque ficava de caminho para outro local?	6.1. Qual era esse local?	7. Se tirou fotos na cidade pode dizer a que que as tirou?
Património cultural, monumental e artístico	Sim (se responde sim passe à p. 3)	Sim . Passe à P 3.1	por curiosidade , em visita não guiada	Expressamente para a visitar		ocasionalmente	Ficava a caminho de outro local .Clique e Passe à P. 6.1	Figueira da Foz	Não me lembro
Património cultural, monumental e artístico	Sim (se responde sim passe à p. 3)	Sim . Passe à P 3.1	por curiosidade , em visita não guiada	Para passar um período de férias	Ao longo do ano	Mensalmente	Propositadamente. Clique e passe à P. 7		Monumentos
Património natural.	Sim (se responde sim passe à p. 3)	Sim . Passe à P 3.1	por curiosidade , em visita não guiada	Para passar um período de férias	verão		Propositadamente. Clique e passe à P. 7		Natureza
Património natural.	Sim (se responde sim passe à p. 3)	Não.Clique e passe à P.4		Em trabalho			Propositadamente. Clique e passe à P. 7		
Património cultural, monumental e artístico	Sim (se responde sim passe à p. 3)	Não.Clique e passe à P.4	nao	Expressamente para a visitar	Primavera	duas tres vezes ao todo	Propositadamente. Clique e passe à P. 7		Com amigos
Património cultural, monumental e artístico	Sim (se responde sim passe à p. 3)	Não.Clique e passe à P.4	por curiosidade , em visita não guiada	Para passar um período de férias	Verão	Uma vez	Ficava a caminho de outro local .Clique e Passe à P. 6.1	Alcobaça	Monumentos
Património cultural, monumental e artístico	Não (Se respondeu não, Clique e passe à p.13 e responda às	Não.Clique e passe à P.4					Ficava a caminho de outro local .Clique e Passe à P. 6.1		
Rafael Bordalo Pinheiro	Sim (se responde sim passe à p. 3)	Não.Clique e passe à P.4	Não visitei, ainda	Em trabalho		não	Propositadamente. Clique e passe à P. 7		não
Património natural.	Sim (se responde sim passe à p. 3)	Sim . Passe à P 3.1	em investigação	Em trabalho	Outono	ocasionalmente	Propositadamente. Clique e passe à P. 7		não tirei
Património cultural, monumental e artístico	Sim (se responde sim passe à p. 3)	Sim . Passe à P 3.1	por curiosidade , em visita não guiada	Expressamente para a visitar	Férias de Verão	Anualmente	Propositadamente. Clique e passe à P. 7		Parque e estatuária
Património cultural, monumental e artístico	Sim (se responde sim passe à p. 3)	Não.Clique e passe à P.4		Expressamente para a visitar	inverno		Propositadamente. Clique e passe à P. 7		Não me lembro
Todos os anteriores	Sim (se responde sim passe à p. 3)	Não.Clique e passe à P.4	não visitei	Em trabalho	junho	até 2007 todos os anos	trabalho e visita	cidade e arredores	
Todos os anteriores	Sim (se responde sim passe à p. 3)	Não.Clique e passe à P.4			Primavera		Ficava a caminho de outro local .Clique e Passe à P. 6.1		
Património natural.	Sim (se responde sim passe à p. 3)	Não.Clique e passe à P.4		Para passar um período de férias	Inverno	raramente	Propositadamente. Clique e passe à P. 7		Diversão

1. Pensando na cidade das Caldas da Rainha, identifica-a com que tipo de património?	2. Já visitou a cidade das Caldas da Rainha?	3. Visitou o espaço termal?	3.1. Visitou o espaço termal com que propósito?	4. Foi à cidade para que efeito?	4.1. Em que época do ano?	5. Vai lá com frequência? Se sim, refira qual.	6. Foi às Caldas propositadamente ou porque ficava de caminho para outro local?	6.1. Qual era esse local?	7. Se tirou fotos na cidade pode dizer a que que as tirou?
Património cultural, monumental e artístico	Sim (se responde sim passe à p. 3)	Não. Clique e passe à P.4					Propositadamente. Clique e passe à P. 7	Ccc	Não me lembro
Património cultural, monumental e artístico	Sim (se responde sim passe à p. 3)	Sim . Passe à P 3.1	A minha mãe fazia tratamentos lá			Mensalmente	vivi lá		
Património cultural, monumental e artístico	Sim (se responde sim passe à p. 3)	Sim . Passe à P 3.1	por curiosidade , em visita não guiada	Expressamente para a visitar	Primavera		Propositadamente. Clique e passe à P. 7		
Todos os anteriores	Sim (se responde sim passe à p. 3)	Sim . Passe à P 3.1	por curiosidade , em visita não guiada	Expressamente para a visitar	Primavera		Propositadamente. Clique e passe à P. 7		Não me lembro
Todos os anteriores	Sim (se responde sim passe à p. 3)	Sim . Passe à P 3.1	por curiosidade , em visita não guiada	Expressamente para a visitar	Primavera	pontualmente	Propositadamente. Clique e passe à P. 7		Natureza
Património cultural, monumental e artístico	Sim (se responde sim passe à p. 3)	Não. Clique e passe à P.4	por curiosidade , em visita não guiada			Quinzenalmente	Propositadamente. Clique e passe à P. 7		Todas as anteriores
Património cultural, monumental e artístico	Sim (se responde sim passe à p. 3)	Sim . Passe à P 3.1	por curiosidade , em visita não guiada	Em trabalho	todas. vivi lá.	Semanalmente	Propositadamente. Clique e passe à P. 7		Não me lembro
Não sabe	Não (Se respondeu não, Clique e passe à p.13 e responda às	Não. Clique e passe à P.4					Ficava a caminho de outro local .Clique e Passe à P. 6.1		
Património cultural, monumental e artístico	Não (Se respondeu não, Clique e passe à p.13 e responda às	Não. Clique e passe à P.4	Não visitei				Não fui!		
Património natural.	Sim (se responde sim passe à p. 3)	Não. Clique e passe à P.4		Expressamente para a visitar	Primavera	Poucas vezes	Propositadamente. Clique e passe à P. 7	Centro cidade	Natureza
Património cultural, monumental e artístico	Sim (se responde sim passe à p. 3)	Sim . Passe à P 3.1	por curiosidade , em visita não guiada	Em trabalho	Todos os meses	Mensalmente	Ficava a caminho de outro local .Clique e Passe à P. 6.1	Marinha Grande/ Leiria	Ruas
Não sabe	Sim (se responde sim passe à p. 3)	Não. Clique e passe à P.4	por curiosidade , em visita não guiada	Expressamente para a visitar			Propositadamente. Clique e passe à P. 7		
Todos os anteriores	Sim (se responde sim passe à p. 3)	Sim . Passe à P 3.1	por curiosidade , em visita não guiada	Expressamente para a visitar	Todo o ano	Semanalmente	Propositadamente. Clique e passe à P. 7		Ruas
Património cultural, monumental e artístico	Sim (se responde sim passe à p. 3)	Não. Clique e passe à P.4		Expressamente para a visitar	Inverno	anualmente	Ficava a caminho de outro local .Clique e Passe à P. 6.1	Nazaré	Monumentos

1. Pensando na cidade das Caldas da Rainha, identifica-a com que tipo de património?	2. Já visitou a cidade das Caldas da Rainha?	3. Visitou o espaço termal?	3.1. Visitou o espaço termal com que propósito?	4. Foi à cidade para que efeito?	4.1. Em que época do ano?	5. Vai lá com frequência? Se sim, refira qual.	6. Foi às Caldas propositadamente ou porque ficava de caminho para outro local?	6.1. Qual era esse local?	7. Se tirou fotos na cidade pode dizer a quê que as tirou?
Todos os anteriores	Sim (se responde sim passe à p. 3)	Sim . Passe à P 3.1	por curiosidade , em visita não guiada	Expressamente para a visitar	Inverno		Ficava a caminho de outro local .Clique e Passe à P. 6.1	Figueira da Foz	Monumentos
Todos os anteriores	Sim (se responde sim passe à p. 3)	Sim . Passe à P 3.1	por curiosidade , em visita não guiada	Expressamente para a visitar	Inverno		Ficava a caminho de outro local .Clique e Passe à P. 6.1	Figueira da Foz	Monumentos
Património cultural, monumental e artístico	Sim (se responde sim passe à p. 3)	Sim . Passe à P 3.1	por curiosidade , em visita não guiada	Expressamente para a visitar	Todas	Quinzenalmente	Propositadamente. Clique e passe à P. 7		Todas as anteriores
Todos os anteriores	Sim (se responde sim passe à p. 3)	Sim . Passe à P 3.1	fui fazer tratamento por recomendação médica	Expressamente para a visitar	Todas	Semanalmente	Ficava a caminho de outro local .Clique e Passe à P. 6.1		Todas as anteriores
Não sabe	Sim (se responde sim passe à p. 3)	Não.Clique e passe à P.4	nunca lá fui	Expressamente para a visitar	Verão		Ficava a caminho de outro local .Clique e Passe à P. 6.1	Foz do Arelho	Natureza
Todos os anteriores	Sim (se responde sim passe à p. 3)	Sim . Passe à P 3.1	fui fazer tratamento por recomendação médica	Para passar um período de férias	natal e verão	Semanalmente	Propositadamente. Clique e passe à P. 7		Todas as anteriores
Cidade termal	Sim (se responde sim passe à p. 3)	Sim . Passe à P 3.1	por curiosidade , em visita não guiada	Expressamente para a visitar	Outono	Ocasionalmente	Proximidade	Óbidos	
Património cultural, monumental e artístico	Sim (se responde sim passe à p. 3)	Sim . Passe à P 3.1	por curiosidade , em visita não guiada	Expressamente para a visitar	outono		Ficava a caminho de outro local .Clique e Passe à P. 6.1	Nazaré	Todas as anteriores
Património cultural, monumental e artístico	Sim (se responde sim passe à p. 3)	Não.Clique e passe à P.4	Não visitei	Expressamente para a visitar	Verão	Raramente	Ficava a caminho de outro local .Clique e Passe à P. 6.1	Alcobaça	Não me lembro
Todos os anteriores	Não (Se respondeu não, Clique e passe à p.13 e responda às	Não.Clique e passe à P.4	Não visitei				Não		
Património cultural, monumental e artístico	Sim (se responde sim passe à p. 3)	Sim . Passe à P 3.1	por curiosidade , em visita não guiada	Para passar um período de férias	Verão	Anualmente	familia		Todas as anteriores
artesanato e termas	Sim (se responde sim passe à p. 3)	Sim . Passe à P 3.1	por curiosidade , em visita não guiada	Para passar um período de férias			Propositadamente. Clique e passe à P. 7		
Património cultural, monumental e artístico	Sim (se responde sim passe à p. 3)	Não.Clique e passe à P.4		Expressamente para a visitar	Agosto		Ficava a caminho de outro local .Clique e Passe à P. 6.1	Óbidos	
termas	Sim (se responde sim passe à p. 3)	Sim . Passe à P 3.1	por curiosidade , em visita não guiada	Para passar um período de férias	verão	esporadicamente	Ficava a caminho de outro local .Clique e Passe à P. 6.1	S. Martinho do Porto	

1. Pensando na cidade das Caldas da Rainha, identifica-a com que tipo de património?	2. Já visitou a cidade das Caldas da Rainha?	3. Visitou o espaço termal?	3.1. Visitou o espaço termal com que propósito?	4. Foi à cidade para que efeito?	4.1. Em que época do ano?	5. Vai lá com frequência? Se sim, refira qual.	6. Foi às Caldas propositadamente ou porque ficava de caminho para outro local?	6.1. Qual era esse local?	7. Se tirou fotos na cidade pode dizer a quê que as tirou?
Património cultural, monumental e artístico	Sim (se responde sim passe à p. 3)	Não. Clique e passe à P.4	nao visitei	Para passar um período de férias	verão	esporadicamente	Propositadamente. Clique e passe à P. 7		Todas as anteriores
Património cultural, monumental e artístico	Sim (se responde sim passe à p. 3)	Sim . Passe à P 3.1	por curiosidade , em visita não guiada	Expressamente para a visitar	verão		Ficava a caminho de outro local .Clique e Passe à P. 6.1	Foz do Arelho	Não me lembro
Património cultural, monumental e artístico	Não (Se respondeu não, Clique e passe à p.13 e responda às	Não. Clique e passe à P.4					ainda não fui		
Todos os anteriores	Sim (se responde sim passe à p. 3)	Sim . Passe à P 3.1	fui fazer tratamento por recomendação médica	Expressamente para a visitar	muitas vezes, em diversas epocas	Varias vezes no ano	Propositadamente. Clique e passe à P. 7		Todas as anteriores
Património cultural, monumental e artístico	Sim (se responde sim passe à p. 3)	Não. Clique e passe à P.4	não visitei	Expressamente para a visitar	abril/maio		Propositadamente. Clique e passe à P. 7		Monumentos
Património cultural, monumental e artístico	Sim (se responde sim passe à p. 3)	Não. Clique e passe à P.4		Expressamente para a visitar	Verão	De longe a longe	Propositadamente. Clique e passe à P. 7		Monumentos
Património cultural, monumental e artístico	Sim (se responde sim passe à p. 3)	Não. Clique e passe à P.4	férias	Para passar um período de férias	Verão	3 em 3 meses ( +/- )	Ficava a caminho de outro local .Clique e Passe à P. 6.1	Foz do Arelho	Todas as anteriores
Património cultural, monumental e artístico	Sim (se responde sim passe à p. 3)	Não. Clique e passe à P.4	Não visitei	Para passar um período de férias	Passagem de ano		Ficava a caminho de outro local .Clique e Passe à P. 6.1	Foz do arelho	Não me lembro
Património natural.	Sim (se responde sim passe à p. 3)	Não. Clique e passe à P.4	Não visitei	Expressamente para a visitar	Verão	só fui uma vez	Ficava a caminho de outro local .Clique e Passe à P. 6.1	Lisboa	Não me lembro
Todos os anteriores	Sim (se responde sim passe à p. 3)	Não. Clique e passe à P.4	Não visitei	Expressamente para a visitar	Primavera	Raramente	Propositadamente. Clique e passe à P. 7		
Património cultural, monumental e artístico	Sim (se responde sim passe à p. 3)	Não. Clique e passe à P.4	Nao fui, mas o questionário nao me deixa avançar	Expressamente para a visitar			Propositadamente. Clique e passe à P. 7		Todas as anteriores
Património cultural, monumental e artístico	Sim (se responde sim passe à p. 3)	Não. Clique e passe à P.4		Expressamente para a visitar	Maiο		Propositadamente. Clique e passe à P. 7		Ruas
Património cultural, monumental e artístico	Sim (se responde sim passe à p. 3)	Não. Clique e passe à P.4	por curiosidade , em visita não guiada	Expressamente para a visitar	Primavera	anualmente	Propositadamente. Clique e passe à P. 7		
Património cultural, monumental e artístico	Sim (se responde sim passe à p. 3)	Não. Clique e passe à P.4	por curiosidade , em visita não guiada	Expressamente para a visitar	Verão		Propositadamente. Clique e passe à P. 7		Todas as anteriores

1. Pensando na cidade das Caldas da Rainha, identifica-a com que tipo de património?	2. Já visitou a cidade das Caldas da Rainha?	3. Visitou o espaço termal?	3.1. Visitou o espaço termal com que propósito?	4. Foi à cidade para que efeito?	4.1. Em que época do ano?	5. Vai lá com frequência? Se sim, refira qual.	6. Foi às Caldas propositadamente ou porque ficava de caminho para outro local?	6.1. Qual era esse local?	7. Se tirou fotos na cidade pode dizer a quê que as tirou?
Património cultural, monumental e artístico	Sim (se responde sim passe à p. 3)	Não. Clique e passe à P.4		Expressamente para a visitar	Verão	Esporadicamente	Ficava a caminho de outro local .Clique e Passe à P. 6.1	Foz do Arelho	Não me lembro
Património cultural, monumental e artístico	Não (Se respondeu não, Clique e passe à p.13 e responda às	Não. Clique e passe à P.4					nunca la fui más para poder enviar o questionário tengo de preencher este campo		
Todos os anteriores	Sim (se responde sim passe à p. 3)	Sim . Passe à P 3.1	por curiosidade , em visita não guiada	Expressamente para a visitar	Outono	Raramente	Propositadamente. Clique e passe à P. 7		Não me lembro
Património cultural, monumental e artístico	Sim (se responde sim passe à p. 3)	Não. Clique e passe à P.4	não visitei	Expressamente para a visitar	verão	esporadicamente	Propositadamente. Clique e passe à P. 7		Não me lembro
Património cultural, monumental e artístico	Sim (se responde sim passe à p. 3)	Não. Clique e passe à P.4		Expressamente para a visitar	Verão	raramente	Propositadamente. Clique e passe à P. 7		Todas as anteriores
Património cultural, monumental e artístico	Sim (se responde sim passe à p. 3)	Não. Clique e passe à P.4	por curiosidade , em visita não guiada	Expressamente para a visitar	Verão		Ficava a caminho de outro local .Clique e Passe à P. 6.1		
Todos os anteriores	Sim (se responde sim passe à p. 3)	Não. Clique e passe à P.4	não visitei	Expressamente para a visitar	verão	não	Propositadamente. Clique e passe à P. 7		
Património cultural, monumental e artístico	Sim (se responde sim passe à p. 3)	Não. Clique e passe à P.4	por curiosidade , em visita não guiada	Expressamente para a visitar	Outubro	raramente	Propositadamente. Clique e passe à P. 7		Monumentos
Todos os anteriores	Sim ( se respondeu sim clique e passe à P. 3)	Sim . Passe à P 3.1	Por curiosidade , em visita não guiada.	Expressamente para a visitar		pontualmente , quando calha	de passagem	Nazaré	Todas as anteriores
Cultural , monumental e artístico	Sim ( se respondeu sim clique e passe à P. 3)	Não. (clique e passe à P. 4)	Por curiosidade , em visita não guiada.	Em trabalho	verão	raramente	de férias,a caminho de outro local	São Martinho do Porto	Ruas
Todos os anteriores	Sim ( se respondeu sim clique e passe à P. 3)	Sim . Passe à P 3.1	Em visita guiada	Em trabalho	Outono	de vez em quando	Propositadamente		Não me lembro
Natural	Não( Se respondeu Não, clique e passe à P.13 e responda às	Não. (clique e passe à P. 4)	não visitei	Option 3			não fui		
Não sabe	Não( Se respondeu Não, clique e passe à P.13 e responda às	Não. (clique e passe à P. 4)	Nunca Fui				Ja passei de caminho		
Cultural , monumental e artístico	Sim ( se respondeu sim clique e passe à P. 3)	Não. (clique e passe à P. 4)	Não visitei	Expressamente para a visitar	Várias	raramente	Propositadamente	Pastelaria Machado	Não me lembro

1. Pensando na cidade das Caldas da Rainha, identifica-a com que tipo de património?	2. Já visitou a cidade das Caldas da Rainha?	3. Visitou o espaço termal?	3.1. Visitou o espaço termal com que propósito?	4. Foi à cidade para que efeito?	4.1. Em que época do ano?	5. Vai lá com frequência? Se sim, refira qual.	6. Foi às Caldas propositadamente ou porque ficava de caminho para outro local?	6.1. Qual era esse local?	7. Se tirou fotos na cidade pode dizer a quê que as tirou?
Cultural , monumental e artístico	Não( Se respondeu Não, clique e passe à P.13 e responda às	Não. (clique e passe à P. 4)	nunca fui lá				nunca fui lá		
Natural	Sim ( se respondeu sim clique e passe à P. 3)	Não. (clique e passe à P. 4)	não visitei	Option 3	Verão		Propositadamente	óbidos	Todas as anteriores

8. Conhece bem a cidade?	9. Que locais recomenda, para passear, descansar, e conhecer culturalmente a cidade das Caldas da Rainha.	10. Pode referir uma palavra que defina a cidade das Caldas da Rainha com atualidade?	11. Do que comeu e bebeu consegue lembrar-se de alguns nomes de iguarias que reconheça como sendo características da Caldas da Rainha?	11.1. Quais foram as iguarias que mais lhe agradaram?	12. Considera a palavra termalismo essencial para definir a cidade atualmente?	12.1. Qual será a palavra que melhor a define? Se já respondeu a esta P. previamente, passe à P. 14.	13. Já ouviu falar da cidade Caldas da Rainha?	13.1. Identifica-a com quê?	14. Sexo	15. Idade	16. Naturalidade (Concelho)	17. Profissão
Parque, Museus	Descaracterizada	cavacas	Não	Sim	Outrora bela	Feminino	45/54	Lisboa				
Sim	Jardim dona leonor, mercado, ruas pedonais	saudável	Sim . Clique e passe à P 11.1	cavacas	Não. Clique e passe à P.12.1	atlântica	Sim. Clique e passe à p.13.1	água e árvores	Feminino	45/54	Alenquer	
Não. Clique e passe à P. 10		Frondosa	Não. Clique e passe à P.12		Sim. Clique e passe à P. 14				Feminino	18/24	Barreiro	Desempregada
	Museu José Malhoa, Parque/Jardim, Termas		Não. Clique e passe à P.12		Não. Clique e passe à P.12.1	tradição	Sim. Clique e passe à p.13.1	identidade cultural	Feminino	45/54	Lisboa	gestão de fundos comunitários
Não. Clique e passe à P. 10		Artística	Não. Clique e passe à P.12		Não. Clique e passe à P.12.1	Artística	Sim. Clique e passe à p.13.1	Cerâmica	Feminino	45/54	Lisboa	Promotora Cultural
							Sim. Clique e passe à p.13.1		Feminino	18/24	Lisboa	Estudante
Sim	Muitos	Sardinhas	Sim . Clique e passe à P 11.1	Sardinhas	Sim. Clique e passe à P. 14		Sim. Clique e passe à p.13.1		Feminino	45/54	Lisboa	Gestora Hoteleira
Sim	a cidade em si	História	Não. Clique e passe à P.12		Sim. Clique e passe à P. 14	Urbanidade	Sim. Clique e passe à p.13.1	História	Masculino	45/54	Lisboa	jornalista
Sim	Feira, Jardins, Termas, Museus, Óbidos, Praias	Termas	Sim . Clique e passe à P 11.1	Cavacas	Sim. Clique e passe à P. 14				Masculino	45/54	Lisboa	Independente
Sim	Foz do Arelho	Cerâmica	Sim . Clique e passe à P 11.1	Cavacas	Não. Clique e passe à P.12.1	cerâmica	Sim. Clique e passe à p.13.1	Ceramica	Masculino	45/54	Lisboa	gestor
Não. Clique e passe à P. 10	museus	não	Não. Clique e passe à P.12		Não. Clique e passe à P.12.1	cerâmica	Sim. Clique e passe à p.13.1	cerâmica	Feminino	45/54	lisboa	economista
Não. Clique e passe à P. 10		característico	Não. Clique e passe à P.12		Sim. Clique e passe à P. 14				Feminino	18/24	Lisboa	Estudante
Não. Clique e passe à P. 10		acolhedora	Não. Clique e passe à P.12		Sim. Clique e passe à P. 14		Sim. Clique e passe à p.13.1	Termas	Masculino	35/44	Alijó	Tec. Museografia
Não. Clique e passe à P. 10		Mercado	Não. Clique e passe à P.12		Sim. Clique e passe à P. 14				Masculino	45/54	Santarém	Actor

8. Conhece bem a cidade?	9. Que locais recomenda, para passear, descansar, e conhecer culturalmente a cidade das Caldas da Rainha.	10. Pode referir uma palavra que defina a cidade das Caldas da Rainha com atualidade?	11. Do que comeu e bebeu consegue lembrar-se de alguns nomes de iguarias que reconheça como sendo características da Caldas da Rainha?	11.1. Quais foram as iguarias que mais lhe agradaram?	12. Considera a palavra termalismo essencial para definir a cidade atualmente?	12.1 Qual será a palavra que melhor a define? Se já respondeu a esta P. previamente, passe à P. 14.	13. Já ouviu falar da cidade Caldas da Rainha?	13.1. Identifica-a com quê?	14. Sexo	15. Idade	16. Naturalidade (Concelho)	17. Profissão
Não. Clique e passe à P. 10			Não. Clique e passe à P. 12		Não. Clique e passe à P. 12.1		Sim. Clique e passe à p. 13.1		Feminino	18/24	Macau	Actriz
Não. Clique e passe à P. 10		Escolas	Não. Clique e passe à P. 12		Não. Clique e passe à P. 12.1	Bares	Sim. Clique e passe à p. 13.1	Artes	Feminino	25/34	Oeiras	Estudante
Não. Clique e passe à P. 10		Mercado de rua	Sim. Clique e passe à P. 11.1	Cavacas e beijinhos	Não. Clique e passe à P. 12.1	construção	Sim. Clique e passe à p. 13.1	Cerâmica	Feminino	45/54	Gouveia	Antropóloga
Sim	Parque, Fábrica Bordalo Pinheiro, Praça da fruta, Igreja Nossa Senhora do Pópulo, Café/Restaurante Maratona,	Artística	Sim. Clique e passe à P. 11.1	Trouxas e beijinhos (cavacas)	Sim. Clique e passe à P. 14		Sim. Clique e passe à p. 13.1	história, cultura, termalismo, arte, pessoas	Feminino	25/34	Lisboa	Cake Designer
Não. Clique e passe à P. 10			Não. Clique e passe à P. 12		Não. Clique e passe à P. 12.1		Sim. Clique e passe à p. 13.1		Masculino	45/54	Lisboa	empresário
Sim	para as refeições o Maratona e Pasteleira Machado. Passear pelo Parque. Visitar a fábrica da Bordalo		Sim. Clique e passe à P. 11.1	bolo russo, florestas	Sim. Clique e passe à P. 14				Feminino	18/24	Lisboa	Estudante
Não. Clique e passe à P. 10		Cativante	Não. Clique e passe à P. 12		Sim. Clique e passe à P. 14				Masculino	45/54	Barreiro	Consultor de comunicação
Não. Clique e passe à P. 10		Cultura	Não. Clique e passe à P. 12		Sim. Clique e passe à P. 14				Feminino	45/54	Barreiro	Educadora Infantil
Não. Clique e passe à P. 10	não me lembro	Cultura	Não. Clique e passe à P. 12		Sim. Clique e passe à P. 14		Sim. Clique e passe à p. 13.1		Feminino	45/54	Barreiro	Educadora Infantil
Sim	jardim, termas, ruas pedonais, mercado	frescura	Sim. Clique e passe à P. 11.1	doces	Não. Clique e passe à P. 12.1	praias	Sim. Clique e passe à p. 13.1	mar	Masculino	45/54	alenquer	professor
Não. Clique e passe à P. 10		Gestão	Não. Clique e passe à P. 12		Sim. Clique e passe à P. 14		Sim. Clique e passe à p. 13.1		Masculino	45/54	Évora	Músico
							Sim. Clique e passe à p. 13.1	Cerâmica	Feminino	25/34	Sintra	Rececionista
Não. Clique e passe à P. 10			Não. Clique e passe à P. 12		Sim. Clique e passe à P. 14			calma, relax	Feminino	45/54	Espanhola	bibliotecaria
Sim	Bowling	Cidade tranquila	Não. Clique e passe à P. 12		Sim. Clique e passe à P. 14				Masculino	25/34	Campo Grande	Professor

8. Conhece bem a cidade?	9. Que locais recomenda, para passear, descansar, e conhecer culturalmente a cidade das Caldas da Rainha.	10. Pode referir uma palavra que defina a cidade das Caldas da Rainha com atualidade?	11. Do que comeu e bebeu consegue lembrar-se de alguns nomes de iguarias que reconheça como sendo características da Caldas da Rainha?	11.1. Quais foram as iguarias que mais lhe agradaram?	12. Considera a palavra termalismo essencial para definir a cidade atualmente?	12.1 Qual será a palavra que melhor a define? Se já respondeu a esta P. previamente, passe à P. 14.	13. Já ouviu falar da cidade Caldas da Rainha?	13.1. Identifica-a com quê?	14. Sexo	15. Idade	16. Naturalidade (Concelho)	17. Profissão
Não. Clique e passe à P. 10		com interesse	Não. Clique e passe à P. 12		Não. Clique e passe à P. 12.1	cidade com interesse histórico	Sim. Clique e passe à p. 13.1	com D .Leonor e a construção do Hospital Termal	Feminino	65/74	Coimbra	Professora
Sim	Museu Bordalo Pinheiro, Parque D.Carlos I, Museu José Malhoa, zona antiga da cidade (edifícios históricos),		Sim . Clique e passe à P 11.1	doces de ovos e cavacas (pastelaria	Não. Clique e passe à P. 12.1		Sim. Clique e passe à p. 13.1		Masculino	18/24	Loures	estudante
Sim	praias e campo	cidade sem vida	Sim . Clique e passe à P 11.1	troucas de ovos	Não. Clique e passe à P. 12.1	estagnação	Sim. Clique e passe à p. 13.1		Feminino	45/54		
Não. Clique e passe à P. 10			Não. Clique e passe à P. 12		Não. Clique e passe à P. 12.1		Sim. Clique e passe à p. 13.1		Masculino	25/34	Lisboa	
Não. Clique e passe à P. 10		Rainha D Leonor	Sim . Clique e passe à P 11.1	Cavacas	Sim. Clique e passe à P. 14	Rafael B Pinheiro	Sim. Clique e passe à p. 13.1	Ceramica	Masculino	55/64	Aljezur	Empresário
Não. Clique e passe à P. 10			Não. Clique e passe à P. 12		Não. Clique e passe à P. 12.1		Sim. Clique e passe à p. 13.1	Loiça	Masculino	55/64	Portuguesa	Reformado
							Sim. Clique e passe à p. 13.1	Praia, Gastronomia	Masculino	35/44	Lisboa	Assistente Técnico
Não. Clique e passe à P. 10		não conheço, suficientemente	Não. Clique e passe à P. 12		Sim. Clique e passe à P. 14				Masculino	45/54	Montemor-o-Novo	Agrónomo
parcialmente	o jardim	calma	Sim . Clique e passe à P 11.1	bolos regionais	Sim. Clique e passe à P. 14	calma			Masculino	45/54	Ourique	Investigador
Sim	Museu, praças, igrejas, parque da cidade, pastelarias	cidade de PROVINCIA bem perto de Lisboa	Sim . Clique e passe à P 11.1	Pastelaria regional: pastéis de feijão?	Sim. Clique e passe à P. 14		Sim. Clique e passe à p. 13.1	história (Rainha D. Leonor), termalismo,	Feminino	45/54	Viseu	Psicóloga
Não. Clique e passe à P. 10			Não. Clique e passe à P. 12		Não. Clique e passe à P. 12.1	ceramica	Sim. Clique e passe à p. 13.1	ceramica	Feminino	45/54	lisboa	gestora
	jardim, centro da cidade	um belo espaço com memórias e presente	Não. Clique e passe à P. 12	de tudo	Não. Clique e passe à P. 12.1	bela, sem grande stresse	Sim. Clique e passe à p. 13.1	um bom e belo espaço e com actos da nossa	Masculino	55/64	Funchal	militar/emérito
Não. Clique e passe à P. 10			Não. Clique e passe à P. 12		Não. Clique e passe à P. 12.1		Sim. Clique e passe à p. 13.1	ensino Artístico, Rafael Bordalo	Feminino	45/54	Rio de Janeiro	Pintora
Não. Clique e passe à P. 10	Jardim	Não sei	Não. Clique e passe à P. 12		Não. Clique e passe à P. 12.1	Não sei	Sim. Clique e passe à p. 13.1	Passeio	Feminino	18/24	Lisboa	Estudante

8. Conhecem a cidade?	9. Que locais recomenda, para passear, descansar, e conhecer culturalmente a cidade das Caldas da Rainha.	10. Pode referir uma palavra que defina a cidade das Caldas da Rainha com atualidade?	11. Do que comeu e bebeu consegue lembrar-se de alguns nomes de iguarias que reconheça como sendo características da Caldas da Rainha?	11.1. Quais foram as iguarias que mais lhe agradaram?	12. Considera a palavra termalismo essencial para definir a cidade atualmente?	12.1 Qual será a palavra que melhor a define? Se já respondeu a esta P. previamente, passe à P. 14.	13. Já ouviu falar da cidade Caldas da Rainha?	13.1. Identifica-a com quê?	14. Sexo	15. Idade	16. Naturalidade (Concelho)	17. Profissão
Não. Clique e passe à P. 10		caldas		n	Não. Clique e passe à P.12.1	caldas	Sim. Clique e passe à p.13.1		Masculino	45/54		
Sim	parque	"caralhos" (das Caldas)	Sim. Clique e passe à P 11.1	Trouxas d'ovos	Não. Clique e passe à P.12.1	resposta 10	Sim. Clique e passe à p.13.1	A minha infância	Masculino	25/34	Caldas da Rainha	Actor
Não. Clique e passe à P. 10	Parque e museu	tranquila	Sim. Clique e passe à P 11.1	Cavacas	Não. Clique e passe à P.12.1	louça das caldas			Feminino	65/74	coimbra	aposentada
Não. Clique e passe à P. 10							Sim. Clique e passe à p.13.1		Feminino	45/54	Lisboa	Secretária
Não. Clique e passe à P. 10		Artes	Sim. Clique e passe à P 11.1	Cavacas, fruta	Não. Clique e passe à P.12.1	Cidade das Artes			Feminino	45/54	Lisboa	Docente Ens. Secundário
Sim	Praça da fruta, Parque D. Carlos, Rua das montras, Loja da Bordalo Pinheiro, Restaurante Maratona.	Emergente	Sim. Clique e passe à P 11.1	Beijinhos e frutos secos.	Não. Clique e passe à P.12.1		Sim. Clique e passe à p.13.1	Família.	Feminino	25/34	Caldas da Rainha	Tradutora
Sim	mata, parque, praça da fruta, mercado peixe		Sim. Clique e passe à P 11.1	trouxas de ovos	Não. Clique e passe à P.12.1		Sim. Clique e passe à p.13.1	fruta. cavacas, falos ceramica	Masculino	35/44	caldas rainha	designer
Não. Clique e passe à P. 10							Sim. Clique e passe à p.13.1		Feminino	55/64		
							Sim. Clique e passe à p.13.1	Artigos em loiça	Feminino	35/44	Lisboa	Docente
Não. Clique e passe à P. 10		Bons hotéis	Sim. Clique e passe à P 11.1	Pasteis	Sim. Clique e passe à P. 14		Sim. Clique e passe à p.13.1	Bonecos das Caldas	Masculino	35/44	Cascais	Gestor
Não. Clique e passe à P. 10		Morta	Não. Clique e passe à P.12		Não. Clique e passe à P.12.1				Feminino	25/34	Lourinha	
Não. Clique e passe à P. 10				Cavacas, Beijinhos	Sim. Clique e passe à P. 14		Sim. Clique e passe à p.13.1	Termas, doçaria	Feminino	35/44	Lisboa	Documentalista
	Parque da cidade	Amizade	Sim. Clique e passe à P 11.1	beijinhos!	Não. Clique e passe à P.12.1		Sim. Clique e passe à p.13.1		Masculino	18/24		Estudante
Não. Clique e passe à P. 10	A praça principal e o jardim	Cavacas	Sim. Clique e passe à P 11.1	Cavacas	Sim. Clique e passe à P. 14		Sim. Clique e passe à p.13.1		Masculino	45/54	Lisboa	Docente

8. Conhece bem a cidade?	9. Que locais recomenda, para passear, descansar, e conhecer culturalmente a cidade das Caldas da Rainha.	10. Pode referir uma palavra que defina a cidade das Caldas da Rainha com atualidade?	11. Do que comeu e bebeu consegue lembrar-se de alguns nomes de iguarias que reconheça como sendo características da Caldas da Rainha?	11.1. Quais foram as iguarias que mais lhe agradaram?	12. Considera a palavra termalismo essencial para definir a cidade atualmente?	12.1 Qual será a palavra que melhor a define? Se já respondeu a esta P. previamente, passe à P. 14.	13. Já ouviu falar da cidade Caldas da Rainha?	13.1. Identifica-a com quê?	14. Sexo	15. Idade	16. Naturalidade (Concelho)	17. Profissão
Não. Clique e passe à P. 10	Jardim		Não. Clique e passe à P.12									
Não. Clique e passe à P. 10	Fábrica cerâmica	Calma	Sim . Clique e passe à P 11.1	Trouxas das caldas	Sim. Clique e passe à P. 14		Sim. Clique e passe à p.13.1		Feminino	45/54	Lisboa	Professor
Sim	Parque, Museus, Hospital Termal, Mata, Mercado ao ar livre	Cidade de comércio	Sim . Clique e passe à P 11.1	Cavacas, Trouxas de ovos	Não. Clique e passe à P.12.1				Feminino	35/44	Caldas da Rainha	Professor
	Parque, Museu, Arredores rurais, praias	Tranquila	Sim . Clique e passe à P 11.1	Trouxas de ovos	Sim. Clique e passe à P. 14		Sim. Clique e passe à p.13.1	Bordalo	Masculino	45/54	Caldas da Rainha	Eng. Civil
Não. Clique e passe à P. 10		Bordalo	Sim . Clique e passe à P 11.1	cavacas	Não. Clique e passe à P.12.1				Feminino	45/54	Almada	Técnica Superior
Sim	parque D. Carlos, Praça da Fruta, Igreja Nossa Sra Pópulo, CCC	turismo	Sim . Clique e passe à P 11.1	Trouxas de ovos	Não. Clique e passe à P.12.1				Feminino	45/54	Caldas da Rainha	professora
		Cidade descaracterizada	Sim . Clique e passe à P 11.1	cavacas	Sim. Clique e passe à P. 14			Termas e Bordalo Pinheiro	Feminino	45/54	Lisboa	professora
Não. Clique e passe à P. 10	mosteiro, termas	Cister	Sim . Clique e passe à P 11.1	cavacas	Não. Clique e passe à P.12.1	artesanato	Sim. Clique e passe à p.13.1	artesanato	Feminino	65/74	Torres Novas	reformada (ex directora de empresa)
Não. Clique e passe à P. 10		Termas	Não. Clique e passe à P.12		Sim. Clique e passe à P. 14				Feminino	55/64	Matosinhos	Professora
							Sim. Clique e passe à p.13.1	Faianças das Caldas	Feminino	45/54	Alter do Chão	Assistente Técnica
Sim	Termas e Foz do arelho	Férias	Sim . Clique e passe à P 11.1	Cavacas	Não. Clique e passe à P.12.1	férias	Sim. Clique e passe à p.13.1	Férias	Masculino	45/54	Lisboa	Reformado
bem, mas há muitos anos	centro da cidade		Não. Clique e passe à P.12	não me lembro	Não. Clique e passe à P.12.1		Sim. Clique e passe à p.13.1	artesanato	Feminino	65/74	Sanremo/Itália	reformado (ex del.inf.médica)
Não. Clique e passe à P. 10		cerâmica	Não. Clique e passe à P.12		Sim. Clique e passe à P. 14		Sim. Clique e passe à p.13.1	cerâmica	Feminino	25/34	Matosinhos	Arquiteta
Não. Clique e passe à P. 10		Sana hotel	Sim . Clique e passe à P 11.1	cavacas	Sim. Clique e passe à P. 14				Feminino	55/64	Alpiarça	Professora

8. Conhece bem a cidade?	9. Que locais recomenda, para passear, descansar, e conhecer culturalmente a cidade das Caldas da Rainha.	10. Pode referir uma palavra que defina a cidade das Caldas da Rainha com atualidade?	11. Do que comeu e bebeu consegue lembrar-se de alguns nomes de iguarias que reconheça como sendo características da Caldas da Rainha?	11.1. Quais foram as iguarias que mais lhe agradaram?	12. Considera a palavra termalismo essencial para definir a cidade atualmente?	12.1 Qual será a palavra que melhor a define? Se já respondeu a esta P. previamente, passe à P. 14.	13. Já ouviu falar da cidade Caldas da Rainha?	13.1. Identifica-a com quê?	14. Sexo	15. Idade	16. Naturalidade (Concelho)	17. Profissão
Não. Clique e passe à P. 10		Bonita	Não. Clique e passe à P. 12		Não. Clique e passe à P. 12.1				Feminino	25/34	Matosinhos	Téc. Ambiente e Segurança
Não. Clique e passe à P. 10			Não. Clique e passe à P. 12		Não. Clique e passe à P. 12.1	Interessante	Sim. Clique e passe à p. 13.1	com os barros típicos e atrevidos	Feminino	65/74	Covilhã	reformada
							Sim. Clique e passe à p. 13.1	Louças	Masculino	25/34	Sendim - Miranda do Douro	Designer
Sim	Fabrica Bordalo pinheiro, museu, jardim, mercado de levante	Artesanato	Sim. Clique e passe à P. 11.1	Cavacas					Feminino	55/64	Fundão	Professora
Não. Clique e passe à P. 10			Não. Clique e passe à P. 12		Não. Clique e passe à P. 12.1	não sei	Sim. Clique e passe à p. 13.1	cerâmica	Feminino	25/34	Gondomar	Bolseira
Não. Clique e passe à P. 10		Design	Não. Clique e passe à P. 12		Não. Clique e passe à P. 12.1				Feminino	25/34	Vila Nova de Gaia	desempregada
Sim	Nadadouro	Paz	Sim. Clique e passe à P. 11.1	caldeirada de enguias	Sim. Clique e passe à P. 14				Feminino	25/34	São João da Madeira	Administrativa
Não. Clique e passe à P. 10		Louças	Não. Clique e passe à P. 12		Não. Clique e passe à P. 12.1			Marisco	Feminino	35/44	Matosinhos	Responsável administrativa
Não. Clique e passe à P. 10		artezanato	Não. Clique e passe à P. 12		Não. Clique e passe à P. 12.1		Sim. Clique e passe à p. 13.1	artezanato	Feminino	55/64	Oliveira do hospital	Professora
Razoavelmente	Jardim	Cultura	Não. Clique e passe à P. 12		Não. Clique e passe à P. 12.1		Sim. Clique e passe à p. 13.1	Bordalo Pinheiro	Masculino	45/54	Lisboa	Professor
Não. Clique e passe à P. 10		Caldas	Não. Clique e passe à P. 12		Sim. Clique e passe à P. 14				Feminino	25/34	Lisboa	Formadora
Não. Clique e passe à P. 10			Não. Clique e passe à P. 12		Sim. Clique e passe à P. 14		Sim. Clique e passe à p. 13.1		Feminino	25/34	Cascais	
Não. Clique e passe à P. 10		cavacas	Não. Clique e passe à P. 12		Não. Clique e passe à P. 12.1				Masculino	45/54	Lisboa	Psicóloga
Não. Clique e passe à P. 10		Bonita	Não. Clique e passe à P. 12		Sim. Clique e passe à P. 14				Feminino	25/34	Matosinhos	Enfermeira

8. Conhece bem a cidade?	9. Que locais recomenda, para passear, descansar, e conhecer culturalmente a cidade das Caldas da Rainha.	10. Pode referir uma palavra que defina a cidade das Caldas da Rainha com atualidade?	11. Do que comeu e bebeu consegue lembrar-se de alguns nomes de iguarias que reconheça como sendo características da Caldas da Rainha?	11.1. Quais foram as iguarias que mais lhe agradaram?	12. Considera a palavra termalismo essencial para definir a cidade atualmente?	12.1. Qual será a palavra que melhor a define? Se já respondeu a esta P. previamente, passe à P. 14.	13. Já ouviu falar da cidade Caldas da Rainha?	13.1. Identifica-a com quê?	14. Sexo	15. Idade	16. Naturalidade (Concelho)	17. Profissão
Não. Clique e passe à P. 10		Cerâmica	Sim. Clique e passe à P. 11.1	Cavacas	Sim. Clique e passe à P. 14				Masculino	35/44	Lisboa	Tec. Audiovisuais
							Sim. Clique e passe à p.13.1	Termas	Masculino	25/34	Aveiro	Informática
Mais ou menos	Jardim, Termas	Boneco das Caldas	Sim. Clique e passe à P. 11.1	Trouxas das caldas	Sim. Clique e passe à P. 14				Feminino	35/44	Silves	Psicóloga
Não. Clique e passe à P. 10		envolvente	Não. Clique e passe à P. 12		Sim. Clique e passe à P. 14				Feminino	35/44	Valongo	administrativa
Não. Clique e passe à P. 10	Igreja do Espírito Santo	Histórica	Sim. Clique e passe à P. 11.1	Trouxas de Ovos	Não. Clique e passe à P. 12.1		Sim. Clique e passe à p.13.1	Parte da História de Portugal (D. Leonor e Afonso	Masculino	25/34	Porto	Arquiteto
Não. Clique e passe à P. 10							Sim. Clique e passe à p.13.1	Loiças	Masculino	25/34	Abrantes	T. Informática
Não. Clique e passe à P. 10		moderna e tradicional	Não. Clique e passe à P. 12		Não. Clique e passe à P. 12.1		Sim. Clique e passe à p.13.1	Região do Oeste	Masculino	45/54	Lisboa	empresário
Não. Clique e passe à P. 10		termal	Não. Clique e passe à P. 12		Sim. Clique e passe à P. 14				Feminino	45/54	Lisboa	Produtora
Não. Clique e passe à P. 10		frescura	Sim. Clique e passe à P. 11.1	trouxas de ovos	Não. Clique e passe à P. 12.1	bom comércio	Sim. Clique e passe à p.13.1	história	Feminino	35/44	Faro	Funcionária pública
Não. Clique e passe à P. 10		Termas	Sim. Clique e passe à P. 11.1	cavacas	Não. Clique e passe à P. 12.1	cultura	Sim. Clique e passe à p.13.1	artes	Masculino	25/34	Sintra	Jurista
Sim	Parque, Hospital, Museu Malhoa, Museu da Cerâmica	bela	Sim. Clique e passe à P. 11.1	fruta fresca, legumes	Não. Clique e passe à P. 12.1			produtos frescos, mercado	Masculino	45/54	Ourique	Funcionário Público
							Sim. Clique e passe à p.13.1	Rainha Dona Leonor Termas	Masculino	18/24	Lisboa	Estudante
							Sim. Clique e passe à p.13.1	Cidade Universitaria	Masculino	18/24	Lisboa	Estudante
	Jardim	Interessante	Sim. Clique e passe à P. 11.1	russo	Sim. Clique e passe à P. 14				Feminino	45/54	Alenquer	feirante

8. Conhece bem a cidade?	9. Que locais recomenda, para passear, descansar, e conhecer culturalmente a cidade das Caldas da Rainha.	10. Pode referir uma palavra que defina a cidade das Caldas da Rainha com atualidade?	11. Do que comeu e bebeu consegue lembrar-se de alguns nomes de iguarias que reconheça como sendo características da Caldas da Rainha?	11.1. Quais foram as iguarias que mais lhe agradaram?	12. Considera a palavra termalismo essencial para definir a cidade atualmente?	12.1 Qual será a palavra que melhor a define? Se já respondeu a esta P. previamente, passe à P. 14.	13. Já ouviu falar da cidade Caldas da Rainha?	13.1. Identifica-a com quê?	14. Sexo	15. Idade	16. Naturalidade (Concelho)	17. Profissão
							Sim. Clique e passe à p.13.1	Loiça e termas	Masculino	35/44	Setúbal	bancário
Sim	Centro Cultural, Parque e Mata, Mercado e Museu da Cerâmica e Museu Malhoa	comércio tradicional	Sim. Clique e passe à P 11.1	Cavacas e beijinhos	Sim. Clique e passe à P. 14				Masculino	55/64	Nisa	farmacêutico